



Universidade Federal
de São João del-Rei

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PGHIS

**“A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO É COISA DE RAIZ, É CULTURA”:
BATUQUES NA PARÓQUIA DO MATOSINHOS – SÃO JOÃO DEL REI/MG**

(HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE)

SÃO JOÃO DEL-REI – MG
PGHIS/UFSJ
2021

SIMONE DE ASSIS

**“A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO É COISA DE RAIZ, É CULTURA”: BATUQUES NA
PARÓQUIA DO MATOSINHOS – SÃO JOÃO DEL REI/MG**

(HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestra em História.

Área de concentração: Poder e cultura

Linha de Pesquisa: Cultura e Identidade

Orientadora: Profa. Dra. Silvia Maria Jardim Brügger

SÃO JOÃO DEL-REI – MG
PGHIS/UFSJ
2021

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca
(DIBIB)e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da
UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A848 ASSIS, Simone de .
"A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO É COISA DE RAIZ, É
CULTURA" : BATUQUES NA PARÓQUIA DO MATOSINHOS - SÃO
JOÃO DEL REI/MG (HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE) / Simone
de ASSIS ; orientadora Silvia Maria Jardim Brügger.
-- São João del-Rei, 2021.
233 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
História) -- Universidade Federal de São João del
Rei, 2021

1. Festa do Divino . 2. História Oral . 3. Afro
catolicismo . 4. Ancestralidade Bantu. I. Brügger,
Silvia Maria Jardim , orient. II. Título.



OUTROS Nº 672 / 2021 - PGHIS (13.19)

Nº do Protocolo: 23122.010345/2021-23

São João Del-rei-MG, 08 de abril de 2021.

Este exemplar da dissertação intitulada, “A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO É COISA DE RAIZ, É CULTURA”: BATUQUES NA PARÓQUIA DO MATOSINHOS – SÃO JOÃO DEL REI/MG (HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE), da mestranda Simone de Assis corresponde à redação final aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Sílvia Maria Jardim Brügger
Universidade Federal de São João del Rei
Orientadora

Profa. Dra. Martha Campos Abreu
Universidade Federal Fluminense
Examinadora Externa

Profa. Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro
Universidade Federal de São João del-Rei
Examinadora Interna

(Assinado digitalmente em 08/04/2021 10:00)

EUCLIDES DE FREITAS COUTO
COORDENADOR DE CURSO - TITULAR
CHEFE DE UNIDADE
PGHIS (13.19)
Matrícula: 1920037

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **672**, ano: **2021**, tipo: **OUTROS**, data de emissão: **08/04/2021** e o código de verificação: **4ebd89147c**

AGRADECIMENTOS

*Agradeço ao ori por ter me sustentado de pé.
E ao odú por ter colocado tanta gente especial no meu caminho.
Sankofa!*

Mãe e Pai, obrigada pelo dom da Vida!

Sueli, Marli, Maria Isabel e Juliana, sou grata pela irmandade.

Tia Márcia, Tia Chica; sobrinha(o)s, Samanta, Miguel e Ana Júlia; primos Luciana e Lucas, agradeço pela família extensa.

O apoio, confiança e aconchego familiar é sempre essencial e basilar para minha caminhada. Não há palavra que contemple os agradecimentos. Amo vocês!

Profa. Dra. Silvia Brügger/UFSJ, minha orientadora desde 2015 e que me iniciou no campo científico através de projetos incríveis com as Congadas da região das Vertentes; Profa. Dra. Glória Ribeiro/UFSJ, com quem aprendi desde 2013 sobre pesquisa, extensão e as primeiras abordagens mais embasadas sobre letramento racial; Profa. Dra. Martha Abreu/UFF, historiadora referência no campo das festas e cultura negra. Educadoras comprometidas com a luta antirracista, mulheres pesquisadoras, da área da História e da Filosofia, Professoras que admiro profissional e pessoalmente. Agradeço por nosso cruzar de caminhos e todas as trocas que tecemos em conjunto.

Programa de Pós-Graduação em História da UFSJ, obrigada por tudo! Em especial o financiamento da CAPES, que subsidiou esta pesquisa.

A produção desta dissertação é de autoria compartilhada com mais 16 vozes: Antônio da Silva Serpa, Betânia Nascimento Resende, Damião Guimarães, Eliana Maria dos Passos, Geraldo Elói de Lacerda, Inácia Maria dos Santos, José Raimundo da Costa, José Tadeu do Nascimento, Júlia Maria de Lacerda, Luthero Castorino da Silva, Nivaldo Neves, Samuel Giarola, Teresa Maria do Nascimento, Trindade Expedido das Graças Silva, Ulisses Passarelli e Vicentina Neves Teixeira. Sujeitos que partilharam comigo parte de suas histórias de vida, saberes, memórias e me permitiram traçar uma escrita-oralidade sobre Festa do Divino na cidade de São João del-Rei/MG. Intelectuais negros e mestres culturais que agradeço profundamente pela oportunidade de tê-los conhecido e por terem se disponibilizados a me ajudar

na travessia deste trabalho. Muito obrigada!

Nesta pesquisa deixo um agradecimento especial ao Congado e Catopé São Benedito e São Sebastião, liderado pelo capitão José Tadeu do Nascimento. Grupo que, aos meus olhos, é essencial na Festa do Divino, guardiões da sacralidade congadeira no evento e no bairro Matosinhos. Deixo registrado meu sincero respeito por toda realza Conga do grupo. Como se diz uma canção entoada pelo segundo capitão, Jailton Francisco: *“O batido da caixa estremeceu. É a Congada, comando é Deus.”*

Apesar de não ter realizado entrevistas de história oral com Ana Paula Silva de Souza, atual secretária da CODIVINO; Neide Rodrigues, integrante da CODIVINO; Adilson Rodrigues Júnior, Imperador do Divino de 2017; Açucena Nascimento, integrante da CODIVINO; Ivan Campos do Nascimento, Imperador do Divino de 2012 e atual presidente da Comissão, na segunda gestão; Maria das Mercês Maia, integrante da CODIVINO; José Vicente Ribeiro Maia, Imperador no ano de 2018; Ana Luiza Muffato, integrante da Comissão; Francisco José do Nascimento, Imperador do Divino de 2015; Márcia Rosilene da Silva Santos, participante da Festa com quem conversei, mas por problemas técnicos no gravador perdi todo o material do nosso encontro; vocês foram essenciais no desdobrar dos meus entendimentos sobre a Festa. Deixo aqui meus agradecimentos por tudo o que aprendi com cada um e por tudo que aprendi com todos: Ubuntu!

Ao Ailton Assis, assistente em Administração no Programa de Pós-graduação em História, da UFSJ, muito obrigada pela generosidade, atenção e objetividade de sempre. Também pela arte do convite da defesa. Eu adorei!

Meus eternos professores do cursinho popular em Cambuquira/MG, Luiz Antônio e Olga Helena, mais um degrau do ativismo da vida. Seguimos em movimentAÇÃO!

Tia Leni, a pensionista da casa em que eu morava, meu amor eterno! Muitas partilhas de afeto, sobretudo, naqueles dias de dor física ou dor de saudades, em que um chá quentinho com broa sempre aparecia, com fragrância de casa de avó e mãe. Amor também por suas sobrinhas, Neusa e Nilza, tão queridas e atenciosas comigo, minha irmã Juliana e meus pais quando iam para São João.

Amigas/os/es da graduação e pós, nas Gordices do Bode Expiatório Comunista, entre o Queijo e os Vermes (e cada variação nominal que o tempo presente requer), a Proposta Indecente e o grupo do Mestrado, gratidão pelos momentos de leveza, as prosas sobre tudo e sobre nada, as risadas tecidas. Os choros compartilhados. E a diversão garantida. Estejam sempre!

@s companheiras/os/es dos movimentos negros, movimentos sociais, da luta coletiva, meu mais profundo respeito e admiração. Obrigada por existirem pleiteando realidades mais plurais, democráticas e igualitárias! Embora não tenha ocupado nenhum diretório, sempre embrenhei na militância e reconheço algumas das minhas contribuições. Coloco aqui os nomes dos coletivos que me aproximei e que fizeram parte da minha forma formação política e dos afetos em São João del-Rei/MG: Levante Popular da Juventude no diálogo com a UNE, MST, MAB e formação do cursinho Popular Edson Luís; Grupo Dandara, Frente Brasil Popular, UFSJ Pela Democracia e Movimento Negro da UFSJ, valeu super por toda convivência e construções críticas!

Os grupos de estudos e atividades de extensão do Tugu-ná na UFSJ, coordenados pelo Prof. Dr. Manuel Jaurá, e, o NEABI no Instituto Federal, coordenado pelos Professores Rosana Machado e Diogo Matos, são aquilombamentos e culturas de resistências.

A revitalização das energias que recebia no Ilê Axé Omolocô Ti Oxóssi Ogbani, do Zelador Cláudio Ti Oxóssi, foi sempre nutritiva para o firmar dos passos nas minhas andanças. Gratidão por todo carinho com que todos/as/es do Ilê me recebiam. Saravá!

As aulas de corporeidade, estudos sobre devoção afro-brasileira e dança contemporânea, dirigidos pela Professora e lalorixá Celina Batalha, na parceria com a Yarobá Soraia Santos, da Associação Casa do Tesouro – Egbé Ilê Omidewa Asè Igbolayo, no Centro Cultural Feminino, foram ondas profundas de amizade, carinho, feminismos e fortalecimento entre mulheres do axé. Ora leiê ô!

Ao Grupo de Trabalho Emancipações e Pós-abolição em Minas Gerais e Rede de Historiadorxs Negrxs, muito obrigada! A história pública que vocês fazem/nós fazemos, com muitas trocas e associativismo, foram crucias no meu fôlego de conclusão deste processo.

A caminhada foi intensa e complexa, nem sempre fácil. Por vezes pesarosa e de dor. Mas os pássaros do Atlântico negro, Ntoyo e Nzambi, na conexão com a pombinha do Divino Espírito Santo me concederam a imensidão do voo diaspórico. A vida segue pulsante. Nguzo!

RESUMO

A Festa do Divino é considerada grandiosa na paróquia de Matosinhos, em São João del-Rei/MG. Uma tradição cultural que provém de práticas setecentistas, mas que foi proibida de existir no início do século XX. No entanto, no fim dos anos 1990 a festividade foi reinventada, com ênfase nas manifestações negras ligadas ao afro-catolicismo. Nesse sentido, a pesquisa procura compreender a história da Festa e os batuques negros – Congadas, Folias e Missa Inculturada. Para isso valemo-nos da autoridade compartilhada, por meio da História Oral, de mestres culturais que contribuíram com a consolidação e desdobramentos do evento. Também nos embasamos nos Informativos do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos. Nos foi possível evidenciar uma rede de associativismo negro, em diálogo com a Pastoral Afro-brasileira e as Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica, no início da nova fase da Festa. Encontramos ações de reconhecimento e reparação da Igreja, na pessoa do pároco e na CODIVINO, para com a dívida histórica do crime da escravização negra. Posturas que não se sustentam com a troca de párocos no bairro, que têm optado pelas partes litúrgicas da Festa. Os estudos da história social-cultural e política nos permitem observar as confluências do contexto nacional na micro região do ciclo festivo. Tanto no momento da reelaboração, nos anos de 1990, no processo das ações afirmativas, quanto nas modificações do espaço-tempo, com as crescentes repressões e perseguições a partir de 2013-2014. De todo modo, as tensões raciais não impedem que a força inventiva dos intelectuais-sociopolíticos e festeiros culturais da CODIVINO, sigam no processo de resistência pela legitimidade e manutenção dos batuques afro-mineiro na Festa do Espírito Santo. Batuques que ecoam dentro ou fora da Igreja e vibra (re)existências.

Palavras-chave: Festa do Divino; História Oral; Afro-catolicismo; Ancestralidade Bantu.

ABSTRACT

The Feast of Divino is considered great in the parish of Matosinhos, in São João del-Rei/MG. A cultural tradition that comes from eighteenth-century practices, but which was prohibited from existing at the beginning of the twentieth century. However, in the late 1990s the festivity was reinvented, with an emphasis on black manifestations linked to Afro-Catholicism. In this sense, the research seeks to understand the history of the Feast and the black drums – Congadas, Folias and Missa Inculturada. For this, we used the shared authority, through Oral History, of cultural masters who contributed to the consolidation and unfolding of the event. We are also based on the Newsletters of the Jubilee of Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos. We were able to evidence a network of black associations, in dialogue with the Afro-Brazilian Pastoral and the Base Ecclesial Communities of the Catholic Church, at the beginning of the new phase of the Festival. We find actions of recognition and reparation by the Church, in the person of the parish priest and in CODIVINO, for the historical debt of the crime of black enslavement. Postures that are not sustained by the change of parish priests in the neighborhood, who have opted for the liturgical parts of the Feast. Studies of social-cultural and political history allow us to observe the confluences of the national context in the micro-region of the festive cycle. Both at the time of re-elaboration, in the 1990s, in the affirmative action process, as in the space-time changes, with the growing repressions and persecutions from 2013-2014. In any case, racial tensions do not prevent the inventive strength of the intellectual-sociopolitical and cultural partiers of CODIVINO from continuing in the process of resistance for the legitimacy and maintenance of the Afro-Mineiro drums in the Festa do Espírito Santo. Batuques that echo inside or outside the Church and vibrate (re)existences.

Keywords: Feast of the Divine; Oral History; Afro-Catholicism; Bantu ancestry.

Lista de abreviaturas e siglas

APN – Agentes de Pastoral Negros.

CF – Campanha da Fraternidade.

CEB's – Comunidades Eclesiais de Base.

CODIVINO – Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

PAB – Pastoral Afro-brasileira.

Lista de Mapa

Mapa 1: Estado de Minas Gerais, século XXI. Imagem extraída do “Currículo de Referência de Minas Gerais”, 201832

Lista de Quadro

Quadro 1: Interlocutores e atividades que realizam/realizaram na Festa do Divino47

Lista de Fotoframe

FOTOFRAME 1: Folia Embaixada Santa, do bairro Araçá, São João del-Rei/MG, na Festa do Divino, 2019	25
FOTOFRAME 2: Festa do Divino na antiga Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, São João del-Rei/MG	40
FOTOFRAME 3: Vicentina Neves Teixeira no documentário “Consciência Negra.”	54
FOTOFRAME 4: Luthero Castorino da Silva, no documentário “Eu aprendi Macumba.”	62
FOTOFRAME 5: Samuel Giarola mostrando o sino da torre da própria residência, que é tocado por ele na Festa do Divino.	87
FOTOFRAME 6: Nivaldo Neves mostra o brasão do Imperador de Divino que recebeu em 2005	96

Lista de Fotos

FOTO 1: Antônio da Silva Serpa e a custódia do Divino (peça do século XVIII), na vigília de Pentecostes da Festa do Divino, 2019	50
FOTO 2: Teresa Maria do Nascimento no Dia Maior – Domingo de Pentecostes, da Festa do Divino, 2018	66
FOTO 3: Trindade Exedito das Graças Silva, rainha Conga do Congado São Benedito e São Sebastião, Matosinhos, São João del-Rei/MG, no VI Encontro de Congados de Tiradentes/MG, 2018	69
FOTO 4: Eliana Maria dos Passos e Janete Nascimento. Ambas nos preparativos para o almoço do Dia Maior.	80
FOTO 5: Damião Guimarães, cavaleiro do Divino, na Festa de 1999.....	84
FOTO 6: Inácia Maria dos Santos, em um dos convites para celebrações virtuais da Festa do Divino, 2020	92
FOTO 7: José Tadeu do Nascimento, Imperador do Divino, 2004	102
FOTO 8: Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda em um dos convites para celebrações virtuais da Festa do Divino, 2020	100
FOTO 9: Ulisses Passarelli no coreto da Festa do Divino, 2019	107
FOTO 10: Betânia Nascimento Resende e Ulisses Passarelli no cruzeiro da gruta do Divino, São João del-Rei/MG, 2019	118

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS	16
INTRODUÇÃO.....	25
CAPÍTULO 1 – UBUNTU NA ESCRITA-ORALIDADE DA FESTA DO DIVINO.....	43
1.1. SONORIDADES (COM) PARTILHADAS.....	50
1.2. CONEXÕES DE UMA HISTÓRIA PÚBLICA.....	121
CAPÍTULO 2 – RODA DE CONVERSA: TEMPO DE FESTA	122
2.1. REIVENÇÃO DA TRADIÇÃO (1997-1998)	126
2.2. CULTURA NEGRA NA FESTA DO DIVINO (1998-2013)	134
2.2.1. Missa Inculturada – Missa Afro	139
2.2.2 Folia	149
2.2.3. Congada – Congado ou Reinado.....	155
2.2.4. Imperadores do Divino e identidades étnicas	166
2.3. HISTÓRIA COLETIVA NA ESCRITA-ORALIDADE	173
CAPÍTULO 3 – PASSÁROS DO ATLÂNTICO NEGRO, NOS VOOS DO ESPÍRITO SANTO.....	175
3.1. ASSOCIATIVISMO NEGRO E COMUNITARISMO NO CICLO FESTIVO DO DIVINO.....	177
3.2. TENSÕES RACIAIS COM A IGREJA (2014-2019)	182
3.3. RECADO DIASPÓRICO: “LÁ NO DIVINO EU VOU LEVAR COROA”	189
3.4. O BISPO NEGRO INSPIRA O PORVIR	208
CONSIDERAÇÕES FINAIS	212
REFERÊNCIAS.....	215
ENTREVISTAS ORAIS PRODUZIDAS AO LONGO DA PESQUISA	220
FONTES	222
ANEXO.....	224

PALAVRAS INICIAIS

*“Negra baiana eu queria saber ler.
Só na Bahia eu achei quem me ensinasse.
Negra baiana me ensinou a ler. Me ensinou a cantar. E firmar ponto no conggar.”¹*

Treze de maio de 2013, início do semestre letivo da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ². A universidade repunha e regularizava o calendário escolar, devido à participação e construção da greve de 2012. Greve unificada pela maior parte dos agentes e instituições públicas, das redes federais e estaduais do ensino superior no Brasil. Foram mais de cem dias de paralisação. As reivindicações passavam pelas diretrizes da lei orçamentária, entre outras questões. Exigiam e lutavam por investimento digno na educação. Professora(e)s, técnica(o)s e estudantes sugeriam que ao menos 10% do Produto Interno Bruto – PIB, fosse alocado para a manutenção do ensino, pesquisa e extensão das universidades e instituições públicas e gratuitas do país.³ O tempo democrático, também fora palco de mobilizações dos trabalhadores da educação. Profissionais que não costumam ser omissos nos cenários de lutas pela cidadania e manutenção dos direitos garantidos por leis.

Os desdobramentos grevistas, ocasionalmente, também fizeram com que meus estudos no curso de Licenciatura e Bacharelado em História, na UFSJ, tivessem início exatamente no dia 13 de maio de 2013. Como não sou de deixar por despercebido os acasos, logo me apeguei à data. Mesmo sabendo das contrariedades que ela carrega, ao que se refere ao papel dos abolicionistas, sobretudo, os negros, quer sejam livres, libertos e/ou escravizados, por trás da sanção da Lei da Abolição, Lei Nº 3.353/1888⁴. De

¹Canto sagrado entoado no Ilê Axé Omolocô Ti Oxóssi Ogbani, cujo responsável é o Zelador Cláudio de Oxóssi. Agradeço o consentimento para utilização do ponto: muito obrigada!

² Calendário oficial da UFSJ, do anos de 2013:

<https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/cocic/CalendarioOficial2013.pdf>

³ Conferir sítio eletrônico do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior ANDES-SN, da Central Sindical e Popular Conlutas – CSP-Conlutas. Disponível em:

<https://www.andes.org.br/sites/buscar;>

<https://apufpr.org.br/importancia-das-greves-e-csp-conlutas-pautaram-debate-de-conjuntura/>

Conferir também a VAN – Vertentes Agência de Notícias – UFSJ, que relata a participação e apoio discente na greve dos professores e técnicos da UFSJ, no ano de 2012.

<http://jornalismo.ufsj.edu.br/van/greve-dos-docentes-recebe-apoio-de/>

⁴ Verificar na Constituição o decreto que extingue a escravidão no Brasil.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm

uma forma ou de outra, aquele era um dia de comemoração. Uma comemoração individual, familiar e ancestral.

Maria e José, sujeitos que tiveram avós e bisavós escravizados. Casal negro que na formação escolar teve acesso ao ensino básico. Na formação da vida são mestres e pós-doutores em suas respectivas áreas: cozinheira, trabalhadora doméstica e artesã; trabalhador rural e benzedor. Casal que via a filha, a quarta das cinco filhas, ingressar no estudo superior. Diga-se de passagem, numa universidade federal, gratuita e de qualidade. Não era a primeira a dar esta felicidade, era a terceira. Certamente teriam sido as cinco, se as ações afirmativas, como as cotas raciais e as condições para permanência estudantil, como auxílios destinados aos estudantes de vulnerabilidade socioeconômica, tivessem chegado há mais tempo no Brasil. Antes dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003/2010) e Dilma Rousseff (2011/2016), que democratizaram o acesso à universidade pública. Quem sabe o gosto da felicidade por uma formação acadêmica não fosse na primeira pessoa, na vida do próprio casal, caso reparações do tempo escravidão tivessem tomado corpo antes? Será que seria possível? Será que as desigualdades não seriam tão latentes? Será que a história teria se desenhado de outra maneira? Quem sabe não precisaríamos falar da longa duração do pós-abolição ainda no tempo presente? Quem sabe já estaríamos em outro tempo?

Com base na realidade, que era o contrário das minhas indagações, prometi a mim mesma: que não só por mim, mas em diálogo com todos os pretos, além do veio familiar, encararia com compromisso e responsabilidade a oportunidade dos estudos. Faria jus às políticas públicas que me sustentaram na vida acadêmica. Também prometi que, de uma forma ou de outra, iria buscar por conhecimentos que tratassem dos saberes do povo preto dentro da História do Brasil. Meu caminho para liberdade queria seguir as pegadas que tivessem cor. Abrir portas que tivessem gênero. Ocupar espaços com toda uma classe social, a negra-pobre. Ao lado da indígena, latino-americana e de todo proletariado. Foi com tais ideais que mudei de Cambuquira, no Sul de Minas Gerais, para São João del-Rei, na região das Vertentes/MG. Experimentei, literalmente, vivências emancipatórias a partir do 13 de maio, do ano de 2013,

dentro da universidade pública, a UFSJ. Nunca sozinha. Do plano espiritual ao material, envolvendo o ambiental, estou sempre na companhia dos meus. Asê ô!

A vida, porém, não se dá apenas dentro dos muros universitários. A humanidade também requer diversão, festejos, redes de amizade e sociabilidade. Que não se isentam da possibilidade de formação cultural e socioeducativa. Foi, com a leveza do divertimento crítico que Rafaella Dotta⁵, na ocasião, graduanda dos últimos períodos do curso de Comunicação Social – Jornalismo/UFSJ, e que dividia república com meu amigo e conterrâneo, Jonatas Feix, graduando em Filosofia, que se mudara para a cidade barroca no mesmo dia que eu, nos levou para a primeira festa em São João del-Rei/MG. No primeiro domingo que passávamos na cidade, 19/05/2013. O evento chamava “Pé na África”, foi organizado pelo grupo de Mulheres Negras Dandara⁶, realizado no bairro Matosinhos⁷.

Rumo ao Pé na África, a sequência dos “acazos”: deparamos com uma procissão católica em louvor ao Divino Espírito Santo, havia bandeiras e estandartes vermelhos, com a pombinha branca no centro, detalhes em dourado e/ou prata ornavam as laterais dos tecidos. Seguiam ao som dos batuques congadeiros, com a presença de diferentes e variados ternos de Congada. Era domingo de pentecostes e a Festa⁸ do Divino personificava-se na paróquia do Matosinhos. Fiquei alguns minutos observando a Festa. Envolvida e encantada com toda aquela movimentação.

Foi com o coração receoso, de quem queria ficar mais um pouco, que segui junto com meus amigos para atividade programada. Foi bom e importante ter partido. Entrei em êxtase com o “Pé na África”. Era um evento

⁵ Hoje jornalista do Brasil de Fato – Minas Gerais, uma mídia alternativa, comprometida com a democratização da comunicação.

<https://www.brasildefato.com.br/minas-gerais/>

⁶ Coletivo de mulheres negras que realizam atividades antirracistas, visando a promoção da autoestima e o empoderamento de mulheres, crianças e jovens negros em São João del-Rei/MG, principalmente nas periferias. Conferir sítio eletrônico do grupo: <https://www.facebook.com/pg/dandaraside/>

Ler o artigo: SANTOS, SANTOS e MELO, 2019.

⁷Cabe destacar que nos registros da cidade o nome do bairro ora é escrito com S, Matosinhos, ora é escrito com Z, Matozinhos. Aqui optaremos pela grafia com S, conforme os documentos e livros sobre o festejo do Divino que consultamos.

⁸ Usaremos festa com F maiúsculo todas às vezes que nos referirmos a Festa do Divino de São João del-Rei/MG, já que se trata do evento em análise.

social e político, pautado na valoração da identidade negra. Fiquei inebriada com aquela potência do som negro. Da variada estética negra que passava por todos os corpos, inclusive o meu. O orgulho e afirmação dos traços identitários dos sujeitos que lá estavam. Era um encontro de visíveis e plurais existências. Foi meu primeiro encontro com pessoas negras que quebravam o silêncio sobre a cor. Falavam de maneira crítica e responsável sobre as negritudes.

Vinda de uma cidade pequena, no Sul de Minas Gerais, ainda carregava muitas sequelas do racismo, racismo estrutural e racismo institucional da sociedade brasileira. Que costumam afetar a infância e vida adulta das pessoas negras. Foi confortável, seguro e fortalecedor o espaço da “cosmopercepção”⁹ e (re)conhecimento negro. Amizades que o movimento das mulheres negras e o movimento estudantil me permitiram estabelecer desde então. Todo respeito e admiração pelas atividades do grupo Dandara! Também do Levante Popular da Juventude¹⁰, que na ocasião de 2013, era um dos braços do coletivo. Acredito que as minhas contribuições, de militante ambientalista, pela ONG Nova Cambuquira¹¹, com foco nas águas minerais da região da Mantiqueira, também tenham corporificado os laços que estabeleci desde que coloquei o “Pé na África”. Alguns laços se perpetuam até os dias de hoje. Espero que no futuro também.

Na sequência dos encontros promovidos pelo acaso, retomo outro momento divisor de águas, que fora o fim do ano letivo de 2014. Participei do processo seletivo para uma iniciação científica no curso de História. Os professores que estavam procurando bolsistas eram a Profa. Dra. Cássia Palha, Prof. Dr. Marcos Andrade e Profa. Dra. Silvia Brügger, pensando no núcleo de estudos sobre as memórias da escravidão, a cultura negra, a metodologia da história oral e o suporte do audiovisual como ferramenta do

⁹A cosmopercepção está relacionada com as infinitas possibilidades de percepções ontológicas desenvolvidas por africanos e afro-brasileiros mediante ao espaço-tempo que ocupam no cosmo. OYÈRÓNKÉ, 1997 *apud* PAULA JÚNIOR, 2019: 22.

¹⁰Conferir sítio eletrônico do Levante Popular da Juventude – São João del-Rei/MG: <https://pt-br.facebook.com/levantesjdr/>

¹¹No Sul de Minas, compus o diretório da ONG Nova Cambuquira de 2012 até 2018. Hoje a entidade passou de Organização Não Governamental para Organização da Sociedade Civil Nova Cambuquira. Mantém práticas socioeducativas sobre a cultura das águas, reconhece o elemento hídrico como um direito humano e um bem comum a todos. Dentre demais atividades de cunho e preocupação ecológica-ambientalista. Conferir canais eletrônico da entidade:

<https://www.facebook.com/novacambuquira/> <https://novacambuquira.000webhostapp.com/>

historiador, no Departamento de Ciências Sociais – DECIS/UFSJ. Fiquei instigada com as possibilidades de uma pesquisa acadêmica e fui concorrer a uma das vagas. Depois das três fases do processo, fui uma das bolsistas selecionadas. Que alegria! Ia trabalhar no projeto orientado pela professora Sílvia. Sabia que a pesquisa envolveria o universo negro, mas não conhecia o projeto em si, era algo em aberto. Depois de aprovada fiquei intrigada quando soube a temática: “*Memórias do Cativo nos Cantos de Congado*”¹².

Congado. Mais uma vez esta temática chegava até mim, numa espécie de convite por aproximação. Lembrei que a primeira tarefa que realizei no Laboratório de Ontologia e Patrimônio Ártemis, coordenado pela Profa. Dra. Glória Maria Ferreira Ribeiro – Departamento de Filosofia e Métodos – DFIME/UFSJ, do qual foi bolsista atividade¹³, consistia em mudar a plataforma do catálogo dos grupos de Congado, Folias, Maracatu e demais expressões da cultura popular e negra da região das Vertentes, levantado pela equipe anterior. Lembrei do acervo com o nome e contato dos congadeiros da região. Inclusive, na iniciação, foi por meio deste catálogo, que tivemos acesso ao Congado Nossa Senhora do Rosário e Escrava Anastácia, de Tiradentes/MG. O terno liderado pelo capitão Claudinei Matias do Nascimento nos chamou atenção, por conta do emblema da escrava Anastácia, com a máscara de flandres e a boca amordaçada, Anastácia falava e fala pelas caixas do Congado.

¹² Iniciação científica “Memórias do cativo nos cantos do Congado”, proposta pela Profa. Dra. Sílvia Brügger, da qual fui bolsista, juntamente com Samuel Pereira Avelar Jr. Meu contrato foi financiado pela FAPEMIG, por meio do edital nº 002/2014/PROPE/UFSJ. Teve a seguinte vigência: início: 01/03/2015, término: 28/02/2016.

¹³A bolsa atividade é destinada aos graduandos que pleiteiam os editais de auxílio socioeconômico. O contrato prevê que o bolsista trabalhe 20 horas semanais em algum programa/projeto de extensão da universidade. São métodos de políticas públicas que vigoram/vigoravam no país, no tempo em que o investimento na educação não acontecia de forma tão reduzida. Tive o privilégio de ser bolsista atividade por dois anos consecutivos (2013-2014) no Laboratório de Ontologia e Patrimônio Ártemis, coordenado pela Profa. Dra. Glória Ribeiro. Que presente das deusas! As atividades do laboratório são desenvolvidas no Centro de Referência de Cultura Popular Max Justo Guedes, no Fortim dos Emboabas, localizado no bairro Alto das Mercês. Também realizávamos atividades com os moradores da comunidade. Parcerias e movimentações que permanecem em diálogo até os dias atuais. Na extensão universitária, promovida pelas Professoras Dra. Glória Ribeiro e Dra. Zandra Miranda – coordenadora do Museu do Barro (Artes Aplicadas/UFSJ).

Conferir sítio eletrônico dos programas: Centro de Referência de Cultura Popular; Museu do Barro:

<https://pt-br.facebook.com/pg/fortimmaxjustoguedes/posts/> <http://museudobarro.blogspot.com/>
Assistir ao documentário “Memória e Esquecimento: o Alto das Mercês”:
<https://www.youtube.com/watch?v=qv--LONml8>

Mas a memória esticou um pouco mais. Evocou lembranças de quando eu estava no 2º ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Clóvis Salgado, em Cambuquira/MG¹⁴, 2004. A(o)s professora(e)s, em parceria com o Antigo Cinema e Espaço Cultural Sinhá Prado¹⁵, sugeriram como atividade escolar, envolvendo múltiplas áreas, que os estudantes do Ensino Médio realizassem um livreto sobre o Congado, ou artes plásticas sobre a Folia de Reis. A equipe de que participei, composta por Thamara Cristal, Wanessa Ribeiro, Trumai Vilhena, Christian, Hilton Junqueira e Nazir Félix, optou por trabalhar com o Congado. As palavras nos eram mais familiares do que uma produção artística. Todavia, no meu caso pessoal, sendo nascida e criada num bairro rural, Marimbeiro, conhecia desde cedo as Folias de Reis, que sempre passavam na minha casa e eram recebidas por meus pais. Que permanecem com o costume de ofertar um almoço ou café, principalmente para a Folia Estrela do Oriente, dos Mestres Jorge Baba e da dona Rosa. Já a Congada, me era algo completamente novo. No auge da minha adolescência, desconhecia a formação religiosa e cultural dos Congos no Brasil. Em equipe, no nosso trabalho de história oral, fomos atrás dos congadeiros do bairro da Lavra. Conversamos com: a dona Maria Roxinha, congadeira, benzedeira e anciã de Cambuquira/MG; Maria Aparecida, filha da dona Roxinha, que em outro olhar geracional também trouxe significativas contribuições; Senhor Arnaldo, folião, organizador das romarias a pé até Aparecida do Norte/SP, no santuário de Nossa Senhora Aparecida; Toninho Gato e Maria Gato, irmãos que organizavam a maior festa e encontro congadeiro da cidade, no Alto da Lavra. Hoje os irmãos Gato habitam o plano ancestral. Mas a família deu continuidade tanto nas atividades congadeiras, quanto foliãs. Dessas memórias compartilhadas fizemos nosso livreto. Que foi premiado em primeiro lugar, da escola inteira. E ficou em exposição no Espaço Cultural Sinhá Prado. Naquele ano, em outubro, pela primeira vez ouvi os tambores do Rosário. Vi as danças, a reza e toda corte que ressignificava o reino do Congo na cidade das águas naturalmente gaseificadas.

¹⁴ Alameda Lameyer 121, Centro, Cambuquira - MG, 37420-000.

¹⁵ Rua Virgílio de Melo Franco, Centro, Cambuquira - MG, 37420-000. Hoje em dia o local é sede da Mostra Audiovisual de Cambuquira – MOSCA. (<http://www.mostramosca.com.br/>)

Juntando as lembranças pensei: é a terceira vez que o tema chega até mim. Tem algo aí que preciso resolver. Acredito que algumas respostas foram consolidadas durante os três anos de pesquisa, que desenvolvi como colaboradora no projeto sobre a memória congadeira na região das Vertentes, coordenado pela Profa. Silvia Brügger¹⁶. Em 2017 cheguei a receber o prêmio destaque, no XV Congresso de Produção Científica e Acadêmica, na Universidade Federal de São João del-Rei, por conta do trabalho “Memórias do Cativoiro nos Congados de São João del-Rei e Região: Trajetória Familiar”. Ainda em 2017, perto de concluir o curso em Licenciatura, novas indagações começaram a ganhar forma: 1) Qual a relação da Congada com a Festa do Divino? 2) O que a pombinha do Divino teria a ver com a Congada? Foi ali, no festejo do Divino que meu coração balanceou em 2013. Também foi lá que ampliamos os contatos e possibilidades para a iniciação científica desde 2015. O enigma que me pedia compreensão e historicização passou a ser a multiplicidade da Festa do Divino Espírito Santo, na paróquia do Matosinhos, em São João del-Rei/MG.

Vinte de novembro de 2017. Dia nacional da consciência negra. Dia do resultado da 2ª etapa do processo seletivo do Programa de Pós-graduação em História – PGHIS/UFSJ, para a turma 2018.¹⁷ Foi na data da consciência negra que vi meu CPF em primeiro lugar do Mestrado em História da UFSJ. Aquilo deu um gás imenso para que eu me preparasse para a última etapa. 30 de novembro de 2017, aniversário da minha mãe e resultado final preliminar do processo seletivo. Lá estava eu, no mesmo lugar da etapa anterior. Lugar em que permaneci até o resultado final. O som dos tambores e dos sinos que provocavam inquietações sobre a pombinha do Divino, diante das relações raciais no Brasil, fizeram com que datas, já significativas, ampliassem os

¹⁶ Participei de três etapas da pesquisa coordenada e orientada pela Profa. Dra. Silvia Brügger. Através dos seguintes projetos: Memórias do Cativoiro nos Cantos de Congado Início: 01/03/2015 Término: 28/02/2016 Agência financiadora: FAPEMIG Nº do edital: nº 002/2014/PROPE. Projeto: Memórias do Cativoiro nos Congados de São João del Rei e Região Início: 01/08/2016 Término: 31/07/2017 Agência financiadora: PIBIC Nº do edital: nº 002/2016/PROPE. Projeto: Memórias do Cativoiro e da Liberdade entre os Congadeiros da Região das Vertentes Início: 01/08/2017 Término: 31/03/2018 Agência financiadora: PIBIC-Af Nº do edital: nº 005/2017/PROPE/PROAE. A pesquisa também contou com a colaboração de Daniele Michael Trindade Neves, Francival Araújo de Sousa e Samuel Pereira Avelar Júnior.

¹⁷ Conferir cronograma do edital 2017 do PGHIS/UFSJ, turma 2018: https://ufsj.edu.br/pghis/processo_seletivo.php
<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/Edital%20Proc%20Seletivo%202018.pdf>

sentidos na minha trajetória. Senti que a promessa realizada no 13 de maio de 2013 fora consumada. Também que as políticas públicas que recebi, bem como as iniciações científicas e participação em projetos de extensão, não foram em vão. Às vezes, o que a gente precisa é só de uma oportunidade. Não a oportunidade da caridade, que presa pela hierarquização. Sim oportunidades libertárias, antirracistas e decoloniais. Momento de outros passos. Passos de conquistas individuais, familiares, ancestrais e, agora, também sociais. Era chegado o momento de encarar os pássaros do Atlântico negro.

Sobre os pássaros, antes de seguir o voo ritmado por tambores congadeiros, não poderei deixar por despercebido um adendo da minha relação com o Divino Espírito Santo. Desde criança, me recordo do quadro da pombinha branca, na parede da sala de casa. Tive momentos de afeto e desafetos com a presença do quadro na sala. Preferia que ele ficasse mais reservado no cômodo seguinte, o corredor. Meu pai preferia que ele ficasse no lugar que havia deixado, na sala. Ambiente inicial para quem entrava na casa do Marimbeiro. Quando mudamos para o bairro Figueira, ainda em Cambuquira/MG, por volta de 2007, foi lindo ver meu pai descendo a rampa da nova casa, com seu chapeuzinho de palha na cabeça, o bendito quadro nas mãos, cobrindo-lhe todo o tórax. Em uma das mãos a chave da residência. Movia o quadro/estandarte de um lado para o outro, abençoando a nova morada. Passou com a pombinha do Divino em todos os cômodos da casa, depois a instalou na sala. Dessa vez não tive nenhum incômodo pelo local escolhido. Certa vez, meu pai me contou que ao benzer as crianças, que chegam pedindo alguma forma de cura, trabalha na linha do Divino Espírito Santo, dentre outros santos. Por questões econômicas nunca conseguiu ter um quartinho ou espaço apenas para este tipo de atividade. Na casa do Marimbeiro, benzia no corredor. Já na casa da Figueira a benzeção acontece na sala. Agora, pertinho da entidade que o ilumina. Passemos adiante.

Um adiante mais humanizado. Sem toda aquela força de antes. Sem promessas exageradas. Responsável com os compromissos, porém, com mais calma. Descolonizando a própria humanidade. Tenho aprendido com Djamilia Ribeiro que:

“Internalizar a guerreira, na verdade, pode ser mais uma forma de morrer. Reconhecer fragilidades, dores e saber pedir ajuda são

formas de restituir as humanidades negadas. Nem subalternizada, nem guerreira natural: humana. Aprendi que reconhecer as subjetividades faz parte de um processo importante de transformação.”¹⁸

¹⁸ RIBEIRO, 2018: 20-21.

INTRODUÇÃO

*“O Divino Espírito Santo veio na forma de um pombinho.
Abençoando seus devotos com a chama do carinho.
Véspera de ser celebrado em Bom Jesus de Matosinhos.
Salve o Divino Espírito Santo, oiá! Salve o Divino Espírito Santo, oiá!
O Divino Espírito Santo, com toda sabedoria,
Veio na nossa cidade, com toda vossa família.
Véspera do dia Maior, dia de fé e alegria.
Salve o Divino Espírito Santo, oiá!”
Folia Embaixada Santa, São João del-Rei/MG, 2019.*



FOTOFRAME 1: Folia Embaixada Santa, do bairro Araçá, São João del-Rei/MG, na Festa do Divino, 2019.

Abrimos nossos trabalhos com os versos da Folia Embaixada Santa entoados por Luisinho Sanfoneiro. Versos acompanhados por acordes de cavaquinho, violão, sanfona, repiques de pandeiros, caixas e demais instrumentos tocados pelos foliões do grupo no coreto da Festa do Divino, na paróquia Senhor Bom Jesus de Matosinhos¹⁹, em São João del-Rei/MG, no dia 08 de junho de 2019. Como observado na fotoframe um.²⁰

¹⁹ Como o nome da paróquia é extenso, Senhor Bom Jesus de Matosinhos, daqui em diante, na maioria das vezes, chamaremos apenas pelo último nome; Matosinhos – como é de costume no bairro.

²⁰ Fotoframe é uma foto, em captura de tela, retirada de um registro em vídeo. Conferir: AVELAR JR., 2019: 42.

O vídeo em questão foi coletado pelo celular da pesquisadora que vos fala, com o objetivo de arquivar momentos e dados da prática cultural, da Festa do Divino, avaliada nesta dissertação.

A Embaixada Santa coordenada pelo Sr. Luisinho é um grupo de Folia do Divino. Eles carregam um estandarte na cor vermelha, com o desenho da pombinha do Espírito Santo na cor branca centralizado no tecido. Há fitas coloridas que ornaram as laterais do suporte superior do estandarte. Os integrantes do grupo, homens e mulheres, usam chapéu de palha com fitinhas de cetim em branco e vermelho na aba, blusa vermelha, lenço, calça e sapatos na cor branca. Somente os puxadores de versos/cânticos utilizam no chapéu fitas de cor azul.

A Folia, comumente, tem o papel de louvar determinado orago, anunciar acontecimentos religiosos-culturais e angariar donativos para realização do evento. Assim como são as Folias de Reis, Folia das Pastorinhas, Folias de São Sebastião, Folias de São Gonçalo, entre outras. Neste caso, a Folia do Espírito Santo, após ter trabalhado por um longo tempo realizava o último compromisso no festejo: anunciar o dia Maior, correspondente ao domingo de Pentecostes – comemoração realizada 50 dias após à Páscoa (ressureição de Cristo), em referência ao aparecimento do Espírito Santo aos apóstolos cristãos que se encontravam em um tabernáculo. O aparecimento deste Espírito teria sido através de chamas de fogo e ventanias, que pairavam sobre a cabeça dos fiéis, fazendo com que os princípios do amor e da esperança fossem compreendidos nos distintos idiomas e sentidos próprios de cada um que estava no recinto, conforme a liturgia cristã. Data que é vividamente celebrada no calendário cultural da barroca São João del-Rei/MG.

Na ocasião, em junho de 2019, acompanhávamos, para a pesquisa em História – esta que vocês leem – as atividades da programação festiva de sábado, precedente ao domingo de Pentecostes. A música de domínio popular em devoção ao Espírito Santo foi adaptada pela Folia Embaixada Santa, a fim de apresentar o contexto territorial e acontecimento da Festa do Divino na paróquia de Matosinhos. Como diz a canção na voz do Sr. Luisinho Sanfoneiro: *“O Divino Espírito Santo veio na forma de um pombinho. Abençoando seus devotos com a chama do carinho. Véspera de ser celebrado em Bom Jesus de Matosinhos. (...) Veio na nossa cidade, com toda vossa família. Véspera do dia Maior, dia de fé e alegria.”*

Será sobre a fé e a alegria, mobilizadoras de ações humanas na Festa do Divino, que iremos elucidar. Nos concentraremos nos aspectos da cultura negra e nas redes de sociabilidade afro-identitárias dos mantenedores e consumidores do evento, que não quer dizer o todo da Festa, mas uma parte existente e certa da legitimidade que exerce. Traremos o contexto das complexas relações de poder e disputas por territorialidade representativa na cerimônia. Sobretudo, ao que se refere à negritude e branquitude dos sujeitos que significam e ressignificam o evento em tela. Isto é, traremos as estruturas que do micro espaço das organizações e celebrações de uma festa popular na cidade de São João del-Rei/MG, reverberam a base racializada da história do Brasil.

A Festa do Divino acontece na paróquia de Matosinhos, São João del-Rei/MG, desde 1774. A data de origem da tradição, além de ser verbalizada pelas pessoas que fomentam o evento, e, que desde 1998 se concentram voluntariamente na Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo – CODIVINO, também é afirmada no jornal, convite e cronograma, titulado por Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo de Matosinhos. O Informativo passou a circular no ano de 1998, a partir de então, é produzido anualmente para o contexto específico de publicizar o evento na cidade. Consultamos 13 desses Informativos. Conversamos, no processo metodológico de “História Oral”²¹, com 16 pessoas envolvidas (ou que se envolveram) com os últimos 20 anos da Festa. Desta forma, temos 35 horas de entrevistas, totalizando um banco de dados com 520 páginas de transcrição. Assistimos e analisamos 16 curtas-metragens e um documentário sobre a celebração do Divino no bairro Matosinhos, produzidos por são-joanenses correlacionados com a Secretaria Municipal de Cultura, Ulisses Passarelli²² e João Paulo Guimarães²³. Estive e acompanhei presencialmente os festejos nos anos de 2013 (brevemente), 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019. Sendo os dois últimos anos já com o propósito

²¹ ALBERTI, 2004.

²² Sítios eletrônicos do Ulisses Passarelli que versam sobre manifestações culturais, populares e negras de São João del-Rei/MG, sobretudo no bairro Matosinhos: <https://www.youtube.com/channel/UCGCw7ot-Nju-iPWmwR2DEQw>
<http://folclorevertentes.blogspot.com/p/matosinhos-historia-e-festas.html>
<http://festadodivinosjdr.blogspot.com/>

Cabe pontuar que o Ulisses é Imperador do Divino, congadeiro e folião.

²³ Sítio eletrônico do jornalista João Paulo Guimarães, com o link do filme “Festa do Divino – O Resgate”: <https://www.youtube.com/watch?v=rqVKYtOasDY>

de entender e historicizar as agências humanas que festejam o Divino, principalmente pela perspectiva do afro-catolicismo.

O domingo de Pentecostes faz parte do calendário litúrgico, no ano de 2020 foi celebrado no mês de maio. Todavia, a Festa do Divino em si, não ocorreu, devido à pandemia gerada pelo coronavírus COVID-19. No entanto, Ana Paula Silva de Souza, atual secretária da CODIVINO, assim como demais integrantes da Comissão responsáveis pelo sítio eletrônico do grupo, no Facebook Jubileu do Divino²⁴, realizaram no mês de maio uma série de postagens com fotos, vídeos e textos, trazendo homenagens e memórias do evento.

A tonalidade da ação carregava muitos afetos e trouxe os princípios de que as comemorações seriam mantidas de forma atípica, por meio das plataformas digitais. Ana Paula me convidou para participar das lembranças digitais, solicitou que eu fizesse um texto visando o público da internet, para ser publicado no Facebook da comissão. Com muito ânimo pelo convite, na oportunidade de um retorno sociocultural da pesquisa, no papel de “História Pública”²⁵, mas com muito pesar pelo momento do não encontro físico por conta das regras de isolamento social que a pandemia gerou, e, com base no material da pesquisa escrevi o texto intitulado por “Batuques do Divino: Um Patrimônio Cultural Brasileiro”. O material foi publicado no canal eletrônico da CODIVINO no dia 26 de maio de 2020 e se encontra disponível²⁶.

Apresentado o Sul que me orienta e autoriza a tecer uma “história compartilhada”²⁷ sobre a tradicional Festa do Divino em São João del-Rei/MG, a partir da perspectiva “histórico cultural”²⁸, contemos como era, como ficou e como está o Jubileu do Espírito Santo na cidade. Dissemos anteriormente que o Divino é festejado na paróquia e praça de Matosinhos desde 1774, junto dele, nas cerimônias de Pentecostes, também eram realizadas as comemorações ao padroeiro do bairro, Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Conforme documentos religiosos, registros, falas dos agentes culturais e estudiosos locais, tais quais

²⁴Endereço eletrônico do Jubileu do Divino e CODIVINO: <https://www.facebook.com/people/Jubileu-Do-Divino/100016860859231>

²⁵ ANDRADE e ALMEIDA, 2019.

²⁶Acesso: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=687663325139023&set=pb.100016860859231.-2207520000..&type=3>

²⁷ MATTOS, 2016.

²⁸ CHARTIER, 2002. THOMPSON, 1998.

Kleber do Sacramento Adão, José Cláudio Henriques e Antônio Gaio Sobrinho.²⁹

Há outra data que é importante destacar, o ano de 1783, quando a festividade recebe do Papa Pio VI o título de Jubileu Perpétuo, por conta das variadas atividades celebrativas que atraíam romeiros de diferentes lugares e as distintas camadas da sociedade local, sobretudo a popular. Segundo o Informativo do Jubileu do Divino, as cerimônias setecentistas contavam com *“cavalhadas, danças-das-fitas, danças-dos-velhos, contra-danças, touradas, bandas de músicas, orquestras, danças diversas, etc. O grandioso Jubileu lotava o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Elegia-se e coroava-se a cada ano um Imperador para ocupar o cargo de festeiro principal.”*³⁰

É no ritmo destas múltiplas músicas, danças, jogos e diversões que a Festa permaneceu durante o século XIX e início do século XX. Contava com cinco dias de programação sendo organizada da seguinte maneira, de acordo com Kleber do Sacramento Adão: 1) aos sábados as bandas de música se apresentavam nos arredores da igreja de Matosinhos, com a responsabilidade de abrir e anunciar o “tempo de festa”³¹. Nesse dia, práticas de solidariedade como distribuição de alimentos, louvores de agradecimentos por promessas alcançadas e demais trocas solidárias aconteciam. 2) No domingo de Pentecostes havia cerimônias de coroação do Imperador da corte do Divino, que anualmente elegia um festeiro para arcar com os gastos do evento. Houve um tempo em que Imperatrizes eram coroadas. Na Festa da cidade, a figura de Santo Antônio foi eleita como Imperador Perpétuo do Divino. Levaram em consideração a crença de que o santo é patrono dos comerciantes e de pessoas com êxito econômico. Na época, sendo esta característica e condição para os Imperadores: ser de classe abastada. Em homenagem a Santo Antônio, realizavam procissões que se deslocavam da igreja São Francisco de Assis, na área central e urbana por conta da mineração aurífera, até o bairro Matosinhos, na região rural, agrícola e suburbana da cidade. 3) Na segunda-feira as cerimônias eram em homenagem ao Senhor Bom Jesus de

²⁹ ADÃO, 2001. HENRIQUES, 2003. GAIO SOBRINHO, 2008.

³⁰ Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo de Matosinhos. Ano IV nº04 – maio/2001 – São João del-Rei/ Minas Gerais, p. 01.

³¹ ELIADE, 1992: 38-39.

Matosinhos. 4) Já na terça-feira era o dia destinado aos devotos de Nossa Senhora da Lapa. 5) O culto de quarta-feira era em devoção à Santana.³²

Adão nos apresenta que no século XIX, além das cerimônias litúrgicas no interior do santuário em devoção às santas e santos, o caráter festivo ganhava notoriedade na parte externa e arredores da paróquia do Matosinhos, por conta das procissões que eram acompanhadas por bandas e orquestras musicais. Os aspectos sagrados carregavam influências sincréticas lusitanas, africanas e ameríndias, o que fazia com que a manifestação religiosa não fosse pura e simplesmente católica. O rito sagrado dividia espaço com atividades culturais e de lazer, como batuques, danças de fitas, circos itinerantes, barracas que vendiam comes e bebes, peças teatrais, apresentações musicais, jogos de azar e afins. O autor sublinha que a Festa marcava o tempo do gozo e da diversão de cunho popular.³³

Os estudos levantados por Adão, valendo-se de Edna Maria Resende, nos fazem perceber que em meados do período oitocentista, diante da sociedade escravista e colonial de Minas Gerais, a Festa do Divino em São João del-Rei/MG fora palco para momentos de autonomia e resistências de práticas culturais de pessoas negras escravizadas, libertas e livres. Uma vez que o Código de Posturas da Câmara Municipal, através dos artigos 135 e 136, proibia as manifestações de cantos, danças e batuques de escravizados nos espaços públicos da cidade. Mas o artigo 137 trazia que tais manifestações, em destaque para os Reinados (Congadas) e Quibetes, poderiam ocorrer em festas católicas, desde que fossem realizadas durante o dia.³⁴

A Congada (ou Congado) são manifestações religiosas que foram reinventadas por africanos escravizados no âmbito de igrejas católicas em Minas Gerais e no Brasil, fazem alusão aos reinados Congos, dentre outros reinos da África Centro-Ocidental. É uma forma particular de oração, em que as rezas são professadas através do próprio corpo em cantos e danças puxados por caixas, gungas, ou demais instrumentos percussivos. É um marco civilizatório africano e afro-brasileiro daqueles que ressignificaram o catolicismo, uma vez que eram forçados a se converterem à fé cristã no tempo

³² ADÃO, 2001: 103-104.

³³ ADÃO, 2001: 108-121.

³⁴ RESENDE, 1997 *apud* ADÃO, 2001: 123-125.

do cativo. Dessa forma, não se submeteram de maneira subalterna aos dogmas instituídos, mas reinventaram vivências religiosas, ainda que em consonância com os códigos da nova crença sagrada que lhes eram apresentadas/forçadas. Criaram, assim, práticas que denominamos por afro-catolicismo, catolicismo negro dentre outros marcadores étnicos.³⁵

Nesse sentido, Adão e Resende apresentam que era comum encontrar batucadas de sujeitos negros e demais expressões de liberdade no evento do Divino. Sobretudo, experiências coletivas de vivências horizontais no ambiente de lazer que a festividade propiciava.³⁶ Desta forma, sinalizamos o quanto as festas católicas carregam diferentes sentidos para os sujeitos que as produzem e consomem. Ao que se refere às marcas do afro-catolicismo, concordamos com João José Reis e Flávio Gomes ao constatarem que: “os escravos da África e seus descendentes imprimiram marcas próprias sobre vários aspectos da cultura material e espiritual deste país.”³⁷

Antes de seguir com os desdobramentos do festejo na cidade, julgamos oportuno ambientar o leitor sobre a história local. O Estado de Minas Gerais concentra 853 municípios atualmente, que de acordo com as proximidades regionais são divididos em 17 territórios de desenvolvimento: Noroeste, Norte, Médio e Baixo Jequitinhonha, Mucuri, Alto Jequitinhonha, Central, Vale do Rio Doce, Vale do Aço, Metropolitana, Oeste, Caparaó, Mata, Vertentes, Sul, Sudoeste, Triângulo Norte e Triângulo Sul,³⁸ conforme visualizamos no mapa um.³⁹

³⁵ DELFINO, 2017; SOUZA, 2002; THORNTON, 2004.

³⁶ ADÃO, 2001: 123-124.

³⁷ REIS e GOMES, 1996:09.

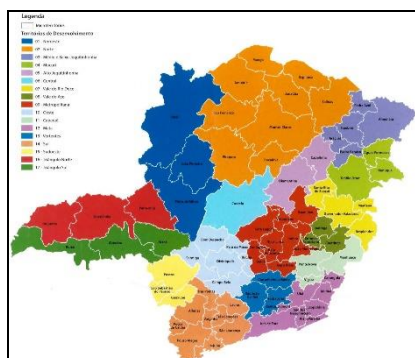
³⁸ Currículo Referência de Minas Gerais, 2018: 04- 05.

Disponível

em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf

³⁹ Currículo Referência de Minas Gerais, 2018: 05 – Mapa dos Territórios de Desenvolvimento de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.fndc.org.br/system/uploads/ck/files/17territorios.jpg>.



MAPA 1: Estado de Minas Gerais dividido pelos 17 territórios de desenvolvimento, século XXI. Imagem extraída do “Currículo de Referência de Minas Gerais”, 2018: 5

São João del-Rei/MG compõe o território das Vertentes, é uma cidade formada na época da mineração aurífera e conta com 307 anos de idade⁴⁰. Uma parte da história do lugar, àquela responsável pela segregação dos povos originários, principalmente os de etnia Cataguá⁴¹, e intensificação da escravização de africanos e afrodescendentes, inicia-se no período setecentista e tem no Rio das Mortes, com o percurso natural de suas águas, à movimentação das pessoas que compuseram o processo de interiorização local. Próximo ao rio fora instalado um povoamento habitacional, cuja liderança era do bandeirante de descendência europeia Tomé Portes del Rei, o local recebeu o nome de Várzea do Porto Real da Passagem.⁴² Segundo Denilson de Cássio Silva, o povoamento produzia e comercializava gêneros alimentícios com os transeuntes da mineração. Com o núcleo habitacional estabelecido, outros territórios próximos ao Porto Real da Passagem começaram a ser ocupados. Dessa forma, “a partir de 1704, intensificou-se a corrida do ouro e surgiram os primeiros arraiais e vilas, dando origem ao Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, que em 1713 seria elevado à categoria de Vila de São João del-Rei.”⁴³

No período colonial-imperial a Vila de São João del-Rei/MG se tornou a sede administrativa que recebera o título de maior destaque da época, o de “Cabeça da Comarca”⁴⁴. A Comarca do Rio Mortes abarcava várias vilas

⁴⁰ Este texto é escrito no ano de 2021. Sinalizamos que São João del-Rei/MG celebra aniversário na data de 8 de dezembro.

⁴¹ ADÃO, 2001: 70.

⁴² HENRIQUES, 2003: 28. SILVA, 2011: 17.

⁴³ SILVA, 2011: 17.

⁴⁴ SOUZA, 1996: 194. SILVA, 2011: 17.

(cidades) da região e atingiu o maior número de negros escravizados em Minas Gerais. De acordo com o censo imperial de 1872, apenas São João del-Rei/MG contava com cerca de 7.584 cativos.⁴⁵

Silvia Brügger e Anderson de Oliveira levantam dados sobre a procedência africana dos escravizados de São João del-Rei/MG entre os anos de 1782 e 1822. Evidenciam a presença das seguintes nações: Angola, Benguela, Benguela de Nação Guiné Bissau, Cabinda, Cabo Verde, Cobú, Cassange, Camundongo, Congo, Courano, Ganguela, Mina, Moçambique, Mofumbe, Monjolo, Nagô, Rebolo, Xamba, Tapa, entre outras.⁴⁶ Os autores destacam “o amplo predomínio de angolas e benguelas, seguidos dos minas.”⁴⁷

Brügger e Oliveira também apresentam experiências de organizações grupais e de identidades étnicas dos escravizados que ocupavam Irmandades católicas em São João del-Rei/MG, nos séculos XVIII e XIX.⁴⁸ Uma expressão emblemática é a estruturação da “Nobre Nação Benguela”, no interior da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que correspondia “a existência de uma congregação de caráter étnico instituída por escravos e forros procedentes da região de Benguela, na África Centro-Occidental.”⁴⁹ Nessa ótica, em consonância com os autores, que aferiram documentos paroquias, cartoriais, registros de óbitos e afins, é possível observar a complexidade da organização das pessoas escravizadas que valiam-se dos espaços da igreja para institucionalizar coletivos que dinamizavam crenças diaspóricas, perpetuando e recriando negras identidades culturais e devocionais.⁵⁰

Dito isso, retomemos ao aspecto geográfico da formação da cidade. Constatamos através dos estudos levantados por Antônio Gaio Sobrinho que, as primeiras divisões espaciais estabelecidas pela Câmara ocorreram a partir

⁴⁵ SILVA, 2011: 22.

⁴⁶ BRÜGGER e OLIVEIRA, 2007: 185.

⁴⁷ BRÜGGER e OLIVEIRA, 2007: 186.

Agradeço à amiga Jenny Souza e sua companheira Moliane Cirilo, que por meio de ensaios fotográficos sobre pinturas faciais angolanas e indígenas, em alusão às origens étnicas que não fazem parte das narrativas históricas são-joanense de maior circulação, me despertaram atenção a respeito da importância das informações e dados sobre a procedência africana que são apartadas do conhecimento da nossa gente negra. Nesse sentido, assim como elas, militantes do Movimento Negro, recorri ao texto discutido no antigo grupo de estudos sobre cultura africana e afro-brasileira, coordenado pela Profa. Silvia Brügger no curso de História da UFSJ e que que era aberto à comunidade externa.

⁴⁸ BRÜGGER e OLIVEIRA, 2007: 204.

⁴⁹ BRÜGGER e OLIVEIRA, 2007: 187.

⁵⁰ BRÜGGER e OLIVEIRA, 2007: 187.

da segunda metade do século XIX, delimitando como bairros originários o “Centro, Tijuco, Bonfim, Senhor dos Montes, Fábricas e Matosinhos.”⁵¹ Como dissemos outrora, a primeira localidade a ser nomeada pelos bandeirantes foi a Várzea do Porto Real da Passagem, que no decorrer dos anos adquiriu outros nomes: “Várzea da Água Limpa e posteriormente Arraial de Matosinhos, hoje bairro de Matosinhos.”⁵² Por este prisma, José Cláudio Henriques e demais pesquisadores consideram o bairro Matosinhos como: “berço da cidade de São João del-Rei/MG.”⁵³

O bairro, no entanto, adquiriu distintos aspectos no decorrer da história da cidade. Logo no início, na primeira década dos anos 1700, com a descoberta das betas de ouro no alto das Mercês, parte das pessoas que moravam no Porto Real da Passagem mudou para áreas mais próximas a mineração. Henriques narra, inclusive, sobre a construção da primeira igreja do lugar que ficara “inacabada” por conta do deslocamento populacional.⁵⁴ Pelo viés de uma sociedade aurífera, considerada urbana, o bairro constituía-se de forma suburbana e rural, entre os séculos XVIII e XIX, com chácaras de plantações dos gêneros alimentícios.⁵⁵ Podemos pensar que fora uma das regiões que, por cultivar lavouras, contribuiu para manutenção da economia na vila/cidade após a escassez dos recursos minerais no fim do século XVIII. Silvia Brügger apresenta que: “hoje sabemos que a crise da mineração não levou a uma involução econômica da Capitania/Província de Minas Gerais, esse saber não era o mesmo por parte dos agentes históricos que vivenciaram tal processo.”⁵⁶

Aqui não pretendemos enveredar pela história econômica da região, seguiremos pela perspectiva da história cultural e social que a dinâmica das festas religiosas realizadas no espaço público das ruas, sendo festas do povo, nos permitem problematizar e compreender. Lembramos que no século XIX a Festa do Divino na paróquia de Matosinhos, na cidade de São João del-Rei/MG, que na época era ligada à diocese de Mariana/MG, carregava

⁵¹ GAIO SOBRINHO, 2008: 27.

⁵² HENRIQUES, 2003: 28.

⁵³ HENRIQUES, 2003: 30.

⁵⁴ HENRIQUES, 2003: 93.

⁵⁵ HENRIQUES, 2003: 75-76.

⁵⁶ BRÜGGER, 2002 *apud* BRÜGGER e OLIVEIRA, 2007: 181.

aspectos de um catolicismo popular. Palco para distintas negociações e experiências de liberdade dentro do espaço comum da festividade. Como no caso dos negros escravizados na sociabilidade com os negros livres, alforriados e libertos, mas não só, acionamos a presença das pessoas pardas e brancas pobres e demais segmentos como a elite. Recordamos que o Imperador do Divino eleito anualmente, era o responsável por arcar com majoritários gastos do evento e que não havia Irmandade na paróquia, como há nas demais igrejas e comunidades católicas da cidade (Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, Irmandade das Mercês, Irmandade do Carmo, Irmandade de São Francisco de Assis, etc.), segundo Adão.⁵⁷ Cabe sublinhar que os bailados, danças, músicas, batucadas, circos e demais atrativos, diríamos, a argamassa da festividade, eram práticas realizadas por agentes culturais da classe popular, classe esta que dava a sustância das cerimônias.

No entanto, a experiência comunitária e encontros de saberes no festejo, mesmo com as tensões existentes, pois não perdemos de vista a dimensão da sociedade colonial e escravista em vigor, não perdurou no imediato pós-abolição e início da República. Aqui cabe pontuar que nossa linha de pesquisa dialoga com os estudos sobre o “pós-abolição”⁵⁸, entendemos que ainda em 2021, marco temporal da escrita desta dissertação, vivenciamos o pós-abolição. Embora a abolição da escravidão negra tenha ocorrido em 13 de Maio de 1888, por meio da Lei Nº 3.353/1888, o que foi muito importante, à emancipação da população negra não procedeu de forma efetiva e não procede, totalmente, no tempo presente. Já que medidas públicas que, de fato, estejam conectadas com práticas antirracistas e de cidadania plena para os afrodescendentes (e ameríndios) ainda são pautas das agendas políticas dos movimentos negros/indígenas/sociais/feministas do agora. Embora houvesse propostas de abolicionistas e intelectuais do século XIX, sobretudo pessoas de cor, como Maria Firmina dos Reis, “Luiz Gama, José Ferreira de Menezes, José do Patrocínio, Machado de Assis”⁵⁹, dentre outro(a)s, que cobravam e forneciam análises com possibilidades nacionais que trouxessem equidade e reparações aos ex-escravizados. Desde então, em virtude da realidade

⁵⁷ ADÃO, 2001: 110.

⁵⁸ ABREU, DANTAS, e MATTOS, 2014.

⁵⁹ PINTO, 2018.

excludente, o movimento negro, quer seja de forma coletiva e/ou individual, trava lutas nacionais e internacionais por projetos de liberdade e dignidade, que reduzam e eliminem a desigualdade racial e social que impera nas terras brasileiras em pleno século XXI.

As tensões que acompanharam o processo da abolição no fim dos anos de 1880, no Brasil monárquico, e início do Brasil República, 1889, se fizeram sentir na organicidade da Festa do Divino da paróquia de Matosinhos por duas vias: Estado e Igreja. Denilson de Cássio Silva nos alerta sobre o papel do Estado, através do Código de Posturas Municipal de São João del-Rei/MG de 1887, no artigo 124, em que ficava proibido, com a possibilidade de arcar com multas ou prisões, os batuques em louvor à santos, mesmo que em procissões. De igual forma ficavam proibidos os toques de sambas, pagodes e tambores. Silva ainda destaca que, conforme Martha Abreu e Hebe Mattos, a terminologia “batuque” fora utilizada de maneira ampla, tanto por viajantes, quando em leis repressivas, para designar grupos de pessoas pretas. Ainda com o autor percebemos que diretrizes republicanas com lógicas burguesas de civilização e modernidade, inspiradas na Europa, que começaram a ser fomentadas no Brasil no fim do século XIX, prezavam pelo branqueamento da população, salientando o apagamento dos cidadãos egressos do cativeiro. Assim como na mudança dos valores culturais, tais quais as festas de divertimento, sendo em sua maioria comemorações religiosas.⁶⁰

Adão nos apresenta que em São João del-Rei/MG, no século XIX, as festividades católicas recebiam incentivos financeiros das Câmaras Municipais.⁶¹ Na transição e consolidação do republicanismo, no fim do XIX e início do XX, tais incentivos foram reduzidos. Não apenas pelo aspecto religioso, de uma igreja que dialogava com crenças variadas e com setores mais populares da sociedade, mas por influência das medidas higienistas no projeto de nação no poder administrativo. Desta forma, as festividades que passaram a adquirir valorização na cidade, sobretudo do ponto de vista pecuniário, foram as festas cívicas e esportivas. Celebrações que carregavam, na época, símbolos de modernização e progresso cultural com traços eugenistas em que, o

⁶⁰ SILVA, 2011: 169-170.

⁶¹ ADÃO, 2001: 43.

divertimento deveria ser promovido em clubes esportivos, com a preocupação do moldar corpos/biotipos saudáveis, pautados no racismo científico e biológico. Já as festividades de rua, de cunho popular, deveriam ser controladas e reprimidas, no caso, por policiais, um dos braços fortes do Estado.⁶²

A República prezava pela laicização do Estado, diferente da monarquia que se afirmava enquanto católica. Embora saibamos que o catolicismo em vigor nas celebrações do Espírito Santo em São João del-Rei/MG, não seguia os parâmetros Católico Ortodoxo Romano, nos séculos XVIII e XIX. Apesar de ser uma manifestação de origem europeia, como já dizemos, o festejo apresentava influências ameríndias, lusitanas e africanas.⁶³ O evento comungava de atividades burlescas, com jogos de azar, circos, dentre variadas formas de sociabilidade e divertimento.⁶⁴ Apontamos que os jogos também foram coibidos no Código de Postura Municipal e Código Criminal de 1887, por meio dos artigos 155 e 282, respectivamente.⁶⁵ Ao que se refere ao papel dos distintos catolicismos, cabe acionar as manifestações congadeiras que ocorriam, no mesmo período, na igreja de Nossa Senhora do Rosário, conhecida por igreja dos Pretos, e na igreja de Santo Antônio, no distrito do Rio das Mortes, São João del-Rei/MG.

As vivências afrocatólicas durante os períodos Brasil Colonial e Imperial mostram o quanto, a igreja em si, não controlava as mentes, almas e corpos daqueles aos quais tentava impor uma filosofia e estilo de vida. Era necessário aceitar, mediar e negociar as manifestações de cunho étnico expressa na crença dos fiéis, a fim da manutenção da própria instituição, no tempo do cativo. O que conferia poder aos leigos para além das diretrizes clericais de uma instituição ortodoxa. Nesse sentido, o clero brasileiro no fim do século XIX começou a adotar políticas mais rígidas, em diálogo com os princípios da romanização. Isto é, inspirados na reforma católica do Concílio de Trento (1545-1563), que preza pela hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana,

⁶² ADÃO, 2001: 227.

⁶³ ADÃO, 2001: 52-129.

⁶⁴ ADÃO, 2001: 116.

⁶⁵ SILVA, 2011: 171.

e uma forma universal de se expressar a doutrina cristã.⁶⁶ Por esta ótica, o processo de romanização da Igreja dialogou amplamente com os princípios civilizatórios eugenistas do Brasil republicano.

As transformações de uma comunidade não ocorrem de forma ligeira e repentina, é comum que sejam processuais.⁶⁷ Com a Festa do Divino não foi diferente, a implementação das mudanças em consonância com as diretrizes do Estado e da romanização clerical ocorreu de forma gradativa nas duas primeiras décadas do século XX. Até que em 1924 a Festa foi suprimida pelo bispado de Mariana/MG, diocese a qual São João del-Rei/MG pertencia, por meio do decreto do bispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira, alegando que havia exagero profano, fazendo alusão aos jogos de azar e conflitos presentes no festejo. Dessa forma, permaneceram apenas os atos litúrgicos, no âmbito privado da igreja Senhor Bom Jesus de Matosinhos, no domingo de Pentecostes.⁶⁸

Os estudos de Adão nos orientam, passo a passo, sobre as transformações ocorridas até a proibição da festividade em devoção à pombinha do Divino. O autor nos explica que, no ano de 1904, padres estrangeiros da ordem franciscana chegaram na cidade com a responsabilidade de recristianizar a região. No país, em 1908, algumas ordens católicas em conexão com redes ortodoxas, estabeleceram um núcleo de atuação denominado União Popular do Brasil. Essa unidade, apesar de carregar o nome de “popular” atuava em diálogo com o liberalismo e medidas civilizatórias republicanas, combatendo pensamentos políticos socialistas que fervilhavam enquanto projeto de nação. Do ponto de vista religioso, a União fez frente contrária ao Espiritismo e Protestantismo. A unidade de cunho nacional se desdobrou em organizações regionais, como a União Popular em Minas Gerais, que em 1912 instaurou a União Popular em São João del-Rei/MG. Os padres da União, próximos aos franciscanos estrangeiros, intervinham municipalmente em consonância com a elite local, que os acionavam para fazer caridades aos desvalidos e evitar a crescente mendicância que o período

⁶⁶ GOMES *apud* ABREU, 1999:109.

⁶⁷ BOURDIEU, 1989: 124.

⁶⁸ ADÃO, 2001: 192-193.

das emancipações, sem as devidas reparações, propiciou. Fundaram, por este prisma, um abrigo para crianças pobres, principalmente meninos.⁶⁹

A Festa do Divino, na igreja de Matosinhos, tentara permanecer em processos de resistência. Mesmo sob o jugo das críticas dos padres franciscanos e a nova unidade religiosa que a taxava de ser uma festividade “carnavalesca” e “promíscua” ao invés de religiosa, no ano de 1916, conforme registros jornalísticos consultados por Adão. Na cronologia das transformações levantadas pelo autor, em 1922 a nova unidade católica estava mais consolidada e influente no município. Em 1923, a direção foi ponte para que o bispo Dom Helvécio Gomes de Oliveira, de Mariana-Ouro Preto/MG, visitasse pessoalmente a Festa do Divino em São João del-Rei/MG. Dom Helvécio, desde então, começa a estabelecer práticas mais ortodoxas e controlar as festividades ligadas ao catolicismo popular e negro por toda diocese. Até que em 1924 o bispo proíbe definitivamente a realização das festas religiosas de rua, como a do Divino, as manifestações congadeiras e demais expressões do catolicismo popular por toda região em que coordenava.⁷⁰

Os paroquianos de Matosinhos, à princípio, tentaram formas de resistir à ordem clerical através da estratégia de manter o público da Festa do Divino assíduo nas atividades litúrgicas e pastorais das novenas no formato interno das comemorações ao Divino, de acordo com as determinações de Dom Helvécio Gomes de Oliveira. A estratégia fora frutífera no ano de 1924, mas a partir de 1925 o público reduziu, sem ter o mesmo impacto e cunho popular de outrora, segundo Adão.⁷¹

Apresentaremos, agora, a visualidade da comemoração ao Espírito Santo no largo de Matosinhos, através da fotoframe dois, retirada do vídeo “Festa do Divino Antigamente”⁷², produzido por Ulisses Passarelli e localizado no acervo digital do pesquisador.

⁶⁹ ADÃO, 2001: 159-175.

⁷⁰ ADÃO, 2001: 180-195.

⁷¹ ADÃO, 2001: 221.

⁷² Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=99Jg80Q7ZPQ>



FOTOFRAME 2: Festa do Divino na antiga Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, São João del-Rei/MG. Arquivo do pesquisador e folclorista Ulisses Passarelli, disponível de forma pública em vídeos do YouTube.

A década de 1930 trouxe mais transformações no formato litúrgico das celebrações do Espírito Santo em São João del-Rei/MG. Como também cultuavam e festejavam o patrono do bairro, Senhor Bom Jesus de Matosinhos, na Festa do Divino, resolveram que as comemorações ao patrono seriam transferidas para o mês de setembro.⁷³ Como o é até os dias atuais.

Os documentos cartoriais da CODIVINO, registram que no ano de 1949 houve a formação de uma mesa administrativa para a realização das *“festividades em honra ao Divino Espírito Santo realizadas na Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos”*⁷⁴, lavrada por José de Souza Pires. Encontramos na ata informações de que naquele ano, 1949, os festejos aconteceram de maneira dupla. Além das tradicionais missas e novena, também houve leilões, barracas de vendas e entretenimentos populares. Observamos que, a mesa administrativa contou com a aprovação do vigário da paróquia São João Bosco. O que nos soa de maneira intrigante, já que o bairro Matosinhos tem sua

⁷³ ADÃO, 2001: 105.

⁷⁴ Dizeres extraídos da folha 1 do livro de atas da Festa do Divino. Livro pertencente ao acervo da CODIVINO. Agradecemos ao Sr. Antônio Serpa, membro do diretório da Comissão, por nos informar e permitir o acesso ao documento em questão. Muito obrigada!

própria paróquia. A Festa, porém, não foi para frente. Não há mais registros nem memórias de que prosseguiu. O que se manteve foram as novenas e missas solenes de Pentecostes.

Os anos de 1990 trouxeram mudanças significativas na organicidade da paróquia de Matosinhos, com a chegada de um novo padre: José Raimundo da Costa. Ligado aos princípios das “Comunidades Eclesiais de Base”⁷⁵, que dialoga pela perspectiva de uma igreja que prioriza pela vida, felicidade do povo, trabalhos populares, reflexão crítica e atividades de cunho ecumênico no respeito às diferenças. Foi por esse viés que Pe. José Raimundo da Costa, com mais de dois anos na coordenação da paróquia, ciente da história local, resolveu, em 1997, em comunhão com as pessoas atuantes na igreja e bairro, realizar no domingo de Pentecostes uma procissão ao Divino com a participação especial de grupos de Congadas da região. O incentivo foi o estopim para que, no ano de 1998, um coletivo se formasse e instituísse a Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo – CODIVINO. Com o propósito de recriar a Festa do Divino em São João del-Rei/MG, que ficara suspensa e proibida por mais de 70 anos. Todavia, em consonância com as demandas do tempo em que viviam.

A Festa reelaborada conta com dez dias de programação. Os três últimos dias costumavam ser os de maiores destaque: 1) na sexta-feira ocorria a Missa Inculturada/Missa Afro, organizada por lideranças ligadas ao Grupo de Inculturação Raízes da Terra. 2) Ao sábado, a procissão com o Imperador perpétuo, na figura do Santo Antônio. Também apresentação das Folias do Divino no adro da igreja. 3) O Domingo de Pentecostes é denominado “dia Maior”, pois há no festejo a recepção e cortejo das Congadas da cidade e região. Tem a coroação do Imperador do Divino. Café e almoço comunitário fornecidos gratuitamente. Durante as duas semanas de programação, além da parte religiosa, há barracas itinerantes de quermesse, que vendem comidas, bebidas, acessórios etc. Shows musicais, danças, bingos e demais elementos de diversão. Os mais de 20 anos da reconfiguração e permanência do evento trouxeram modificações. Uma delas é a supressão da Missa Inculturada.

⁷⁵ ROCHA, 2013.

Elementos de mudanças e continuidades que iremos abordar no porvir da dissertação.

O que podemos adiantar é que, a articulação das conversas obtidas nas entrevistas orais, cruzadas com os dados do Informativo do Jubileu do Espírito Santo, assim como os documentos arquivísticos nos livros de atas da CODIVINO e Grupo de Inculturação Raízes da Terra, nos permitem refletir sobre três fases do festejo. Primeira fase – 1997-1998: reinvenção cultural e religiosa da tradição. Segunda fase – 1998-2013: reconhecimento⁷⁶ do papel da Igreja no crime da escravização negra; associativismo negros e sociais nas atividades católicas; reparações e dever de memória da Igreja e organizações socioeducativas para com as Congadas, Folias e Missa Inculturada. Terceira fase – 2014-2019: Transformação do festejo, optando pelos aspectos mais litúrgicos e menos aberto às manifestações negras. Nesse sentido, a proibição da Missa Afro. Todavia, com a permanência das Congadas no domingo de Pentecostes, mesmo que com alterações no cronograma das atividades.

Percebemos o diálogo dos movimentos negros e sociais de São João del-Rei/MG, ligados às Comunidades Eclesiais de Base, na retomada da Festa do Divino. Também as parcerias com pesquisadores, artistas plásticos e agentes culturais. Diálogo que não permanece perseverante após a mudança do pároco de Matosinhos. No entanto, embora haja tensões, a dinâmica congadeira e as práticas de cunho popular seguem entre resistentes negociações, nas complexas relações humanas da comunidade. O que deixa evidente elementos do marco civilizatório bantu-congo, nas tradições afro-brasileiras de cunho católico. Também o empenho da CODIVINO em manter de maneira vívida, e respeitosa, as múltiplas existências culturais e religiosas que a Festa evoca. Tal qual o Divino Espírito Santo, que no mito católico, fala em várias línguas.

⁷⁶ O reconhecimento é estabelecido nos direitos de reparação e ações afirmativas. Como por exemplo: Lei de demarcação de terra quilombola e indígena, em 1988, Decreto 3551/2000 – que institucionalizou a cultura afro-brasileira como patrimônio cultural nacional; Lei 10.639/2003 – que determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas; Lei 11.645/2008 – obrigatoriedade dos ensinamentos indígenas, os povos originários que atualmente tem mais de 200 etnias; Lei de Cotas Raciais 12.711, 2012; Lei 12.990/2014 – que reserva 20% das vagas de concursos públicos para pessoas negras.

CAPÍTULO I

UBUNTU NA ESCRITA-ORALIDADE DA FESTA DO DIVINO

Ubuntu! A princípio a palavra ubuntu nos parece apenas um vocábulo étnico. Mas o caráter epistêmico da palavra carrega um sentimento profundo do sistema filosófico bantu.⁷⁷ Sendo bantu, um tronco linguístico e cultural de pessoas da África Centro-Occidental que foram exportadas para as Américas, no nosso recorte, Brasil, no tempo do cativo. Pessoas que, embora na condição de escravizadas, resignificaram os sistemas de crenças e estilo de vida no outro lado do Atlântico.⁷⁸ Saberes que ecoam até os dias atuais. Ainda que, com as adaptações correlatas às demandas do tempo presente. Por essa ótica, a base filosófica e ontológica de ubuntu diz respeito aos valores coletivos de partilha, comunitarismo, integralidade e respeito pelas alteridades que envolvem humanos, vidas não humanas, meio ambiente, ancestralidade e cosmo. A filosofia está ligada ao provérbio africano: “eu sou porque tu és e nós somos porque vós sois”, como nos ensina Antônio Filogênio de Paula Júnior, valendo-se de Eduardo Castiano.⁷⁹ Dessa forma, meu trabalho de mestrado, assim como demais pesquisas que desenvolvi na graduação em História/UFSJ, depende e dependeram de outros sujeitos, outras vozes e experiências interdependentes que me autorizassem a tecer uma escrita nossa. Escrita compartilhada sobre os saberes da nossa gente negra e dos nossos parceiros de uma vida popular e periférica.

É com a filosofia de ubuntu que me aproximo e utilizo da metodologia de história oral no trilhar do meu fazer historiográfico. O método, segundo Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, requer a interação e diálogo, no formato de entrevista, entre a pesquisadora que deseja aprender e o sujeito que mantém o saber sobre o fenômeno estudado⁸⁰ – nesse caso a Festa do Divino. No processo das entrevistas baseamo-nos em Verena Alberti, que por meio do “Manual de História Oral” nos fornece o suporte técnico do trabalho. Que é:

⁷⁷ PAULA JÚNIOR, 2019: 22.

⁷⁸ SLENES, 1992. THORNTON, 2004.

⁷⁹ CASTIANO, 2015 *apud* PAULA JÚNIOR, 2019: 18.

⁸⁰ LANG, 2013: 71-80.

realizar visitas prévias, conhecer o depoente, explicar a proposta da pesquisa, e então convidá-lo (a) para participar e interagir com os estudos. Planejar um roteiro antes da conversa, mas ao mesmo tempo ficar atenta ao desdobramento do diálogo, tendo a maleabilidade de conduzir ou modificar o planejamento sempre que necessário, e também saber dialogar com as dissonâncias.⁸¹ Destacamos que a história oral implica na interação das pessoas envolvidas. Relações de amizade construídas de forma mútua, relações que devem ser respeitadas e tratadas com seriedade ética.

A conversa/entrevista é registrada em áudio ou vídeo. Depois, no processo de arquivamento, fazemos a transcrição da conversa, para compor o corpus documental do trabalho. Que será analisado e interpretado pela pesquisadora, no conjunto de todas as entrevistas realizadas com diferentes pessoas que são (ou foram) mantenedoras do evento que buscamos compreender. De modo que formamos um saber de autoridade compartilhada entre todos os agentes envolvidos no trabalho. Sendo então um método qualitativo e social.⁸² Lang estabelece que o interesse de interagir na pesquisa não parte apenas do proponente do projeto, ocorre de maneira dupla quando o depoente aceita participar. Uma vez que consente e escolhe as narrativas, histórias e memórias que deseja transmitir (ou silenciar) para a formação do encontro de saberes. Vejamos:

“A entrevista é um diálogo entre o pesquisador e o entrevistado, e o diálogo significa o encontro de duas intencionalidades. O pesquisador organiza a pesquisa para o conhecimento de um dado aspecto da realidade, escolhe os entrevistados e fará uso das informações obtidas. O entrevistado, em sua fala, recorre a memória e reconstrói o passado com os valores do presente e com as experiências vivenciadas. Sua narrativa pode conter esquecimentos e omissões deliberadas ou não. O entrevistado tem uma imagem de si e opiniões que deseja transmitir.”⁸³

Martha Abreu, Hebe Mattos e Keila Grinberg nos apresentam o instrumento da história oral como um dos percursos para possíveis articulações da “história social com a história cultural e política.”⁸⁴ Metodologia que nos permite percorrer pela “diversidade cultural e na narrativa de histórias e

⁸¹ ALBERTI, 2004.

⁸² ALBERTI, 2004. LANG, 2013: 71-80.

⁸³ LANG, 2013: 74.

⁸⁴ ABREU, MATTOS e GRINBERG, 2019: 130.

memórias sensíveis, esquecidas e fundamentais para a construção de uma história que inclua todos os brasileiros.”⁸⁵ Nessa perspectiva, ao abordamos a história cultural, da Festa do Divino, como um dos braços do campo social, pretendemos evidenciar de maneira sensível os acordos, conflitos e disputas em torno da devoção ao Divino Espírito Santo na cidade de São João del-Rei/MG.

Foram com os saberes, memórias e vozes de 16 pessoas: Antônio da Silva Serpa, Betânia Nascimento Resende, Damião Guimarães, Eliana Maria dos Passos, Geraldo Elói de Lacerda, Inácia Maria dos Santos, José Raimundo da Costa, José Tadeu do Nascimento, Júlia Maria de Lacerda, Luthero Castorino da Silva, Nivaldo Neves, Samuel Giarola, Teresa Maria do Nascimento, Trindade Expedido das Graças Silva, Ulisses Passarelli e Vicentina Neves Teixeira, que pude traçar uma escrita-oralidade, nosso ubuntu, sobre a Festa do Divino. Mestres culturais que agradeço profundamente pela oportunidade de tê-los conhecido e por terem se disponibilizados a me ajudar na travessia deste trabalho. Muito obrigada! Nossas interlocuções foram registradas através de um mini gravador digital de voz, marca DVR, 16 GB. O que totalizou 35 horas de entrevistas, que após tê-las transcrito formam o banco de dados de 520 páginas escritas em documento de word, fonte Arial, tamanho 12, espaçamento 1,5cm, justificado. Corpus documental que faz parte do acervo da pesquisadora, junto aos registros fotográficos das vezes que estive na festividade, ou de fotos das fotos que os depoentes mostraram no decorrer da entrevista. Nossas conversas, em sua maioria, foram realizadas na residência de cada participante, após agendamento prévio. Apenas duas entrevistas fugiram à regra, foram realizadas em templos religiosos dos depoentes. Em todas as entrevistas nunca saí sem um café, água, lanche, ou até jantar.

Embora tenha passado rapidamente pela Festa do Divino em 2013, comecei a frequentá-la de forma mais assídua no ano de 2015, quando fui apenas para as atividades de Pentecostes, no Dia Maior, por conta dos cortejos das Congadas e Reinados. O que se repetiu no ano seguinte, 2016. Em 2017 conheci e comecei a me inteirar das atividades que envolviam a

⁸⁵ ABREU, MATTOS e GRINBERG, 2019: 132.

procissão de Santo Antônio, com o cortejo das Folias da igreja de São Francisco de Assis até a igreja de Matosinhos. Onde celebram a missa e depois, no adro, ocorre a apresentação dos grupos de Folias e Pastorinhas no coreto de madeira. Coreto montado anualmente especialmente para o festejo do Divino na paróquia. Já nos anos de 2018 e 2019 acompanhei o todo da programação, desde a novena até as atividades finais do Dia Maior. Durante esse tempo viajei em três excursões, para encontros congadeiros, nas cidades de Ibituruna/MG (2017), Passa Tempo/MG (2018) e Bom Sucesso (2019), junto com a CODIVINO e Congado São Benedito e São Sebastião, cujo capitão é José Tadeu do Nascimento, membro da CODIVINO e Imperador. A CODIVINO costuma retribuir algumas das visitas congadeiras que recebe no Dia Maior. Na ritualística dos eventos em que é convidada nos demais municípios, geralmente, recebe o encargo de carregar os andores dos santos celebrados durante à procissão.

O envolvimento com o folguedo me aproximou de alguns dos mantenedores culturais, ao comentar com eles/elas sobre a pesquisa, era comum que sugerissem um nome ou outro para me explicar sobre a história da Festa. Nessa ótica, o critério para a seleção de entrevistados foi conversar com pessoas que tivessem um ou mais encargos no evento. O diálogo deveria juntar (e juntou), sujeitos que constroem/participam/consomem a Festa no presente e aqueles que corroboraram com a reelaboração da tradição. Assim sendo, procurei interseccionar pessoas que, de forma coletiva, ocupam (ocuparam) a CODIVINO. Também imperadores do Divino, foliões do Divino, congadeiros que vão à Festa, moradores do bairro Matosinhos e organização (da antiga) Missa Inculturada. Podemos visualizar as intersecções no quadro um.

QUADRO 1: Interlocutores e atividades que realizam/realizaram na Festa do Divino.

Nome Idade	Cor	CODIVINO	Imperador do Divino	Folia do Divino	Congada	Missa Inculturada/Afro	Morador(a) do Bairro
<i>Antônio da Silva Serpa</i> 71 anos	Branco	Do início aos dias atuais Diretório	Imperador em 2007	Não	Não	Não	Sim
<i>Betânia Nascimento Resende</i> 39 anos	Branca	Não	Não	Embaixada Santa	Não	Não	Nasceu e cresceu.
<i>Damião Guimarães</i> 59 anos	Branco	Cavaleiro do Divino até meados da Festa.	Não	Não	Capitão de Ronda	Não	Não
<i>Eliana Maria dos Passos</i> 61 anos	Preta	Cozinheira chefe da Festa	Não	Não	Não	Sim	Sim
<i>Geraldo Elói de Lacerda</i> 82 anos	Pardo	Do início aos dias atuais Juiz de Mesa	Imperador em 2002	Folia do Divino do Geraldo Elói	Não	Não	Não
<i>Inácia Maria dos Santos</i> 69 anos	Branca	Responsável pelo Café da Festa	Não	Não	Não	Não	Sim
<i>José Raimundo da Costa</i> 59 anos	Branco	Padre Presidente de honra até meados da Festa	Não	Não	Não	Não	Coordenou a paróquia por 20 anos
<i>José Tadeu do Nascimento</i> 59 anos	Preto	Caixeiro de guia da Festa	Imperador em 2004	Não	Congado São Sebastião e São Benedito	Sim	Sim
<i>Júlia Maria de Lacerda</i> 73 anos	Preta	Juíza de Mesa	Não	Pastorinhas Folia do Geraldo Elóis	Não	Não	Não
<i>Luthero Castorino da Silva</i> 65 anos	Pardo	Participou da retomada da Festa	Imperador em 1999	Sanfoneiro em folias	Foi capitão do Moçambique e Catopé São Benedito Mesmo sem grupo segue como Capitão	Sim	Não
<i>Nivaldo Neves</i> 82 anos	Preto	Participou no início, Pausou a interação. Tem retomado a atuação.	Imperador em 2005	Não	Congada Santa Efigênia	Sim Organizador junto ao Grupo Raízes da Terra	Não
<i>Samuel Giarola</i> 18 anos	Preto	Participou por um tempo	Não	Não	Não	Não	Sim Monta altar na própria casa em homenagem ao cortejo congadeiro. Toca sino, solta fogos.

<i>Teresa Maria do Nascimento</i> 73 anos	Preta	Faz parte da acolhida e recepção da Festa,	Não	Folia das Mulheres da Lilia	Congado São Sebastião e São Benedito	Sim	Sim
<i>Trindade Expedido das Graças Silva</i> 70 anos	Preta	Rainha Conga da CODIVINO (nos últimos anos)	Não	Não	Congado São Sebastião e São Benedito	Sim	Sim
<i>Ulisses Passarelli</i> 47 anos	Branco	Fez parte do resgate da Festa Compôs os primeiros diretórios Hoje em dia ajuda na parte da divulgação e dia da Festa. Mas sem estar no diretório	Imperador em 1998	Embaixada Santa	Fez parte da Congada de Santa Efigênia	Não	Não
<i>Vicentina Neves Teixeira</i> 69 anos	Preta	Não	Não	Não	Não	Fundadora do Grupo Raízes Da Terra. Organizadora da Missa Inculturada (atividade que desenvolve em outros bairros e cidades da região)	Não

Os/as interlocutores/interlocutoras de autoridade compartilhada são nove homens e sete mulheres, maiores de idade. oito pretos, dois pardos e seis brancos. Aqui utilizamos a identificação racial conforme os parâmetros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e levamos em consideração que, a categoria negra diz respeito a somatória de pretos e pardos, como explica Sueli Carneiro.⁸⁶ Por esse parâmetro, temos dez pessoas negras e seis pessoas brancas. Dez pessoas que fazem (ou já fizeram) parte da CODIVINO. Seis Imperadores da Corte do Divino. Seis foliões, oito congadeiros, sete pessoas que participaram da Missa Inculturada, sete moradores (ou que viveram) no bairro Matosinhos e um padre. Nossas conversas abordaram a história de vida dos sujeitos entrevistados, com

⁸⁶ CARNEIRO, 2011: 17-18.

destaque para temática da Festa do Divino nas experiências deles. É válido recordar que um dos nossos objetivos fora compreender a festividade pela perspectiva do afro-catolicismo. Outras trajetórias, também envolvidas e atuantes na Festa, poderiam nos levar a descobrir agências diferentes das que encontramos. O que seria de igual importância. Mas, o aqui e o agora, só me são possíveis através das partilhas e conexões estabelecidas com a oralidade das 16 pessoas pela qual fui afetada. Intelectuais e agentes culturais que formam uma rede de associativismo negro, que lhes apresentarei nas próximas páginas. Antes de seguirmos com uma explicação mais específica sobre as duas décadas da reinvenção, manutenção e transformações do folguedo do Divino.

Saliento, porém, que apesar de não ter realizado entrevistas de história oral com Ana Paula Silva de Souza, atual secretária da CODIVINO; Neide Rodrigues, integrante da CODIVINO; Adilson Rodrigues Júnior, Imperador do Divino de 2017; Açucena Nascimento, integrante da CODIVINO; Ivan Campos do Nascimento, Imperador do Divino de 2012 e atual presidente da Comissão, na segunda gestão; Maria das Mercês Maia, integrante da CODIVINO; José Vicente Ribeiro Maia, Imperador no ano de 2018; Ana Luiza Muffato, integrante da Comissão; Francisco José do Nascimento, Imperador do Divino de 2015; Márcia Rosilene da Silva Santos, participante da Festa com quem conversei, mas por problemas técnicos no gravador perdi todo o material do nosso encontro; pessoas que foram essenciais no desdobrar dos meus entendimentos sobre a Festa. Deixo aqui meus agradecimentos por tudo o que aprendi com cada um e por tudo que aprendi com todos: Ubuntu!

1. SONORIDADES (COM) PARTILHADAS

Apresentaremos a história de vida, com destaque nas interações políticas, das 16 pessoas que compartilharam conosco seus saberes culturais. Contaremos como foi o processo de entrevistar cada uma delas. Seguiremos a ordem cronológica das interlocuções para apresentar a sonoridade conectada.

1.1. Antônio da Silva Serpa



FOTO 1: Antônio da Silva Serpa e a custódia do Divino (peça do século XVIII), na vigília de Pentecostes da Festa do Divino, 2019
Foto: Simone de Assis

Antônio da Silva Serpa nasceu em agosto de 1949, é homem branco, natural de Messias de Água Limpa/MG, mas cresceu em São João del-Rei/MG, no bairro Matosinhos. Lugar para onde a família mudou quando ele tinha por volta de dois anos de idade. É casado com a Sra. Aparecida Serpa, pai de três filhas. Aposentado, no entanto, segue com os trabalhos no ramo da hotelaria.

Possui ensino superior. É católico e engajado nas atividades comunitárias do santuário Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Foi coordenador pastoral por muitos anos, sendo o elo de ligação entre padres e as 22 comunidades da paróquia Matosinhos. Esteve ao lado do padre José Raimundo da Costa, quando este, em 1997, levantou a possibilidade de convidar grupos de Congadas para participar da procissão de Pentecostes daquele ano. Ele, junto de outras vezes como a do Sr. Nivaldo Neves, contactou reinadeiros da cidade de Coronel Xavier Chaves, que aceitaram participar das comemorações. Dessa forma, Sr. Antônio, faz parte da equipe que em 1998 constituiu a Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo – CODIVINO. Pessoas que voluntariamente tiraram uma parte dos afazeres cotidiano individual para sonhar coletivamente, planejar e, depois, concretizar o novo formato da Festa do Divino em São João del-Rei/MG.

Sr. Antônio, ciente do histórico de repressão da festividade no passado, carregou o papel de refletir, comunitariamente e durante a novena, sobre as demandas do tempo em que viviam, no bairro urbanizado, dinâmico e da classe trabalhadora branca, parda e preta, de Matosinhos. Nessa ótica, a reelaboração das festividades do Divino, com as práticas culturais e sagradas expressas nas Folias, Corte do Divino, Congadas, também a parte de lazer, com músicas de viola, dança de fita, barracas de quermesse e afins, tudo isso, seria promissor para as reflexões cidadãs do município.

Lembramos ainda que os anos 90 foram palco de amplas movimentações e associações negras na cidade de São João del-Rei/MG. Sobretudo entre congadeiros e organizadores da Missa Inculturada, correlacionada com Agentes de Pastoral Negros – APN, junto às Comunidades Eclesiais de Base – CEB's, nos bairros periféricos São Geraldo e São Dimas. Sendo algumas dessas agências, Associação de Congadas Santa Efigênia, fundada em 1994, e, o Grupo Raízes da Terra, fundado em 1996. Essas diferentes entidades e paróquias estavam conectadas, dispostas a fazer um trabalho de base no respeito comum à vida. Sr. Antônio é voz e corpo aliado às causas negras. Respeita e comunga dos encontros ecumênicos que a festividade fomenta. Não apenas no evento, também dentro no âmbito familiar, com a filha que é sacerdotisa evangélica, na função de Pastora e teóloga.

Sr. Antônio é coroado Imperador do Divino no ano de 2007. Cabe sublinhar que, conforme dizem, não existe ex-imperador. Uma vez coroado a pessoa é e seguirá nesta condição, mesmo que a cada ano passe a coroa para outro companheiro da corte. Ele participa do conselho editorial, além de ser um dos escritores, do Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos.

Ao que se refere a CODIVINO, Sr. Antônio já esteve na mesa administrativa algumas vezes, ficou um período afastado e atualmente é o vice-presidente, na diretoria 2020-2022. É um dos planejadores do cronograma celebrativo, principalmente no domingo de Pentecostes. Ele destaca que o Dia Maior adquire temporalidade própria, pois durante os cortejos, na igreja e demais espaços de sociabilidade da Festa, a poética e genialidade congadeira expressa nas músicas, versos, toques e danças, acontecem no improviso e precisam ser respeitadas. Nas palavras dele:

“Eles têm uma devoção e um respeito! Eles não entram ali batendo porque eles acham bonito, não. Eles estão batendo porque eles têm... E as músicas não são musiquinhas de carnaval, não. A música tem, sabe, é tirada mesmo. O cara faz verso ali que não é qualquer poeta que tem não. Aquilo ali não é copiado, não. Tem cara, tem capitão aí que faz na hora, ali, faz para o Imperador, se tiver um prefeito ele faz, o cara é gênio.”⁸⁷

O Imperador Antônio, é uma das pessoas que mobiliza patrocínio e patrocinadores para a permanência da Festa, uma vez que ela é realizada com os recursos que a CODIVINO levanta, não há investimento do dízimo do santuário de Matosinhos para a festividade do Divino. Diante das mudanças que vêm acontecendo desde a consolidação da Festa, posterior a troca de párocos, em 2011, Sr. Antônio é uma das potências que segue em resistência para a manutenção das múltiplas expressões que percorrem o folguedo.

Conheci Sr. Antônio Serpa no ano de 2017, fui apresentada a ele pelo Imperador daquele ano, Adilson Rodrigues Júnior. Que me disse: “o Sr. Toninho sabe de todas as histórias da Festa, tem muito material, é com ele que você precisa conversar.” No ano seguinte, em 2018, após a descida dos mastros no domingo de Pentecostes, Sr. Antônio me entregou em mãos Informativos dos anos de 2011, 2013, 2014, 2015 e 2016, livretos dos anos de

⁸⁷ Entrevista concedida por Antônio da Silva Serpa a Simone de Assis, em Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos, São João del-Rei, 16/12/2018.

2017 e 2018, cartaz de 2012. Fiquei muito feliz pelo valioso material impresso confiado e doado a mim. Nossa entrevista aconteceu numa tarde de domingo, 16 de dezembro de 2018, na casa de dona Guiomar, a mãe dele, na comunidade Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos. Uma conversa de mais de 2 horas, transcrita em 57 páginas. Com pausa para tomar uma deliciosa vitamina de banana feita por dona Guiomar. Sr. Antônio também me mostrou a ata de 1949 e sinalizou algumas páginas que poderiam ser consultadas no livro da CODIVINO. Aproveitei o ensejo para deixar grafado meus agradecimentos pela aula e partilha de saberes dele, que me aproximaram da “família do Divino”, na paróquia de Matosinho. Muito obrigada! Salve o Divino!

É importante pontuar que além da entrevista de história oral, consultei o artigo “*Comissão do Divino: Criação/Desafios/História/Consolidação*”, escrito por Antônio da Silva Serpa, no Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, Ano XIV, n.14. Junho de 2011, para narrar sobre a história do Sr. Antônio no diálogo com a Festa do Divino.

1.2. Vicentina Neves Teixeira



FOTOFRAME 3: Vicentina Neves Teixeira no documentário “Consciência Negra”, 9º episódio do projeto jornalístico URBE – Olhares sobre São João, UFSJ, 2018

Nguzo! É com a saudação bantu, referente à força vitalícia do Sol, que começo a escrever sobre Vicentina Neves Teixeira, uma mulher preta de 70 anos de idade que é uma verdadeira estrela solar. Nascida em julho de 1950, no bairro São Geraldo, na cidade de São João del-Rei/MG. Ela é mãe de cinco filha(o)s, avó de cinco neto(a)s e bisavó do Pedro, o pequeno “*tamborzeiro*” de quatro anos de idade, como nos diz. A narrativa que traçamos é embasada na entrevista de história oral que realizei com a Sra. Vicentina no dia 4 de abril de 2019, na casa dela. Um registro em áudio e transcrição que compõe o acervo da pesquisa. Tarei informações obtidas no livro de ata do Grupo de Inculuturação Afro-brasileira Raízes da Terra, fundado e presidido por dona Vicentina. Documento que me foi permitido consultar e fotocopiar. Também tarei considerações verbalizadas por ela no documentário, “Consciência Negra”⁸⁸, que é o nono episódio do programa jornalístico URBE – Olhares

⁸⁸ Para assistir o documentário “Consciência Negra”, 9º episódio da URBE – Olhares sobre São João, UFSJ acesse o link:

<https://www.youtube.com/watch?v=W0KpOppi8UM&fbclid=IwAR3NBi3er03orGHwc0RzcDjc7kb dKZWbMYN5LRvC8HyMXEbBkhLkM6wqVx>

sobre São João, UFSJ.

Vicentina provém de uma família trabalhadora, católica e ligada com práticas coletivas da comunidade em que mora, São Geraldo. Da mãe, que ajudava festeiras do bairro, como dona Loide, a preparar alimentos para os encontros das chegadas de Folias de Reis (janeiro), Congadas (maio ou outubro), o padroeiro local São Geraldo (outubro), etc., herdou o apreço pelas festas negras. Do pai, adquiriu inquietações políticas e memórias que evocam a circularidade do tempo: “*tem a época das vacas magras*”, no tempo da “*sobrevivência*”, um momento que requer maior mobilidade e “*conscientização*” para o “*soldado que gosta de lutar sem arma*”, e que tem “*a palavra*” para gerar transformações, como ela nos contou.⁸⁹

Dona Vicentina foi coroada rainha Conga aos 17 anos de idade, no Reinado da comunidade, no final dos anos 60. Nas reflexões da juventude, porém, diante da estrutura racista da sociedade são-joanense, de “*pessoas que punham medo*”, começou a ter “*pavor de Congado, o toque da Capoeira*” e demais manifestações afro-brasileiras. No entanto, já no final dos anos 80, iniciou o processo de uma construção reflexiva com letramento racial, através de análises provocadas nos “*encontros das Comunidades Eclesiais de Base – CDB’s*”, que frequentava. As CEB’s eram promovidas pelos padres Hilário e Dário (posteriormente), da vertente salesiana,⁹⁰ ligados à Teologia da Libertação. Também o padre Raimundo, já falecido, um padre negro e congadeiro ligado Pastoral Afro-brasileira- PAB.⁹¹ Essas organizações são um ramo da Igreja Católica que, de acordo com Frei Beto, opta por denunciar e combater situações de injustiça social e exclusão racial. É um setor progressista da Igreja que visa a politização da fé na América Latina, o engajamento e a dignidade cidadã dos oprimidos, no fortalecimento das lutas de classe e raça.⁹²

Dona Vicentina narra no documentário, “Consciência Negra”, que em 1988 a mobilização católica brasileira na Campanha da Fraternidade – CF,

⁸⁹ Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

⁹⁰ Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019. Também livro de ata do Grupo Raízes da Terra.

⁹¹ <https://cnbbs2.org.br/pastoral-afro-brasileira/>

⁹² BETTO, 1979: 131-132.

propôs como tema: “Fraternidade e o Negro” e lema: “Ouvi o Clamor deste Povo”. Questões que através da CF, fervilhavam nos processos de conscientização da negritude, nos movimentos negros das cidades mineiras, dentre outras país afora.⁹³ Lembramos que o ano de 1988 carrega a marca efeméride do centenário da Abolição, 13 de Maio de 1888. Por esse prisma, as reivindicações negras por equidade, leis trabalhistas, saúde de qualidade, educação antirracista e ações afirmativas, circulavam de forma efervescente entre pessoas, coletivos e entidades que disputavam projetos de nação mais democráticos e plurais.

A história de dona Vicentina nos faz perceber que o final dos anos 80 e início dos anos 90 trouxeram a formação de uma expressiva rede de reconhecimento e (re)ação racial em São João del-Rei/MG. O primeiro grupo de consciência negra que se formou na cidade, do qual ela fez parte, é o MOSCADO, com sede no bairro Tijuco.⁹⁴ Depois da experiência e trocas de saberes lá, dona Vicentina, ao lado do Sr. Nivaldo Neves e dona Efigênia Vicentina Neves – a Genica –, e demais moradores do bairro São Geraldo, formaram a Associação de Congadas Santa Efigênia, fundada em 1994. Um dos desdobramentos da Associação é a formação do grupo de consciência negra Raízes da Terra, em 1996, que começou como um movimento popular, com mais de 50 integrantes, cuja coordenadora foi (e ainda o é) Vicentina Neves Teixeira, de acordo com o livro de atas do coletivo.

Os registros do Raízes da Terra, mostram que de início, o grupo se reunia para estudar “*liturgia afro*”, liam passagens bíblicas, conversavam sobre espiritualidade e antepassados, cantavam hinos de louvor aos santos católicos, como São Benedito. Mas também dialogavam sobre ervas e plantas da medicina popular, em uma perspectiva do “axé” das raízes da terra. Cada membro contava sobre a própria vida, em trocas de fortalecimento mútuo. O grupo, em parceria com a comunidade acadêmica da UFSJ, mobilizava aulas de reforço para as crianças do ensino fundamental do bairro. Conseguiram

⁹³ Para assistir o documentário “Consciência Negra”, 9º episódio da URBE – Olhares sobre São João, UFSJ acesse o link:

https://www.youtube.com/watch?v=W0KpOppi8UM&fbclid=IwAR3NBi3er03orGHwc0RzcDjc7kb_dKZWbMYN5LRvC8HyMXEbBkhLkM6wgVx

⁹⁴Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

cursos de datilografia para moradores do São Geraldo, no galpão da igreja Dom Bosco, na época em que os padres salesianos, Hilário e Dário, coordenavam a paróquia. O coletivo organizava três festas no bairro: no mês de maio com a temática da abolição; em agosto era realizado a festa do Rosário, com encontros de Congada; em novembro a festa do Zumbi, em referência ao dia da consciência negra. As atividades dos festejos se davam através de peças teatrais, roda de samba, capoeira, desfiles de beleza e demais atividades. Em 1997, após um encontro ecumênico no Estado do Maranhão, ao qual alguns integrantes do grupo vão, e no diálogo com as ritualísticas que já desenvolviam, inserem na festa do Rosário, em agosto, a Missa Inculturada, também chamada de Missa Afro.⁹⁵

As missas Inculturadas coordenadas por dona Vicentina e o grupo, ocorriam, em partes, como nas reuniões do coletivo. Era colocado um tecido de chitão no chão, no caso da igreja, próximo ao altar, ali comidas como broa, pipocas, canjicas, rapaduras, frutas eram ofertadas para serem consagradas e depois, no fim da cerimônia, compartilhada com as pessoas do local. As músicas da missa eram cantadas pelo grupo, que levavam instrumentos percussivos e vestiam roupas com estampas étnicas, além das tradicionais canções litúrgica, inseriam cantos que abordavam questões dos negros no Brasil, e/ou palavras afrodescendentes. Essas missas, de início, receberam críticas, pois era algo completamente novo na cidade. O Pe. Hilário, entretanto, motivou que a Missa Inculturada acontecesse ao menos uma vez por mês, com o objetivo de os críticos entenderem sobre o movimento de inculturação da Igreja com as culturas dos oprimidos. Na circunstância, a cultura afrodescendente. Afim de promover respeito e participação de todos os devotos. Foi o que aconteceu no bairro São Geraldo.

As Missas Afros, roteirizadas em um trabalho de educação antirracista, realizadas por dona Vicentina e todas as pessoas do Raízes da Terra, passaram a ser referência na região. Foram convidados para ir a cidades como Piedade do Rio Grande/MG, no ano de 1997, durante a festa da Congada e Moçambique de lá. Mas não só, foram convidados para ir aos municípios de Coroas/MG, Barroso/MG, Barbacena/MG, dentre outras, para diferentes

⁹⁵ Livro de Atas Grupo Raízes da Terra.

cerimônias e celebrações ligas às CEB's e PAB's que movimentavam as demandas negras da região, no diálogo com o catolicismo.⁹⁶ O reconhecimento também se deu na cidade de São João del-Rei/MG, é quando retomamos a ambientação para a Festa do Divino, no bairro Matosinhos. O grupo recebeu um convite de Ulisses Passarelli, em nome da CODIVINO e padre Zé Raimundo, para ajudar na construção da Missa Inculturada, na programação de sexta-feira da Festa Divino do ano de 1999. Foi com prontidão que, após consultar as pessoas do Grupo, dona Vicentina disse sim.⁹⁷

Foram 12 anos de parceria, conforme nos narra dona Vicentina:

“A gente fez 12 anos de Missa Inculturada lá com o padre Zé Raimundo, ele sendo pároco da paróquia do Bom Jesus de Matosinhos. Então foram 12 anos dessa atividade. Ele tinha um entusiasmo de vir até aqui, trazia carta e perguntava o que precisávamos. Então, ele dava toda abertura pra gente. Ele queria ver o roteiro, que isso é importante para não chocar as pessoas. Mas a Comissão do Divino, a cada ano, eles queriam que explorasse um tema. Isso a gente fazia porque era sempre dentro da Campanha da Fraternidade.”⁹⁸

A interrupção da presença do Raízes da Terra na organização da Missa Inculturada, na Festa do Divino, se deu por uma série de atravessamentos ligados à intolerância religiosa, que iremos narrar no tópico específico sobre a Missa no Capítulo II. Por ora, apresentaremos o desfecho decidido por ela e o grupo, que fora o de se retirar do evento. Vejamos:

“Mas a gente não participa mais da Missa em função de que, o que a Comissão reclamou? Que eles esperavam muito mais. Aí a gente fez uma carta pedindo licença para a gente se retirar. A Isabel nossa secretária, desde o começo do grupo, então a Isabel, eu falei com ela: “vamos fazer uma carta e mandar para a Comissão do Divino, falando que, infelizmente, as pessoas que a gente tem para estar trabalhando essa celebração são essas. Então que, infelizmente, mais a gente não tem.”⁹⁹

É válido dizer que dona Vicentina mantém Informativos do Jubileu do Divino Espírito Santo de Matosinhos, fotografias, roteiros das missas desenvolvidas, assim como demais arquivos materiais que trazem as memórias

⁹⁶ Livro de Atas Grupo Raízes da Terra.

⁹⁷ Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019. E livro de atas Grupo Raízes da Terra.

⁹⁸Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

⁹⁹ Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

dela no festejo. Ela me emprestou para fotocopiar os Informativos dos anos 2001, 2002, 2006, 2007 e 2010. Ela segue sendo referência e atuando em organizações de Missas Inculturadas na cidade de São João del-Rei/MG. É a coordenadora da Missa Afro nas comemorações de São Benedito, da igreja do bairro Bonfim. Também do bairro São Dimas, na festa do Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, liderado por Maria Auxiliadora Mártir. No ano de 2018 e 2019, iniciou uma parceria com a Congada Nossa Senhora do Rosário e Escrava Anastácia, na cidade de Tiradentes/MG, que em 2019 realizou seu VI Encontro de Congado. Uma atividade que nos últimos anos conecta congadeiros da região das Vertentes, na união e fortalecimento das lutas do afro-catolicismo. Como nos diz Vicentina:

“O congadeiro que é o Preguinho, lá do Congado escrava Anastácia, é uma gracinha o congadeiro. Ele e a família dele são gente muito boa, de uma... sabe? Pessoa muito bacana. Então, convidou para que a gente possa estar, assim, trabalhando mais perto, ali. O Tadeu¹⁰⁰ também está muito entusiasmado. Esse Tadeu que foi, lá da Rua Santos Dumont, está muito entusiasmado também. Então a gente vai ver o que a gente vai estar fazendo esse ano, assim, com mais espaço de tempo, para que não seja um dia só. Porque a gente foi para as escolas o ano passado (2018), com chuva, sem chuva. Fez celebração. Fez toque. Mas o fechamento mesmo foi em Tiradentes.”¹⁰¹

Gostaríamos de salientar que na trajetória de dona Vicentina, ela se torna filha de santo no Candomblé, Ilê Axé do Babalororixá Roberto, na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Também visita terreiros de Umbanda e centros Espiritas kardecistas. Abraça de forma respeitosa as distintas crenças por qual percorre, ao mesmo tempo em que mantém a base cristã, nos princípios que aprendeu com as CEB.

“Hoje, tem 11 anos, que eu estou também na religião do Candomblé. Mas não deixo de ser cristã. Sabe? Porque eu não nasci no Candomblé. Quer dizer que a gente já tem uma referência de católico, de cristão, que a gente vem trazendo. Eu tenho uma bagagem muito boa como católica. E isso faz com que eu respeite as outras religiões. Faz com que eu respeite. E esse respeito eu adquiri

¹⁰⁰ O Tadeu mencionado é o capitão do Congado São Benedito e São Sebastião, do bairro Matosinhos, São João del-Rei/MG. Traremos parte da história de vida dele neste trabalho.

¹⁰¹Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

*através das Comunidades Eclesiais de Base.*¹⁰²

É importante pontuar que o movimento popular de consciência negra, Raízes da Terra, em quase dez anos de atuação adquiriu estatuto jurídico cultural, com registro em cartório no ano de 2005, fundaram o Grupo de Inculturação Afro-descendentes Raízes da Terra. Formaram, na segunda metade dos anos 2000, o grupo de Maracatu Raízes da Terra, ainda sob a liderança de dona Vicentina, em parceria com o Inácio Elentério. Atualmente, a mulher à frente do maracatu é a Mirian Teixeira, filha de dona Vicentina. Embora a mãe ainda seja uma presença ativa. Não apenas no cenário cultural afro-mineiro, como também no cenário político, onde integra o Conselho da Mulher, da cidade de São João del-Rei/MG.

Dona Vicentina, fora uma das idealizadoras da batucada “Acorda São João”, ao lado do percussionista André Mendes, e demais pessoas, na programação política e educativa do 20 de Novembro, dia nacional da consciência negra. Atividade em conexão com a festa de Zumbi, organizada pelos movimentos negros do São Geraldo. Como contou, “*nós fizemos 15 anos de Acorda São João. Sabe?*” Manifestação que começa, literalmente cedo, com vários grupos percussivos e movimentos sociais. No sentido de despertar a cidade com batuques, simbolicamente, evidenciando as agências negras que lá percorrem. No ato, realizam trajetos que ligam os pontos turísticos do centro histórico barroco.

Foi justamente em um destes “Acordas” que conheci dona Vicentina, no ano de 2013, quando me mudei para cidade. Depois do cortejo, houve feijoada no salão comunitário do São Geraldo. Saímos a pé, da praça da Estação e fomos cortando caminho por uma escadaria enorme que liga o centro ao morro São Geraldo. Fiquei pasma e inspirada ao ver o pique daquela mulher. Nós fomos as últimas na caminhada e subida da escadaria. Eu a novata com atalhos da cidade, Samuel Rosa, são-joanense graduando no curso de Biologia, na época ligado aos Movimentos Negros e Estudantis da UFSJ, e, ela, dona Vicentina, a estrela solar da caminhada. Só depois da chegada dela no salão comunitário do São Geraldo, que proferiu um discurso pelo dia de luta,

¹⁰² Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

é que a feijoada, com couve, vinagreta, arroz, farofa e laranja, começou a ser servida, gratuitamente, para todos/todas/todes. Aquele momento que nos permite compreender a frase dos movimentos negros: “Valeu Zumbi! Faremos Palmares de novo!” Nguzo!

1.3. Luthero Castorino da Silva



FOTOFRAME 4: Luthero Castorino da Silva, no documentário “Eu aprendi Macumba”. Filme dirigido e produzido por Rafael Teodoro, 2015.

Luthero Castorino da Silva, nasceu na cidade de São João del-Rei/MG, em julho de 1955. Filho de Erotedes Pereira da Silva e Nelson Castorino da Silva, pais que o nomearam em homenagem à Consolidação das Leis do Trabalho, promovida por Getúlio Vargas. Nas palavras dele:

“Resolveu dar o nome de Luthero. Não por religião. Porque na época Getúlio Vargas criou a CLT, Consolidação das Leis Trabalhistas, e começou a assinar a carteira do povo, porquê antes não tinha a carteira assinada. E queria fazer homenagem, se nascesse menina ia se chamar Ruth, se nascesse menino, na época que só tinha dois sexos, ia se chamar Lutero, em homenagem aos filhos do Getúlio Vargas. Ruth Vargas e Lutero Vargas.”¹⁰³

O nome politizado, pela base familiar do Sr. Luthero, o fez herdar e edificar posturas também politizadas, de uma existência atuante, criativa e criadora de trabalhos e afazeres socioculturais. Aos 65 anos de idade, Sr. Luthero é casado com a Sra. Aparecida Santos, tem dois filhos, Sheila Cristina e Anderson, que lhes deram cinco netos.

É músico, tocador de acordeão e berrante, uma habilidade que o aguçara desde criança. Como nos contou: *“a minha cabeça era voltada sempre*

¹⁰³ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

para a música, banda de música do Exército Brasileiro. Mas o preconceito, o meu pai maquinista, ferroviário, e música é coisa de vagabundo, de não sei o que, não facilitava as coisas não.”¹⁰⁴ Para não preocupar o Sr. Nelson e nem abdicar dos anseios pessoais, Luthero, na adolescência, trabalhou com o pai e os tios na ferrovia da Estação Oeste em São João del-Rei/MG, enquanto estudava, as escondidas, no conservatório da cidade. Dessa forma, aprendeu a tocar acordeão e clarinete.

Na vida adulta, já no matrimônio com a dona Aparecida, dedicava-se para entrar na banda do Exército, mas não atingiu a façanha por ter que mudar de cidade na procura por melhores condições de trabalho. Foi ser maquinista em uma fábrica de cimento na região de Barbacena/MG. No fim dos anos 90 voltou, com a família, para São João del-Rei/MG. Momento em que trabalhou como servente de pedreiro e retomou os dotes musicais com o acordeão. Embora não tenha participado de uma banda instrumental, foi parar em um grupo de música, dança e devoção, a guarda congadeira do capitão Camilo, no bairro São Dimas. Lugar onde exerceu o papel de sanfoneiro e foi iniciado nos saberes do Rosário – reinados Congos. Recebera do Mestre Camilo e do Mestre Luiz Santana os segredos e formação de Capitão da Congada.

É com esse saber, da cultura negra, que o Sr. Luthero participa da construção da CODIVINO e contribui com a reelaboração da Festa na paróquia Matosinhos, no ano de 1998. Uma atuação que também lhe trouxe o emprego de apresentador na rádio Emboabas. De acordo com o que narrou, ao ir participar da entrevista para divulgar a Festa do Divino na rádio, o locutor que o entrevistara, Waldir Gomes, ficou impressionado com a sua oratória e desenvoltura, tanto que falou ao vivo: *“estamos aqui diante de um locutor nato! Se quiser trabalhar na rádio vou conversar com o Zé Menino.”*¹⁰⁵ Após algumas semanas o radialista realmente o procurou, com a proposta de emprego na rádio Emboabas. Sr. Luthero aceitou o convite e desenvolveu o projeto “Chão Mineiro”, que foi ao ar por 12 anos consecutivos, de 1998 a 2010. Como explica: *“o meu projeto, o programa Chão Mineiro tem por finalidade exaltar a*

¹⁰⁴ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

¹⁰⁵ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

*terra, as bandas de música, Congada, a cultura local, esclarecer e politizar a população.*¹⁰⁶

Participativo e coerente com os saberes culturais, Sr. Luthero aproveitou o espaço midiático para democratizar o conhecimento congadeiro e as demais expressões regionais. Ademais, reconhece o próprio papel de sujeito ativo nas escolhas que faz, como ressalta: *“a gente não tem faculdade, mas não é analfabeto. E também a minha cultura é de rua. Eu leio o jornal, eu cato até papel na rua para ler, livros.”*¹⁰⁷ Informado, crítico e criativo o locutor nos diz que deixou sair de cena o eu social, Luthero, para dar vida e representatividade ao apresentador do programa, Zé Mineiro. Vejamos: *“o Luthero foi apagado e nasceu o Zé Mineiro. Por quê? Programa Chão Mineiro.”*¹⁰⁸

Sr. Luthero, além dos compromissos culturais, também atuou em práticas esportivas. Após aprender judô, já na condição de Sensei (professor), desenvolveu trabalhos comunitários da mesma forma que aprendera, com aulas gratuitas para crianças das comunidades periféricas são-joanenses. No início dos anos 2000 tornou-se capitão e fundador do Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, do bairro São Dimas, ao lado da capitã Maria Auxiliadora Mártir.¹⁰⁹ Recentemente fundou o Moçambique Nossa Senhora do Rosário, no bairro Solar da Serra, liderado pelo genro Jailton Braga.

Ao que se refere à Feta, ele foi eleito o segundo Imperador do Divino Espírito Santo, em 1999. Na festividade, conforme narrou: *“eu era capitão de Congo, eu era Imperador, eu era da Comissão [do Divino], eu era congadeiro, eu era radialista e eu tinha que conciliar tudo.”* Hoje não atua em nenhuma das frentes, mas segue vivaz nos compromissos sagrados e utopias criadoras, como nos disse:

“A batida do negro é uma só. São sete irmãos do Rosário e a hierarquia em 1º lugar. (...) “Ê, capitão!” A cantoria, interpretação: “não deixa a toalha cair.” (...) Não precisa ser inimigo. Cada grupo tem a sua característica, cada um tem a sua particularidade. (...)

¹⁰⁶ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

¹⁰⁷ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

¹⁰⁸ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

¹⁰⁹ ASSIS, 2019.

Grande tem que ser a nossa fé. Não é o grupo de Congado. Não é o número de participante, de dançante, de soldados. Isso eu aprendi e nós vamos morrer sem saber nada. Eu aprendi com uma capitã, ou capitão, é comum de dois gêneros. (...) Eu tinha uma utopia de criar um grupo no São Dimas, passou o sonho e está lá funcionando. A utopia de criar no Solar da Serra, criei e deixei para o meu genro. (...) O importante é o Rosário, a bandeira estar lá. Tem um capitão? Tem. Tem dois caixeiros. O resto Deus inteira. O Rosário inteira. (...) Eu pretendo criar um grupo, ainda não morri, 64 anos¹¹⁰, ufa!¹¹¹

A conversa com Sr. Luthero foi na casa dele, em julho de 2019, em alguns momentos com a presença de dona Aparecida, a esposa dele. Um diálogo registrado em áudio que durou 3 horas e 15 minutos. Já conhecia o Sr. Luthero de encontros congadeiros, palestras e filmes exibidos no Centro Cultural da UFSJ, também conheço parte da família consanguínea dele, alguns do Ilê Axé Omolocô Ti Oxóssi Ogbani. Ilê em que eu frequentava, assim como Sr. Luthero, na parte dos consulentes. Luthero é um intelectual orgânico e é um dos guardiões do patrimônio imaterial da cultura negra na cidade de São João del-Rei/MG. No Capítulo II trataremos mais das contribuições que ele deixou para consolidação da Festa do Divino. Antes de encerrar o tópico acionaremos as palavras-oração que a persona, Zé Mineiro, proferia na abertura do programa na rádio Emboabas:

“Bom dia quem é de bom dia. Boa tarde quem é de boa tarde. Boa noite quem é de boa noite. Dá licença quem é das zero horas. Salve nosso povo da esquerda! Salve nosso povo da direita! Salve nosso povo do centro! Santa Catarina vai guerrear. Santa Clara que vai clarear. Senhora do Rosário com seu manto azul que vai abençoar. Divino Espírito Santo que vai nos orientar. Mais uma vez estamos pedindo licença para modo de entrar em vosso cazuá, na sua casa, na porteira, no curral, na fazenda, na boleia do caminhão, com o programa: Chão Mineiro. Presentador, é nós, o Zé Mineiro. Mas antes, porém, vamos de oração, vamos pedir ao criador, ao poder supremo, para modo de mais um dia de trabalho, mais um dia de labuta.”¹¹²

¹¹⁰ Na data da entrevista Sr. Luthero tinha 64 anos.

¹¹¹ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

¹¹² Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

1.4. Teresa Maria do Nascimento



FOTO 2: Teresa Maria do Nascimento no Dia Maior – Domingo de Pentecostes, da Festa do Divino, 2018
Foto: Simone de Assis

Alegria e sorriso solto são palavras que me vêm em mente quando lembro e começo a escrever sobre Teresa Maria do Nascimento. Uma mulher preta que nasceu em março de 1947, em Cangalha, distrito de Ritópolis/MG. Aos 73 anos de idade segue batucando na ala da bateria GRES Girassol; toca timba, pandeiro ou chocalho no Congado São Benedito e São Sebastião, do bairro Matosinhos; integra a CODIVINO; participa da Folia das Mulheres da Lilia; compõe a Irmandade do Santíssimo; reza no Apostolado de Oração; é membra da Legião de Maria e da Irmandade do São Miguel e Alma, tudo em São João del-Rei/MG. Nela mora a sede do viver, inspirada na avó paterna Maria Clara, que manteve lucidez e vivacidade até os 115 anos de idade.

Dona Teresa é casada com Sr. Emanuel Firmino do Nascimento há mais de 50 anos. Do matrimônio tiveram dez filhos. Três deles moram junto com os ancestrais hoje em dia. Dos outros sete, recebeu netas e netos. É uma mulher de fé, realizada e feliz, como nos contou: *“Hoje eu sou uma mulher realizada, feliz! Muito feliz mesmo com as graças de Deus, que eu tenho muita fé. (...) Eu falo, Deus na frente e chamo todos os santos: “vamos embora comigo. Vamos embora”. É, ué! Graças a Deus, sou uma mulher realizada.”*¹¹³ Parte das realizações de dona Teresa também vêm pelo fato dela ser aposentada e desfrutar dos direitos trabalhistas, conforme disse: *“olha, eu trabalhei muito de lavadeira. Eu fui lavadeira, sabe? Lavei bastante roupa de fora, tudo. E com isso eu paguei o meu INPS e hoje eu sou aposentada. Graças a Deus eu sou aposentada!”*¹¹⁴

Teresa é filha de Maria Augusta e José Antônio dos Santos, conhecido como Cangalha, por conta do lugar de onde viera. O pai trabalhava na lavoura e a mãe zelava pela casa, mas optaram por mudar de cidade para conseguir melhores condições de trabalho e de vida. Porém, a região segue nas memórias e conexões de pertencimento de dona Teresa, que narra o seguinte:

*“Agora ver, né, nasci lá na Cangalha, um lugarzinho pequenininho, sabe? E era muito bom! E eram poucas casas, sabe? E a gente morava ali, a Teresa nasceu ali. O umbigo da Teresa está lá na Cangalha. Mas aí depois com o tempo, passado o tempo, muita dificuldade, foi ficando difícil as coisas. A minha mãe e meu pai, que minha mãe chamava Maria Augusta, aí minha mãe, eles, resolveram vir para cá, para São João. Aí eu vim pequenininha para cá.”*¹¹⁵

Vejamos nas palavras de dona Teresa como foi a reaproximação dela com o saber ancestral dos reinados Congos, que contou com a intervenção e convite do capitão Tadeu, do Congado São Benedito e São Sebastião, do bairro em que moram:

“Eu acompanhava, eu achava bonito e eu ali atrás, dançando também. Eles iam na frente tocando e eu atrás. Ia que ia. Aquilo mexia comigo porque o meu pai era congadeiro. O pai da Trindade, minha prima, era congadeiro, já é coisa que vem, é coisa. E eu tinha

¹¹³ Entrevista concedida por Teresa Maria do Nascimento a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 14/06/2019.

¹¹⁴ Entrevista concedida por Teresa Maria do Nascimento a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 14/06/2019.

¹¹⁵ Entrevista concedida por Teresa Maria do Nascimento a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 14/06/2019.

pavor de Congado porque eu tinha medo. Sabe? Eu tinha medo daquilo. [Risos]. E acaba que eu virei congadeira também. Virei congadeira. Aí teve um dia que eu acompanhando o Tadeu, ele falou: “ô Teresa, se você ficar acompanhando assim”, porque os outros ficavam prestando atenção em mim, [risos] porque eu ficava dançando tudo. Aí pega e falou: “Teresa, entra para o Congado?” Aí depois pensei, pensei, pensei, resolvi e entrei. E estou até...”¹¹⁶

Teresa é uma pessoa cativante na paróquia do Matosinhos, ela se faz notar e ter a presença requisitada. Da mesma forma que foi convidada para compor o Congado do capitão Tadeu, recebeu incentivos para participar da CODIVINO, dessa vez pela própria prima, Trindade, conforme nos disse:

“Agora você pensa bem se pode uma coisa dessa, eu não era da Comissão do Divino, mas você escuta só, quando tinha esses cortejos que vem do São Francisco para cá, eu entrava no meio também. Eu punha uma roupa vermelha e punha uma coisa vermelha e vinha acompanhando, vinha dançando também atrás. Aí quando vê, até essa Trindade mesmo, minha prima, é que falou: “Teresa entra, boba.” Eu peguei e entrei para Comissão e é aonde eu estou hoje também. A gente participa e ajuda, é assim. Quando chega a época da festa, chega o dia de marcar as tarefas, aí um faz uma coisa, o outro faz outra, vai naquela correria.”¹¹⁷

São as considerações de dona Teresa, sobre a tradicional Festa do Divino na paróquia de Matosinhos, que demos uma adaptada para nomear esta dissertação. Ela contou que: *“a festa do Divino Espírito Santo não vai acabar, não pode. Não pode porque é coisa de raiz, é cultura.”* Cultura esta que será narrada de maneira mais específica adiante. A entrevista com a dona Teresa foi realizada na manhã de 14 de junho de 2019, na casa dela. Que além da conversa me mostrou fotografias antigas do festejo, as roupas que usou nas encenações das Missas Inculturadas, também os instrumentos percussivos que toca. Ela guarda com zelo esses pertences da cultura material negra que ajuda a tecer nas práticas da cultura imaterial da cidade de São João del-Rei/MG.

¹¹⁶ Entrevista concedida por Teresa Maria do Nascimento a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 14/06/2019.

¹¹⁷ Entrevista concedida por Teresa Maria do Nascimento a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 14/06/2019.

1.5 Trindade Expedito das Graças Silva



FOTO 3: Trindade Expedito das Graças Silva, rainha Conga do Congado São Benedito e São Sebastião, Matosinhos, São João del-Rei/MG, no VI Encontro de Congados de Tiradentes/MG, 2018
Foto: Simone de Assis

Terra é a força que embala a trajetória de Trindade Expedito das Graças Silva. Mulher preta de 70 anos de idade. Filha de Inácia Maria de Jesus e Francisco de Assis Santos, nasceu no distrito de Cangalha, na cidade de Ritópolis/MG, em agosto de 1950. Neta de Maria Clara de Jesus e Antônio Quirino de Jesus Santos, por parte do pai. Viúva de três maridos. Mãe de seis filho(a)s, cinco biológicos e um do coração. É artesã e desenhista, pintora de telhas e quadros. Têm mãos que costuram e que manuseiam à terra, no preparo de deixá-la fecunda para o plantio de roças, hortas e canteiros. Carrega a missão da caridade que desenvolveu quando parteira, nas habilidades que aprendera com a vovó Maria Clara. É intensa nas atividades coletivas que ocupa: rainha Conga da CODIVINO; Rainha Conga e bandeireira

do Congado São Benedito e São Sebastião, Matosinhos, São João del-Rei/MG; integra a Irmandade do Santíssimo em Tiradentes/MG; é atuante na comunidade Cristo Rei na paróquia de Matosinhos; é Filha de Maria e Beija Mina. Age de maneira afirmativa aos trazer considerações sobre as contribuições indígenas e negras na história brasileira. É, também, uma mulher que faz coro nas denúncias sobre racismo e preconceito da realidade nacional.

Trindade nos conta que foi criada pelo pai e a avó, pois a mãe faleceu quando ela era bebê. No entanto, por dona Maria Clara ser uma senhora com mais de 100 anos de idade, a garota ficava com medo da ausência de uma referência materna em sua vida. Nessa ótica, após os aprendizados cristãos que a avó lhe ensinara, buscou por uma santa que lhe trouxesse representação física e de parentesco. Desta forma, encontrou Nossa Senhora Aparecida, a santa negra, por qual é devota. Em suas próprias palavras:

“Lá em Ritópolis, quando a minha avó me ensinou o catecismo, eu olhava a cara da minha mãe, assim, eu falava: “gente, eu preciso de uma mãe.” Ali eu com aquilo na cabeça, que a minha avó ia morrer e eu ia ficar sem mãe. E como de fato aconteceu. Né? Aí eu peguei, fui em todas as igrejas, eu ia cara por cara de cada uma das pessoas. Mas não servia para ser a minha mãe. E nem nessa igreja também não servia. A única que me serviu foi a Nossa Senhora Aparecida. (...) Quando eu cheguei, que eu fui fazer a 1ª Comunhão, numa igreja pequena, pequenininha, na hora que eu subi a escada, assim, ali que eu bati o olho lá, ela estava lá no altar. Aí eu saí correndo e fui direto nela. Aí lá que eu fiquei conhecendo a minha verdadeira mãe. E tenho ela até hoje dentro de mim.”¹¹⁸

O conforto de uma santa representativa acalentou as emoções da menina. Que hoje senhora, nos fala sobre as experiências vividas, fortemente ligadas com o legado da avó, que teve os pais (no caso, bisavós de Trindade) oriundos do tempo da escravização, mas que adquiriram terras para o sustento familiar. Vejam nossa conversa:

“Simone: *Lá em Ritópolis a senhora sabe com o que que a família da senhora trabalhava?*

Trindade: *Lá era lavoura. Nós tínhamos um terreno lá, trabalhava por conta própria mesmo. A minha família nunca trabalhou para fora. Depois que minha avó adoeceu, que nós mudamos para cá [São João del-Rei/MG], foi que meu pai teve de trabalhar fora, para o sustento nosso. Mas quando nós morávamos lá, não. Nós nunca trabalhamos fora. E nunca passou aperto também, porque lá nós tínhamos de tudo. Tudo do bom e do melhor.*

¹¹⁸ Entrevista concedida por Trindade Expedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

Simone: *A terra era de vocês mesmo?*

Trindade: *Nossa mesma, do meu bisavô, só sei que foi passando de geração para geração.*¹¹⁹

A autonomia territorial da família de dona Trindade, junto dos conhecimentos sobre os cuidados com a terra para a obtenção de alimentos, deixou-lhe a herança imaterial dos saberes sobre a natureza, na relação profunda das trocas que se conectam pelas diferentes formas de vida no ecossistema. Nesse sentido, mesmo que tenham passado por dificuldades materiais, a fome não seria uma delas. Esse “conforto”, estava garantido.

Trindade: *O único conforto que nós tínhamos era a alimentação. A alimentação não faltava. Mas luz elétrica não tinha. Porque todos bons roceiros só compram duas coisas: é o querosene e o sal. Mais nada. (...) O resto você tem que tirar ali. A terra te dá tudo.*

Simone: *Que consideração bonita.*

Trindade: *É, uai, a terra tem que te dar, te dar tudo. A natureza, né? A gente fala natureza.*¹²⁰

Dona Trindade narra que quando estava com nove anos a avó adoeceu, por não ter médicos lá na região de Cangalha, Ritópolis/MG, Sr. Francisco, filho dela e pai de Trindade, mudou com a família para São João del-Rei/MG, na procura de mais recursos pela manutenção da saúde de Maria Clara. Também por ser uma cidade para onde conhecidos e parentes migraram, como é o caso de José, irmão de Francisco e pai da Teresa Maria Nascimento, que falamos no tópico anterior, prima primeira de dona Trindade. Maria Clara Viveu até os 115 anos de idade, como disseram suas netas.

A família de dona Trindade morou em diferentes lugares de São João del-Rei/MG, até terminar a construção da casa própria no terreno que adquiriram na comunidade Bom Pastor, no bairro Matosinhos, uma área mais rural. Comunidade em que mora até os dias atuais, ainda que em outra casa, porém, próximo à antiga residência do pai, já falecido. Região onde a luz elétrica chegou nos anos 2000. Dona Trindade segue com o cultivar de hortas e na produção de esterco para o arar da terra. Como ela diz: *“Vou cuidar um bocado da minha saúde, que é plantando as minhas hortas, catando o esterco. (...) você mesmo que tem que preparar a sua terra para você plantar, que aí*

¹¹⁹Entrevista concedida por Trindade Expedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

¹²⁰Entrevista concedida por Trindade Expedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

*você vai ter tudo.*¹²¹ É no preparo da terra que traz o cuidado com a saúde e o plantio de si, nas posturas, culturas e ações que escolhe desenvolver.

Dona Trindade narra que ao participar das organizações da Comunidade Cristo Rei, na paróquia Matosinhos, começou a ajudar nos preparativos do café da manhã para o dia Maior da Festa do Divino, logo nos primeiros anos da reelaboração da festividade. Depois de um tempo foi convidada para participar da acolhida das Congadas que visitam o evento, ficava na porta do santuário recepcionando as guardas e ternos. Atualmente é Rainha Conga da corte da CODIVINO. Uma experiência inaugurada no ano de 2019 e que também teve o papel de pagar a promessa realizada por sua avó, Maria Clara, quando dona Trindade era criança. Assuntemos:

***Trindade:** Dessa vez agora [2019] eu vesti de rainha. Porque a minha avó tinha feito uma promessa. E essa promessa era para eu ter feito, para eu ter cumprido ela quando eu estava com sete anos. Só que eu não queria. Porque eu queria do jeito que a Nossa Senhora era, aquelas roupas antigas, não a roupa dessas de hoje, eu queria roupa antiga. Aí lá em Passa Tempo uma colega minha, eu estava falando com ela, falei: “Olha.”*

***Simone:** Lá em Passa Tempo na festa que a senhora foi o ano passado [2018], de Congado?*

***Trindade:** É, aí sem querer eu falei com ela: “eu tenho uma promessa a cumprir.” Aí a Inácia pegou e falou assim: “que promessa é essa?” Eu falei assim: “eu tinha de vestir de rainha, de rainha. Mas só que eu não quero ser rainha do jeito que é.” Que antigamente os vestidos era muito rodado. (...) Era assim, se a pessoa tinha a veste azul, a capa tinha de ser branca. Ou senão eles trocavam. Sabe? Ou o vestido branco, ou a capa azul. Entendeu? (...) Aí a Inácia falou assim: “pois eu vou te dar o vestido. Vou te dar o vestido.” Aí uma outra dona falou assim: “pode deixar que eu te dou a capa.” Aí eu cheguei aqui em casa, eu com aquele medo danado, né? (...) Ganhei o vestido. (...) Foi passando, passando. Quando foi no último dia eu peguei e falei com ela[filha]: “Xaninha, como é que é, eu vou ser a rainha?” Ela falou: “mãe do céu, e como é que é? Como é que é isso?” Eu falei assim: “tem que ajudar na igreja, tem que ajudar em tudo.” Aí ela falou assim: “então vai.” Aí, como de fato, muitas coisas nós bancamos.”¹²²*

Dona Inácia nos explicou que ao ser rainha da corte do Divino, também é rainha Conga, pois somente o Congado-Moçambique, pode tirar uma rainha.

***Simone:** A senhora cumpriu a promessa que foi da avó da senhora e ali a senhora se tornou uma rainha, mas aí era uma rainha do*

¹²¹ Entrevista concedida por Trindade Expedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

¹²² Entrevista concedida por Trindade Expedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

Congado ou do Divino? Só para eu entender.

Trindade: *Dos dois, porque quem tira a rainha é o Congado, né? Porque só o Congado que pode tirar a rainha. O Congado, assim como é que fala? Moçambique. É, o Moçambique que tira a Nossa Senhora do Rosário. Você podia notar que aquelas que tem a lata na perna, só eles é que conseguem tirar ela. Né? E os Congados vêm todos acompanhando, mas o Moçambique é que tira.*¹²³

A vivência de rainha Conga na Festa do Divino abriu caminhos para que dona Trindade ocupasse o reinado do Congado São Benedito e São Sebastião, do qual ela também é bandeireira. Um cargo e responsabilidade que recebeu do capitão José Tadeu do Nascimento e que acolheu por ser a escolhida. Confirmamos os pormenores nas palavras dela:

Trindade: *Um dia eu estava assistindo o Congado aqui em Santa Terezinha¹²⁴. Na hora que eu estava olhando o Congado assim, que eu adoro o canto deles. (...) Aí na hora que nós estávamos, coisa assim, ele veio. Quer ver, faz de conta que isso aqui, vou pegar a sua folha aqui, aí ele pegou, estava coisando assim, falou: “toma!” (...) O Tadeu, ele falou assim: “Toma!” E o vice capitão, que é o Jailton, que é o filho dele, também estava perto dele, ele falou: “Toma!” Só fez assim com a bandeira: “toma!” (...) Aí eu tive de ficar com a bandeira e desse dia em diante eu não saí mais. (...) Como se diz: “é sua, a sua missão é essa aqui.”*

Simone: *Ser bandeireira é também de muita responsabilidade.*

Trindade: *Uai! Se é, você pensa bem, ali a responsabilidade de todo aquele Congo está nas suas mãos. É, ué. Não é fácil não, minha filha. Só falou assim: “toma, é sua!” A única coisa que eu fiz foi fazer em nome do Pai, né? Pedia a Deus que me limpasse tudo, me limpasse o meu corpo, minha mente, tudo, para me aceitar. Porque você pensa bem, você ser uma bandeireira, você aceitar um Deus ali na sua frente.*¹²⁵

O aceite de dona Trindade não foi aleatório, tampouco o “toma” a bandeira, na missão incentivada pelo capitão Tadeu. Trata-se de um compromisso ancestral da bandeireira e rainha conga, que nos explicou: *“minha família inteirinha, a família inteirinha era congadeira. Já vem desde os meus tataravôs”*. Nessa ótica, ela segue e repassa as diretrizes, em forma de provérbio, que aprendeu no âmbito doméstico: *“igual o meu pai falava: vai à frente que a caixa garante!”* É com esse ir à frente que dona Trindade nos

¹²³ Entrevista concedida por Trindade Exedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

¹²⁴ Santa Terezinha é o nome de uma igreja e de uma comunidade pertencente a paróquia do Matosinhos, lugar aonde o cortejo congadeiro da Festa do Divino passa.

¹²⁵ Entrevista concedida por Trindade Exedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

concedeu dois dias de entrevistas, em 18 de junho e 30 de julho, com toda paciência dos ciclos da terra. Tivemos alguns comprometimentos no áudio, mas na segunda conversa o diálogo todo foi retomado com êxito de arquivamento, é audível e está transcrito junto ao banco de dados da pesquisa. No momento em que pedi autorização para utilizar as memórias de dona Trindade, ela interrogou sobre meus estudos e disse o seguinte:

“Trindade: *O quê que você está estudando? Para quê?*

Simone: *Pra quê? Para eu ser professora de História.*

Trindade: *Então, ali você vai ter muitos alunos, né? Ali você tem que pôr Deus na frente para poder te dar sabedoria para você ensinar a eles as histórias. A história do Brasil, a história dos negros. Porque os negros vêm em primeiro lugar, porque quem levantou o Brasil foi negro, negro e o índio.”*¹²⁶

Tentarei ecoar os ensinamentos sobre nossa gente negra e os indígenas, Dona Trindade. Tenha certeza! Muito obrigada pela aula!

¹²⁶ Entrevista concedida por Trindade Expedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

1.6. José Raimundo da Costa



FOTRAME 5: José Raimundo da Costa, na Missa Inculturada da Festa do Divino, na paróquia de Matosinhos, 2009. Registro retirado do vídeo “A Alimentação”, produzido por Iago Passarelli e disponível na plataforma digital do Ulisses Passarelli.

Nabí é uma palavra em hebraico que aprendi com José Raimundo da Costa, o padre, cujo sentido, conforme ele me explicou, envolve os aspectos de anunciar e denunciar circunstâncias. A palavra não deve ser vista apenas pela perspectiva de alguém que adivinha ou porta determinada mensagem, mas sim aquilo que pode ser construído, aquilo que pode ser ação diante da comunicação entre viventes. É na ação do anúncio ecumênico e de coisas bonitas, junto com a religiosidade popular no diálogo com os oprimidos, e, da denúncia das injustiças sociorraciais que Pe. José Raimundo, comumente chamado de Zé Raimundo na paróquia de Matosinhos, realiza o compromisso cristão, nos lugares por onde passa. Discurso que não é apenas teórico, está nas atividades concretas, reflexivas de reconhecimento e reparação em que ele, enquanto pessoa e Instituição, realizou ao lado de moradores e moradoras de São João del-Rei/MG.

José Raimundo da Costa tem 59 anos de idade, é homem branco que nasceu em Barroso/MG no ano de 1961. Filho único de Nair Silva da Costa e Eduardo Antônio da Costa, casal simples e engajado para fornecer possibilidades estudos ao filho, além das tarefas escolares, o ensino religioso.

Dessa forma, Pe. Raimundo narra que a mãe foi a primeira catequista que tivera:

“A minha mãe, eu costumo dizer que foi a minha primeira catequista, porque antes de ir para a catequese na paróquia eu aprendi em casa. Então lá em casa, na época não tinha luz elétrica, então era, o pessoal chama de lamparina, querosene e tal. Então, era todo dia, antes do repouso da noite ela me ensinava mesmo, partilhava comigo as lições da catequese, do catecismo, né? E havia um catecismo chamado, “segundo catecismo da doutrina cristã”, eu me lembro direitinho. Então usava esse livro para poder me ajudar a ler. Tinha dia que eu não estava muito animado, cansado já, querendo dormir, mas antes tinha que estudar o catecismo. Então, assim, são coisas que ajudam, que ficam na memória da gente que com certeza nos ajudam até hoje.”¹²⁷

Memórias e práticas de afeto, em consonância com uma postura de humildade, se fazem sentir na trajetória edificada pelo sujeito que foi estudar para ser padre aos 16 anos de idade, em Mariana/MG. Atualmente ele carrega 34 anos de sacerdócio, cujo papel de representante religioso se deu entre as cidades de Barroso/MG, Prados/MG, São João del-Rei/MG, Coronel Xavier Chaves – chamada de Coroas/MG – e Prados/MG novamente.

Em São João del-Rei/MG atuou em duas paróquias: São José – no bairro Tijuco – e Matosinhos. Na paróquia do Matosinhos atuou por 20 anos, dessas duas décadas deixou quatro marcos expressivos, dentre demais afazeres. Sendo eles: 1) formação de uma equipe para recriar a Festa do Divino, anexando comemorações congadeiras e foliãs no evento, posteriormente a Missa Inculturada. Lembramos que a festividade fora proibida por mais de 70 anos pela Igreja e Estado. 2) Construção coletiva das atividades reivindicativas do “Grito dos Excluídos” – ligado à Campanha da Fraternidade e movimentos sociais, nas comemorações do 7 de setembro de 1995. Ato que acontece ainda no presente, sendo articulados principalmente pelos movimentos sociais e Frente Brasil Popular em São João del-Rei/MG. 3) Cooperativa “Clube das Mães”, que desenvolve atividades gratuitas de costura, pintura, crochê e afins. Almoço comunitário servido todos os dias gratuitamente para pessoas necessitadas. Trabalho feito em parceria com o Pastor Pedro, da Igreja Metodista e demais pessoas do segmento evangélico. 4) Pastoral da

¹²⁷ Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

Comunicação na diocese de São João del-Rei/MG, com a implementação da missa televisionada ao vivo (o que era novidade nos anos 90, e foi uma das primeiras da região). Criação de sites para a Paróquia e programa de rádio – que ficou ao ar por 24 anos.

As práticas movidas por Pe. Zé Raimundo são de caráter coletivo e trazem a importâncias das trocas humanas de alteridades, para a manutenção das mesmas, como ele narra: “*você tem valores que eu não tenho e assim por diante, eu tenho valores que você não tem.*”¹²⁸ Neste tópico não iremos abordar a presença dele na Festa do Divino, pois será algo que faremos no momento do encontro das vozes dos entrevistados. Mas ei de apresentar algumas iniciativas inclusivas que ele construiu em terras são-joanenses.

O Grito dos Excluídos, por exemplo, que é uma convocatória de conscientização para combater injustiças sociais e enfrentar os sistemas autoritários e políticos que fomentam realidades excludentes no território brasileiro. Compreendamos do que se trata pela perspectiva do Pe. Zé Raimundo:

“Nós tínhamos lá [São João del-Rei/MG], também, junto de grupos que acontecem em várias partes do Brasil, ainda hoje, o Grito dos Excluídos no 7 de setembro. (...) Às vezes saíamos do centro e íamos para o Matosinhos, ou às vezes o contrário, ou de outras paróquias também. A gente tinha uma adesão boa, graças a Deus, de muita gente. Mais de duas mil pessoas, às veze participavam com a gente. Era uma caminhada, uma passeata e tinha alguns pontos que a gente parava um pouco. Cada ano tinha um tema, um assunto para ser debatido e discutido e tal. Alguém às vezes perguntava: “mas isso não adianta?” Eu pensava, acho que adianta sim, né? Acho que é a conscientização das pessoas, uma outra forma de dizer que a gente é, patriota, que a gente é brasileiro. (...) Uma outra forma de mostrar para os adolescentes e para os jovens que eles não podem ficar acomodados achando que tudo que está acontecendo está correto. Não! É uma maneira de questionar, questionar as nossas autoridades. Com ética, com paz, claro, com ordem, de uma maneira ordeira, mas questionar, questionar sim. E a bíblia está cheia disso, né? Então há uma base bíblica nisso também. Livro do Êxodo, capítulo do 3º ao 7º, “ouvir o próprio clamor de Deus, ouvir o clamor do povo, ouvir o clamor, o grito, o povo.” Então, várias outras passagens bíblicas, eu citei apenas algumas, apenas uma. Então, isso aí começou até como sugestão da Campanha da Fraternidade, em 1995, que foi sobre os excluídos. A partir daí começou na Igreja Católica, mas tem uma adesão de muitos outros grupos, outras igrejas, religiões. (...) Claro, como eu disse para você a pouco,

¹²⁸ Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

também aí, tínhamos pessoas que não gostavam, criticavam, faziam críticas. Porque a crítica, ela é importante, mas ela tem que ser construtiva. Tem que ser de alguma forma educada também. Né?”¹²⁹

Ao falar em construções trazemos o trabalho social da paróquia, liderada por Pe. Zé Raimundo, para com a cooperativa das mulheres, entendendo a dimensão da “*fé ligada à vida*”. Que parte da ideia de sujeitos politizados, questionadores da concentração de renda nas mãos de poucas pessoas e uma ausência de recursos para grande maioria da população. Nesse sentido, a desenvoltura paroquiana não se trata de assistencialismo hierárquico, sim atividades com o propósito da emancipação cidadã:

“A paróquia mantinha um trabalho social, a gente tinha um trabalho social lá, tinha o Clube de Mães, que é um trabalho de produção humana, pintura, tricô, essas coisas. Também, além disso uma sopa, a gente fala uma sopa, mas é um almoço, uma refeição todos os dias para as pessoas mais necessitadas. Cooperativa. (...) O trabalho social que a gente procurava manter na paróquia eu não via como tratar o outro como coitado. Sempre achei que ninguém precisa de esmola, não. “Que o outro é coitadinho, que precisa de esmola, não.” É alguém que está sendo injustiçado e que tem os mesmos direitos que eu tenho, no sentido de ter os bens que Deus criou para todos. Se tem a fome é porque está faltando, está sobrando na mesa de alguém e está faltando na mesa do outro. Então é a solidariedade, a partilha. A religião, eu penso assim, ela tem que ajudar a pessoa a ter uma fé ligada a vida. Porque você ter uma fé desligada da vida, só com muita reza, com muito louvor e sai dali e não muda nada, é complicado isso.”¹³⁰

Os princípios de conscientização sociais e de classe mobilizaram a formação da Pastoral da Comunicação, que para o Pe. Raimundo carrega a dimensão de promover a cultura do encontro. O que acabou despertando habilidades e dons nas pessoas que trabalhavam ao lado dele nos afazeres paroquiais. Conforme dissera:

“Os meios de comunicação também são meios poderosos, fortes, para a gente criar ali uma cultura de encontro, de paz. (...) Eu fui responsável pela Pastoral da Comunicação na paróquia e na diocese também. Então nós colocamos no ar o site da diocese que está até hoje, tem um site da diocese lá da paróquia também. O programa de rádio, na rádio São João del-Rei, durou 24 anos em seguido. Vinte e quatro anos ininterruptos, uma hora por dia. (...) Na pastoral da Comunicação também pessoas que começavam a desenvolver seus

¹²⁹ Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

¹³⁰ Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

dons ali. Nós tínhamos lá em Matosinhos pessoas que trabalhavam com a gente, hoje, que se formou em jornalismo a pouco tempo, foi incentivado por esse trabalho. Ele até colocou o nome da gente na homenagem do convite da formatura dele.(...)Tinham várias meninas que trabalhavam com a gente lá que seguiram esse caminho também. Então, perceberam que tinham esse dom, esse estilo, esse jeito para se comunicar através dos meios, dentre eles rádio, jornal, outros meios. Então foi uma oportunidade também para as pessoas poderem desenvolver os dons que tinham. Uma coisa puxa a outra, você ajuda de um jeito que eu te ajudo de outro também. (...) Depois quando começou com a televisão, foi a primeira transmissão ao vivo na televisão, na diocese de São João del-Rei toda. Em Lavras havia uma experiência, mas era uma experiência gravada, era uma missa gravada que eles faziam lá na TV da Universidade e passava no sábado, parece. Mas a nossa foi ao vivo, foi a primeira ao vivo. Muito trabalho, a gente estava começando aprendendo ainda, o pessoal esforçando, mas acreditaram no trabalho, fizeram uma parceria foi bom, sabe? E essa missa continua até hoje lá. É bem trabalhoso, uma coisa ao vivo, você fez, fez. [Risos]. Mas, até na época eu pensava o seguinte: “mas será que vai ter audiência isso? Porque tem muitas missas na televisão. Será que o pessoal?...” Mas interessante, para minha surpresa uma audiência muito grande. O pessoal quer ver as coisas da terra, da sua terra, ver o seu vizinho que está lá na missa, então coisa assim. Então a audiência era grande, desde sempre, e continua até hoje a missa lá.”¹³¹

Parceria, cultura do encontro, apreço pelos saberes das pessoas que habitam e preenchem lugares, equidade, reconhecimento de privilégios, partilhas e fé ligada à vida, são valores que ecoam nos afazeres do Pe. Zé Raimundo. Também a identificação das heranças afro-mineiras ligadas ao catolicismo, assim como a consciência de mobilizar meios para reparação do crime da escravização negra, fortemente fomentada pela Igreja, instituição a qual pertence. Por esse prisma, destacamos que após acompanhar um cortejo fúnebre de um mestre congadeiro em Prados/MG, o Pe. Zé Raimundo começou a articular meios para a retomada da festa do Rosário em comunhão com a Igreja, conforme disse na entrevista realizada no salão paroquial da igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Prados/MG, no dia 21 de junho de 2019.

¹³¹ Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

1.7. Eliana Maria dos Passo



FOTO 4: Eliana Maria dos Passos é a mulher de quepe africano na cabeça, rosário de conta de lágrimas e guia de Oxalá no pescoço, acompanhada por Janete Nascimento que tira a selfie. Ambas nos preparativos para o almoço do Dia Maior. Festa do Divino, 2017.

Foto Janete Nascimento – Congado São Benedito e São Sebastião, SJDR/MG

*“Gente negra é linda! A coisa mais linda que nós temos na face da Terra.”*¹³² Só consigo abrir a narrativa de Eliana Maria dos Passos utilizando as próprias palavras dela, sobre a estética da nossa gente negra, que é linda. Eliana carrega e expande beleza, agradabilidade e a leveza de um corpo que dança ao temperar alimentos. Alimentos servidos em refeições que ao serem saboreadas despertam os nutrientes de júbilo pelo viver. É desta forma que realiza os compromissos de cozinheira chefe, no almoço do Dia Maior, na Festa do Divino, e tendo cadeira consolidada na CODIVINO.

Filha de Teresinha Maria Rosa e Antônio Martins Rosa Filho, casal são-joanense, moradores do bairro Fábricas, que teve oito filho(a)s. Nasceu em outubro de 1959, tem hoje 61 anos de idade. Casou-se aos 18 com Geraldo

¹³² Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

Magela dos Passos, seu primo de primeiro grau. Da união tiveram três filhas: Fabiana Mercês dos Passos, Viviane Alessandra dos Passos e Roberta Kelen dos Passos. É considerada a Matriarca da família, uma liderança que herdou da avó e tias, e que a faz manter a unidade familiar, com trocas de vivências comuns. Além do reconhecimento dos pares e respeito pelo matriarcado. Vejamos a temporalidade que ela traz sobre o momento de aprender com as mulheres mais velhas da família e depois quando se torna o elo mobilizador de atividades entre os irmãos:

“Sempre fui muito família. Sempre fui criada na casa de vó, na casa de tia. Então, assim, era a sobrinha doida, só eu que gostava. Meus irmãos não chegaram a ficar frequentando casa de tia não. Aí eles falam hoje que, assim: “você é a matriarca.” Falei: “matriarca de quê?” “De conseguir unir uma família. Porque você consegue fazer todo mundo. “Vamos almoçar na casa de fulano hoje?” Todo mundo vai atrás. “Vamos viajar para tal lugar?” Todo mundo vai atrás.” Então isso para mim é tão gratificante. Eu acho tão chique isso. Eu não acho bonito, não. Acho chique. Porque a pessoa hoje que consegue montar uma família e levar a sua família, ela está no céu. Nesse mundo que nós estamos vivendo hoje, não é?”¹³³

Eliana, diante da existência sexagenária, permanece mulher do tempo presente, vai do samba ao funk ao ser referência de uma pessoa alto astral e vivaz para garotas jovens que a circundam. Ouçamos, através dela, as considerações da neta:

“A minha neta de 22 anos fala assim: “vó, eu queria que as minhas amigas tivessem uma avó igual a você.” Eu falei: “por que filha? O quê que você acha da sua avó?” “Você é mil vó! Você brinca, você dança funk, você dança samba, você dança, você dança tudo, todo tipo de dança você dança. Você chega, você levanta o astral. As minhas amigas são apaixonadas em você. Minhas amigas falam assim, que queriam que a mãe delas fossem iguais a você.” Falei: “sua avó é doida, minha filha. Não fala isso não.” “Não, vó, você é demais.” Então para mim é bom ouvir isso.”¹³⁴

Eliana também é referência nos coletivos que compõem e ajuda construir. A conheci por intermédio de Neide Rodrigues, integrante da CODIVINO e mãe do Adilson Rodrigues Júnior, que no ano de 2017 tornou-se o 20º Imperador do Divino, até então o membro mais jovem a ocupar o cargo.

¹³³ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

¹³⁴ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

Ciente dos meus estudos, Neide alertou que eu precisava conhecer a Eliana. Na noite de sábado, 08 de junho de 2019, acompanhando as atividades finais na programação, que contava com a apresentação das Folias do Divino na praça da paróquia, em frente ao santuário Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Neide me abordou e levou até os bastidores: a cozinha, que fica na quadra e salão comunitário do bairro, na lateral do santuário. Eliana, assim como a Neide, é voz ativa que irradia as pessoas e lugares em que está. Compreendi isso de imediato. Peguei o telefone dela e entrei em contato na semana seguinte. Agendamos nossa conversa para o dia 25 de junho de 2019, na parte da noite, pois ela trabalha na Clínica São Lucas, do bairro Matosinhos durante o dia.

No dia da entrevista Eliana contou que me sentiu uma pessoa tímida, por isso, para que eu me sentisse mais à vontade na conversa, convidou o capitão Tadeu, do Congado São Benedito e São Sebastião, que é alguém que eu convivo há mais tempo, por acompanhar os ritos congadeiros do grupo dele. Também por eles serem amigos, com proximidades familiares e religiosas na linha da Umbanda. Desta maneira nossa conversa contou com a interação do capitão Tadeu, Geraldo (marido de Eliana) e Fabiana (filha da Eliana). Terminou com delicioso jantar feito por Fabiana e Eliana. Tinha direito a vinho, mas como não posso com bebidas alcoólicas, fiquei com o copo de suco, todavia, enebriada por aquele momento de amizade partilhada, ao lado de pessoas receptivas, afetuosas e alegres.

A narrativa de Eliana também nos ajudou a compreender sobre o bairro rural e de plantações de roças que o Matosinhos fora no passado. Além disso, conseguimos visualizar o histórico de uma família negra, dos avós paternos de Eliana e avós maternos de Geraldo, Sr. Antônio Martins Rosa e Sra. Luzia Maria da Silva Passos. Eles tiveram terras próprias para lavoura e criação de porcos. Terras que foram passadas para os filhos, netos e que hoje representam um loteamento familiar na Avenida Santos Dumont. Entendamos:

Eliana: *Aqui é um lote, um lote de família. (...) Avenida Santos Dumont.*

Simone: *Bairro Matosinhos?*

Eliana: *É. Então assim, aqui é uma rua do lado de baixo mora o meu cunhado, minha cunhada. Aí passa no meio, à esquerda, sou eu, meu sobrinho, minha cunhada, minha sobrinha e o meu outro sobrinho. Olha para você vê, como é tudo um loteamento de família.*

Nos fundos eu tenho a minha cunhada. Em cima, na rua de cima eu tenho mais duas cunhadas. Aí do outro lado de lá eu tenho mais duas primas. Então aqui nós somos assim, um loteamento só de família. Só família mesmo. Então, a gente tinha aquele hábito antigo de no domingo visitar a família, ou no domingo ir almoçar na casa da família. Então eu vinha muito para casa da minha tia. Adorava vir para cá. Porque aqui onde é a minha casa hoje, era plantação de muita fruta, tinha muita manga, muito abacate, romã, taioba. Tinha uma plantação de taioba aqui, Tadeu, a coisa mais linda. E eles engordavam muito porcos, porcos, galinha. Meu sogro plantava muita roça.

Simone: *Isso quando você era criança?*

Eliana: *Ainda era. Tinha o quê? Uns dez anos, por aí. É, meus dez anos. (...)*

Simone: *O Matosinhos, ele era uma parte rural de São João del-Rei? Eu posso dizer isso, nessa época?*

Eliana: *Era. Aqui tinha muita plantação. Né Tadeu?*

Tadeu: *Tinha.*

Eliana: *Nossa, era bonito. Era bonito demais.*

Tadeu: *Aqui era uma vila. (...)*

Eliana: *Um vilarejo. Né, Tadeu? Quando eu mudei para cá não tinha água. Não tinha rua ainda. Olha para você ver, eu morava no fundo da horta do sogro.”¹³⁵*

A herança familiar que Sr. Antônio e Sra. Luzia deixaram para Eliana, a neta, foi mais do que os bens materiais. Está presente no orgulho pela estética, na cultura negra vivenciada e propagada pela neta, que afirma: *“meus avós também eram assim, eram negros. Aqueles negros bonitos. Que gostavam muito de fazer plantação de frutas, roça, é dessa época mesmo. Que gostava de mexer com esses negócios de folieiro, de sanfoneiros. Então, eu falo assim, que dá família a única que puxou a eles fui eu.”¹³⁶* Agradecemos o legado cultural, que tanto nos inspiram! E façamos ecoar tais saberes.

¹³⁵ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

¹³⁶ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

1.8. Damião Guimarães



FOTO 5: Damião Guimarães, cavaleiro do Divino, na Festa do Divino de 1999.
Foto: João Hipólito – fonte Damião Guimarães.

Damião Guimarães é o cavaleiro do Divino. Um portal vivo de saberes responsável por liberar chaves de entendimentos para aqueles que lhe cruzam o caminho. Franco, direto e de uma simplicidade sagaz de quem carrega vasta experiência de vida. Filho de Teresinha Silva Guimarães e João Manoel Guimarães, nasceu em setembro de 1960, no bairro Tijuco, em São João del-Rei/MG. É o décimo primeiro filho de Teresinha, o caçula. Viúvo e pai de cinco filha(o)s, sendo uma com morada no céu. Pedreiro, carpinteiro, benzedor, mestre cultural e religioso, com licença coroada para falar do povo do Congo, na linha cigana dos andarilhos da estrada. Participou da construção da CODIVINO, compôs o grupo de Conselheiro Consultivo dos primeiros diretórios. No fim da primeira década da retomada do festejo deixou a Comissão, assim como outros companheiros. Mas não deixa de ir em algumas cerimônias do evento, sobretudo no Dia Maior, no domingo de Pentecostes, com o cortejo congadeiro. Pois é fiel devoto do Espírito Santo e um filho chamado por Nossa Senhora.

A conversa com Damião se deu na tarde de domingo de 30 de junho de 2019, na casa dele. A gravação foi realizada em áudio. Ele compartilhou

fotografias dos anos iniciais do festejo e me disponibilizou DVDs, produzidos pela gravadora JPV, a pedido da CODIVINO, que arquivam memórias dos momentos iniciais do evento. Damião nos contou passagens da trajetória e compromissos sagrados que o permeiam pelo universo congadeiro. Ele que vem de um núcleo familiar branco, com pessoas ligadas a religiões evangélicas, se descobriu menos ligado aos propósitos de se tornar missionário. A missão, no caso, conectara-se com o chamado dos irmãos do Rosário, por meio das Congadas. Conforme narrou:

“Na minha família não tem ninguém que mexe com isso, só eu. Nem irmão, nem irmãs, nem ninguém, só eu. Como eu disse, é um chamado, uma coisa que é até difícil eu te explicar. (...) Eu frequento essas coisas de Congado desde criança. Desde lá do São Geraldo, Lava Pés e outras regiões por aí. Mas eu rodo muito por aí com as guardas, quando eu sou chamado. Então eu aprendi a obedecer a Nossa Senhora nesse sentido aí. (...) A gente parece que recebe um chamado. E quem mexe com Congado é tipo um exército, né? Você começa de pequenininho. (...) Como se fosse um cristal, como se fosse uma pedra bruta, ali vai te limpando, vai te mostrando o caminho, lapidando. Para você aprender para começar a te mostrar o que que você tem que sentir. Como se fosse um tesouro, uma coisa que está ali enterrado. (...) Aí você começa a ter esclarecimento. Começa a ter outros tipos de pensamentos.”¹³⁷

Damião ainda nos conta que os esclarecimentos mais contundentes, dos compromissos dele com o Rosário, se deu através de uma perda familiar, depois de um sonho com a santa que lhe acalentou os ânimos, desde então abraçou o Congo. Ouçamos diretamente por ele:

“Eu recebi o chamado através de uma perda que eu tive, muito grande. (...) Então, aquela coisa foi pesando, pesando, pesando. Até que um dia eu tive uma vidência com a Nossa Senhora, apareceu conversando comigo. Eu não a vi claramente, eu só vi o clarão e a voz. E essa pessoa que eu perdi estava ao lado dela. E falando que era para eu seguir, cumprir a minha missão que ela não ia me abandonar. Foi aí que eu abracei de vez o Congo e passei a comandar. Porque dentro de uma guarda de Congado, existem vários tipos de capitão: tem o capitão regente, tem o capitão merim, tem o capitão olheiro e tem o capitão de ronda. Então, cada um tem uma função.”¹³⁸

Damião é capitão de ronda e olheiro, cuida das energias e limpezas nos

¹³⁷ Entrevista concedida por Damião Guimarães a Simone de Assis, em Novo Tijuco, São João del-Rei/MG, 30/06/2019.

¹³⁸ Entrevista concedida por Damião Guimarães a Simone de Assis, em Novo Tijuco, São João del-Rei/MG, 30/06/2019.

encontros congadeiros. Também explica sobre as distintas regências dentro do Congo, missão que vai depender daquilo que o grupo precisa exercer:

“A guarda de Congo, ela não traz só Preto-Velho, ela traz caboclo, ela traz cigano, ela traz baiano, ela traz andarilho, essas pessoas que vivem pelo mundo, tipo assim: “ah, vou andar pelo mundo rezando”, tipos esses freis. Não têm os freis que ficam andando pelo mundo, assim? Eles trazem esse povo. Traz caboclo, traz baiano, traz cigano, essas forças, assim. Não é só Preto-Velho, traz boiadeiro. Então cada um tem uma missão a cumprir.”¹³⁹

Os compromissos de Damião são também acordados dentro do espaço católico. Como ele fala: *“sou católico em primeiro lugar e vou para a igreja também rezar, bater os meus joelhos lá nos pés de Nossa Senhora, pedir iluminação ao Divino Espírito Santo, a Santíssima Trindade. Então, a gente tem um compromisso com a Igreja também.”¹⁴⁰* Ao que se refere o envolvimento dele com o Divino Espírito Santo, contaremos nos próximos capítulos.

¹³⁹ Entrevista concedida por Damião Guimarães a Simone de Assis, em Novo Tijuco, São João del-Rei/MG, 30/06/2019.

¹⁴⁰ Entrevista concedida por Damião Guimarães a Simone de Assis, em Novo Tijuco, São João del-Rei/MG, 30/06/2019.

1.9. Samuel Giarola



FOTOFRAME 5: Samuel Giarola mostrando o sino da torre da própria residência, que é tocado por ele na Festa do Divino. Acervo: Simone de Assis, 2019.

Criatividade, engajamento cultural, personalidade inventiva e destemida são habilidades que acompanham a trajetória do jovem Samuel Giarola. Rapaz de 18 anos, natural de São João del-Rei/MG, filho de Eliete Antônia da Silva e Adilson José Giarola. Nascido e criado no bairro Matosinhos, cresceu embalado pela cultura negra da paróquia, tais quais a Festa do Divino, e a festa do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (14 de setembro). Desse modo, mas não só, inspirado nos costumes do catolicismo devocional de São João del-Rei/MG, conhecida como a “cidade onde os sinos falam”, consolida o hábito de criar uma capela residencial, com imagens sacras valiosas e artísticas. Além de instalar sino, similar aos das igrejas do século XVIII e XIX, para ser tocado em comunhão com os anúncios e celebrações festivas que os sineiros realizam na cidade, na sequência da tradição dos toques barrocos e afro-mineiros.

Samuel, de maneira autônoma, aproveita do lugar estratégico em que mora, uma vez que é a rua que liga o caminho do salão comunitário e capela Santo Antônio até o santuário de Matosinhos, para ser parte ativa na programação da Festa do Divino. O rapaz monta um altar em frente a residência, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário, velas em castiçal, tecido decorativo, arranjo de flores etc., toca sino, solta fogos, joga papéis

coloridos na passagem do cortejo congadeiro. Também serve água aos integrantes das guardas de Congada, que costumam parar para saudar a santa e cantar na porta da casa do rapaz.

A história de Samuel, porém, dentro da tradição devocional, não se inicia com as formas personalizadas para saudar os cortejos da Festa do Divino, ou do padroeiro do bairro, Bom Senhor Jesus de Matosinhos. Criado dentro de uma família majoritariamente católica, o menino procurou e foi levado a ser coroinha aos seis, sete anos de idade. O que ele gostava. Tanto é que chegou a cogitar a possibilidade de ser padre, ainda que nos pensamentos de criança. Por esse prisma buscava atuar junto à paróquia, nas ornamentações da igreja do bairro, sobretudo em momentos comemorativos. Paralelo as atividades comunitárias e por iniciativa particular, com a mesada que recebia dos pais, começou a adquirir imagens sacras para montar a capela da residência. O que era apoiado pela família, principalmente pela avó, que já sonhava com o menino-padre.

Por volta dos 12 anos de idade, o garoto começou a gravar vídeos realizando “missas” no ambiente familiar, como se fosse padre. Vídeos que deixava público nas redes sociais que administra, como Facebook e WhatsApp. No entanto, o padre José Bittar, responsável pela paróquia, reprimiu os vídeos do garoto. O fato da repressão dos vídeos também se deu por eles terem tido alguns desentendimentos internos. Mas nada que justificasse um garoto de 12, 13 anos de idade ser notificado pelo pároco de que poderia ser excomungado.

Samuel, desde então, deixou de frequentar a igreja do bairro em que nasceu e cresceu. Todavia, segue professando a fé. Além de inovar hábitos religiosos na própria comunidade. Tanto é que membros da CODIVINO, Antônio Serpa e Neide Rodrigues, me indicaram para ficar atenta no zelo do altar montado por Samuel, também o fato de ele ser o único na comunidade a ter sino em casa e soltar fogos para os cortejos da Festa do Divino, sobretudo quando as Congadas passam. Segui os conselhos dos meus tutores e após dois anos de acompanhamento das atividades de Samuel, marcamos nossa conversa que foi realizada na casa dele no dia 2 de julho de 2019. Conheçam esse rapaz perspicaz, que agora na juventude trabalha como designer de eventos e renova elementos do catolicismo.

“Meu nome é Samuel Giarola. Trabalho atualmente como designer de eventos, em pequenas e grandes festas. Comecei com esse negócio de igreja desde cedo, minha família por parte de pai é muito religiosa, grande parte da família da minha mãe também. Nós começamos bem de pequeno mesmo. Eu entrei como coroinha, por volta de seis, sete anos de idade. (...) Comecei aqui no Matosinhos. E aos poucos a gente vai crescendo dentro da igreja e vai aprendendo mais coisas. E aí a gente vai se espelhando muito no padre. Então passa por aquele processo, sonho de ser padre, que acaba trazendo muito isso para dentro de casa. Então é onde já começa a fazer a procissão dentro de casa, fazer capela, vestir de padre e começar a celebrar missa. Então, isso é um grupo. Nem é só eu, aqui em São João têm vários meninos que tem essa capela e que tinham esses hábitos. (...) Eu fui e comprei aquela imagem que você viu ali fora, que é de Nossa Senhora do Rosário. E antes de eu chegar à conclusão que eu iria comprar essa Nossa Senhora do Rosário, eu já tinha comprado a Nossa Senhora das Mercês, a Nossa Senhora do Carmo, eu já tinha feito vários padroeiros. E eu fui lá e fiz essa dívida sem falar com ninguém. A imagem era quase do meu tamanho, que eu era muito pequeninho, muito magrinho. (...), mas eu fui pagando desse jeitinho mesmo, ganhava R\$ 5,00, ia lá e dava R\$ 5,00. Ganhava R\$ 10,00, ia lá e dava R\$ 10,00. E eu fiquei uns dois anos pagando a imagem. (...) Esse já é o sexto ou sétimo anos que eu faço essa homenagem. Então começou bem simplesinha, hoje é assim, uma coisa mais formal, um altar maior, com peças mais caras, peças mais bonitas. Mas começou com flor de plástico, garrafinha de cerveja imitando castiçal e foi crescendo aos poucos. (...).”¹⁴¹

Ao narrar sobre as modificações e busca por originalidade estética, anualmente, na organização do altar residencial para o cortejo congadeiro na Festa do Divino, Samuel traz indícios do quanto as ações dele se tornaram afazeres coletivos dentro do espaço familiar. Uma vez que a mãe dele, Eliete, que atualmente professa fé distinta da do garoto, é evangélica, ainda assim, ela mobiliza esforços para manutenção da prática cultural e religiosa que o rapaz inventou na Rua Guia Lopes. Ademais, trata-se de uma festa que evoca memórias pessoais da relação de Eliete com a festividade.

*“**Samuel:** Todo ano eu quero fazer alguma coisa diferente, então nunca o meu altar fica igual. Ou eu mudo todo ano eu coloco uma cor específica das flores. Todo ano é uma cor de tecido diferente. Todo ano eu busco melhorar. Esse ano eu fiz mais simples porque eu não faria esse altar. Porque esse ano eu estava, sinceramente, desanimado. Chegou na semana, assim, a minha mãe falou: “não, você vai fazer sim porquê eu acho importante. Todo mundo já sabe que você faz e se você não fizer todo mundo vai ficar me*

¹⁴¹ Entrevista concedida por Samuel Giarola a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 02/07/2019.

perguntando por que você não fez.”

Simone: *Olha, e sua mãe é evangélica, né?*

Samuel: *Isso. Mas a minha mãe, é uma Festa de infância dela, né? Ela viveu nessa Festa e nem sempre ela foi evangélica. Ela começou a congregação na evangélica têm uns dois anos.*

Simone: *E ela te motivou a fazer?*

Samuel: *Ela me motivou a fazer e, esse ano foi ela quem me ajudou em termos financeiros por que fica sempre um gasto. Né?”¹⁴²*

O jovem, além de envolver o núcleo familiar, envolveu a vizinhança, que o ajuda abastecer o estoque de águas a serem servidas aos congadeiros, quando o cortejo canta e saúda a Nossa Senhora do Rosário do altar caseiro. Como ele conta:

“Todos os anos nós damos água. Esse ano foram, nossa acho que tinha umas 40 e poucas garrafas de água aqui em casa. Mas os vizinhos juntam as garrafas e enchem de água e dão para minha mãe, nós enchemos a geladeira, as outras geladeiras e no dia a gente dá água. Porque eles sentem muita sede, eles dançam muito, pulam muito.”¹⁴³

Samuel participou da CODIVINO quando criança, logo depois que o Pe. Bittar sinalizou a possibilidade de excomungá-lo. No entanto, após um tempo, por não encontrar pessoas da mesma faixa etária nas reuniões da Comissão, achou melhor se afastar e criar métodos próprios para sanar o desejo de ser atuante na paróquia em que é parte. Certo da legitimidade que exerce, com o respaldo da família, vizinhança e de membros da CODIVINO – que reconhecem a importância de tudo o que ele faz. Samuel, o jovem de criatividade vivaz, ainda nos relata que deseja implementar tapetes decorativos junto ao altar e verbaliza que seria interativo se mais pessoas aderissem à prática cultural na comunidade em que mora.

“Eu acho que se todo mundo fizesse, soltasse um foguete, colocasse uma toalhinha na janela, quando vier passando as procissões, as procissões ficariam mais bonitas, mais interessantes. Mostraria a devoção do povo. (...) Eu faço por devoção e porque é uma coisa que eu gosto. Eu gosto de fazer essas coisas diferentes porque eu já tenho o material, mas nada impede uma pessoa normal de colocar o seu santo de devoção, que fica do lado da sua cama, na janela com um jarrinho de flor. Você não precisa fazer uma coisa estrondosa; sinos, fogos, música, flores naturais, jarros, mas você pode fazer uma coisa simples. Mas que mostre sua devoção, que

¹⁴² Entrevista concedida por Samuel Giarola a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 02/07/2019.

¹⁴³ Entrevista concedida por Samuel Giarola a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 02/07/2019.

*você está feliz de a procissão passar em frente à sua casa. (...) E uma coisa que eu quero trazer aqui para o meu altar, são tapetes. Tenho vontade de o ano que vem fazer um tapete de rua. Só que isso ainda é uma coisa que eu vou ver se eu consigo fazer. Mas eu vou. Vou sair na rua, vou conseguir patrocínio e nós vamos fazer isso.*¹⁴⁴

O espírito livre e afirmativo de Samuel, com aptidão para criar outras realidades possíveis, nos fazem perceber que na Festa do Divino, o cortejo congadeiro e as procissões, são de fato, do povo que expressa a própria fé. Agora, são os fiéis do santuário que vão até a capela do garoto, sobretudo os que comungam da devoção ao Rosário. Que como Samuel diz: *“a Nossa Senhora do Rosário é a mãe dos africanos. É aquela Nossa Senhora que eles falam que é a mãe sem preconceito, que é aquela que não prega cor, raça.”*¹⁴⁵

¹⁴⁴ Entrevista concedida por Samuel Giarola a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 02/07/2019.

¹⁴⁵ Entrevista concedida por Samuel Giarola a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 02/07/2019.

1.10. Inácia Maria dos Santos



FOTO 6: Inácia Maria dos Santos, em um dos convites para celebrações virtuais da Festa do Divino, da paróquia do Matosinhos, 2020. As atividades foram on-line por conta da pandemia. Acervo: CODIVINO, site Facebook.

“*A gente é muito guerreira!*”¹⁴⁶ Foi o que exclamou Inácia Maria dos Santos ao falar a respeito de si e do trabalho que desenvolve na Festa do Divino, na paróquia de Matosinhos. Não titubeei em confiar e compreender, no processo de sororidade, os muitos atravessamentos que nós mulheres brasileiras passamos e o quanto a força extraída do útero faz-se necessária, para parir a si mesma, todas às vezes que for preciso começar e recomeçar mais uma vez. Filha de Maria de Freitas Santos, 92 anos, e Antônio Paulo dos Santos, 98 anos, Inácia nasceu em abril de 1950 no distrito de Santa Cruz de Minas, São João del-Rei/MG. Vinda de uma família longeva tem hoje 70 anos de idade. É uma quituteira referência na região são-joanense e voluntária na

¹⁴⁶ Entrevista concedida por Inácia Maria dos Santos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 03/07/2019.

comunidade, é a responsável pelos cafés destinados às Folias e Reinados Congos na Festa do Divino.

Dona Inácia mudou para o bairro Matosinhos em 1967, quando se casou. Através de suas lembranças e narrativas pudemos acompanhar algumas transformações, do espaço rural e arborizado para uma área ocupada de casas e construções. Inclusive com a demolição de patrimônios barrocos, como a própria igreja antiga do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. A argamassa das novas edificações, como no caso, a igreja, mas também o bairro, deixaram memórias gravadas no espaço-tempo e coração de dona Inácia, uma vez que o marido foi um dos pedreiros que ajudou a erguer o atual santuário de Matosinhos. Com a palavra:

***Inácia:** Quando eu vim para cá não tinha casa nenhuma. Hoje você vê que não tem nenhum lote vago mais. Hoje está tudo arrumado. (...) Lembro, aqui na minha rua podia contar umas sete casas. Não tinha mais nada não. Era tudo, tudo árvores, era tudo mato. Todos caminhozinhos, trilhas. Não tinha estrada, não tinha nada não, tudo era trilho de terra. Sabe, tudo era trilho. Aqui na minha frente mesmo tinha um pé de jabuticabeira, era abacate, manga. Isso tudo aqui era aberto. Daqui até onde é o posto de gasolina, atrás da igreja. Sabe? Era um casarão que existia ali, que foi demolido. Era tudo, tudo mato. Não tinha casa nenhuma não.*

***Simone:** Isso então lá nos anos 70, mais ou menos, né? Que a senhora nasceu em 1950.*

***Inácia:** Isso foi em 1970. Eu casei em 67, então 70, 68, podia contar as casas que tinham por aqui. Muito pouco. Sabe, era muita pouca casa. Depois teve a demolição da igreja velha, antiga, né? Meu marido foi uns dos construtores do braço da cruz. Que lá é uma cruz, a igreja. Então o braço do lado de cá, do lado da [Rua] Sete de Setembro, o pai dele com os filhos, é que trabalhou, ali no levantamento da igreja [Senhor Bom Jesus de Matosinhos]. Ali foram vários pedreiros, vários construtores que trabalharam, que ajudaram. Então foi nessa época.”¹⁴⁷*

Os trilhos da vida fizeram com que no matrimônio o casal tivesse seis filhas(o)s. Porém, pela fatalidade do destino, dona Inácia se tornou mãe solo, o companheiro adoeceu e rapidamente veio a falecer. Inácia, com dignidade, criou o rebento sozinha, embalada pela fé que lhe dera força, humana, para enfrentar as dificuldades. Na arte da culinária, soube domar o fogo e deixa-lo na temperatura correta para o êxito dos seus preparos: salgados de festas. No preparo da vida, além do quadro econômico, as vitórias de uma moradia de

¹⁴⁷ Entrevista concedida por Inácia Maria dos Santos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 03/07/2019.

qualidade, assim como a educação para os filhos. Dessa forma, chegamos na festeira aposentada que contribui com o café e com o afeto na Festa do Divino.

Inácia: *Eu venci muitas batalhas, mas não venci sozinha não. Eu venci porque eu acreditei e porque eu tive fé. Porque se eu não acreditasse, também, eu não tinha vencido não. Porque eu fiquei com seis filhos pequenos, com uma casa sem acabar. Se eu tenho essa [casa] hoje, do jeito que ela está aqui, foi porquê eu consegui. Você entendeu? Consegui muito. O ponto aqui é bom. (...) Agora é viver só de agradecimento e tocar a minha vida até a hora que Deus quiser. (...)*

Simone: *Claro. E a senhora é uma super guerreira que criou todos eles...*

Inácia: *É. Criei no forno, porque antigamente era muito difícil, então eu fazia salgados, pegava festas de casamento, pegava as coisas. Então quando eu parei de fazer os salgados para fora, mexer com festas, eu peguei a Festa do Divino. É aonde, que até hoje eu falo: “vou abandonar. Vou largar sim. Vou largar sim certas coisas que eu faço na Festa do Divino, mas o café não.” O café é uma coisa minha. É uma graça minha. Você entendeu? O café eu vou estar lá. Enquanto Deus me der força e coragem eu vou estar lá. Porque a maioria das coisas do café sai daqui.”¹⁴⁸*

Sim, a conversa com a dona Inácia foi acompanhada de café e quitutes saborosos, na cozinha da casa dela, no dia 3 de julho de 2019. Ela, mulher guerreira, também deixou o ensinamento de que é importante ter tempo para si. “Levantar voo” unitário para passear, se divertir, chorar, rezar e viver a própria liberdade, mesmo que tenha o universo religioso como pano de fundo, como método de fomentar viagens e momentos de lazer diante daquilo que se gosta, ainda que seja por devoção sagrada, no caso, ao Espírito Santo e Nossa Senhora Aparecida.

“Sou devota do Divino Espírito Santo, mas também sou devota de Nossa Senhora Aparecida. Às vezes eu vou duas, três, quatro. Às vezes eu estou aborrecida aqui, eu sou mestre de pegar os meus filhos, às vezes eu falo com eles: “vou dar uma volta”. Arrumo, pego uns trocados, ponho dentro da bolsa. Chego ali na pracinha e pergunto assim: “vocês estão indo para onde?” Eles falam: “estou indo para Aparecida do Norte.” “Tem vaga?” “Tem.” “Ah, então estou indo.” As minhas [filhas] ficam assim: “mãe, aonde a senhora está?” Às vezes são 5h da manhã, 6h da manhã: “onde a senhora está? A senhora foi dormir na casa de alguma amiga? Onde a senhora está?” Eu falo assim: “ih, estou longe.” “Ah, já sei, a senhora está em Aparecida!” Vou! Vou três, quatro vezes no ano. As meninas comentam assim: “a mãe ainda não foi para Aparecida, pode esperar que qualquer hora ela levanta o voo.” Falo assim: “vou na casa da

¹⁴⁸ Entrevista concedida por Inácia Maria dos Santos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 03/07/2019.

Mãe um pouco, é lá que eu vou chorar um bocado.” “Mãe, mas a senhora tem aqui e tem lá na igreja também.” Eu falei assim: “mas não é igual lá.” Lá, você vê que lá é tão grande, tão grande.”¹⁴⁹

Grandiosos encontros da vida, temos sempre que agradecer!

¹⁴⁹ Entrevista concedida por Inácia Maria dos Santos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 03/07/2019.

1.11. Nivaldo Neves



FOTOFRAME 6: Nivaldo Neves mostra o brasão do Imperador de Divino que recebeu em 2005, e que foi complementado por ele com a corrente dourada, no estilo ouro.
Acervo: Simone de Assis

Sabedoria é o que a corporeidade, voz e consciência ativa de um ancião negro, de 82 anos de idade, evoca. Além da disposição para ensinar, para ver crescer, para aprender (mais) e fazer ecoar potências de uma existência solidária, batuqueira, perspicaz, individual e em rede. Seu nome, Nivaldo Neves. Uma pessoa que se sabe, que se verbaliza em práticas, que na força da união gera legados e segue sendo. Ser em si, ser em coletivo, na construção de espaços que dignificam e colocam luz nas manifestações culturais negras e periféricas. A conversa com este ancião durou mais de 4 horas, no dia 04 de julho de 2019, na residência dele e Sra. Vicentina, sua esposa, que me receberam de forma afetuosa com chá de alecrim e biscoitos. Além da entrevista registrada em áudio e transcrita, consulte o livro de atas da

Associação de Congadas Santa Efigênia, da qual Sr. Nivaldo organiza e pertence.

Filho de Ana Cândida de Jesus e José Neves, é o caçula do casal, nasceu em janeiro de 1939. Irmão de José Neves e Ciro Neves. Bisneto materno de Joana Maria de Jesus. As memórias do Sr. Nivaldo, nascido 51 anos após a abolição, nos permitem percorrer pela trajetória de resistência de uma família afrodescendente na região das Vertentes, em Minas Gerais. Percurso guiado pela Sra. Ana Cândida, que ficou viúva, com a responsabilidade de cuidar dos três filhos. Acompanhemos a narrativa nas palavras do Sr. Nivaldo:

‘A bisavó, [Joana], a mãe da minha mãe [Ana], essa foi escrava, porque ela pegou a parte da escravidão. E depois que acabou a escravidão, (...) a minha mãe nasceu, em 1900. E a minha mãe morreu com 84 anos de vida. Então a gente sobrevivia. (...) Meu pai é daqui do Onça [quilombo em território são-joanense], assim eles dizem. Minha mãe é daqui do Caburu, hoje São Gonçalo do Amarante. (...) Quando eu nasci, menos de um ano o meu pai veio a falecer. (...) Quando a gente nasceu lá no São Gonçalo do Amarante, que virou Caburu, e a gente veio embora para São João. O primeiro lugar que a gente morou aqui foi lá no Tijuco. Muita gente fala Tejuco, é Tijuco mesmo. Tijuco por quê? Tijuco significa charque, aquele barro preto, por isso que chama. Então a gente veio morar ali no local chamado “Fervedouro”, as beiras do córrego do Lenheiro. (...) Não era viável morar lá. Uma porque ela já era viúva, com três filhos, o mais novo, que era eu, doente. Aí conseguiu arrumar um lugar para morar, onde ninguém queria mora. Ser vizinho dos defuntos? Ninguém queria. Não tinha iluminação, não tinha uma rua direito, não tinha nada. Mas nós conseguimos alugar uma casa de conferência, um conjunto de casas com dez casas, e ali só tinha viúvas. Viúvas que não podiam nem sequer olhar para um lado de um homem. Olhar para o lado de um homem ia estar pedindo a casa, mandava embora. Naquele tempo era muito difícil para uma mulher viúva sobreviver.’¹⁵⁰

Dona Ana Cândida, lavadeira, se manteve firme, assim como os filhos, que foram crescendo e contribuía de forma coletiva para a unidade e bem-estar familiar. Como diz o Sr. Nivaldo, *“realmente, foi assim que a gente conseguiu sobreviver: junto.”*¹⁵¹ Os meninos também estudaram, dona Ana, preocupava-se com a educação e desempenho deles. Que não

¹⁵⁰ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

¹⁵¹ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

corresponderam às estatísticas preconceituosas que lhes eram depositadas, por serem filhos de mãe viúva-solteira.

“Minha mãe colocou o meu irmão mais velho na escola para aprender a ler, porque a minha mãe não sabia, morreu sem saber o que é que é letra A. E sabia fazer um cálculo de cabeça muito bem, melhor do que a gente. Minha mãe, então, falou: “vocês têm que aprender a ler para ser gente na vida.” E o pessoal colocava na cabeça dela que filhos criados sem pai virava ladrão, virava assassino, virava tudo. Já pensou, uma mulher que já não era tão jovem, com aquela coisa na cabeça? (...) A gente sobreviveu todas essas coisas. Depois eu também tive que ir para a escola, fui aprender a ler. Passei por duas escolas uma escola particular, onde a professora também era negra, Escola Cruz Cena. Há muito tempo que ela foi desativada, ela era ali na Leite de Castro, em frente a fábrica São-Joanense, ali do lado do supermercado Agostini, era ali essa escola. (...) Aí eu fui para o Aureliano Pimentel, já de cara peguei o 1º ano outra vez. E passei para o 2º e para o 3º e consegui fazer o meu primário ali no Aureliano Pimentel. Bom, dali eu também tive que, naquela ocasião, você fazer o 4º ano primário era a mesma coisa que um diploma de faculdade. Porque era difícilimo o aprendizado, por que a pessoa tinha uma alimentação fraquíssima. E depois você aprendia que tinha que fazer o 5º ano, o 5º ano era particular, a rede pública não dava, só para quem tinha dinheiro. Que era já o 5º ano, e ali você ia para o colégio, né? E não tinha condições. Então a gente parou no 4º ano e foi ganhar a vida. Então eu também fui para a prefeitura trabalhar, varrer rua, capinar rua, e por ali eu fui ganhando convivência, conhecimento na área de trabalho.”¹⁵²

O conhecimento laboral do Sr. Nivaldo, também como motorista e cobrador de passagem em ônibus, o levou para trabalhar em Juiz de Fora/MG e Belo Horizonte/MG. Casou-se com a dona Vicentina, também são-joanense, com quem tem hoje 53 anos de matrimônio, e foram morar São Paulo/SP. Anos depois retornaram para São João del-Rei/MG. Sr. Nivaldo foi procurar emprego na empresa de transporte UNIDA, lugar de onde saiu aposentado aos 49 anos de idade, por já ter na Carteira de Trabalho, o tempo necessário de contribuição previdenciária. Ele nos disse sobre a importância da indumentária no momento de uma entrevista de emprego, que deve ser similar a indumentária da missa.

“Quando você for pedir um emprego, nunca vá maltrapilho. Vai dizer que você está pobre, que você está precisando. Não! É a mesma coisa que você vai para a missa, veste a melhor roupa que você tiver, para você se apresentar. Então eu cheguei aqui também, vesti

¹⁵² Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

a melhor roupa que eu tinha, vesti um terno, lembro como se fosse hoje, um terno de linho. Tinha uma bolsa, igual essa que está aqui, só que tem que não era assim, era de feicheclar verde e amarela. Coloquei uma gravata, um terno de linho, limpei o sapato, coloquei um ray ban de fora, cheguei lá igual a um doutor. Já cheguei grande, pisando mesmo. ¹⁵³

Sr. Nivaldo pisou grande em toda sua vida. Aposentado começou a participar das atividades comunitárias e religiosas do bairro Bela Vista e São Geraldo. Nas ações em prol ao bairro recebeu, da Câmara Municipal de São João del-Rei/MG, o diploma de “honra ao mérito”, em 1992, por desenvolver o projeto de saneamento básico, com destaque para a importância de se tomar água filtrada. Ele conseguiu, através de vereadores, filtros de barro para muitos são-joanenses.

Sr. Nivaldo é parte da rede de associativismo negro na cidade. A princípio com movimentos ligados às CEB's e PAB. Desse movimento, explica que formaram a Associação de Congadas Santa Efigênia, cujo diretório envolveu sete primos, ele, os irmãos e os primos, Efigênia Vicentina Neves, Maria do Rosário Neves, Glaucy Soares Neves, Benedito Neves, além de outros integrantes da comunidade, como Vicentina Neves Teixeira, Geraldo Trindade das Dores, e demais pessoas que compõem e assinam o diretório da Associação, registrada e autenticada em cartório, no dia 21 de abril de 1994. A organização, no primeiro momento, era para se chamar Irmandade do Rosário, mas foram impedidos de colocar este nome por já ter outra registrada na cidade. Como nos explica:

*“Essa é a primeira ata da fundação do Congado. (...) 94, com o registro e tudo, na época. Aqui vem o histórico, Associação de Congado Santa Efigênia. Histórico da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, que virou Associação. É uma Irmandade porque os fundadores são três irmãos de um lado e quatro do outro, tudo é primo de primeiro grau. Portanto era uma Irmandade. Quando foi para registrar lá na Fazenda não aceitaram porque já tinha a Irmandade, alegando que já tinha uma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. E não era Irmandade, eles se equivocaram que lá é arquiconfraria e não irmandade.”*¹⁵⁴

A Associação das Congadas Santa Efigênia se desdobrou em

¹⁵³ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

¹⁵⁴ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

outros grupos, como o Raízes da Terra, liderado pela Vicentina Neves Teixeira. Realizam atividades com conjunto como a organização da Missa Inculcurada/Afro, no bairro São Geraldo, mas também no Matosinhos, na Festa do Divino. Na época em que o Sr. Nivaldo foi coroado Imperador do Divino, 2005. Além disso, mobilizavam-se para as ações de conscientização negra e antirracista, como o ato em novembro, “Acorda São João.” No entanto, no início dos anos 2010, nas complexidades das relações humanas, as parcerias entre as duas organizações foram desgastando entre si, o que gerou a separação das entidades e diminuição das atividades em conjunto. Sr. Nivaldo reconhece que toda comunidade perdeu com isso. Como nos contou: *“Por motivos fúteis, que eu também tenho os meus altos e baixos, também, não sou santo, a gente acabou se separando, e quem perdeu, não eu, a comunidade acabou perdendo. (...) Com isso, cada um caçou o seu canto. A Vicentina ficou no canto dela, eu também fiquei no meu canto.”*¹⁵⁵

Os novos projetos do Sr. Nivaldo rumaram para atividades com os jovens, por meio da criação do grupo Reggae na Periferia, que atualmente tem a bateria de samba-reggae. Além disso, uma ação de cunho social, na educação antidrogas, pela saúde, lazer e cultura da juventude periférica.

“Chamei os jovens: o que é que vocês querem? “Negócio de bater instrumento.” Aí chamei quem gostava, um colega meu e falei: “você sabe dirigir um pessoal de instrumento?” Falou: “sei.” “Vamos fazer Olodum?” Ele falou: “Olodum, Nivaldo?” “É, Olodum.” “Mas Olodum já tem na Bahia. (...) Vamos fazer uma coisa diferente, vamos fazer uma coisa que não seja a cópia do Olodum?” Eu falei: “o quê? Eu não sei.” Então ele foi para a internet, pesquisou e achou com o Bob Marley, por sinal meio doidão também, com seus problemas, vivia com suas drogas, mas muito boa as suas músicas. Muito bom seu ritmo. Aí a gente adaptou, fez. Motivo de crítica, que nós estávamos abraçando as drogas. Não era nada disso. Nós temos um ídolo. Problema do ídolo lá com as maluquices dele. Nós queremos o seu conteúdo, a música. Começamos a trabalhar com alguns ritmos diferentes. Todo mundo ficou espantado que é um toque diferente. Então o que acontece? Os meninos aprendem o samba, o samba-reggae e o reggae. Eles vão tocando, só pela batuta do maestro, ele sabe o que é que ele quer. Ele sabe a hora que tem que passar do samba para o samba-reggae, do samba-reggae para o reggae, sem parar. Eles vão tocando ali, dá o sinal do jeito que eles entendem, um já entra e muda a música. (...) Trabalhar com jovem é difícil? É. Tem pessoa que mexe com droga? Tem. Agora eu vou dizer: “você não pode não. Você é uma droga? Você não pode não, você é velho?”

¹⁵⁵ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

Então o que eu fiz, fui na secretaria, peguei alguns livros de drogas e comecei a trabalhar com eles. Fui dando um para cada um, conversando. “Um mal pela causa.” E continuo trabalhando com eles. Tem o fuminho do capeta? Tem. A gente sabe quem é? Sabe. Mas eu vou tirar ele? Não vou. Vou aconselhar ele.¹⁵⁶

Os conselhos e ações do Sr. Nivaldo seguem fortalecendo as redes negras de São João del-Rei/MG, um intelectual negro, um professor nato, que nas movimentações nos ensina sobre a faculdade da vida: *“a gente é do tempo da prática. A gente estuda na faculdade que não dá diploma nem férias. É a faculdade da vida, do aprendizado do dia a dia.”¹⁵⁷*

¹⁵⁶ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

¹⁵⁷ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

1.12. José Tadeu do Nascimento



FOTO 7: José Tadeu do Nascimento na pose oficial para o registro fotográfico dos Imperadores do Divino, com coroa, cetro, faixa e terno, na galeria da CODIVINO, 2004. Acervo: José Tadeu Nascimento, foto da foto: Simone de Assis

“É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.”¹⁵⁸ Este é o inciso VI presente no artigo 5º da Constituição Federal de 1988. Lei impressa em uma folha de papel A4 e que é guardada junto aos documentos pessoais, na carteira de bolso de José Tadeu do Nascimento. Ele que é capitão de Congo Catopé, umbandista e católico, é também consciente do direito de manifestar e

¹⁵⁸ Artigo 5º, inciso VI da Constituição Federal de 1988.

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_5_.asp

expressar a crença da qual é devoto. Assim como o direito de se movimentar, com toda sua corte e reinado Congo, com liberdade e dignidade. Filho de Terezinha Aparecida do Nascimento e José Clotilde do Nascimento, nasceu em dezembro de 1961, no distrito Emboabas, conhecido como região quilombola do Onça, na cidade de São João del-Rei/MG. Neto de Olotilde José do Nascimento por parte de pai e Antônio Bernardino, chamado de Pernambuco, por parte de mãe. Narra que tem “*antecedência africana*” pois o “*bisavô veio lá da África encaixotado no navio negreiro. Então ele veio de lá para cá.*”¹⁵⁹

Procedente de uma família extensa que incorpora a proximidade de avós, pais, filhos, irmãos, sobrinhos, agregados etc., Tadeu nos diz que quando criança, foi com os tios Davi e Agenor que tomou contato com os ritmos das Folias, Congados e Moçambique. Acompanhemos:

*“Quando eu era criança eu não conheci [Congada]. Eu conhecia sempre era a Folia, tinha Folia lá no Embobas. Lá tem Folia no Emboabas. O tio Davi que era o folieiro de lá. O folieiro, ele era o meu tio. (...) Depois com certo tempo foi o Congado lá de Barroso, o Moçambique. Tio Agenor era o capitão do Moçambique lá do terno de Congado de Barroso. Aí levou numa festa de outubro, lá, aí que a gente ficou conhecendo como que era o ritmo do Congado. (...) Está no sangue mesmo, não tem de onde escapulir não.”*¹⁶⁰

Além do veio consanguíneo que inicia Tadeu no universo congadeiro, aliás, no ritmo congadeiro como ele fala, há também a presença do sogro, Claudionor José da Silva, que era do Congo e o impulsionava a participar. De acordo com o genro: “*ele, [Claudionor], gostava mesmo do Congado, punha a turma para frente.*”¹⁶¹ No entanto, a escolha por se envolver de forma mais comprometida e responsiva com os ritos religiosos, festivos e culturais do Congado, aconteceu somente no ano de 2003 na vida de Tadeu. Uma vez que, após o casamento com Maria Aparecida Silva do Nascimento, Tadeu mudou para São João del-Rei/MG, a fim de trabalhar em algum lugar que fosse condizente com os direitos trabalhistas, isto é, ter a carteira assinada com garantias cidadãs no presente e no futuro. Vejamos:

¹⁵⁹ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

¹⁶⁰ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

¹⁶¹ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

“A gente veio para cá em 1986 porque naquele tempo serviço lá era muito difícil de carteira assinada. Então a gente queria um serviço de carteira assinada, para a gente no futuro era bem eficiente, né? Foi beneficiário para a gente sair de lá. Por que e se a gente estivesse lá sem carteira assinada? Aí não ia resolver nada. Aí nós viemos de lá em 1986. (...) Veio eu primeiro. Minha esposa ficou lá. Quando foi em novembro eu busquei ela. Aí eu arrumei uma casinha para ela e nós viemos. (...) Comecei a trabalhar na fábrica Brasil, lá na Leite de Castro trabalhei lá três anos. Depois fui para São-Joanense. Na São-Joanense trabalhei dez anos. Depois ela fechou. A parte que eu trabalhava dela foi embora para Pirapora. Eles queriam me mudar para tecelagem. Falei: “para tecelagem não vou não.” Que lá era muita poeira, essas coisas. Falei: “pode me mandar embora.” Eles foram e me mandaram embora. Depois eu trabalhei de servente, fui pedreiro. (...) Sou aposentado.”¹⁶²

José Tadeu e Maria Aparecida tiveram quatro filhas(o)s: Janete e Jane, que são gêmeas, Jailton e Gislaine. Uma família unida e participava nos afazeres culturais e intelectuais do bairro em que moram, Matosinhos. A Festa do Divino, dessa forma, contribuiu para aglutinar a rede de associativismo negro existente na cidade, na conexão com atividades das Comunidades Eclesiais de Base e Pastoral Afro-brasileira na região das Vertentes. Tadeu, Maria Aparecida, Wilson e demais amigos, inspirados por toda movimentação afirmativa na valorização do afro-catolicismo, fundaram o Congado e Catopé São Benedito e São Sebastião no ano de 2003. Grupo que atualmente tem como capitães, o Sr. Tadeu e o jovem Jailton, pai e filho. Vejamos o início da formação do grupo, que se aproxima da identidade Congo-Catopé e distancia-se das práticas moçambiqueiras, nos apresentando, assim, os diferentes trânsitos da tradição congadeira. Acompanhemos o relato do capitão Tadeu.

“O Congado a gente fundou em 2003. (...) Nós arranjamos uma turma de sete pessoas. Eu, minha esposa [Maria Aparecida], Ulisses Passarelli, tem mais gente, sei que nós éramos sete pessoas. (...) O Sr. Wilson também. O Sr. Wilson ele começou aqui de capitão. Aí fomos fazendo reunião, reunião, até montar a banda de Congado. Ele ficou repassando de capitão, falava que ia fazer algumas coisas, a turma não estava gostando. Aí o capitão falou: “o Congado tem que ser Moçambique.” A turma falou: “Moçambique não, nós começamos, o Congo nosso é Catopé, não é Moçambique. O nosso Congo, a origem não é Moçambique, nosso Congo é Catopé.” Aí ele pegou e foi saindo, foi separando. Aí eu falei: “eu mesmo vou pegar de capitão, porque esse negócio de ficar saindo sem capitão, isso não dá certo vai indo até acabar.” Aí eu peguei e entrei como capitão e

¹⁶² Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

estou até hoje de capitão. (...) A nossa guarda total está na faixa de uns 22 juntando tudo. (...) Eu não vejo a quantidade não, eu vejo a qualidade. (...) É um Congado mais familiar. Tem o meu menino, tem a minha menina, tem a minha cunhada, tem a minha prima. Tem mais outro pessoal conhecido, da minha parte também. O resto foi entrando, o pessoal que mora aqui, foi vindo, foi gostando e entraram.”¹⁶³

Capitão Tadeu nos conta que o segundo lugar em que a guarda congadeira saiu, em 2003, foi na Festa do Divino. O que lhe gerou visibilidade e foi convidado para ser Imperador do Divino para a Festa de 2004, o primeiro Imperador negro. Após refletir, aceitou o convite, desde então é membro da CODIVINO e atua em diferentes frentes da festividade. O que falaremos no Capítulo II.

A festa do Congado do capitão Tadeu acontece no mês de janeiro, em alusão ao São Sebastião, que ao lado de São Benedito, é patrono do grupo. Realizam uma comemoração uma dinâmica, com encontros congadeiros, missa afro, encenações teatrais, rodas de conversa sobre negritude, etc. Tadeu possui um rico acervo fotográfico do grupo, com o propósito de documentar e eternizar as festividades que organiza e participa, pois como diz: *“lembro que o padre Zé falava, o documento é a foto. Não é esse negócio de ficar falando, só coisando, o documento é a foto.”*¹⁶⁴ .

Os últimos anos trouxe uma experiência de luto nas festividades do grupo no mês de janeiro, em virtude do falecimento da matriarca da Congada, dona Maria Aparecida, esposa do capitão Tadeu, estrela de brilho forte. Compreender e respeitar os processos da vida, essa têm sido as escolhas do coletivo. Todavia, Eliana Maria dos Passos, amiga e comadre do capitão Tadeu, vêm estimulando para o retorno da festa congadeira no bairro. Na força ancestral das lutas negras, no amparo dos antepassados e na esperança estrelar dos viventes. Que assim seja!

A conversa com o capitão Tadeu aconteceu na casa dele no dia 31 de agosto de 2019. Uma prosa com café e broa. Cabe pontuar que conheço o capitão Tadeu desde 2015, quando, ao lado do pesquisador Samuel Avelar Jr.,

¹⁶³ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

¹⁶⁴ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

o entrevistamos para o documentário (En) Cantos do Congado. Filme que teve o lançamento em 2018 e foi dirigido por mim, Samuel Avelar Jr., Silvia Brügger e Cássia Palha, nossas professoras. No ano de 2017 viajei com o Congo e Catopé do capitão Tadeu para o encontro congadeiro na cidade de Ibituruna/MG. Em 2019 ajudei organizar a roda de conversa com mestres da cultura negra, no I Seminário de Pós-Abolição e História Pública da UFSJ, convidamos o capitão Tadeu para palestrar e nos brindar com seus saberes. Fui ao terreiro de Umbanda Pai Serginho de Xangô, lugar em que capitão Tadeu é filho de santo, lá recebi axé do vovô que ele traz em terra. Capitão Tadeu é uma pessoa iluminada, com missão de espalhar bênçãos e sabedoria pelo mundo afora. Celebramos sua existência! Agradecemos por sua prontidão em partilhar e nos ensinar, sempre! Saravá! Kaô Kabiesilê!

1.13. Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda



FOTO 8: Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda no altar da casa deles, em uma foto que foi utilizada como um dos convites para celebrações virtuais da Festa do Divino, da paróquia do Matosinhos, 2020. As atividades foram on-line por conta da pandemia.
Acervo: CODIVINO, site Facebook.

É possível traçar a trajetória de Júlia Maria de Lacerda, 73 anos, e Geraldo Elói de Lacerda, 82 anos, de forma separada, uma vez que se trata de duas pessoas anciãs, com suas individualidades completas e específicas. No entanto, a faremos em conjunto, assim como foi nossa conversa, um diálogo entre nós três no lar do casal, que me recebeu na tarde de 10 de setembro de 2019. Além disso, a faremos de forma única para ser mais um pretexto para esses dois estarem juntos, na maneira afetuosa, companheira, de cumplicidade, de leveza, de prazer, de respeito e irmandade, como combinam e gostam de estar. Conforme Sr. Geraldo narra: *“somos esposo, esposa e irmãos porque nós combinamos muito. Graças à Deus! Nós não brigamos*

não.”¹⁶⁵

Eles são integrantes ativos da CODIVINO, desde o início da Festa em 1998. São foliões de Reis, de São Sebastião e do Divino Espírito Santo. Apreciam carnaval e escolas de samba são-joanenses. Apaixonados por Congadas vão há vários encontros existentes na região das Vertentes. Nas palavras do Sr. Geraldo: “*nós vamos para todo lado acompanhando Congado.*”¹⁶⁶ Aposentados desfrutam do gozo pela vida, envolto há passeios de lazer e diversão expressos na cultura religiosa afro-mineira, da qual fazem parte. Tivemos o privilégio de encontra-los na festa de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande/MG e Congado de Santo Antônio, no distrito do Rio das Mortes, São João del-Rei/MG, em 2019, além das festividades do Divino, no Matosinhos.

Sr. Geraldo nasceu em fevereiro de 1938, filho biológico de Rosa Galdino de Jesus e Belmiro José de Lacerda, tem sete irmã(o)s. Os pais de coração, que o criaram desde os dois anos de idade, são Ana Vilata de Azevedo e José Estêvão de Azevedo. Ele nos fala sobre a infância ligada ao cultivo e venda de hortaliças, reflete sobre a mudança dos tempos em relação ao plantio de hortas e a sonoridade que os pilões geravam na cidade:

Geraldo: *A minha infância era o seguinte, antigamente usava muito a gente vender verdura na rua. Vendia mesmo. Chuchu, cebola, o que dava na roça, na horta, a gente vendia. Hoje não, não é Júlia? A minha menina que hoje é enfermeira, ela saía com um balaiozinho aí e vendia verdura, alface, cebola, chuchu. Era fácil, né? Hoje está acabando isso aí. Porque tem muito lugar que vende a verdura, então não compensa você plantar na horta. (...) Era muito diferente, socava café no pilão, arroz.*

Júlia: *Arroz. Lá em casa socava arroz.*

Geraldo: *Todo dia de noite passava nessas casas estava: “tum, tum. Tum, tum.” Era gente que estava socando café. A vida é essa.*

Júlia: *Hoje mudou muito, tudo mudado.*¹⁶⁷

Sr. Geraldo conta que estudou até a 8ª série na Escola de Comércio, relembra com orgulho como ele e os amigos arrumavam os sapatos para ir à escola, além de mencionar a força e luta laboral.

¹⁶⁵ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

¹⁶⁶ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

¹⁶⁷ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

“Geraldo: a gente lutava incansavelmente para trabalhar. Para comprar uma bicicleta, para comprar um sapato era difícil. Olha, o nosso tênis de desfilas na escola, nós passávamos alvaiade e saía todo mundo de branquinho. Fazia aquele desfile na avenida, todo mundo. Mas podia olhar os pés, era tudo tênis velho que a gente usava, passava o alvaiade e todo mundo metido ali, na escola.”¹⁶⁸

Com o passar dos anos Sr. Geraldo desenvolveu o ofício de carpinteiro, com produção e venda de móveis, acessórios de madeira etc., o que deu muito certo profissionalmente, inclusive com compradores do exterior. Eu mesma ganhei de presente um quadro em madeira com uma igreja no estilo barroco, entalhada por ele, no dia da entrevista. Nesse sentido ele diz que: *“a vida é assim, sempre levando, já fiz muita coisa, tem muito móvel nosso lá na Holanda, num punhado de lugar. Eles compram e levam.”*¹⁶⁹ No levar da vida Sr. Geraldo nos fala sobre a felicidade nas transformações que pôde realizar no imóvel em que cresceu, herdou dos pais e mora com a esposa, no bairro Tijuco, São João del-Rei/MG.

“Geraldo: A nossa casa aqui era de adobe. Desmanchamos tudo e fizemos de tijolo. Aquela frente que você viu [na foto] era a casa velha.

Júlia: Era de abobe primeiro, depois nós desmanchamos tudo para ser feliz. Graças a Deus!”¹⁷⁰

Sra. Júlia nasceu em abril de 1947, em São Gonçalo do Amarante, distrito de São João del-Rei/MG. É uma das 13 filha(o)s de Júlia Maria de Jesus e Raimundo Fausto de Paula. O pai era músico, tocador de bandolim, conforme o genro, Sr. Geraldo, que tinha apreço pelos sogros: *“Mas eu gostava deles, viu. Era bom, era bom. Se fosse vivo hoje, o tanto de bandolim que ele tocava, menina. Ih, nossa senhora!”*¹⁷¹ Dona Júlia carrega nas memórias as lembranças familiares sobre o tempo do cativo nas fazendas da região em que cresceu. Conta que se mudou de lá aos dez anos de idade, para ir trabalhar como doméstica e lavadeira. Depois, por conta das habilidades na culinária, mas também pela fé religiosa em Deus e Santo Antônio, começou a

¹⁶⁸ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

¹⁶⁹ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

¹⁷⁰ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

¹⁷¹ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

trabalhar na Escola Estadual Professor Iago Pimentel, lugar de onde saiu aposentada. Acompanhemos a trajetória:

“Júlia: Eu vim para cá com dez anos e a minha mãe continuou morando lá na roça.

Simone: A senhora veio para cá por quê?

Júlia: Trabalhar na casa de família. Trabalhei até casar. Depois, Deus é tão bom, Deus é maravilhoso. Eu sou muito católica também, ponho ele doidinho. (...) Um dia eu descendo com as roupas que ia entregar, passei, num sol assim quente, passei lá no Santo Antônio, numa terça-feira. Cheguei lá e conversei com ele sério, falei: “oh, meu Santo Antônio, me ilumina um emprego, um serviço. Eu preciso tanto meu Santo Antônio, tenha dó.” O filhinho dele tinha um buquezinho de flor na mão. A hora que eu pedi fez assim, eu arrepiei todinha. Falei: “oh, meu Santo Antônio, em vossas mãos eu entrego o meu pedido.” E vim embora. Continuei lavando roupa. Ai tá, passou. Um dia bateu na porta, era uma professora. Olha só para você ver o que que Deus fez. “Oh, Júlia, eu vim aqui saber, você não quer trabalhar no grupo não? (...) Falei: “oh, Maria, quem me dera que eu conseguisse.” Pois ela voltou para o grupo, está viva até hoje, voltou, falou com a diretora que ela conhecia uma pessoa que ia dar conta do serviço numa boa. A diretora mandou me chamar. Aí eu fui. Cheguei lá, menina, ela falou assim: “olha, a cozinha é sua.” Falei: “minha? Eu nunca trabalhei no grupo.” “Mas você vai dar conta.” (...) Me levou na dispensa da escola. No Iago, ali em cima. Me levou na dispensa e falou para mim: “olha, tudo nas suas mãos.” Hoje, pela primeira vez, o que você fizer está feito. (...) Olhei para cima e falei: “ah, vou fazer um arroz com tutu e uma salada.” Olha o que que eu fui fazer. E a merenda era para 700 crianças. Era muita coisa mesmo. Aí, minha filha, fiz. Fui lá na diretoria e falei com ela assim: “eu posso colher uns chuchus com uma cebolinha?” “Pode, que isso, a horta é sua”, a Maria de Lourdes falou para mim. Fui lá, apanhei, fiz o arroz, o tutu que foram aqueles caldeirões enormes. Sabe? E fiz uma salada de chuchu com cebola de cabeça, cebola de folha, aquela salada. As professoras chegaram lá: “o que que é que estão fazendo aí? Que delícia que é? Que prato é esse?” Eu fiquei na minha, caladinha, eu fiquei com vergonha de falar o que que era. Falei: “vocês podem merendar aí”, eu já levei a merenda, eu e mais duas colegas, nós já levamos a merenda na sala. Assentaram lá, minha filha, comeram, adoraram. E com isso saí do grupo aposentada. Graças a Deus!”¹⁷²

História do trabalho de lado, falemos agora sobre uma história de amor, a forma como Sr. Geraldo e Sra. Júlia se conheceram. Também o quanto a postura decida e direta dela foi elemento fundador para o casório, que já passou das bodas de ouro e tem como fruto a Thelma, filha deles.

“Geraldo: Eu olhava para ela, ela me olhava também. Mas estava meio difícil de entender porque ela morava na roça e a gente

¹⁷² Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

morando aqui na cidade. Mas depois ela mudou para cá. Eu não esqueço daquele dia, não esqueço, que eu escondi atrás do poste te olhando aonde você ia. Aí quando ela voltou, ela me viu, mas eu não notei que ela me viu não. Aí ela falou: “por que que você escondeu atrás do poste?” “Não foi por você não, era outra coisa que estava acontecendo.” “Não é não, foi por mim.” E daí começamos a namorar. E há quantos anos nós namoramos, hein? Para casar?

Júlia: *Ah, uns cinco anos. Né? (...) Foi cinco. Eu tinha 15 anos na época. Eu era criança. Casei com 20. É, foram cinco anos mesmo.*

Geraldo: *Ah, mas foi bom, viu. Foi bom sim. Todo tempo de namoro nosso foi bom. O tempo de casado também. Agora nós somos vovós, é vovô e vovó. Quando chega os dois aqui é: “ô, vovô. Ô, vovó.” Eles são agarrados com a gente, são agarrados mesmo. Eles gostam da gente.”¹⁷³*

A afinidade de Dona Júlia e Sr. Geraldo conecta-se, também, nas práticas das Folias. Acompanhemos:

Geraldo: *Agora a Folia eu comecei já bem antigo. Quando eu comecei na Folia, de verdade mesmo, eu já era com uns 22 anos, 23. Quando a gente era criança entrava na Folia, mas era de brincadeira. Mas já dava esmola. E assim a gente toma gosto. (...) E nós viajamos, né Júlia? Viajamos longe.*

Júlia: *Mas eu, eu, passei a gostar de Folia depois que eu vi meu pai tocando lá em Caburu. (...) Era meu pai, o João Quintino, o Zico da Lília, aquele pessoal mais velho. Eu achava bonito aquilo. Sabe? Achava legal porque eles ficavam de porta em porta. Eu ia ouvir. (...) Eu achava bonito ele pegar um cavaquinho lá e já ir. Ai! Num instantinho arrumava. Não tinha nada para calçar, era descalço. Aquelas roupas velhas.*

Geraldo: *Entrando no seu assunto, fala do seu irmão, o tanto que ele saía de lá para sair nas Pastorinhas.*

Júlia: *É, vinha a pé, tadinho.*

Geraldo: *Punha o violão nas costas e vinha. Andava duas libras e meia.*

Júlia: *Mas olha, para acontecer isso tudo, tudo, tudo que o Geraldo está falando e eu também, é porque nós prestamos atenção nos antepassados. Que se a gente não prestasse, se não tivesse o pai lá atrás que saía. Sabe? Eu lembro assim como se ainda fosse hoje.*

Geraldo: *Ele dá força a gente. A alma deles dá força a gente.”¹⁷⁴*

A força das almas antepassadas da família de dona Júlia, que são afetos e família do Sr. Geraldo, os impulsionam a desenvolver em vida as práticas culturais e religiosas das Folias. Sr. Geraldo é responsável pela Folia do Divino, que falaremos mais adiante. Dona Júlia foi responsável pelas Pastorinhas, que

¹⁷³ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

¹⁷⁴ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

teve início nos anos de 1970. Grupo que nasceu com o propósito social e comunitário de angariar fundos para resolver um problema de infraestrutura na casa de dona Antônia, moradora do Tijuco.

Geraldo: *Uma ocasião na nossa rua aqui, surgiu essas Pastorinhas. Ela teve essa ideia. Caiu uma casa aí na frente.*

Júlia: *Foi mesmo, eu nem estava lembrando mais disso.*

Geraldo: *A cuieiras caiu. E no cair a dona ficou sem a casa.*

Júlia: *Foi muita chuva, né Geraldo? Em janeiro.*

Geraldo: *Muita chuva e não tinha a casa. Aí veio aqui e falou com a Júlia o que que podia fazer para ela, para ajudar. Ela, [Júlia], pensou bem e pensou em sair com essas meninas. E deu certo.*

Júlia: *Assentei e escrevi. Olha só para você ver, como eu era nova e inteligente. Assentei e escrevi tudinho. Eu ainda tenho por aí, ainda, a minha letrinha. Escrevi tudo os versos bonitinhos. Depois de escrito fiz os uniformes. As primeiras foram de uma pobreza, feia. Você lembra? Fiz uma saíinha vermelha, aí eu fui lavar a saíinha e saiu a tinta tudo da saíia. (...) Escrevi tudo, tudo separadinho ali. Pensei direitinho, anotei tudo primeiro como que ia ser. Eu via assim, sabe? Eu concentrava e via os três na frente, dois atrás. Os três da frente era São José, Menino Jesus e a Nossa Senhora. Atrás vinha de dois a dois acompanhando. Menino só tinha um menino, né Geraldo? Para ser São José. E o menino Jesus era uma imagem do menino Jesus.*

Geraldo: *O menino Jesus, ainda tem a imagem até hoje. Mas sei que deu tão certinho que o povo gostava tanto, era tão bonitinho. (...)*

Júlia: *Antônia, está viva até hoje ainda. O dinheiro que nós ganhamos todo, graças a Deus, foi todo entregue para ela. (...) Ainda chamei não sei quem, uma testemunha ainda, eu não sei se foi o padre Juvenal, eu não sei quem foi. Eu sei que teve uma pessoa para poder entregar para ela arrumar o telhado da casa todinha. Eu fiquei tão feliz, graças a Deus! (...) Depois nós continuamos saindo. Saía, uma hora que ganhava dava para as Conferências. A gente pensava mais nas Conferências porque é tudo muito pobre.”¹⁷⁵*

É da força coletiva, associativa, daqueles que se sabem comunidade que pulsa a cultura negra, mobilizadora de ações humanas inimagináveis. Vivas para as Pastorinhas, que cantam com os Santos Reis!

¹⁷⁵ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

1.14. Ulisses Passarelli



FOTO 9: Ulisses Passarelli no coreto da Festa do Divino, 2019
Acervo: CODIVINO, site Facebook.

*“Eu não pude dar 400 mil réis para a Festa, mas eu dei meu corpo e alma. Isso eu dei mesmo.”*¹⁷⁶ Esses são os dizeres de Ulisses Passarelli a respeito das contribuições financeiras feitas pelos Imperadores do Divino são-joanenses, nos séculos XVIII e XIX, para arcar com os gastos da festividade em que eram coroados como representante maior. Ulisses, por sua vez, reconhece que no tempo presente, nos novos moldes do evento, não contribuiu com o montante igual ou de semelhante espécie. Mas evidencia que colaborou através de bens que têm valores imensuráveis: seu corpo e sua alma. De fato, o construto e corporeidade de Ulisses Passarelli se faz presente em diferentes frentes da reelaboração da Festa do Divino em São João del-Rei/MG, no ano de 1998, na primeira década da festividade e, ainda hoje, mesmo que fora da

¹⁷⁶ Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

mesa administrativa da CODIVINO. Ele, que nem sempre foi superintendente da Secretaria Municipal de Cultura, como o é atualmente, tornou-se ao longo do caminho mediador de Mestres culturais no processo de valorização étnico para o reconhecimento de patrimônios imateriais, democratização de saberes, e fomentos de educação popular na cidade, atrelado aos espaços das festas religiosas afro-mineiras.

Ulisses Passarelli é pai de Iago Passarelli, filho de Edna Santos Passarelli e Davi Passarelli, nasceu em abril de 1972, na cidade de São João del-Rei/MG. Formou-se em Odontologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lugar em que além dos estudos na área odontológica, lhe trouxe a proximidade das tradições populares e culturais brasileiras. Dessa forma, ele voltou para cidade natal com dois anseios: 1) atuar na área profissional.; 2) conhecer, registrar e valorar as manifestações culturais do município e região das Vertentes, em Minas Gerais. Por esse prisma, desde os anos 1990, utiliza sites eletrônicos para arquivar e deixar público histórias, memórias e bens culturais, sobretudo os imateriais, da região. Podemos conferir parte deste trabalho no blog Tradições Populares das Vertentes¹⁷⁷, blog Matosinhos: história & festas¹⁷⁸, YouTube Ulisses Passarelli¹⁷⁹, dentre outros canais. O campo cultural e das humanidades o envolveu profundamente. Também os desígnios religiosos, de missão, conforme narrou.

“Trabalhei 11 anos seguidos e contínuos como dentista. Depois desse período eu parei de clinicar. Hoje eu apenas dou aula no ramo de odontologia, no curso de Auxiliar de Saúde Bucal, a formação dos técnicos que trabalham dentro do consultório dentário. Eu dou aula nisso já há bastante tempo, desde 2008 para 2009. É a única ligação minha direta com a profissão hoje, são essas aulas que eu dou. Mas não faço mais clínica. Eu investi, enveredei na área cultural, que já era a minha antiga paixão. Eu comecei na área cultural em 1987, tem 32 anos. Trinta e dois anos que eu estou completamente envolvido na área cultural. Completamente, completamente, completamente. E eu digo isso de corpo e alma. Eu respiro cultura o tempo todo na minha vida. Eu não consigo viver sem isso não. Aí acontece que de um tempo para cá eu passei a viver profissionalmente, realmente, dessa área. Profissionalmente porque estudo, pesquisa e vivência eu tenho 32. Mas a vida profissional, o ganha pão da cultura é mais recente. (...) Eu não tenho uma descendência direta disso nem da Folia e nem do Congado. Mas eu sinto um chamado, uma missão em cima disso que eu embarquei nela de corpo e alma. Hoje eu

¹⁷⁷ <http://folclorevertentes.blogspot.com/>

¹⁷⁸ <http://festadodivinosjdr.blogspot.com/p/festa-do-divino.html>

¹⁷⁹ <https://www.youtube.com/user/up72folk/videos>

*consegui trazer o meu filho para dentro, o meu filho toca viola caipira junto comigo. Eu não toco viola, mas ele toca viola na Folia e participa comigo, ele tem 17 anos. Então hoje ele participa dessa forma. Mas eu participo de coração. Eu gosto, eu gosto demais.*¹⁸⁰

É com o sentimento de afeto, de alguém que realmente gosta daquilo que realiza e com a sensação de missão sagrada que Ulisses narra sobre o primeiro ano das comemorações do Espírito Santo. Também o compromisso ao aceitar o convite de abrir a ala dos Imperadores na festividade. Imperadores que permanecem com o cargo, embora a cada ano outra pessoa seja coroada.

*” Minha relação com a retomada da Festa do Divino: primeiro do ponto de vista sagrado, eu acredito que nada acontece por acaso. Deus coloca cada um de nós no lugar onde deveria estar, na hora que deveria estar, para a missão que ele quer que nós façamos. Cada um de nós, e aí não tem melhor e nem pior, todos somos iguais, somos filhos dele. E um dia ele me colocou na Festa do Divino. Eu entrei na Festa do Divino em 1998, no comecinho da Festa, quando a Festa iniciou realmente, eu tive a honra e a felicidade de ser indicado, aceitei e fui coroado, aceitei como o primeiro Imperador da fase nova, quando ela foi recuperada depois do seu paradeiro. Desde então vários outros colegas, irmãos foram coroados imperadores também. A gente costuma dizer que não tem ex-Imperador, coroado foi, coroado está. A gente é Imperador. (...) Eu contribuí da minha maneira com a Festa do Divino ao longo desses 20 e poucos anos. Um ano mais, um ano menos, mas sempre de alguma forma, eu sempre colaborei com a Festa. Diversas atividades eu fiz lá. Depois que eu fui Imperador, eu cheguei também a ser secretário da mesa administrativa, por três anos. Eu fui o primeiro secretário, fazendo atas, relatórios, ofícios e aquela coisa toda. Depois eu assumi de presidente, fiquei três anos de presidente. Depois eu fiquei um ano de coordenador das atividades culturais. Depois eu afastei da mesa administrativa. Eu não faço mais parte da mesa administrativa, por livre e espontânea vontade eu me afastei, eu achei que eu já tinha feito a minha colaboração. Continuei ajudando por fora. Então todos os anos, sempre me foi pedido uma espécie de auxílio, de ajuda, um convite chegava, eu participei todos os anos de alguma maneira. Recentemente, por exemplo, tem três anos que eu tenho feito muita coordenação do Encontro de Folias, do Encontro de congadeiros, tenho ajudado muito nisso. Eu sempre ajudei muito nisso. Eu gosto muito dessa coisa. Faço isso com muita naturalidade para mim. Não é dominando o que eu faço não. Naturalidade porque eu sinto, porque eu amo isso, isso vibra em mim. Eu sinto essa vibração e eu faço isso com paixão, com muito carinho. E assim vou ajudar na Festa como pode. Até na hora que Deus achar que deve.*¹⁸¹

¹⁸⁰ Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

¹⁸¹ Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

A interação de Ulisses com as vivências e com os mantenedores das manifestações culturais negras, o coloca em movimentação para o reconhecimento e patrimonialização dos mesmos. Não apenas as expressões do afro-catolicismo, também demais atividades de matriz africanas, como as linhas da Umbanda. O que é importante e acreditamos ser um passo promissor para cidade, que ainda apresenta inúmeros casos de racismo e desigualdades socioculturais. Dessa forma, os aliados na educação antirracista são pontes significativas para articular encontros de saberes, no plural, na cidade de São João del-Rei/MG. Cabe pontuar que, a movimentação de salvaguarda patrimonial da qual o Ulisses faz parte e ajuda construir é coordenada pela historiadora Márcia Gomes, junto ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG. Entendamos:

***“Ulisses:** A Festa do Divino hoje é uma festa que está oficialmente registrada como patrimônio cultural de São João del-Rei. Isso está oficializado e fechado dentro do Conselho do Patrimônio, já está comunicado ao IEPHA, ela hoje é parte do patrimônio cultural de São João del-Rei. E a gente tem estudado algumas medidas para poder favorecer isso. Agora enquanto poder público, já existe um plano de trabalho estabelecido e que começa, devagarinho, a ser cumprido. O devagarinho é porque é uma coisa absolutamente nova. São João del-Rei durante muitos anos foi encarado somente pelo lado da pedra, da parede e da cal, só as edificações. O patrimônio imaterial de São João del-Rei é só o largo. Então agora, isso é uma coisa tão nova que foi feito o ano passado. Para você entender, isso é do segundo semestre do ano passado. Ainda não inteirou um ano. Mas está feito.*

***Simone:** Você sabe quem é a equipe?*

***Ulisses:** Lá da secretaria de cultura. A historiadora responsável é a Márcia Gomes.*

***Simone:** Você faz parte também?*

***Ulisses:** Faço parte da equipe. Eu que coordenei o processo de patrimonialização lá da Festa do Divino. Não só da Festa do Divino, mas também de alguns grupos de Congado, de Folia. Ainda ficou grupo para fora, que a gente vai fazer o ano que vem. Conseguimos também fazer de uma festa de Erê, de Cosme e Damião, do terreiro do senhor Isaias. Então que coisa louca, a gente coloca como patrimônio tanto a festa do santo Católico como uma festa de Umbanda. É um desafio, é um avanço. É algo que a gente nunca teve antes. Não há como negar. Inclusive daqui alguns dias vamos ter uma ação lá, de Cosme e Damião. Tá? Vamos ter uma ação nossa já dentro do plano de salvaguardas. Então está acontecendo, devagarinho ainda, está naquele ritmo lento, está igual um carro de boi andando, está só o rangendo. Mas a gente chega lá. Para quem começou a menos de um ano. E também merecia isso, merecia essa*

patrimonialização como você bem disse.”¹⁸²

Que este carro de boi, comentado por Ulisses, que carrega trabalhos por uma educação patrimonial e antirracista na “cidade onde os sinos falam”, como São João del-Rei/MG é comumente conhecida, amplie cada vez mais os espaços de escutas e visibilidades para os expressivos ritmos das Congadas, toques de atabaques da Umbanda/Candomblé/Omolocô/Jurema, acordes de violas e demais legados de matriz africana. Para além do reconhecimento dos bens culturais, a valorização das pessoas, Mestras e Mestres que mantêm esses vívidos marcos civilizatórios. Desejamos êxito para este importante, inclusivo e significativo trabalho que Ulisses, Márcia e equipe seguem desenvolvendo.

A conversa com Ulisses aconteceu no templo religioso de Umbanda em que ele é o Zelador, o Ilê Axé Ogum de Ronda, no bairro Caieiras, São João del-Rei/MG, no dia 13 de setembro de 2019. Lugar em que estava presente Betânia Nascimento Resende, companheira de Ulisses, e um filho de santo que cumpria obrigações religiosas. Ogunhê!

¹⁸² Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

1.15. Betânia Nascimento Resende



FOTO 10: Betânia Nascimento Resende e Ulisses Passarelli no cruzeiro da gruta do Divino, São João del-Rei/MG, 2019.
Foto: Betânia Nascimento Resende

“A gente não precisa ter uma fé cega, o que a gente precisa ter é uma fé engajada, com tolerância, olhar o outro com respeito, ajudar na questão material, na questão espiritual. Ajudar nos direitos sociais das pessoas, que a gente vê que hoje está fazendo tanta falta aí no mundo político. Né?”¹⁸³ Essa é uma das reflexões de Betânia Nascimento Resende, uma mulher religiosa, politizada e que, no reconhecimento dos privilégios e branquitude, age de maneira engajada na defesa da liberdade de crença e dos direitos sociais, diante das desigualdades excludentes da realidade brasileira, somatizada ao racismo religioso, situações ainda mais acirradas no (des)governo de Jair Messias Bolsonaro.

Betânia nasceu em agosto de 1981, no bairro Matosinhos, São João del-Rei/MG. É mãe da Clara e do Davi. Tem formação superior na área do Turismo. Nossa conversa foi rápida, no momento em que ela preparava café e pipoca, após a entrevista que realizei com o Ulisses Passarelli, seu companheiro, no terreiro de Umbanda Ilê Axé Ogum de Ronda, em São João

¹⁸³ Entrevista concedida por Betânia Nascimento Resende a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

del-Rei/MG, no dia 13 de setembro de 2019. Eu a acompanhei para ajudar nos preparativos, ela permitiu que eu gravasse nossa conversa.

Betânia nos falou com afeto sobre os aprendizados ecumênicos que a Festa do Divino lhe trouxe, em termos de compreender diferenças religiosas que comungam de um mesmo templo sagrado. Na juventude ela teve o padre José Raimundo da Costa como líder religioso e exemplo político. Participou, ao lado dele, de atividades de conscientização crítica da fé, ou seja, com a perspectiva de que a religiosidade deve olhar para o valor da vida das pessoas, a dimensão do humano, o respeito a pluralidade e diferença do próximo. Em outras palavras, apenas a oração em si, sem práticas concretas da bondade e caridade da qual se prega de forma discursiva, não é uma fé viva. Nessa ótica, é preciso retomar o apreço das lutas por condições dignas com as quais os sujeitos vivem, conforme me explicou. O que achei importante ouvir e aprender. A práxis de Betânia fazia-se presente nas atividades do Grito dos Excluídos, que o padre Zé Raimundo fomentou na paróquia e cidade, em meados dos anos 1990. Acompanhemos conforme narrou:

“Sou paroquiana do Matosinhos desde que me entendo por gente. Acompanhei essa Festa de diversas formas. Fui formada espiritualmente pelo padre Zé Raimundo, então para mim era um orgulho sentir essa questão do ecumenismo dentro da Festa do Divino, com a Missa Inculturada, com respeito ao diferente, às matrizes africanas dentro da igreja. Hoje a gente sente um pouco de falta disso. Por conta do que a gente chama hoje do pré-conceito, que ainda não conheceu o que envolve toda essa estrutura, o que o próprio Espírito Santo traz. Que o Espírito Santo traz muito isso, a questão sobre que Deus é um só, não importa a forma que você veja. E a Festa do Divino é muito isso. Mostrar que ali dentro, as diversas formas de manifestação religiosa, elas levam ao sentido da bondade, da caridade, do respeito, não importa que religião que te leve a isso e sim a sua essência. O Espírito Santo de Deus é isso! (...) Muitas vezes, quando você fala de caridade, mas você se opõe a ter uma postura política, a defender aos direitos do outro, então, você não está sendo cristão, de certa forma. O padre Zé me ensinou muito isso. A minha vivência com a Fé e Política no Grito dos Excluídos me ensinou muito isso. Né? A olhar o outro ser humano em todo o seu contexto material, humano, espiritual, financeiro e por aí vai. Me ajudou muito nessa construção.”¹⁸⁴

Deixaremos para abordar os demais pontos que Betânia levanta sobre a Festa do Divino e as ações ecumênicas que o padre Zé Raimundo

¹⁸⁴ Entrevista concedida por Betânia Nascimento Resende a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

desenvolveu no próximo capítulo. Por agora, falemos das novas descobertas dela dentro das vivências da Umbanda, ainda que com as raízes católicas, como ela disse.

“Hoje, assim, a minha formação é católica, só que hoje eu estou ao lado do Ulisses descobrindo que eu sempre fui uma médium e não sabia. Hoje eu estou desenvolvendo a mediunidade dentro da Umbanda. Então eu posso falar que eu estou num processo de transição. Se existe, eu estou igual ao cerrado. O cerrado é a transição da Mata-Atlântica para a caatinga. Eu estou num processo de transição, vamos falar assim. Com as raízes muito sólidas na Igreja Católica, sempre fui, mas desenvolvendo esse lado espiritualista da Umbanda, do contato com as entidades. Então estou num processo de transição hoje. Umbandista recém-chegada, vamos colocar assim. Admiro e respeito muito. E a Umbanda, com o pouco de contato que eu estou com ela, já fez muita diferença na minha vida. Não que as minhas raízes católicas não tivessem feito, mas a forma de olhar o mundo que a Umbanda traz te dá uma clareza melhor. Que às vezes, por questões históricas, o catolicismo tem muitos dogmas, muitas coisas fechadas, muitas coisas proibidas contaminando, e a gente precisa de entendimento. A verdade de Cristo está aí, no entender. Para entender, se conhecer e prosperar. Eu acredito muito nisso.”¹⁸⁵

A travessia de Betânia, compartilhada conosco, nos ensina sobre a importância do conhecimento próprio para ter prosperidade diante das escolhas feitas. Ela também nos leva a refletir sobre a historicidade da Igreja Católica, que nem sempre coaduna com a emancipação reflexiva dos fiéis. Dependerá se a autocrítica da Instituição virá à tona, como por exemplo, com o reconhecimento do crime da escravização negra da qual foi cúmplice e parceira, e as medidas de reparação, como o diálogo ecumênico, diante das festividades negras, tais quais a Pastoral Afro-brasileira propõem. O que sempre ficará a cargo da democratização e consciência crítica do pároco vigente. Com a memória da pipoca em mente saúdo: Atotô!

¹⁸⁵ Entrevista concedida por Betânia Nascimento Resende a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

1.2 CONEXÕES DE UMA HISTÓRIA PÚBLICA

Narrar de maneira individual – por meio da história de vida, redes de sociabilidade e associativismos – a história das pessoas de carne e osso que aceitaram compartilhar comigo, no processo de entrevistas orais, suas vivências e conhecimentos, é a maneira que me foi possível de lhes agradecer e tecer de forma coletiva, com nossas vozes, uma devolutiva social e pública. A trajetória dessas mulheres e homens, assim como a escritora, pessoas comuns, trazem intelectualidade, cultura e ensinamentos do cotidiano na luta por trabalho digno e sobrevivência na região das Vertentes, Minas Gerais; o prazer e resistências das festas religiosas ligadas ao catolicismo negro de São João del-Rei/MG; além das práticas culturais afro-mineiras que remetem à saberes ancestrais e representações identitárias. No Capítulo II iremos promover uma roda de conversa para conectar todas essas pessoas, acionando a temática da pesquisa: a Festa do Divino na paróquia de Matosinhos – passados-presentes. Sigamos com nosso ubuntu.

CAPÍTULO II

RODA DE CONVERSA: TEMPO DE FESTA

Mircea Eliade aponta que para o homem religioso o tempo não segue uma linearidade contínua, segue, por sua vez, uma circularidade ligada ao sistema de crença que é reavivado conforme os mitos e ritualísticas professadas pelo devoto. Ou seja, há momentos de ruptura cronológica que dão abertura para outras formas de se conceber e experimentar o tempo vivido. Nesse sentido, o autor nos apresenta dois tipos de tempos: o profano e o sagrado. O tempo profano diz respeito a cronologia monolítica, dentro de um calendário comum com os afazeres do cotidiano, ligado ao trabalho e aos compromissos diários. Já a outra face do tempo, a face sagrada, está correlacionada aos ciclos religiosos que instaura um tempo em aberto. Muitas vezes, um tempo de festa, com a possibilidade de que situações especiais e surpreendentes aconteçam, na comunhão com os deuses e deusas. Eliade ainda nos mostra que os estudos sobre o homem religioso estão atrelados ao campo da história cultural.¹⁸⁶

Kleber do Sacramento Adão apresenta que a festa, pelo prisma da Nova História, é considerada “como um momento em que um dado grupo ou coletividade projeta simbolicamente sua representação de mundo.”¹⁸⁷ Esse momento, dá sequência às práticas do dia-a-dia, reiterando as tensões e diferenças sociais do cotidiano. Sobretudo temos que tomar cuidado com as generalizações, pois há distintas formas de festas, como as urbanas, do campo, cívica, religiosa, familiar, entre outras.¹⁸⁸ A história tem revisto o papel das festas, não apenas pela ótica da comemoração, divertimento, momentos de regozijo e descanso, ou mesmo mostrando as divergências sociais. Embora saibamos da presença desses elementos compreendemos que é mais do que isso. Pois nas festas, segundo Adão: “o povo também se diverte, sendo, ao mesmo tempo, espectador e protagonista do festejo.”¹⁸⁹ Neste sentido, de

¹⁸⁶ ELIADE, 1992: 44-46.

¹⁸⁷ ADÃO, 2001:18.

¹⁸⁸ ADÃO, 2001:19-20.

¹⁸⁹ ADÃO, 2001:19.

homens e mulheres ativos que participam, produzem, consomem e fomentam, sendo espectadores e protagonistas do evento “festa”, pensamos na problematização do fenômeno.

Carlos Rodrigues Brandão, em consonância com demais escritores¹⁹⁰, apresenta três versões sobre a propagação da festa do Divino, de acordo com narrativas populares. A primeira versão diz respeito a figura da rainha de Portugal, Isabel, que após sonhar com a pombinha do Espírito Santo instituiu os ritos de celebração ao Divino por toda Portugal, do século XVI. Os portugueses da região de Açores, que adotaram fortemente as comemorações, teriam sido os responsáveis, juntamente com os jesuítas, pela reelaboração do festejo no Brasil. A segunda versão retrata que a festa teve início na França e Alemanha. A rainha Isabel ao conhece-la, teria sido a estimuladora das práticas festivas e religiosas para Portugal e América portuguesa. Na terceira versão a festa estaria associada aos cultos pagãos contra a peste, pragas e epidemias que atingiam a região. Nessa ótica a Igreja se aproximou das celebrações para difundir a crença ao Divino.¹⁹¹

Jacques Heers também sinaliza que na Europa medieval as festividades de Pentecoste estão ligadas ao ciclo da primavera, envolvendo festas pagãs, e, ações de graça, com práticas de distribuição de alimentos, sobretudo aos pobres. O catolicismo ao se apropriar da celebração, simboliza o divertimento e a abundância perante os fiéis. Isto é, uma igreja que fornece o alimento físico e o espiritual por meio dos dons do Espírito Santo.¹⁹²

Dessa forma a festa do Divino deriva de práticas portuguesas e europeias seiscentistas. É comemorada 50 dias depois da páscoa, conforme o calendário litúrgico. Marca o fim do tempo pascal, e a chegada da terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Divino Espírito Santo, que representa a energia vital, para o êxito das atividades terrenas. No festejo há a coroação do imperador do Divino, fazendo alusão à pessoa que carrega e/ou recebe os sete dons, também conhecidos como as línguas de fogo do Divino Espírito Santo,

¹⁹⁰ Maria de Lourdes Borges Ribeiro (1964); Emílio Willems (1949); Jarbas Jayme (1971).

¹⁹¹ BRANDÃO, 1978: 142-143.

¹⁹² HEERS *apud* ABREU, 1999:42

no dia de Pentecostes.¹⁹³

Martha Abreu destaca que no fim do século XVIII a festa do Divino no Rio de Janeiro carregava insígnias religiosas que coexistiam com demais práticas populares, envolvendo fiéis ligados ou não às irmandades cristãs, pessoas de diferentes segmentos econômicos. Abreu ainda apresenta que no Brasil Colônia havia forte devoção e um certo fascínio dos escravizados para com a figura da pombinha do Divino Espírito Santo. Ou seja, os elementos da identidade bantu em devoção à Ntoyo, o pássaro prateado. Uma vez que os africanos escravizados carregavam e manifestavam os valores que traziam consigo da África Centro-Occidental.¹⁹⁴ Abreu relata que tanto no fim do século XVIII quanto no início do XIX, estudiosos evidenciaram homenagens étnicas na celebração do Divino, através das manifestações de “congadas, lutas de mouros e cristãos, muito barulho e alegria, interrompida de vez em quando com a visita de autoridades, como os vice-reis, ou com a chegada dos africanos da Lampadosa, que cantando suas músicas, vinham homenagear.”¹⁹⁵

Marina de Mello e Souza levanta estudos de que as manifestações negras, por meio da música, dança e Congadas, em louvor ao Espírito Santo iam além da América Portuguesa, também foram encontradas na América do Norte, no século XIX. Souza relata que em Nova York, uma sociedade majoritariamente protestante, por conta da influência dos holandeses calvinistas, tinha como uma das tradições populares de maior destaque o Pinkster Day – Pentecostes. Souza vale-se de Munsell para dizer que na realização norte-americana da festa do Divino, celebrada no período de uma semana inteira, danças do Congo, toques de tambores, bem como performances estéticas faziam-se presente entre os negros.¹⁹⁶ Vejamos:

“Pinkster era comemorado durante uma semana entre os negros, com danças originais do Congo. Havia um chefe, o velho rei Charley, do qual diziam os mais velhos ter sido príncipe em sua terra natal. Durante as comemorações Charley vestia-se com um casaco militar vermelho, profusamente debruado de fitas, e um chapéu preto com um pompom de lado. As danças aconteciam ao som do tambor tocado por Charley e atraíam multidões da cidade e dos distritos

¹⁹³ABREU,1999: 52. Também nos embasamos na matéria “Pentecostes: Espírito de Deus, Espírito de Paz” presente no informativo Jubileu do Divino, Ano XVIII, Nº 18, Maio de 2015: 02

¹⁹⁴ ABREU, 1999:41-53.

¹⁹⁵ ABREU, 1999:69.

¹⁹⁶ SOUZA, 2002: 173-175.

rurais.”¹⁹⁷

As danças e batuques de influência Conga nas comemorações de Pentecostes na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, no século XIX, nos permitem acionar a categoria de Amefricanidade para a festividade do Espírito Santo que ocorre em diferentes lugares da América. Lélia Gonzalez é quem nos ajuda a compreender a dimensão amefricana, isto é, a presença cultural, política e formativa de influência africana que é elaborada e reinventada no continente americano.¹⁹⁸ Em outras palavras, em consonância com Gonzalez, temos uma América Africana, ou seja, “a categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada.”¹⁹⁹

A Festa do Divino em São João del-Rei/MG é fruto da amefricanidade, como ambientamos e explicamos na Introdução deste trabalho. Daqui em diante falaremos da Festa nas trocas temporais do passado-presente, envolvendo, sobretudo, as duas últimas décadas do evento, 1997-2019, que correspondem à reinvenção, consolidação e transformações da mesma. As entrevistas de história oral e os Informativos do Jubileu do Divino Espírito Santo, paróquia de Matosinhos, serão nossos interlocutores na compreensão do processo.

¹⁹⁷ SOUZA, 2002: 173-174.

¹⁹⁸ GONZALES, 1988: 69-82.

¹⁹⁹ GONZALES, 1988: 76.

2.1. REIVENÇÃO DA TRADIÇÃO – 1997-1998

Padre José Raimundo da Costa assumiu a paróquia de Matosinho no ano de 1991, em São João del-Rei/MG. A maneira pela qual escolhe exercer o poder de líder religioso é pautada na defesa de que o ser humano nasceu para ser feliz. No entanto, para que as comunidades oprimidas e populares atinjam a felicidade cidadã, de fato, é necessário que haja justiça e igualdade social para todo(a)s. Nesse sentido, age em frentes de valorização e promoção da vida, respeito às diferenças, politização da fé, isto é, instruir os fiéis para exigir o cumprimento dos direitos humanos garantidos por lei constitucional e afins, conforme nos disse em entrevista.

Os discursos e práticas do Pe. Zé Raimundo dialogam com os movimentos da Campanha da Fraternidade – CF, junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, dos anos 1990, que em muitos lugares do país conectavam-se a uma articulação mais ampla com a Teologia da Libertação. A Teologia da Libertação é uma corrente progressista da Igreja Católica que fomenta reflexões sobre a América Latina. Refletem e vislumbram uma Igreja latino-americana, menos romanizada, ou seja, que compreenda as especificidades do povo no território em que ocupam, que enfrente os problemas das desigualdades raciais e de classe. Problemas estes que geram injustiças, sobretudo, para com a população afrodescendente e ameríndia.²⁰⁰

Desse modo, três Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano marcam as diretrizes da Teologia: 1) Conferência em Medellín, na Colômbia, realizada no ano de 1968, que fomentava uma Igreja libertadora e democrática, no combate as opressões da ditadura civil e militar do período.; 2) Conferência em Puebla, no México, que aconteceu no ano de 1979, em que foi estabelecido que as ações da Igreja deveriam ser em conexão com as demandas dos pobres. Para tanto, os núcleos das Comunidades Eclesiais de Base – CEB, seriam o suporte concreto para ouvir, entender e corroborar com a mobilidade de pessoas em vulnerabilidade socioeconômica.; 3) Conferência em Santo Domingo, na República Dominicana, no ano de 1992, momento em que foi

²⁰⁰ BOFF & BOFF, 1986. SILVA, 2006. ROCHA, 2013.

estabelecido a perspectiva de uma Igreja que atue na inculturação com a cultura dos oprimidos, sendo ecumênica, em comunhão com organizações já existentes na Instituição, tais quais a Pastoral Afro-brasileira – PAB, dentre outras.²⁰¹

Pe. Zé Raimundo não costuma se afirmar como pertencente a uma corrente específica do catolicismo, mas identifica e age em parceria com os setores populares da Igreja, na busca pelo equilíbrio e valorização da cultura dos excluídos e cultura negra, de acordo com o que dissera.

“José Raimundo: Nós pertencemos a Igreja, a Igreja Católica Apostólica Romana. É comum cada um ter a sua forma de expressar, a sua forma cultural de celebrar, as regiões do nosso país são diferentes e tal. Há aqueles que simpatizam mais por um estilo, digamos, uma caminhada de Igreja, mas sempre no respeito. Não quer dizer que eu sou desse grupo, não concordo com outro, sou daquele grupo, ou eu sou daqui. Eu acho que a gente tem que evitar polarizações, né? Eu acho uma postura importante, a busca do equilíbrio é muito importante. O equilíbrio perfeito nós acreditamos que é Deus. Mas nós precisamos nos aproximar desse equilíbrio, não é fácil, mas nós precisamos buscar. (...) Olha, a Igreja sempre teve uma preocupação em usar da religiosidade popular, inclusive há documentos da igreja que se referem a isso, que falam sobre isso. (...) Então sempre valorizar a cultura, valorizar a cultura dos mais simples, sobretudo, dos excluídos, né? Porque, às vezes, falam-se muito, de uma cultura do oprimido, melhor dizendo, às vezes não é muito valorizada. E ali a gente percebe, por exemplo, no caso dos ternos de Congado, ou Congadas, a maioria são pessoas simples, pessoas humildes, e um exemplo de fé muito bonito que passam para a gente também. Além de toda parte cultural, folclórica, artística, que a gente vê ali, as cores, tudo ali tem um simbolismo tem um sentido, os gestos, até o levantamento do mastro, onde eles levantam a bandeira daquele santo que está sendo homenageado, no caso lá [Matosinhos], do Divino Espírito Santo.”²⁰²

A vontade e disposição para valorar as pessoas das classes mais simples na paróquia de Matosinhos, pessoas que carregam historicidade e saberes culturais, tais quais as Congadas, fez com que Pe. Zé Raimundo, no ano de 1997, convidasse congadeiros para compor os ritos litúrgicos da comemoração de Pentecostes. A ideia foi de que durante a procissão, no domingo do Divino, a Congada estivesse junto para manifestar com seus toques e danças o louvor ao Espírito Santo. O grupo convidado foi a Congada

²⁰¹ BOFF & BOFF, 1986. SILVA, 2006. ROCHA, 2013.

²⁰² Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

dirigida pelo capitão Sr. Zé Carreiro, da cidade de Coronel Xavier Chaves/MG, lugar também denominado Coroas/MG. A escolha por um grupo de outra cidade nos soa de forma intrigante, pois em São João del-Rei/MG havia guardas congadeiras antigas e atuantes, como o Congado de Santo Antônio, no distrito do Rio das Mortes – com registros desde 1924, mas com uma memória anterior de existência religiosa e grupal –, Congado Santa Efigênia, no bairro São Geraldo – com documento jurídico de 1994 –, capitães de Congo como Sr. Luiz Santana, que ao lado do Sr. José Camilo e demais pessoas, ajudaram a erguer a capela de Nossa Senhora do Rosário no bairro São Dimas em 1982, tendo assim guarda congadeira, dentre demais grupos na cidade. Acreditamos que pelo histórico de proibição da Festa do Divino no início do século XX, lá na paróquia, Pe. Zé Raimundo preferiu agir com cautela no ano de 1997, evitando desgastes para os congadeiros moradores da cidade, que conviveriam na região caso os paroquianos de Matosinhos não aceitassem com respeito a presença da cultura negra na procissão. Há possibilidade de que tenha optado por promover um encontro transcultural, na perspectiva de conectar diferentes manifestações afro-mineiras da região das Vertentes. De todo modo, vejamos através das palavras dele os significados da pomba do Espírito Santo e de como foi a experiência congadeira nas comemorações de Pentecostes daquele ano.

*“**José Raimundo:** Isso mesmo 1997, nós convidamos um terno de Congado, de Coronel Xavier Chaves, de Coroas, para participar da procissão em honra ao Divino Espírito Santo, que leva aquele símbolo de uma pomba. Aquele é com base no evangelho, quando evangelho diz que quando Jesus estava sendo batizado desceu sobre ele o Espírito Santo em forma de pomba. (...) É por isso que tem aquele símbolo lá do Espírito Santo, que é um dos símbolos que se leva na procissão. Então durante aquela procissão eu convidei, nós convidamos, o terno de Congado de Coronel Xavier Chaves, que a gente chama de Coroas também, para poder participar lá. Até costume brincar com o pessoal até hoje lá: “você não podem nunca deixar de convidar o pessoal de Coroas, porque foram eles os primeiros que vieram participar.” Bom, então, participavam durante a procissão e tal. Então muita gente gostou daquilo, os mais jovens, uns que até nem conheciam aquilo e começaram a perceber, acharam bonito. Os mais idosos recordaram, um pouco de saudosismo também, de lembrança. Até é bom isso, é positivo. Então a gente recebeu muitos pareceres positivos sobre a festa.”²⁰³*

²⁰³ Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

Pe. Zé Raimundo não agiu sozinho diante da articulação com o Congado do Sr. Zé Carreiro, contou com a rede de sociabilidade do Sr. Nivaldo Neves, que é ligado aos movimentos do afro-catolicismo por meio da Associação de Congadas Santa Efigênia, Grupo de Inculturação Raízes da Terra e CEB's no bairro São Geraldo, São João del-Rei/MG. Acompanhemos a experiência pela ótica e mediação do intelectual negro:

“Nivaldo: Bom, determinada época o padre José Raimundo, tudo tem o dedo dele, o padre Zé Raimundo falou assim para mim: “ô, Nivaldo, eu queria uma banda de Congado na procissão do Divino, você não pode me indicar não?” Falei: “olha, eu posso estar indicando para o senhor.” Ele está vivo ainda, Zé Carreiro, em Coroas, Coronel Xavier Chaves. Falei: “Zé Carreiro, está acontecendo isso e isso, o padre está querendo que você vá tocar na Festa lá.” “Você está ficando doido?” Era um preto imponente. Falei: “olha padre, é o seguinte, sabe por que que ele não vem, padre? Porque ele não tem condições. Se o senhor tiver condições de pagar o transporte, eles vêm.” “Vêm?” “Vêm.” “Mas como é que eles tocam? Eles tocam um bocadinho e para?” Falei: “não, padre, eles vão tocar a procissão inteira.” “Você está falando. Pode falar que eu mando a condução para buscar eles.” Mandou o ônibus buscar eles. Trouxe eles. Sobe a procissão do Divino, o sino bateu, aquela coisa toda, não tinha banda de música não. Entrou o Congado. O Zé Carreiro tocou desde quando saiu da igreja, passou lá em Matosinhos, lá naquele posto, entrou ali na [Avenida] Sete de Setembro e voltou sem parar, tocando. E o padre ali atrás, cantando e tocando, cantando e tocando. Acabou, entrou dentro da igreja, o padre os mandou tomarem café, todo mundo tomou o café. Aí ele chegou perto de mim, o padre, e mandou fazer assim: “cadê o rapaz que toma conta da banda?” “Ah, padre, não está aí.” Ele pegou e colocou no meu bolso, assim um envelope. Ele falou: “ônibus está pago, isso aqui é para ele comprar alguma coisa para ele.” Está o Zé Raimundo que não me deixa mentir.”²⁰⁴

O respeito e valorização para com os mestres da cultura negra foi pensado e estabelecido em diferentes aspectos, desde condução para buscá-los na cidade vizinha, os cuidados com a alimentação e a contribuição financeira. As parcerias com outras pessoas engajadas no interior da comunidade, foram fundamentais para fomentar a compreensão da presença congadeira na festividade do Divino. Sr. Antônio da Silva Serpa, na época o coordenador da paróquia do Matosinhos, foi um dos importantes aliados. Observemos:

“Antônio: Eu é que era o elo de comunicação entre as comunidades

²⁰⁴ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

*e o padre Zé Raimundo. Então na época em que nós tivemos a primeira Festa, em 1997, o padre Zé Raimundo quis abrilhantar a festa do Divino. Porque antigamente era só novena. Ou era nas comunidades, ou era na paróquia. Assim, uma novena normal, nove dia e tal, só dentro da igreja. Em 1997 o padre Zé Raimundo resolveu incluir um grupo de Congado na procissão do Divino.*²⁰⁵

O Congado do Sr. Zé Carreiro, de Coronel Xavier Chaves/MG, foi inspirador para os moradores e sujeitos correlacionados com a paróquia de Matosinhos. Tanto é que, em fevereiro de 1998, um grupo se organizou voluntariamente para arquitetar a reinvenção da Festa do Divino em São João del-Rei/MG. Grupo este que após dois anos de trabalho e atuação, no ano 2000, registrou-se de forma jurídica e estatutária como Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo – CODIVINO. A equipe que esteve à frente nos quatro primeiros anos da festividade foi: Pe. José Raimundo da Costa – presidente de honra; Osnir Paiva – coordenador geral; José Cláudio Henriques – Informativo ligado ao Instituto Histórico Geográfico (IHG) da cidade; Ulisses Passarelli e Maria Aparecida Sales – cultura; Luthero Castorino – Congadas; Altivo Paixão e Nelson Domingos de Abreu – infraestrutura; Luís D’Ângelo Pugliere e Sebastião Jacó – divulgação; Antônio da Silva Serpa, comunidades paroquiais; Sônia Coelho – coordenação da cavalgada; Damião Guimarães, cavaleiro do Divino; Geraldo Elói de Lacerda – Folias do Divino; Antônio Carlos Garcia e José Antônio de Ávila – financeiro; Kléber do Sacramento Adão, Paulo Zini, José Gonçalves de Souza, Otávio Félix da Silveira e Edmilson Washington – suplência de secretarias; Leila Andrade e Maria Cristina – coordenação de enfermagem; Inácia Maria dos Santos e Eliana Maria dos Passos – coordenadoras dos cafés das Folias e almoço das Congadas; conforme o livro de atas da CODIVINO e artigo escrito por Antônio da Silva Serpa no Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo, ano XIV, n.14, 2011.

O início do novo formato da Festa do Divino, em 1998, consistiu com divulgação ampla, através de jornais paroquiais – Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo, Paróquia de Matosinhos – que as Folias e integrantes da CODIVINO entregavam pela cidade; anúncios na rádio Emboabas; atividades em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico; e pesquisadores que

²⁰⁵ Entrevista concedida por Antônio da Silva Serpa a Simone de Assis, em Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos, São João del-Rei, 16/12/2018.

levantaram a historicidade da festividade, com arquivos do século XVIII e XIX, trazendo o marco do ano de 1774, para lembrar as comemorações do passado que fazem parte do enredo do bairro.

Estipularam a seguinte programação para a festividade: sexta-feira, abertura da novena do Divino e levantamentos dos mastros congadeiros; no domingo, cavalgada; durante a semana missas e novena; no sábado precedente ao domingo de Pentecostes, procissão com a imagem de Santo Antônio no trajeto da Igreja São Francisco de Assis até o Santuário de Matosinho. Cabe dizer que Santo Antônio foi eleito Imperador perpétuo do Divino pelos festeiros são-joanenses dos séculos XVIII e XIX, desta forma, os festeiros atuais resolveram manter o simbolismo. A procissão de Santo Antônio contou com a presença das Folias, a corte e o Imperador do Divino do ano, na pessoa de Ulisses Passarelli, que fora eleito por indicação; por fim, o domingo de Pentecostes – denominado “Dia Maior”, teve início às 06h da manhã, recebeu grupos de Congadas de diferentes cidades de Minas Gerais, além dos grupos da cidade, que dessa vez participaram. As atividades programadas eram: café e almoço para os congadeiros; procissão como Nossa Senhora da Lapa e Nossa Senhora do Rosário. Além do sagrado, pensaram no aspecto profano, na parte de lazer com violeiros convidados para se apresentarem no coreto de madeira, que foi montando especialmente para o festejo.²⁰⁶

Acompanhemos as lembranças de Ulisses Passarelli, ao narrar sobre o processo da formação da primeira equipe da Comissão do Divino:

“Ulisses: Osnir Paiva é um grande santeiro e artista plástico da mais elevada competência, conhecimento e capacidade, ele tinha feito muitas e muitas pesquisas sobre a história de Matosinhos, as festividades do Bom Jesus, do Divino. (...) E o Osnir, obviamente com a licença e permissão do padre Zé Raimundo, foi o grande cabeça do resgate. Foi o grande mentor do processo no sentido de comunicar com as pessoas, montar uma equipe, montar a primeira Comissão para começar haver o primeiro diálogo. Quando a Comissão realmente foi montada e estabelecida eu estava na primeira reunião, fui convidado. E o Osnir foi o maestro, o regente desse processo de resgate, foi o primeiro presidente que nós tivemos por três anos e tal. Foi chamando as pessoas. (...) Ele era presidente e eu era o secretário dele. O Osnir fez toda movimentação para que a coisa acontecesse a contento, a sucesso. A linha dele é que o resgate fosse muito próximo ao original, ao que tinha parado. Mas

²⁰⁶ Informativos do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos.

ele foi o grande arquiteto da Festa do Divino lá no seu embrião, na sua origem. A terceira pessoa que eu gostaria de ressaltar aqui é a figura do Luthero, o Luthero Castorino. O Luthero é um congadeiro nato. Ele é uma pessoa que respira essa cultura do Congado, da Folia. Ele tem uma prática gigantesca nisso. Ele tem tarimba nisso aí. O Luthero foi uma pessoa fundamental, essencial para trazer para dentro esses grupos culturais, pelo contato, a vivência que ele tinha com eles. Então quando você junta isso, você tem uma porta aberta, favorável a vinda dos grupos. No mais, a própria sociedade já tinha mudado muito. Uma Festa que começou em 1774 para 1998, mais de 200 anos, a sociedade já tinha tido uma mudança de pensamento, de atitudes, de raciocínio, de entendimento. Não era mais possível, não tinha mais jeito, nem querendo e nem sem querer, isso é absolutamente injustificável, nunca foi justificado, mas é absolutamente inviável, impossível, inconcebível que deixasse de fora as manifestações culturais de origem afro.”²⁰⁷

Ulisses Passarelli, que secretariou o primeiro diretório da CODIVINO, ao trazer as reflexões sobre a temporalidade da recriação da festividade do Divino em São João del-Rei/MG, demarca o pensamento vigente nos anos 1990: o de inclusão da cultura negra. Nesse sentido, sublinha a participação do congadeiro e intelectual negro, Luthero Castorino, diante da mediação com os demais grupos de Congada. Agora com a palavra, o mestre cultural em questão:

“Luthero: Começamos em 1997, a nos reunir com o padre Raimundo que deu abertura, por que era fechadíssimo. Como a igreja do Rosário que é fechada para os congadeiros até hoje no centro de São João del-Rei. O padre Raimundo falou: “olha, eu não sei o que vocês estão querendo, é muita coisa, mas eu confio nessa Comissão, pode fazer.” Ele já fazia uma caminhada, no dia de Pentecostes ele unia, parece que é nesse dia, ele unia todo segmento religioso, protestante, crente, evangélico, Assembleia de Deus, espírita, pai de santo, ele convidava para fazer uma caminhada. (...) lá na avenida e voltava, todos tinham a palavra. Padre Zé Raimundo, uma cabeça mais aberta, uma mente mais aberta. Ele falou: “eu não sei, eu não tenho noção do que vocês estão querendo, mas eu confio na Comissão, tem toda liberdade.”²⁰⁸

As memórias do Sr. Luthero a respeito da participação das Congadas na Festa do Divino, em 1997-98, nos apresentam o panorama excludente das Igrejas são-joanenses para com as manifestações do afro-catolicismo. Porém, enquanto a paróquia de Matosinhos promoveu mudanças, isto é, aberturas

²⁰⁷ Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

²⁰⁸ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

ecumênicas a partir das atividades de Pentecostes, organizadas por Pe. Zé Raimundo – na confiança e parceria com os festeiros do Divino –, a igreja barroca de Nossa Senhora do Rosário, no centro da cidade, ainda permanece de portas fechadas para os congadeiros. Entre permanências e mudanças da função social do cristianismo e da organização popular, sigamos com a historicidade das lutas negras na CODIVINO.

“Antônio: Então o quê que se fez? Reuniram e resolveram fazer uma comissão a partir daquela data para poder fazer os festejos do Jubileu do Bom Jesus. Nos moldes do século passado, já que a festa tinha sido paralisada em 1924, então resolveram fazer nos moldes. Só que incluindo, assim, porque no Jubileu do Divino não tinha Congado. A Folia sim, porque a Folia já era, pertencia, mas não tinha Congado. Então resolveram porque era também um modo de alegrar, de ter beleza, de ter orgulho na festa. Então a gente reunia para poder ter essa condição de fazer uma festa desse tamanho, desse tipo. (...) A festa de 98, 99 e 2000 a festa deu um pulo violento, pela festa que ficou parada praticamente mais de 50 anos. Ela deu um pulo violento. (...) Então, quer dizer, no início era aquele grupo bem pequeno, mas que o pessoal tinha uma vontade. Porque pelo vulto da festa de 97 ela pular para 98 com bastante grupo, já com Folia, já com Congado, já com cortejo e tudo mais, então foi uma euforia. Se construiu um coreto daquele, depois aí já começou a fazer bandeira, depois fizemos a coroa, salva e o cedro nos moldes do império. Quer dizer, foi tomando um vulto. O imperador do Divino. Foi difícil. O início foi muito difícil. Primeiro por São João del-Rei ser uma cidade de tradição, né? O pessoal lá em cima, até hoje ainda existe aquela festa, é a festa da tradição lá, com a diferença da daqui. Mesmo no molde do jubileu do Bom Jesus e tudo mais. Então a gente ficou preocupado, falou será que isso não vai durar? Vai ser fogo de palha? Vai durar um ano e vai acabar? E não. Foi tomando um vulto muito grande, porque aí foi incluído na procissão a Nossa Senhora da Lapa, que também foi uma imagem que a gente encontrou, estava encostada no Matosinhos, aí ela foi mandada para fazer uma restauração. A própria custódia do Divino também, ela antigamente que usava na novena.”²⁰⁹

Sr. Antônio, aliado importante na educação antirracista, evidencia o papel da beleza, do orgulho e da alegria das Congadas na comemoração do Divino, assim como as Folias. Além de pontuar que, diferente de outras localidades são-joanenses, a festividade reinventa tradições. Dessa forma constatamos que, a partir do sonho em conjunto da primeira diretoria da CODIVINO, a Festa do Divino nasceu, todavia, de maneira inclusiva. Atualmente carrega mais de duas décadas. Período de continuidades e

²⁰⁹ Entrevista concedida por Antônio da Silva Serpa a Simone de Assis, em Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos, São João del-Rei, 16/12/2018.

rupturas na configuração do festejo. Neste trabalho não abordaremos a totalidade do evento, como já o dissemos, iremos nos concentrar nos aspectos da cultura negra.

2.2. CULTURA NEGRA NA FESTA DO DIVINO – 1998-2013

O acúmulo das lutas, pesquisas, produção de saberes e reivindicações do Movimento Negro Unificado, desde 1971; as comemorações da efeméride do centenário da abolição, em 1988; junto da promulgação da Constituição Federal no mesmo ano, 1988, trouxeram efervescentes discussões no cenário político e cultural brasileiro. Desde então, uma das temáticas que ganhou corpo foi a da reparação do maior crime da humanidade: a escravização negra. O que suscitou algumas mudanças de paradigmas da sociedade, vide a Lei 10.639/2003, com a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana em todo país – para ficarmos com um único exemplo.

O que nos permite pensar a respeito da circulação de ideias e práticas efetuadas nos mais distintos locais. É justamente nesta ótica, que ambientamos a Festa do Divino com a presença das Folias e Congadas – expressões da “cultura negra”²¹⁰. Quem nos traz o panorama autorreflexivo é o Pe. Zé Raimundo, ao falar sobre os erros da Igreja no passado e as possibilidades de “reparar” no presente, a partir do diálogo inclusivo do catolicismo. Acompanhemos:

“José Raimundo: Então, se houve uma série de coisa atrapalhada, errada, erro da parte da Igreja também, muito erro aconteceu. Mas houve muita luz, muita coisa bonita também, então acho que é de agora para frente, ver o que a gente pode fazer para melhorar, para resgatar, né? Reparar. (...) A festa é no sentido de resgatar valores que eu acho que independente da religião são valores culturais, por isso é positivo, isso ajuda a construir paz também. Então eu acho que igual muita violência que tem, que tinha, que tem infelizmente, né? Eu acho que a gente ser profeta nesse sentido também, de anunciar coisas bonitas, positivas. Então a Festa do Divino é uma oportunidade para isso. Mesmo com certa dificuldade no começo, de entendimento. (...) A gente procurava alcançar as pessoas. Eu sempre gostei de trabalhar nesse sentido. As razões que nos unem, os diversos grupos, religiões, denominações religiosas que existem, acho que todos deviam ser respeitados, sabe? Nós somos diferentes, agora o diferente nunca deve ser, eu penso assim, o

²¹⁰ MONTEIRO, 2016:159-191.

*diferente nunca deve ser para uma ameaça, mas sempre uma oportunidade de crescimento. Então eu sempre falava lá, às vezes tinha alguém que tinha dificuldade com isso, eu dizia: olha, as razões que nos unem elas são muito maiores do que aquelas que nos separam.*²¹¹

Pe. Zé Raimundo vê a festividade do Divino como oportunidade de suscitar encontros culturais. Esses encontros, por sua vez, não são neutros, carregam o propósito pedagógico de fomentar diálogos ecumênicos. Pe. Zé Raimundo reconhece a diversidade do outro e não nega a abertura de ações em conjunto, a partir dos interesses em comum na difusão da cultura afrodiaspórica, como ele destaca, *“independente da religião”*. O Sul que o orienta é o combate à violência, à discriminação e ao racismo. Nesse sentido, trazemos para roda de conversa o Ulisses Passarelli, que nos fornece a compreensão das mobilizações antirracistas da Missa Afro (ou Missa Inculturada) no evento.

“Ulisses: A [Festa] de 99 teve tempo de planejamento. A de 98 só teve tempo de execução. Em 99, as Missas Inculturadas, que naquela época se chamava Missa Afro, (...) eu procurei o padre Zé Raimundo, aí eu digo que fui eu, batendo a mão no peito que fui eu, eu procurei o padre Zé Raimundo, foi uma atitude pessoal minha. Falei: “olha, padre, lá no São Geraldo existe um grupo de pessoas que trabalha a questão contra a discriminação, contra o racismo, eles usam a inculturação nas celebrações.” Expliquei para ele como é que funcionava. “Eu queria a sua licença, a sua permissão para que pudesse ser colocada na programação da Festa do Divino aqui, num momento desse.” Lembro como hoje as palavras dele, ele falou assim: “muito bom! Muito interessante (...), senhor Ulisses. Só que tem uma coisa, as pessoas aqui não estão habituadas e algumas pessoas poderão ter alguma resistência. Ou ter um entendimento precário sobre a verdade que você está me dizendo.” Foi assim. Ele falou assim: “por uma questão cautelosa vamos fazer o seguinte, neste primeiro ano não vamos fazer a Missa Inculturada. O senhor pode expedir um convite para o grupo e convide-os para poder tocar aqui no adro. Eles vão apresentar aqui três, quatro números, só para o povo começar a entender e perceber como funciona. Porque eles não têm esse costume de ir lá no São Geraldo assistir essa celebração.” Então eles vão apreciar num primeiro momento aquilo aqui de fora e vão entender, aí no ano seguinte nós levamos para dentro da Igreja.” (...) Eu falei assim: “fechado.” Saí correndo antes que ele mudasse de ideia. Fizemos o convite, na época, arrumou o transporte para o grupo, lanche, aquela coisa toda de praxe. O grupo veio e fez apresentações maravilhosas no adro. O adro ficou assim de gente, em 99, para assistir. Foi lindo! (...) Uma apresentação de

²¹¹ Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

natureza cultural, eivada nos valores da africanidade, mas de natureza cultural que se foram. A repercussão foi muito positiva. No ano seguinte eu falei: “padre o senhor lembra que o senhor falou assim?” “Lembro, marca o dia da Missa Inculturada.” Pegamos o calendário e marcamos. Ele cumpriu a palavra dele.”²¹²

As lembranças ativadas por Ulisses Passarelli a respeito da presença da Missa Afro/Inculturada na festividade, colocam-nos a par do processo metodológico e gradativo do discurso mais crítico e politizado que a atividade contém, enquanto ação decolonial. O agente cultural, conectado com o movimento negro são-joanense, também nos leva a perceber a força do Grupo de Inculturação Raízes da Terra, que do periférico bairro São Geraldo tornou-se fonte de inspiração e intelectualidade a ser acessada em toda cidade. Por isso as alianças promovidas por Ulisses, junto do convite para que ensinassem os paroquianos de Matosinhos sobre as lutas contra o racismo. Na sequência desta conversa evocamos a voz da fundadora do Raízes da Terra, Vicentina Neves Teixeira, que contribuiu com atividades de conscientização do afro-catolicismo na Festa do Divino, ou seja, na organização das Missas Inculturadas.

“Vicentina: É muito interessante falar da Festa do Divino, não é saudosismo, mas é saudade. Você vai ter a oportunidade de ver as primeiras fotos. (...) Quando reativou a festa do Divino, foi quando eles convidaram para a gente, a primeira vez, estar fazendo uma Missa Inculturada lá. A gente fez 12 anos de Missa Inculturada lá com o padre Zé Raimundo, ele sendo pároco da paróquia do Bom Jesus de Matosinhos. Então foram 12 anos dessa atividade. Ele tinha um entusiasmo de vir até aqui, trazia carta e perguntar o que precisava. Então, ele dava toda abertura pra gente.”²¹³

Dona Vicentina elenca a saudade e o sentimento de abertura de uma Festa plural e democrática, tal qual a primeira década da festividade do Divino. Ela nos mostrou o rico acervo fotográfico²¹⁴, com as encenações temáticas que organizava no evento, em consonância com a CF e PAB. Registros que visibilizam a forte rede de associativismo negro presente na tricentenária São João del-Rei/MG. É com este tom, em negrito, que passamos a palavra para

²¹² Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

²¹³ Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

²¹⁴ Na ocasião não tivemos condições de digitalizar e/ou fotografar, por favor, fica a deixa para que nos lê.

Luthero Castorino, o primeiro Capitão de Congado da CODIVINO.

“Luthero: A Congada ela entrou em 98. Lá antes de 24 não existia a Congada no Divino. Nem pensar! Com aquela igreja tradicional, rigorosa, rezando em latim lá no Matosinhos, na igreja do Bom Jesus, no São Francisco, na própria igreja do Rosário que os negros ajudaram a construir, então não tinha Congado ali. (...) A presença do Congado dentro do Divino, eu fui o capitão de Congado na época, na Comissão. (...) A festa do Divino é uma vez por ano que você vai na igreja? É. Congado é coisa de preto? É. Mas quantos católicos afastados que não estão praticando no dia do Divino? Estão lá dentro da Igreja? Quantos? Oito dias de festa, oito dias a igreja lotada. (...) Então a Congada veio para somar, o único lugar. Em Pirenópolis não tem Congado, [Matosinhos] é o único lugar que conseguiu unir o Divino.”²¹⁵

As recordações do Sr. Luthero são provocativas e trazem o panorama comparativo das Igrejas são-joanenses que não coadunam com manifestações congadeiras. Desta forma, ele apresenta o quão o santuário de Matosinhos ganha, inclusive em termos da quantidade de participantes, ao valorar e estimular a presença das Congadas nas comemorações do Espírito Santo. Sr. Luthero demarca a identidade racializada da Congada, ao dizer que “é coisa de preto”, que “veio para somar” e deixar “a igreja lotada”. As considerações afirmativas do congadeiro são significativas, trazem as diretrizes de alguém que se sabe sujeito histórico e reconhece a importância dos grupos culturais à qual pertence.

Ao que se refere o papel de mais pessoas na interlocução com as celebrações do Divino, também nos parece oportuno acionar a mediação das Folias, dos Juízes de Mesas e Juízes de Prendas. Para este recorte trazemos a voz do folião, Geraldo Elói de Lacerda, que nos explica detalhadamente sobre os cargos e atividades que desenvolve com quase dois meses de antecedência da festividade. Assuntemos:

“Geraldo: Nós pusemos a Folia do Divino, assim que surgiu a Festa do Divino, pusemos a Folia na rua. (...) Então na Festa do Divino têm as pessoas que trabalham com a carta de Juiz de Mesa e Juiz de Prenda. As minhas cartas que eu entrego é de Juiz de Mesa. Juiz de Mesa é assim, vamos supor que você mora aqui na minha rua. Aí eu falo com a Júlia: “Júlia, será que aquela dona vai aceitar um convite?” Chego lá na casa da senhora, bato, venho: “é o seguinte, a gente trabalha na Festa do Divino, nós escolhemos a senhora para Juíza de Mesa.” “Mas o que que eu tenho que fazer?” Falo assim: “a

²¹⁵ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

senhora vai dar um donativo para a Festa. A senhora é Juíza de Mesa.” “Quanto?” Eu falei: “quanto nós não podemos falar não. Isso é o que a senhora puder dar.” Têm pessoas que dão R\$ 10 reais, tem pessoas que dão R\$15 e tem pessoas que dão R\$ 50. Tem pessoas que dão R\$100. Isso que é o Juiz de Mesa. O Juiz de Prenda sai pedindo prenda. O que tiver vai: ovos, galinha, frango, queijo, uma caixa de fósforo, tudo é prenda. Isso é o Juiz de Prenda. A Festa do Divino trabalha assim.

Simone: *Quando mais ou menos que o senhor começa a entregar essas cartas, então, na Festa do Divino?*

Geraldo: *Assim que passar a semana santa, no domingo da ressurreição, após o domingo da ressurreição, na segunda-feira começa a Folia do Divino. Todas elas saem. Cada um faz o seu trabalho.”²¹⁶*

A explicação do Sr. Geraldo nos ajuda a perceber o engajamento comunitário que sujeitos ligados às Folias, bem como aos demais cargos da CODIVINO desenvolvem ao longo de meses para que o ciclo festivo, de lazer e de fé, ocorra com êxito. Nossas análises e percepções sinalizam que majoritária parte dos sujeitos que sonharam e realizaram a reelaboração da festividade, assim como os congadeiros e foliões que foram convidados e aceitaram participar do evento, coadunam com a pluralidade de experiências devocionais e respeitam-se.

Identificamos o desejo de reparação para com os erros da Igreja, nas perseguições e proibições do afro-catolicismo no passado, por exemplo. Também uma reflexão sobre privilégios e branquitude dos membros da CODIVINO, por isso, a tentativa de se fazer um evento plural e inclusivo. A rede de associativismo negro que aceitou construir o evento, coletivamente, sabe da legitimidade e importância das atividades desenvolvidas nas comunidades de origem – como a Associação das Congadas Santa Efigênia, Grupo de Inculturação Raízes da Terra, Folia do Divino do Sr. Geraldo Elói, dentre outras. Além disso, aproveitaram o ensejo para fortalecer a rede e circularidade do movimento negro na cidade.

Uma reorganização da identidade e representação da estética afro adquiriu corporeidade no bairro Matosinhos, desde então na conexão com atividades das CEB's. É importante dizer que foi a partir das comemorações públicas do Divino, com o fomento de encontros congadeiros, que o grupo

²¹⁶ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

Congado e Catopé São Benedito e São Sebastião, do bairro Matosinhos, nasceu no ano de 2003. No entanto, sublinhamos que o capitão do terno, José Tadeu do Nascimento, possui no histórico familiar a herança ancestral do Congo, ademais, na época, ele já era filho de santo na Umbanda do Pai Serginho de Xangô, antes mesmo de interagir com a festividade. Mas sigamos passo a passo para uma melhor compreensão dos leitores.

Os anos iniciais da Festa, assim como por volta dos 15 anos do evento, apesar da programação ampla e dinâmica, carregava como destaque os três últimos dias do ciclo festivo. Sexta-feira, com a realização da Missa Inculturada, que começou a ser implementada em 1999, mas aconteceu no espaço interno da Igreja somente a partir de 2001 e, durou até 2013. O sábado, é quando ocorre o encontro das Folias do Divino, que após acompanharem a procissão com o Imperador perpétuo, Santo Antônio, da igreja São Francisco até o santuário de Matosinhos, compõem as cerimônias da missa, com cânticos junto ao coral, depois cada grupo se apresenta no coreto de madeira que é montado especialmente e somente durante a Festa. O Dia Maior fica reservado para o domingo de Pentecostes, com a presença congadeira que é o ponto chave da festividade até os dias atuais. Embora com tensões internas, em decorrência do pároco vigente, Pe. José Bittar.

Além das atividades de cunho religioso, houve a preocupação de estabelecer momentos de lazer, com músicos de viola, barracas de quermesse com vendas de quitutes, também com o propósito de angariar fundos para manutenção do evento. Nas trocas entre o sagrado e o profano. Explicaremos nos próximos tópicos os pormenores da Missa Inculturada/Afro, Folia do Divino, Congada e Imperadores negros do Divino na festividade.

2.2.1. Missa Inculturada – Missa Afro

“Nivaldo: A Missa Afro em si, ela não celebra a morte, ele celebra a vida, ela é alegre, participativa. E a igreja acostudou a tocar o órgão, o violino e o silêncio, dizendo amém, mesmo você não sabendo o porquê. E como a Missa Afro celebra a vida, nada melhor do que alegre, do que dançar, que cantar, do que tocar instrumento.”²¹⁷

²¹⁷ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

É o Sr. Nivaldo quem nos dá as diretrizes de como funciona uma Missa Afro, que é uma celebração ligada à vida e que conecta o movimento de Inculturação do catolicismo com à cultura negra. Ritualística arquitetada pelos Agentes de Pastoral Negros – APN e Pastoral Afro-brasileira – PAB, em atividades construídas no diálogo com às Comunidades Eclesiais de Base – CEB's, uma das vertentes da Teologia da Libertação. Nesse sentido, o canto, a dança e a performance com a estética afro-brasileira teriam o papel de promover representatividades raciais no interior da Igreja Católica. Além disso, enfrentar as discussões sobre racismo, preconceito e desigualdades.²¹⁸

O Sr. Nivaldo também nos guia pela historicidade da Missa de caráter ético em São João del-Rei/MG, Brasil e “América” – conforme nos ensina Lélia Gonzales²¹⁹. O leitor poderá indagar que excerto é longo. Sim o é. Escolhemos deixar dessa forma, sem cortes ou interrupções. Trata-se da explicação na voz de um lúcido e octogenário ancião, que aprecia as minúcias dos fatos. Ao ler, tenhamos a escuta e os olhos atentos, diante da sabedoria do intelectual negros que vos fala. Acompanhemos:

“Nivaldo: A Missa Afro, a primeira Missa celebrada no Brasil, Afro, se não me falha a memória parece que foi em 1960, mais ou menos. Foi em Fortaleza pelo bispo Dom Maria Pires. A primeira Missa Inculturada, conforme foi aqui em São João também, muito criticada na época. (...) Então, a primeira Missa foi em Fortaleza, Dom Maria Pires. Na época deu um rebu danado. O papa da época chegou até ele, então ele suspendeu a Missa Inculturada no Brasil. Aqui nem se falava. Suspendeu. Mas Dom Maria Pires não deu pau batido. Ele falou: “eu vou continuar fazendo a Missa Afro.” O quê que ele fez? Como o papa vinha aqui nas Américas, não sei se é Venezuela, para esse meio aí, meio das Américas, ele pegou e fez um ofício, alguém saiu aqui do Brasil, foi até lá e entregou pessoalmente a carta para ele. Na hora ele não leu, como tinha resposta, ele leu depois e mandou a resposta dizendo... A carta dizia o que tinha passado na missa, que era o povo que entrava dançando, cantando, saudando. O que que levava nas oferendas? Levava broa, levava rapadura, levava pão, levava ervas. Para que as ervas? São os medicamentos. Isso tudo levava. (...) Pipoca. Levava tudo isso. E o pessoal não estava acostumando com aquilo, estava acostumado a ver a hóstia. O papa então respondeu, que quem mandou a carta para ele foram os bispos da época. Que os bispos não tinham entendido o conteúdo, que o Dom Maria Pires explicou que estava dentro da Igreja Católica, a única coisa de diferença, era que o povo dançava e

²¹⁸ ROCHA, 2013. MONTEIRO, 2016.

²¹⁹ GONZALES, 1988: 69-82.

cantava e, fazia oferendas pessoais. Você não come rapadura? Come O senhor não come broa? Come. Então é isso. Muitas vezes as pessoas não sabem o significado, por exemplo, da pipoca. A pipoca é o seguinte, a pipoca significa praticamente São Lázaro²²⁰. São Lázaro que era cheio de ferida. Então, quando naquela época, remotos, atrás, tinha muita varicela, então nos terreiros davam o banho com pipoca. (...) Então autorizou a Missa Inculturada no Brasil. E por cargas d'água veio chegando, chegando, chegando até no São Geraldo. Quem fez essa Missa Inculturada no São Geraldo também já morreu, padre Raimundo, um negro, alto. Ele fez a Missa Inculturada aqui. Mas o que acontece? Meteram a tranca nele e também no pessoal do São Geraldo, que era macumba. (...) Aí tiraram o padre daqui, mandaram para... sumiram com ele lá para o Sul, foi lá para São Paulo. Ficou dez anos lá em São Paulo sem vir em São João, como padre. Depois quando ele voltou para São João, não o deixou ficar aqui, o colocou nas cidades em volta. Mas ele continuou fazendo os rituais, as celebrações. Aí foi que o padre José Raimundo abriu espaço para a Missa Inculturada. (...) Nós organizávamos a Missa. Quem organizava mais era a Vicentina, porque essa parte de liturgia de igreja, ela entende mais. Eu não entendo.²²¹

As memórias do Sr. Nivaldo, a partir do simbolismo e ação concreta da Missa Inculturada, nos permitem vislumbrar o panorama das práticas decoloniais realizadas pela Igreja Católica na segunda metade do século XX. Atividades atreladas às Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, principalmente a que ocorrera na República Dominicana no ano de 1992, na estratégia de um cristianismo “inculturado” nos afazeres culturais dos oprimidos. Ou seja, momento em que o movimento negro religioso sublinhou as temáticas raciais, trazendo a importância da valorização do afro-catolicismo.²²² Nesse sentido, Sr. Nivaldo traz o nome de um bispo negro e brasileiro que é expoente das lutas afro-latinas, o Dom José Maria Pires. Que inclusive, chegou a ser popularmente conhecido como Dom Zumbi.²²³

Além do cenário continental e nacional sobre os aspectos da Missa Inculturada (ou Missa Afro), o Sr. Nivaldo nos ambienta no contexto são-joanense, ao evocar o nome e presença do Pe. Raimundo Inácio²²⁴ (in

²²⁰ Lembramos que São Lázaro é o santo sincretizado com o orixá Omulu (fase idosa) e Obaluaiê (fase jovem). O orixá das palhas sagradas que transforma as doenças em cura, na metáfora da transformação do milho em pipoca. Ele é o senhor do sol, o mestre que não se vê, o senhor da saúde e da morte, cuja saudação é Atotô.

²²¹ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

²²² BOFF & BOFF, 1986. SILVA, 2006. ROCHA, 2013.

²²³ SILVA, 2006. ROCHA, 2013.

²²⁴ MONTEIRO, 2016: 180.

memoriam). Padre negro que foi um importante articulador do combate e enfrentamento ao racismo em toda região das Vertentes. Ele é conhecido como padre congadeiro e militante, fiel defensor do patrimônio imaterial afro-mineiro, formador de opinião e de lideranças, tais quais o Grupo de Inculturação Raízes da Terra e Associação de Congadas Santa Efigênia, ambas no bairro São Geraldo. Rede de associativismo negro que reverberaram até o Pe. Zé Raimundo, na paróquia do Matosinhos. Nesta perspectiva trazemos as costuras da rede, para isso ouçamos as lembranças da organizadora da Missa Inculturada na Festa do Divino.

“Vicentina: O padre Zé Raimundo falava com a gente assim: “hoje é a caminhada dos Afrodescendentes”. Então, todo mundo ia colorido, de boné, de pano na cabeça, todo mundo para festejar e entrava junto com a gente na celebração. Isso era muito rico. Sabe? A cada ano era uma coisa diferente. Então os Imperadores negros que a gente teve, né? A gente teve o Tadeu, que é o Tadeu da Avenida Santos Dumont, que hoje é o capitão do Congado. É ele com a família dele participando com a gente. E depois o Nivaldo Neves aqui, foi um outro Imperador negro.”²²⁵

As recordações de dona Vicentina nos ajudam a visibilizar o orgulho da estética afrodescendente que enriquecia a programação das sextas-feiras na Festa do Divino. Não apenas entre os fomentadores da festividade, mas na coparticipação daqueles que consumiam o evento. As memórias nos soam como a sensação exitosa das práticas de educação popular na difusão de ações afirmativas. Haja vista a demarcação étnica dos Imperadores rememorados por ela, Tadeu e Nivaldo. Mas não só, também a estruturação de alguém que atualmente lidera um grupo de Congado. Ativista e intelectual, dona Vicentina sabe o quanto é referência na formação de imaginários negros em São João del-Rei/MG. Por falar ativismo e ações afirmativas, passemos a palavra para Eliana Maria dos Passos, que nos trará a mobilidade da Missa Afro.

“Eliana: Já dancei muito na Missa Afro, já participei das danças, a gente fazia roupa. E eu gostava muito de entrar com as oferendas, a parte das oferendas. Então eu gostava muito de levar pipoca. Adorava levar pipoca. Saia do serviço, chegava aqui em casa, eu pedia a mulher dele [Tadeu] para poder estourar as pipocas para a gente, porque não dava muito tempo não. Então eu gostava de entrar

²²⁵ Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

*com o meu balaio de pipoca.*²²⁶

As lembranças de dona Eliana nos fazem perceber os aspectos da cultura material e imaterial que a celebração afro ocasionava, desde a confecção de roupas para cerimônia, até a performance coreográfica das danças no interior da Igreja. Eliana também nos apresenta a rede afetiva no espaço doméstico, no momento dos preparativos dos alimentos-oferendas, como as pipocas, ela traz a parceria entre as mulheres da comunidade, no intuito de que todas compartilhem do tempo da Festa. Nesse campo, de sororidade, chamamos para a roda de conversa, dona Inácia Maria dos Santos, que irá descrever a ritualística no momento da missa.

“Inácia: As Missas [Afro] eram o seguinte; na hora do ofertório aí a gente levava o cesto das quitandas, as peneiras de taquara cheia de café, levava ramo de cana de açúcar, levava galho de pé de café. Entrava com tudo, entrava os escravos acorrentados. Eles faziam tudo que no passado tinha. Teve uma época que até se fechava a porta da igreja porque os sinhozinhos entravam para assistir à missa e os escravos ficavam do lado de fora.

Simone: Fazia uma encenação, então?

*Inácia: Fazia uma encenação. Entendeu? Aí depois que abria a porta, no ofertório abria a porta para eles entrarem com todas essas oferendas e colocava lá. Depois da missa isso era dividido para todos.*²²⁷

As memórias de dona Inácia nos permitem sinalizar o papel pedagógico das encenações realizadas durante a Missa, isto é, as performances que narravam os horrores do tempo do cativo. Por outro lado, ela também aciona a cultura de resistência presente nas oferendas, que trazem a perspectiva da culinária afro-mineira, assim como a dimensão comunitária da divisão dos alimentos, nos gestos de partilhas reatualizadas no tempo festivo. A Missa, enquanto espaço educativo, colocava luz nas africanidades, do olhar gastronômico ao referencial de musicalidades e vestimentas. Nesse sentido, convidamos o jovem Samuel Giarola para dar sequência nas explicações representativas da cerimônia.

“Samuel: Essa missa era linda! Tinha um coral todo afro, as mulheres se vestiam com turbantes como o seu, aquelas roupas coloridas, entravam com aquelas comidas típicas na hora do

²²⁶ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

²²⁷ Entrevista concedida por Inácia Maria dos Santos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 03/07/2019.

ofertório, depois saía. Era uma coisa linda, era um teatro a missa. E era incrível. E esse padre chegou e cancelou essa missa. E eu acho que quando você corta essa Missa Inculturada, você corta a metade da Festa. Porque as pessoas que iam na Missa Inculturada eram as mesmas que iam no Dia Maior. Se cortam elas ali, corta do Dia Maior.”²²⁸

As lembranças de Samuel enfatizam a beleza visual e dinâmica que Missa Afro proporcionava. As considerações do rapaz, no entanto, nos encaminham para o desfecho da cerimônia Inculturada na programação da Festa do Divino. Fato atrelado com a chegada do Pe. José Bittar na paróquia de Matosinhos. A voz crítica e consciente de Samuel, ainda destaca a possibilidade da redução de participantes no evento, compreendendo a rede negra que atuava em parceria nas diferentes frentes da festividade.

A palavra agora estará comigo, a fim de mediar alguns fatos para maior compreensão daqueles que nos leem. Vamos lá: dona Vicentina Neves Teixeira e o Grupo de Inculturação Raízes da Terra aceitaram o convite da CODIVINO para coordenar a Missa Afro, atividade que realizaram até o ano de 2009. De 2010 até 2013 a organização da Missa Inculturada passou a ser administrada pelos participantes do Congado São Benedito e São Sebastião do bairro Matosinhos, conforme narrado pelo Capitão do grupo, José Tadeu do Nascimento. Também consultei 13 exemplares do jornal, Informativos do Jubileu do Divino Espírito Santo, atenta nas permanências e modificações da programação, com isso constatei a troca dos responsáveis pela Missa de sexta-feira, no ano de 2010, e a ausência da cerimônia após 2013. Identifique a despedida do Pe. Zé Raimundo e a chegada do Pe. José Bittar, no ano de 2011.

Já cientes do cancelamento da Missa Inculturada no evento, acompanhemos alguns episódios arquivados nas memórias dos sujeitos que me ajudam a tecer a historicidade da Festa, e que trouxeram à tona experiências de racismo religioso. Dessa forma, passo a palavra para dona Vicentina, que nos contará sobre o último ano em que contribuiu com o ciclo festivo.

“Vicentina: *O respeito era tão grande entre as religiões que o padre*

²²⁸ Entrevista concedida por Samuel Giarola a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 02/07/2019.

Zé Raimundo, na época, aceitou que o Pai Cláudio, não o de Omolocô, o professor Cláudio, não, o outro Cláudio, subisse no altar da igreja. E isso deu uma polêmica muito grande. Eu levei as tintas. Mas fiquei na minha postura, defendendo o que eu vi.

Simone: *O que que a senhora viu?*

Vicentina: *Porque a gente estava numa celebração Inculturada e esse Pai Cláudio, ele entrou com a gente na celebração. Não vi nada de errado. Ele entrou todo de branquinho. Ué, afrodescendentes! Então eu acredito que eu não estava errada quando eu convidei para que ele fosse na nossa Missa Inculturada. Mas foi além, quando chegou lá, o padre Zé Raimundo o convidou para subir no altar. E pôs uma cadeira do lado e ele sentou. Eu achei isso nobre, nobre, o papel do padre Zé Raimundo. Quer dizer, que ele enxergou uma pessoa ali. Ele não era um sacerdote da Igreja Católica, mas ele era um sacerdote. Então ele sentou do lado, tudo o que as pessoas faziam, senta, levanta, o sinal da cruz, tudo ele fez. Ele não colocou a mão em um objeto litúrgico. Ele não comungou. Mas aquilo serviu, como se diz, para ficar mal falada a Missa Inculturada. Que muito dos outros padres renegaram e me crucificaram: “como que eu deixei um macumbeiro subir no altar?” Eu falei: “eu não deixei. O padre convidou. Que senão tivesse convidado ele não estaria lá.” Então eu acho que o papel do padre Zé Raimundo foi, assim, de tirar o chapéu. Eu via ali respeito, valorização pelo que um ou outro fizesse. Né? A gente sabe que tem...a diferença é muito grande. Mas eu vi o respeito dos dois lados: um que não colocou a mão nos utensílios e o outro que o convidou. (...) Aí a gente fez uma carta pedindo licença para a gente se retirar.”²²⁹*

A escrita nem sempre nos permite acionar a sonoridade e o sentimento das palavras. Mas eu as digo, dona Vicentina carregava mágoa e pesar ao falar sobre a “polêmica” – que podemos entender como repressão –, do que fora a presença do Pai de Santo Cláudio ao lado do Padre Zé Raimundo no presbitério do santuário de Matosinhos. Dona Vicentina, ao realizar a Missa Inculturada na Festa do Divino por mais de uma década, acreditava na empatia e na reciprocidade entre a pluralidade de crenças na festividade. No entanto, ficou em choque pelo teor racista das críticas que recebeu por conta do “*macumbeiro no altar*”, além disso, pelo desrespeito ao sacerdote religioso de matriz africana, reverberados por paroquianos e padres que acompanharam a cerimônia. Ela, assim como o Pe. Zé Raimundo, no pacto ecumênico, nos dá uma aula sobre ética.

Dona Vicentina, mulher íntegra, também nos leva a conhecer posturas de dignidade. Ao compreender a situação de racismo estrutural presente nas

²²⁹ Entrevista concedida por Vicentina Neves Teixeira a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

entrelinhas do contexto, certa da legitimidade cidadã exercida e do autorreconhecimento no trabalho antirracista, preferiu se afastar da Festa e da CODIVINO. Ela e Isabel, secretária do Raízes da Terra, em consonância com o coletivo, fizeram uma carta-protesto e comunicaram a retirada do movimento negro do festejo. Passemos a palavra agora para o Sr. Antônio Serpa, que é membro da CODIVINO e aliado nas ações afirmativas por equidade. Ele também nos conta sobre o episódio em questão.

“Antônio: Eu não sei se foi em 2008 ou 2009, participava dentro da Missa Inculturada, tinha os pais de santo e tudo. Só que era cada um no seu devido lugar e tal. O padre Zé Raimundo era uma pessoa muito aberta, passava um tanto de coisa. Nessa época vieram uns Pais de Santo do Rio de Janeiro, até ele fez um livro e tal. E na hora do ofertório houve um contrassenso, o comentarista falou o nome do Pai de Santo daqui, na época até o Pai Cláudio. Não sei se você já ouviu falar nele? Lá do São Geraldo. E esse outro do Rio. (...) Ele entendeu que era para eles subirem para o altar e subiram. Como é que você tira o cara de lá? Aí subiram os Pais de Santo lá no altar, no presbitério. Foi... Aí o cara do Rio aproveitou e ofereceu ao padre Zé o livro sobre a Umbanda lá do Rio de Janeiro e tal. (...) A gente não estava nem aí. Eu não tenho nada, cada um na sua. Minha família tem lá, minha filha é pastora. (...) Mesmo para a Comissão, para nós, mas para o povão: “caramba, uma Igreja Católica, um Pai de Santo, um chefe do Candomblé do Rio de Janeiro!” E como é que você tira um desse de cima do altar, televisionado? Foi um desastre! Aí depois dessa época para cá, aí o grupo Raízes foi saindo. Aí o Tadeu que é do grupo de Congado daqui (...), eles faziam encontro e tal.”²³⁰

As memórias de Sr. Antônio, provenientes do lugar de fala do universo branco, carregam a dubiedade de respeitar a interação dos sacerdotes de Umbanda e Candomblé, junto ao padre, no presbitério Católico durante a Missa Inculturada, mas não deixam de apresentar os complexos de como tal episódio seria lido pela comunidade que acompanhava a cerimônia localmente e na televisão. Ele afirma a consideração e estima pela diversidade religiosa, compreendo a liberdade de crença, inclusive vale-se do âmbito familiar para exemplificar as trocas de experiências sagradas, todavia, menciona o “contrassenso” e “desastre” do que as recordações da missa lhe geram. Sr. Antônio também sinaliza a saída do Grupo Raízes da Terra, na organização da Missa Afro, e a chegada do Congado do Tadeu para ocupar o posto. Na gira horizontal das palavras, ouçamos agora a voz do Pe. Zé Raimundo, que em

²³⁰ Entrevista concedida por Antônio da Silva Serpa a Simone de Assis, em Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos, São João del-Rei, 16/12/2018.

outra chave de leitura narra sobre as trocas inter-religiosas na festividade.

“Raimundo: Esse respeito a cultura do outro, a cultura oprimida, ao diferente. Inclusive, nós tínhamos lá também, agora parece que modificou um pouco, mas nós tínhamos também a participação lá de pessoas do Candomblé, inclusive o Pai Cláudio, que é um Pai de Santo, que tem lá em São João del-Rei. Pessoa excelente, nós tínhamos um relacionamento bom, fraterno, amigo, graças a Deus. Então ele levava o grupo dele lá, o pessoal do Candomblé, iam vestidos à caráter, participavam da procissão de uma maneira respeitosa, sem problema nenhum. Chegaram a participar da Missa lá também, a gente acolhia lá. Até uma vez, me recordo aqui, ele convidou um outro, chamado Pai Roberto, lá do Rio de Janeiro, ele veio, participou, inclusive ele escreveu um dicionário sobre a nação Yoruba. Ele me deu de presente esse livro, sabe? Então tínhamos um relacionamento bom, graças a Deus. A gente procurava alcançar as pessoas. Eu sempre gostei de trabalhar nesse sentido. (...) Eu tinha certeza que estava no caminho correto. A gente não é dono da verdade, mas está aprendendo, está estudando, está lendo. A gente sabe que isso aí, pelo contrário, ao invés de depreciar a Festa, enriquece ainda mais a Festa. Podemos dizer assim. Ao que se refere a esses aspectos culturais, históricos e tal.”²³¹

As lembranças do Pe. Zé Raimundo, a respeito do diálogo inter-religioso na Festa do Divino, parecem-nos tensionar a própria branquitude e denotam flexibilidade para edificar projetos socioeducativos a partir da cultura negra, até mesmo com leituras em Yoruba. Pe. Zé Raimundo evoca os “aspectos culturais, históricos” e fala que “a cultura do outro, a cultura oprimida” não iria “depreciar” a celebração do Espírito Santo, sim enriquecê-la. Percebemos um discurso que não é pronto, fechado e acabado, mas aberto há trocas fraternais, ao conhecimento e, principalmente, ao combate às desigualdades e discriminações raciais. O discurso do padre não era apenas dialético, fazia-se verbo no campo da prática, conforme explicitado por Betânia Nascimento Resende. Vejamos:

“Betânia: O padre Zé Raimundo foi o meu mentor espiritual desde a minha primeira comunhão. Então eu sempre segui muito essa filosofia do padre Zé do respeito ao diferente. Ele tem uma frase muito forte que sempre me marcou muito, na minha vida, que a gente, “busque o que nos une e respeito o que nos separa.” Ele tem essa frase muito forte com ele. E nisso eu acho que ele foi muito incompreendido em muitas etapas da vida dele. Tanto que quando ele abraçou essa causa do Divino e colocou chefes da linha da Umbanda perto dele, nossa, o clero foi todo contra ele na época, que eu lembro. Ele sofreu muita repressão, isso custou muito caro para

²³¹ Entrevista concedida por José Raimundo da Costa a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

*ele, mas eu acho que isso é ser Cristo de verdade também. Sabe? É mostrar que não importa a cor, a religião, o jeito de ser, a função social, que é um ser humano é a forma como ele manifesta Deus.*²³²

As considerações de Betânia desvelam a repressão que o clero são-joanenses fez à Festa do Divino e ao Pe. Zé Raimundo, por conta das atividades ecumênicas na Missa Afro. Independente das retaliações no passado, Betânia faz ecoar no tempo presente os aprendizados que tivera com o mentor, ao que tange à função social e humana que religiosidade consciente busca ter. Nesse sentido, reproduz a filosofia dialógica ensinada no cristianismo do Pe. Zé Raimundo: “*busque o que nos une e respeito o que nos separa.*” Para falar da união na extinta Missa Inculturada, trago a voz de Eliana Maria dos Passos, que é a cozinheira chefe do almoço congadeiro no Dia Maior do festejo.

*“Eliana: A Missa Afro era a missa em que mais a população gostava. Quando passou a não ter a Missa Afro mais, eu acho que deu uma caída muito grande na Festa. Porque todo mundo gostava daquele trabalho. O trabalho do negro. Era assim que eles falavam”*²³³

As memórias de dona Eliana elencam a sensação de ausência que Missa Afro traz, também visibiliza a relevância “*do trabalho negro*” construído no ciclo festivo do Divino. Com isso, retomo a mediação para trazer as últimas considerações sobre a temática da Missa Inculturada neste tópico.

São João del-Rei/MG é a cidade sede da diocese Católica na região das Vertentes, corresponde ao clero que conecta várias outras paróquias do entorno. Nesse sentido, a Missa Afro, assim como as diretrizes da Festa do Divino, está relacionada com os posicionamentos individuais dos párocos, mas também com o conjunto de afinidades que o bispo e clero escolhem representar. Desta forma, Betânia, que na época era ligada com a Pastoral da Comunicação – PASCOM, na paróquia de Matosinhos, lugar em nasceu e morava, nos mostra as represálias que o Pe. Zé Raimundo recebeu do clero, ao decidir agir de maneira antirracista.

Pe. José Bittar assumiu a paróquia de Matosinhos no ano de 2011.

²³² Entrevista concedida por Betânia Nascimento Resende a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

²³³ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

Conforme o estatuto da CODIVINO, o pároco é considerado Presidente de Honra e a programação do festejo deve ser construída em conjunto com ele, ou para que aconteça precisa da aprovação do mesmo. Pe. Bittar participou e/ou promoveu três Missas Inculturadas, que segundo os dados do Informativos do Divino foram organizadas pelo Congado São Benedito, do bairro Matosinhos, na parceria das associações negras: CONEC de Coronel Xavier Chaves/MG e GIRB de Barroso/MG, entre os anos de 2010 e 2013. Já em 2014 a Missa Inculturada foi removida da programação. As atividades de sexta-feira seguem com a litúrgica novena do Divino Espírito Santo, no evento.

Ao som dos acordes de violas, sanfonas, chocalhos, tambores e xique-xiques, passemos para o sábado, com a presença das Folias do Divino.

2.2.2. Folia

*“A Folia não vai acabar nunca!”*²³⁴ Foi o que afirmou o Sr. Geraldo Elói de Lacerda a respeito da tradição cultural que envolve Folias de Reis, Folias de São Sebastião, Folias do Divino, dentre outras. Ele e a esposa, Júlia Maria de Lacerda, explicam-nos sobre as representações e atualizações dos ciclos comemorativos das Folias afro-mineiras. Vejamos:

“Geraldo: Nós mudamos só a flâmula – aquela bandeira lá é do Divino Espírito Santo, mas nós temos a bandeira de São Sebastião e a bandeira do Santo Reis. Mas no mesmo lugar que você põe o Santo Reis, você põe, é só trocar a flâmula. Troca o quadro, a estampa. Você troca a estampa é a Folia de São Sebastião. Mas se a pessoa está vendo que está São Sebastião ali, ele fala: “é Folia de Reis.” É a Folia de Reis que eles falam. (...) O fundamento é o seguinte, a gente sai de casa em casa pedindo esmola.

*Júlia: Não, primeiro é anunciando a chegada da Festa do Divino. Eu não esqueço isso. A Folia do Divino está anunciando, está anunciando que está chegando à Festa do Divino. E a Folia de Reis, olha só para você vê, está anunciando à chegada do Menino Deus. E São Sebastião é até dia 20 [de janeiro].”*²³⁵

As considerações do casal nos ajudam a compreender o dinamismo e fundamento dos foliões, que em mais de uma circunstância anual colocam o grupo nas ruas para angariar donativos, a fim de celebrar os oragos de devoção – neste caso: Santos Reis, São Sebastião e o Divino Espírito Santo.

²³⁴ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

²³⁵ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

Além disso, Sr. Geraldo e dona Júlia, ao rememorar os múltiplos sentidos das Folias, revelam os detalhes dos bens materiais que a manifestação cultural possui, como as bandeiras, quadros, flâmulas, cada qual com a estampa do santo a ser comemorado.

As Folias anunciativas são práticas culturais atreladas às festas religiosas do afro-catolicismo.²³⁶ Não apenas em São João del-Rei/MG, mas em muitos lugares de Minas Gerais, é comum percebermos que essas experiências celebrativas são mantidas em circulação no escopo da cultura negra. Nessa ótica, acompanharemos as atividades das Folias da Divino por meio das memórias do Sr. Geraldo e da dona Júlia, que fazem parte da CODIVINO.

Geraldo: Assim que passar a semana santa, no domingo da ressurreição, após o domingo da ressurreição, na segunda-feira começa a Folia do Divino. Todas elas saem. Cada um faz o seu trabalho.

Júlia: Cada um fazendo a sua parte.

Simone: E aí a senhora sai?

Júlia: Eu saio na Folia e ajudo ele.

Geraldo: A dona Júlia toca um xique-xique. Mas ela bate um xique-xique que não é fácil. Todo mundo gosta do xique-xique que ela bate. Eu bato triângulo e tiro a Folia. E tem um moço que toca conosco. Já ouviu falar em violino? Tem gente que fala rabeca. Esse moço toca violino. Mas é uma perfeição de homem para tirar. O homem está com 86 anos. O que cantar, você está cantando ele já está tocando no violino. Ele é bom mesmo.

Simone: Como que a senhora aprendeu a tocar o xique-xique? (...)

Júlia: Só pelo som. Você vai vendo direitinho.

Geraldo: Quando começa a tocar é pelo som. A minha caixa é afinada na corda. É a de pau. Bate, o povo chama de baqueta. É baqueta. (...) Você vê o nosso pandeiroiro? Porque o pai tocava sanfona na Folia. E quanto tempo o pai já morreu? Vai indo puxa.

Júlia: É. Muito tempo. Então é assim, a gente vai guardando, parece que fica enraizado, assim, uma coisa. Né? E aquilo você não esquece, mas não esquece de jeito nenhum. (...)

Simone: E as músicas?

Júlia: As músicas são assim, o ritmo, ele escolhe o ritmo e os versos que a gente vai na hora. É impressionante, é na hora. Olha, quando eu coloquei as Pastorinhas, eu dava umas quatro vassouradas assim na sala, depois da merenda que eu ia varrer sala de aula. O papel já ficava em cima de uma carteira lá. Eu estou varrendo, ia lá e cantava, pensava, pegava o papel e escrevia. Tornava a varrer mais um pouquinho, ia lá, e no fim, minha filha, dava aqueles versos.

Geraldo: Quando nós pusemos a Folia do Divino, assim que surgiu a Festa do Divino, pusemos a Folia na rua. (...)

Júlia: E a Folia é engraçada, sabe Simone? Que aí você está ali

²³⁶ BRANDÃO, 1978: 34.

cantando. Aí você está cantando, se ninguém te passar na frente, assim, nada, num instantinho você vai formando versos. Vai pensando e vai formando e sai tudo direitinho. É impressionante. Não pode é passar alguém conversando. Mas se você tiver assim, você canta um verso e vai pensando assim, sai outro verso.

Geraldo: *Quando nós estamos cantando na Folia do Divino, na hora que fala assim, aquele verso que a gente fala: “o Papa Francisco está evangelizando, é o Divino Espírito Santo que está abençoando.” Todo mundo fala assim: “ô, Folia diferente.” É porque você põe verso diferente. E tem gente que fica naquele verso, todo dia aquilo. Aí você lembra que você tem do bispo. Agora nós podemos falar do bispo, esse bispo que chegou aí em São João del-Rei, o Eudes, nós vamos falar, ao invés de nós falarmos o papa, nós vamos inventar uma outra música com o nome do bispo. Aí o cara fala: “que folia engraçada. Fala o nome do bispo.” É porque tem Folia que não lembra de ninguém. Ele canta aquela música que ele aprendeu, mas ele não inventa nada. Você tem que inventar alguma coisa.”²³⁷*

Dona Júlia e Sr. Geraldo nos ensinam que as atividades da Folia do Divino ocorrem no campo da rua, iniciam na segunda-feira após a Páscoa, que representa a ressurreição de Cristo, e vão até o sábado anterior ao domingo de Pentecostes – que é considerado o Dia Maior. Os instrumentos tocados na Folia do casal são xique-xique, triângulo, pandeiro, violino (ou rabeca), caixa dentre outros. É interessante perceber que os mestres culturais contam que, desenvolveram as habilidades musicais apenas pela escuta e sonoridade daquilo que os pais e familiares tocavam nas Folias antigas. Narram que o saber fica “*enraizado*”, “*guardado*” e “*não esquece de jeito nenhum*”. No entanto, ao manter a prática cultural eles também atualizam, quer seja nas letras musicais que dona Júlia compunha, ou no improviso poético que cria versos na hora, conforme o contexto e pessoas que assistem as Folias, conforme o Sr. Geraldo explicita.

São das habilidades inventivas e no companheirismo do casal que ficamos sabendo sobre o uniforme do grupo – calça branca e blusa de cetim na cor vermelha. A blusa foi confeccionada manualmente por dona Júlia, uma surpresa e agrado para o Sr. Geraldo. Vejamos:

Júlia: *A roupa é assim, porque a do Divino é branco e vermelha. Então as camisas eu que fiz. Estava trabalhando. Fiz escondida dele, ele não viu. Você acredita que ele não viu?*

Geraldo: *Eu não sabia.*

Júlia: *Eu fazia de madrugada. Olha para você vê que cabeça a*

²³⁷ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

minha. Mas é porque eu tinha a vontade de ver a Folia com as cores do Divino. Aí (...) primeiro medi o tanto de tecido que eu ia comprar, aí medi direitinho a altura de camisa dele. Pensei direitinho o resto que era quase todo mundo da altura dele. Anotei tudo. A hora que eu saí da [Escola] João dos Santo, fui lá no Mundo dos Retalhos, falei: “vou lá comprar.” Fui e comprei o cetim vermelho para fazer as camisas. Comprei, escondidinha. Sabe? Mas fiz tudo, cortei, arrumei, medi tudo. Peguei os panos, levei para a outra colega minha pintar, porque eu fiquei com medo de eu pintar e eu não dar conta. E eu queria pintar. Aí fiz as camisas e ele não viu. Fiz 12 camisas, tudo de manga comprida, tudo bonitinho e levei o negócio lá para pintar. Pedia a moça para pintar para mim. Paguei. Vim e acabei de arrumar as camisas, acabei de arrumar tudo, passei tudo. Só o meu irmão ficou sabendo. Só ele viu. Falei: “olha, você não fala nada para o Geraldo não. Tá? Que isso é surpresa.” “Tá, comadre pode deixar.” Ele não falava, tadinho.

Geraldo: Ele era muito bom.

Júlia: Olhei as calças, calça branquinha, era o meu prazer, era ver aquilo clarinho, com as camisas vermelhinhas, arrumadinho. Fiz o negócio para pôr no chapéu também. Sabe? Aí tá. Chegou a hora da Folia sair. A gente ia sair lá do São Francisco, descer do São Francisco até no Matosinhos. Aí eu falei: “Juca, como é que faço?”, falei com o meu irmão: “como é que eu faço para falar com o Geraldo ver as camisas?” “Não comadre, faz assim na hora que ele for tomar banho, você põe a roupa dele em cima da cama.” (...)

Júlia: Ele não ficou sabendo de nada. Aí tomou banho, deixei lá, vestiu. Aí: “que isso?” Falei: “não sei que isso, não sei.” Ah, minha filha o meu prazer foi a hora que eu vi todos, aquele conjunto ficou bonito. Né. Geraldo?

Geraldo: Todo mundo gosta. Você vê que a Folia nossa sai na frente. Todo lugar aonde for.

Júlia: Todo mundo igualzinho. Fiz para o meu neto ainda.

Simone: E o pessoal veio pegar a roupa aqui então? Depois?

Júlia: Veio vestir. Vinha não, vem vestir aqui. Porque fica guardado aqui as camisas. Vou pegar para você ver.

Simone: O que o senhor sentiu quando viu a roupa lá, então, prontinha?

Geraldo: Pois é, mas aquilo a gente fica emocionado. Você não sabe se alguém deu, ou que alguém mandou. Ali naquela hora você não tem tempo de pensar muito não. Porque a procissão vai seguir. Você tem que acompanhar aquele ritmo, para você não perder o ritmo. Senão pode perder o ritmo. Depois é que ela me contou a história de como fez a camisa. Está tudo aí, guardadinho.

Júlia: Foi meu prazer, minha filha, olha tudo arrumadinho. Já está tudo lavadinho. Nós já saímos, já lavei, tudo arrumadinho. (...) Fiz de noite, de madrugada. Costurava um cadinho e ia para o grupo trabalhar. Chegava, fazia o serviço e pegava as camisas. Tudo escondido, não viu nada.

Geraldo: Ainda tem um Divino Espírito Santo nas costas. (...)

Júlia: Eu que lavo, falo: “usa e deixa aqui.”

Geraldo: Às vezes sai hoje e vai sair amanhã. Lava, mas seca

*rápido.*²³⁸

O casal nos ajuda a perceber sobre a dimensão da Folia do Divino no interior de um ambiente doméstico, na história da família. Os cuidados com os uniformes, bens materiais do grupo, neste caso, confeccionados pelas mãos e coração de dona Júlia. Que zela pela organicidade e estética do grupo. Eles também nos deixam a par dos ensaios e reza que o grupo faz antes de sair para o ambiente da rua com a Folia. Assuntemos:

Geraldo: *É muita graça que a gente tem alcançado através da Folia. Aonde nós passamos nós deixamos rastros. Todo mundo fala: “a Folia de vocês é muito bonita.” (...) Todo mundo é uniformizado.*

Júlia: *A gente reza, pede ajuda, né?*

Simone: *Como que é esse ritual antes de sair?*

Júlia: *Primeiro reza. Aí está conversando, se tiver que dançar, ensaia todo mundo. Aí em primeiro lugar a oração. Todo mundo reza, pede ajuda mesmo. E aí sim, aí nós estamos prontinhos para o que der e vier. Nós saímos tranquilos, você precisa de ver.*

Geraldo: *Nós saímos tranquilos. (...) Qualquer pessoa pensa em Santo Reis, que ele dá força, dá força Santo Reis dá uma força. O Divino Espírito Santo também está consertando tanta coisa que você precisa ver. É um milagre que ele traz. Tem gente que passa, beija a bandeira, outras pessoas perfumam a bandeira, leva para dentro do quarto, põe uma flor. A gente tem que cantar e agradecer aquela flor que a pessoa deu. (...) É bonito demais. Põe medalha, põe o terço, um tercinho pequeno, e a gente sai com a Folia. A gente sai aqui, você precisa ver que alegria, todo mundo: “não vai tocar aqui não?” “Nós vamos tocar lá embaixo. Mas nem por isso, nós vamos tocar para você aqui, agora.” Nos posicionamos e tocamos para ele, ou para ela.*²³⁹

As lembranças do casal nos dão a dimensão dinâmica das Folias, que flexibilizam as canções ou ritualística mediante a interação dos fiéis que ao receberem os foliões em suas casas, perfumam a bandeira, ou lhe acrescentam adereços como medalhas, terços etc., conforme narrado pelos anciãos. A relação devocional com o objeto sagrado, digno de ser decorado, até mesmo perfumado como um ser vivo, nos trazem o aspecto dos artefatos culturais que servem de nkisi, ou seja, uma divindade, ou portal propício a mediar a comunicação dos humanos com o sagrado.²⁴⁰ Nesse sentido, trazemos uma experiência de fé e cura que o Espírito Santo, atrelado à Festa

²³⁸ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

²³⁹ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

²⁴⁰ ABREU, 1999. KARASCH, 2000.

do Divino, trouxe para Dona Júlia e o Sr. Geraldo.

“Geraldo: *Você precisa saber, agora vai saber da graça que eu recebi quando ela adoeceu. Ela, quase, quase que a minha Julinha ia embora. Quase. (...).*

Júlia: *Não vou, não vou, não vou.*

Geraldo: *A coisa foi de arrepiar, viu. (...) E nisso teve a Festa do Divino, foi dentro da Festa do Divino. Pertinho mesmo da Festa. Aí eu pensei, não falei com ninguém o que eu ia fazer não. Eu saí com a minha bandeira do Divino, só eu e Deus, e desci com o uniforme todinho. Quando chegamos lá, o Ventura que entrou com a Folia. A hora que ele entrou com a Folia eu posicionei atrás dele, de joelho, fui até lá no altar. Aí eles ficaram com dó de mim, um trazia água, uns queriam me segurar do lado, falei: “pode deixar que eu vou dar conta do recado.” Eu pedi ao Divino para me levar para trazer a minha mulher de volta. E assim aconteceu. Está aí de volta, graças a Deus. (...) Foi uma graça grande que eu alcancei, mas demais. Todo mundo falou: “ô, Geraldo, mas você...” Não é que eu fui corajoso, essa hora Deus é que dá.”²⁴¹*

As memórias revisitadas por Sr. Geraldo, nos dão a noção do aspecto devocional que a Festa do Divino representa para o casal. Sr. Geraldo, pela fé no Divino Espírito Santo, conseguiu ter forças para permanecer sereno diante de um caso de doença e cirurgia por qual dona Júlia teve que passar. A crença o fez se movimentar para conseguir os recursos necessários para manter a esposa viva e saudável. Dessa forma, ele nos conta sobre a ritualística de vestir-se com a roupa da Folia e atrás da bandeira do Divino, ir de joelhos até o altar da Igreja Matosinhos no dia da festividade – numa ação de promessa.

Há mais grupos de Folias que participam das comemorações da Divino, a Folia da Lilia, somente de mulheres, a Embaixada Santa, a Folia do Ventura, Folia da cidade de Nazareno/MG etc., por exemplo. Embora haja outros foliões do Divino entre os entrevistados, decidi manter neste tópico somente os mantenedores culturais Geraldo Elói e dona Júlia, posto que a temática foi melhor trabalhada por mim no momento da entrevista. Também pela participação do casal enquanto Juizes de Mesa na CODIVINO, responsáveis por angariar donativos através das cartas de promessa, que contribuem com os custeios da festividade.

²⁴¹ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

2.2.3. Congada – Congado ou Reinado

“O Congado é dança, canto e reza. Os três de uma só vez.”²⁴² É dessa maneira que José Tadeu do Nascimento, capitão do Congado e Catopé São Benedito e São Sebastião, nos explica e define o(a) Congado(a), também denominado Reinado por alguns grupos. Uma manifestação religiosa e cultural fruto da forçada diáspora negra, que fora ressignificada no Brasil pelos africanos centro-ocidentais dos reinos do Congo (ou Kongo), reinos de Matamba e região, nos séculos XVIII e XIX. Saberes culturais que entre permanências e rupturas resistem no espaço e no tempo do solo brasileiro por meio do marco civilizatório das Congadas – patrimônio vívido no tempo presente.

Congado(a) também é um termo macro que abarca sete hierarquias que se unem em devoção à Nossa Senhora do Rosário, conforme nos ensinou o capitão de Congo Luthero Castorino da Silva: “são sete irmãos do Rosário e a hierarquia: em primeiro lugar os candombes, os moçambiqueiros [segundo], os congolezes [terceiro], em quarto lugar os catupezeiros, caboclinhos [quinto], marujos [sexto] e vilão [sétimo].”²⁴³ Além de Nossa Senhora do Rosário a presença de São Benedito, Nossa Senhora Aparecida, Santa Efigênia, São Elesbão, Santo Antônio, São Sebastião, Nossa Senhora das Mercês, Santa Escrava Anastácia (recentemente), Divino Espírito Santo, dentre demais oragos, dependerá da identidade e devoção de cada grupo.

É com entusiasmo, fé, respeito e desejo de ver as danças, cantos e rezas das Congadas que o Dia Maior, no domingo de Pentecostes, é o dia mais esperado da Festa do Divino, do início aos tempos atuais do evento. Os ritmos dos batuques congadeiros começam a ecoar às 06h da manhã, na alvorada que anuncia o dia aberto e festivo que encherá a praça e santuário do Matosinhos com grupos de Congada, Moçambique, Catopé, Marinheiro, Caboclinhos, Vilão e Candombes – grupos de São João del-Rei/MG, de Minas Gerais e de todo Brasil.

²⁴² Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

²⁴³ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

A programação do Dia Maior segue, aproximadamente, as diretrizes: alvorada; missa festiva no santuário; acolhidas e café das congadas na quadra; cortejo até a capela de Santo Antônio para buscar reis, rainhas, princesas, príncipes e toda corte Conga, juntamente com Nossa Senhora do Rosário; as cortes congadeiras fazem saudações aos anfitriões, Imperador e corte do Divino, na porta do santuário de Matosinhos, adentram na igreja para saudar os patronos do evento – Divino Espírito Santo, Santo Antônio e Nossa Senhora da Lapa; missa; almoço congadeiro na quadra; cortejo congadeiro pelos arredores do bairro; chamadas da corte Conga com os cânticos das Congadas; missa e coroação do novo Imperador do Divino; procissão luminosa com o Divino Espírito Santo; bênçãos do sacramento; descida dos mastros; queima de fogos; despedidas das Congadas; show de encerramento.²⁴⁴

É importante dizer que na praça e nos arredores da igreja do Matosinhos, no período da festividade, são montadas barraquinhas de quermesse que vendem comidas, bebidas, acessórios como roupas, vasilhas, balões. Há brinquedos para crianças como pula-pula de elástico, dentre outros, que atraem um público amplo, para além dos propósitos religiosos. É certo que os devotos, congadeiros e festeiros também se dividem entre os espaços de lazer e os afazeres da cerimônia.

Por se tratar de um encontro congadeiro, que recebe grupos de diferentes lugares – em 2019 foram mais de 30 ternos, de acordo com os registros de ata e membros da CODIVINO – há um dinamismo muito grande na Festa. Atividades paralelas acontecem e não nos permitem seguir ao pé da letra cada momento cronometrado da programação. Por exemplo, ao mesmo tempo em que a Missa Festiva das 08h da manhã está acontecendo, as Congadas visitantes chegam, são acolhidas pela CODIVINO e seguem para tomar café. Fica a critério de cada membro do grupo seguir a programação litúrgica ou não. Enquanto um grupo está almoçando, outro grupo que já almoçou segue com o seu cortejo nos locais do bairro em que os mastros estão erguidos, como na Igreja de Santa Teresinha. Assim em diante. Todavia, três

²⁴⁴ Os 13 Informativos que consultamos, bem como as memórias dos entrevistados, nos mostram que a programação do Dia Maior não segue um modelo único durante as mais de duas décadas do evento. Aproximamos os pontos em comum apresentados no Informativo de 2001 e 2019, a fim de fornecer um resumo explicativo. Também acionamos as experiências que vivemos na festividade

momentos são comuns na festividade: 06h alvorada, 16h coroação do novo Imperador, 20h descida dos mastros. Não que seja comum para todos os grupos que participam do evento, como dissemos, são aproximadamente 30 guardas congadeiras. Mas, são instantes que concentram maior parceria entre os festeiros da CODIVINO, as Congadas visitantes e público participativo.

As Congadas não se deslocam até a Festa do Divino de maneira aleatória, trata-se do subterfúgio de manter mais um espaço como ponto de encontro, que serve para rever amigos, trocar saberes, tecer laços políticos e fortalecer a rede de associativismo negro são-joanense e região. Evidentemente, o mais importante, colocar nas ruas a corporeidade do afro-catolicismo mineiro. Nessa ótica, trazemos as considerações de Luthero Castorino da Silva, o congadeiro responsável por administrar os compromissos dos mastros no início da festividade. Acompanhemos:

“Luthero: O mastro, ele anuncia a boa colheita etc., na religião ele é um mastro anunciante. Então oito dias antes tem um ritual para se fincar o mastro. Ali, como não tinha comunicação moderna igual nós temos hoje, estamos aqui gravando nessa coisinha pequetita aqui. [Risos]. É a facilidade de hoje. Então o povo passava na porta da igreja os cavaleiros, os viajantes, os peregrinos: “olha, vai ter festa. De quem?” Olhava lá em cima, no mastro, tinha um registro, o retrato santo Antônio. “Ah! Então vai ser. Que dia que fincou esse mastro? Ah! Então vai ser semana que vem.” Então o mastro anuncia. A outra finalidade do mastro, já para os congadeiros, quando eu finco o mastro, eu estou chegando, eu estou aqui. Acabou a festa, desce o mastro, que aí eu levo o meu registro. A outra finalidade do mastro, já mais espiritual, fora desse mundo material, uma ponta, o pé do mastro está na terra, a ponta dele está apontando para o altíssimo, então durante oito dias está fazendo a ligação do altíssimo com o mundo terreno, com a parte material, pedindo forças. Para quê? Para correr tudo bem. Aí entra esse sincretismo, para não haver demanda. Aí o capitão de Congado vai lá, acende uma velinha de cor, pede proteção para o grupo dele. No pé do mastro existe aquele misticismo, aquela crença, ou lendas porque Congado é lenda, é tradição, é cultura, é religiosidade. (...) Então o mastro tem várias finalidades. Ele está na porta da igreja anuncia, desceu o mastro, acabou a festa. E ele não pode passar do dia da festa, sob pena de desfazer o que foi pedido. Por quê? Ele está anunciando a festa, a festa foi domingo passado, eu amarrei o mastro, significa encerrou a festa. Tem que ter fundamento. (...) Eu encostei muito no Zé Camilo e não aprendi quase nada, 10%. Imagina um homem de 105 anos que pensava na festa e acontecia? Chegava no mastro e cantava: “quero ver minha mãe do Rosário. Quero ver minha mãe do Rosário.” E a turma batendo: “Quero ver minha mãe do Rosário. Quero ver minha mãe do Rosário.” (...) Um negro de chapéu quebrado na testa cantando no mastro. Vai lá ver o que que está em volta dele, quantas entidades. (...) Ele andava de bengala o dia inteiro e lá no mastro era

o momento em que ele deixava a bengala na mão do segundo capitão e, pegava no mastro em pé. Aí ali era Zé Camilo: “oh, beira mar, oh beira mar.” E o coral vinha: “oh, beira mar, oh beira mar.” Aí já está mexendo com quem? Com o povo das águas. Iemanjá. Chamando para ajudar, para proteger. Mas para o padre, ele estava ali louvando o santo da igreja católica. “Ou beira mar.”²⁴⁵

A explicação do Sr. Luthero faz um balanço temporal sobre o mastro, que nos ajuda a compreender as diversas leituras que o artefato cultural tem dentro da Festa: anúncio de boa colheita, comunicação do santo festivo e a relação com as africanidades. Ademais, ele aciona canções provenientes da religiosidade negra e evoca memórias que destacam à figura do antigo e importante congadeiro da cidade, o Sr. Zé Camilo, com quem aprendera os segredos do Rosário. Nesse sentido, sinalizamos as competências do Sr. Luthero: caixeiro de guia e congadeiro, que no início da festividade fora responsável por confeccionar o mastro e abençoá-lo, trazendo, assim, a sacralidade do objeto. Que ao ser utilizado na Festa – após os rituais simbólicos dos cantos, danças e rezas – torna-se, no evento, um portal espiritual.

Aprofundaremos o assunto, mas antes, apresentamos que ao se afastar da CODIVINO, o Sr. Luthero passou a responsabilidade do mastro para o Sr. Dinei. Que é mestre religioso, caixeiro de guia e guardião dos segredos étnicos do artefato. Junto dele, Ulisses Passarelli e Damião Guimarães assumiram a missão por um tempo. Desta forma, trazemos para nossa roda de conversa as considerações de Damião.

“Damião: Nós levantamos o mastro do Divino, cantamos para os mastros. (...) Nós dançamos em volta do mastro, cantamos, descemos os mastros, derrubamos os mastros, levamos e entregamos aos pés de Nossa Senhora, entregando a Festa daquele ano. (...) O mastro é o seguinte, porque cada grupo de Congado, cada terno de Congo tem um santo, tem um quadro de um santo. Têm uns ternos de Congado, conforme você já participou da Festa do Divino, da festa do Congado lá, você já percebeu que cada grupo de Congado, cada terno tem um santo diferenciado na bandeira, tem uns que trazem São Sebastião, outros trazem São Benedito, outros trazem Santa Efigênia, outros trazem Nossa Senhora do Rosário, cada grupo, às vezes tem um santo determinado na bandeira. Então cada grupo de Congado representa um Reinado. Por exemplo, se a bandeira for do São Benedito, aquela guarda representa o Reinado

²⁴⁵ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

de São Benedito. Se for do São Sebastião, aquela guarda representa o Reinado de São Sebastião. Então o mastro quando está sendo levantado ali, significa que eles estão buscando força, que aquele quadro está buscando a força Divina, buscando do espaço, levantando aquela bandeira para receber a força do Divino Espírito Santo, porque está todo mundo conjugado, trabalhando com uma só fé, uma só devoção e louvando o santo do Divino Espírito Santo, as três pessoas da Santíssima Trindade. Então cada quadro significa, cada mastro significa um santo.”²⁴⁶

Damião, também dentro da perspectiva das africanidades na celebração do Divino, diante da relação com as Congadas – grupos que ele denomina de Reinados – nos ensina sobre as diferentes identidades congadeiras (ou reinadeiras) e o papel do mastro, que é um conector de forças para os grupos e Festa. Nessa ótica, chamamos a sabedoria de Teresa Maria do Nascimento, integrante do Congado São Benedito e São Sebastião, na função de percussionista, que se reveza entre os toques de timba, pandeiro ou chocalho.

“Simone: O que significa aquele saudar de mastro?

Teresa: Significa muita coisa. Vou falar para você uma coisa, aquele mastro ali, é um respeito. Você olha para ele, gente. Às vezes a pessoa pensa: “para que aquele pedaço, para que aquele pau ali? Para que aquilo? Por que que as pessoas estão dançando em volta? Por que que a pessoa?” Gente, tudo ali é cultura. É uai! Você chega ali, igual você me viu fazendo, você fala: “salve!” Aí você fala assim: “salve o Santo Antônio, Nossa Senhora do Rosário,” qualquer santo ali, principalmente Nossa Senhora do Rosário, Divino Espírito Santo. Você vai assim, você faz assim, outro lado, outro lado²⁴⁷, depois volta. Agradece. Você pede. É muito chique! Depois se você puder dar umas três rodadas em volta.”²⁴⁸

Dona Teresa, mulher negra septuagenária, explicita a dimensão do respeito e da cultura imbuída no artefato sagrado, que deve ser saudado e reverenciado. Quer seja com danças, rodadas, salves, cantigas, dentre outras maneiras transculturais de presentificar a cosmopercepção congadeira.

Mircea Eliade nos ajuda a entender que objetos materiais, ou mesmo palavras e gestos corpóreos, para as pessoas religiosas, podem ser dotados de um sentido representativo que chamamos de símbolo, simbolismo ou

²⁴⁶ Entrevista concedida por Damião Guimarães a Simone de Assis, em Novo Tijuco, São João del-Rei/MG, 30/06/2019.

²⁴⁷ Os gestos de Dona Tereza são os de relar o ombro no mastro, por exemplo, ombro direito toca no lado esquerdo do mastro, depois o contrário, ombro esquerdo no lado direito, e repete-se o primeiro gesto, de modo que três toques aconteçam. É um cumprimento que chamamos de saravar, ou abraço de negro.

²⁴⁸ Entrevista concedida por Teresa Maria do Nascimento a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 14/06/2019.

simbólico, com o intuito de mostrar que não são elementos neutros. Cumprem, na verdade, um contexto de atuação e vivência que consagram lugares, expressões linguísticas e movimentos – que são lidos como portais. Ou seja, portais comunicadores entre os espaços profanos do cotidiano e um espaço sagrado, que pode ser uma localidade ou templo. Nesse sentido, também temos a dimensão temporal, isto é, o tempo em aberto do sagrado, que quebra a sequência do tempo profano do cotidiano.²⁴⁹

O mastro é um dos instrumentos sagrados da cultura material congadeira que serve de nkisi (plural minkisi), ou seja, um amuleto e portal sagrado. Remete as ressignificações diaspórica dos símbolos presente na cruz, pela perspectiva dos povos do Congo (plural Bacongo), que diferente da cruz católica, de um Cristo sofredor, carrega o papel de ligar o mundo dos mortos, terra, ao mundo dos vivos, de acordo com Mary Karasch.²⁵⁰ Além disso, as reinterpretções e reinvenções de valores conforme as identidades das Congadas do tempo presente, que mesmo com transformações, mantém vívido o marco civilizatório transatlântico dos Reinados afrodescendentes. Nesta diretriz, trazemos as considerações de José Tadeu do Nascimento, capitão do Congado São Benedito e São Sebastião, que atualmente, ao lado do Dinei, é o mantenedor da sacralidade do artefato na festividade do Divino. Vejamos:

“Tadeu: É o meu grupo de Congado que finca o mastro do Divino. Aí nós fincamos e depois descemos o mastro do Divino. Do Divino, do Santo Antônio Imperador e Nossa Senhora do Rosário, são três mastros. (...) No dia que fomos levantar o mastro, a gente vai na casa do Imperador, faz a saudação para ele, busca ele, leva para igreja, para poder botar o Divino Espírito Santo nos pés do Senhor Bom Jesus. Nós tocamos antes. Nós tocamos dois dias em seguido. Aí coloca o Divino Espírito Santo nos pés do Senhor Bom Jesus. (...) Depois nós vamos para a sala fazer a homenagem com o Imperador e etc. Depois no outro dia que a gente finca os mastros do Divino Espírito Santo, de Santo Antônio e Nossa Senhora do Rosário.”²⁵¹

A explicação do Capitão Tadeu nos mostra a vigência congadeira, na Festa do Divino, para além do Dia Maior. Suas memórias nos ajudam a visibilizar os momentos em que a Congada: toca caixas na casa do Imperador; participa da passagem da custódia do Divino para o centro do altar da Igreja de

²⁴⁹ ELIADE, 1992.

²⁵⁰ KARASCH, 2000: 364.

²⁵¹ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

Matosinhos: durante o levantar e descer dos mastros. Para maior compreensão do dinamismo, pontuarei, aproximadamente, a composição do evento atualmente.

A Festa do Divino é celebrada com 12 dias de programação na paróquia de Matosinhos. Começa com a vigília de Pentecostes em uma quarta-feira. Na quinta-feira, os caixeiros e congadeiros da CODIVINO, vão até a casa do Imperador para saudá-lo, às 17h. Às 19h é celebrada uma missa no santuário de Matosinhos para que ocorra a transposição da custódia do Divino, uma peça sacra do século XVIII, para uma área central do altar. A custódia é colocada próximo a imagem do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, o patrono da igreja e do bairro. Minutos antes deste momento, chamado de traslado da custódia do Divino, o grupo de Congada adentra a igreja cantando, dançando e rezando, com seus batuques e performances. Seguem a seguinte disposição para entrar na igreja, na frente vai o Imperador e corte do Divino, em seguida a membros da CODIVINO e por fim os caixeiros/congadeiros. Ao chegar próximo ao altar as pessoas se dividem para realização do traslado do Divino, a Congada batuca o tempo todo da cerimônia, que anuncia que o tempo sagrado da Festa está em vigor. No dia seguinte, sexta-feira, seis mastros são erguidos na cidade de São João del-Rei/MG, o primeiro é às 18h na gruta do Divino²⁵², o segundo no salão comunitário Santa Clara²⁵³ e o terceiro no salão comunitário e capela de Santo Antônio²⁵⁴. Todos estes mastros são do Divino Espírito Santo, eles são erguidos pelos caixeiros-congadeiros e membros da CODIVINO. Os outros três são erguidos no adro do santuário de Matosinhos depois da novena. Os mastros referem-se a Santo Antônio, levantado pelos Imperadores do Divino, mastro de Nossa Senhora do Rosário, levantado pelas mulheres da CODIVINO. e mastro do Divino Espírito Santo, levantados pelos homens da CODIVINO. Os caixeiros são os responsáveis pelos toques e músicas de cunho sagrado em toda ritualística dos mastros. Na sequência da programação ocorre a novena, até chegar o ciclo festivo mais agitado dos três últimos dias: Missa Inculturada (até o ano de 2013), na sexta-feira; sábado com

²⁵² No cruzamento entre o bairro Caieiras e início da Avenida Leite de Castro, bairro Fábricas.

²⁵³ Próximo à Igreja de Santa Teresinha, bairro Matosinhos, local aonde os congadeiros buscam a imagem de Nossa Senhora do Rosário no Dia Maior, domingo de Pentecostes.

²⁵⁴ A capela encontra-se na vila Santo Antônio, uma comunidade da paróquia e bairro Matosinhos.

a procissão de Santo Antônio e as Folias do Divino. domingo o Dia Maior com o encontro das Congadas. No fim do Dia Maior os três mastros do adro do santuário de Matosinhos são descidos, pelos mesmos grupos que os levantaram, a diferença é que, dependendo da quantidade de guarda congadeira ainda presente no evento, mais pessoas podem ajudar. Os objetos sagrados nas demais localidades da cidade, são descidos no decorrer da semana, somente com os caixeiros-congadeiros e membros da CODIVINO que os levantaram.

Dito isto, retomemos as reflexões sobre o papel das Congadas no Brasil e na Festa do Divino, a partir dos mantenedores deste patrimônio nacional. Começamos com o aspecto da diáspora africana elencada por Tadeu.

“Tadeu: A gente veio da África, mas o Congado está infiltrado também. Não para fazer, assim, maldade, essas coisas todas, mas para proteger a gente, proteger os companheiros da gente, para dar força. Né? Eles foram escravos, né? Que eles tinham as coisas deles lá também, trabalhava, louvavam a Nossa Senhora do Rosário lá. Para os brancos, eles achavam que eles estavam lutando, mas eles cantavam para Nossa Senhora do Rosário, mas os brancos não entendiam o que era.”²⁵⁵

Capitão Tadeu nos ensina sobre o aspecto transcultural do Congado, que para ele, a sabedoria atravessou o Atlântico Negro junto com as pessoas que vieram da África, na experiência dos horrores da escravidão, mas que carregavam o louvor em Nossa Senhora do Rosário para se protegerem. Além disso, Tadeu sinaliza que as manifestações congadeiras eram desenvolvidas por nossa gente negra, ele ainda indica a ausência de compreensão que os brancos tinham da maneira como nossos antepassados difundiram os saberes do Rosário. Nessa chave de leitura, trazemos a palavra de outro Capitão de Congo, o Luthero.

“Luthero: O negro era proibido de praticar a sua religião, o seu culto, ele foi obrigado a entrar dentro da religião católica. Como? Através do Congado, através do sincretismo religioso. Oxóssi lá nas matas, na igreja católica é São Sebastião. (...) Essas coisas têm fundamento, tem que ter cuidado. Um capitão de Congo, a Festa é domingo que vem, os dias da novena, se ele não participar de tudo, pelo menos um dia ele tem que estar lá. Não é ser santo: “aí, ele está aqui comendo hóstia, ele é santo.” Não. Ele é capitão de Congado e

²⁵⁵ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

é como qualquer outro, mas ele tem que estar lá. Se ele não estiver lá pelo menos um dia da novena, dentro de casa ele tem que estar de preceito. Ele tem que estar firmando a cabeça naquilo que ele vai fazer domingo. (...) Na hora que a bandeira está na terra não tem sexo. Já tem mulher na banda do Congado, não tem cantada. Entrou no grupo é irmã do Rosário.”²⁵⁶

Capitão Luthero apresenta-nos o panorama do afro-catolicismo, que há princípio esteve ligado com a estratégia das “trocas sincréticas”²⁵⁷, na astúcia das pessoas negras escravizadas que proibidas de exercerem a própria fé, substituíam o sentido dos santos – como no exemplo de Oxóssi e São Sebastião, referenciados por ele. Sr. Luthero, em outra abordagem, nos oferece a leitura de que os mantenedores das Congadas desenvolveram maneiras próprias de exercerem as crenças, haja vista que ele desta a importância do fundamento do grupo. O que nos convida a refletir sobre as transformações ao longo do tempo e afirmar o catolicismo negro. Pois no presente, com a liberdade de crença, ao menos em um dia do ciclo festivo o congadeiro deve ir à igreja, ou guardar preceitos religiosos, conforme as orientações de Luthero. Que também ensina sobre a irmandade estabelecida na banda do Rosário. Damião, por sua vez, narra sobre a importância do espaço público das ruas para a Congada.

“Damião: É na rua que acontece as coisas. Viu? É na rua que aquela capacidade de você andar, de você dançar, de você ir para lá e para cá. Entendeu? Cada tipo de dança, que você pode perceber, cada tipo de guarda tem uma dança diferente. Ninguém dança igual. Seja que tem o mesmo nome, moçambiqueiro, pode ser moçambiqueiro, mas a dança dele é uma diferente da outra. E é na rua que acontece, numa encruzilhada, numa esquina. Numa encruzilhada aberta, numa encruzilhada fechada. Numa porta de uma igreja, numa esquina, num momento, num jardim.”²⁵⁸

Damião é Capitão de Ronda, os saberes visibilizados por ele, orientam-nos sobre a singularidade de cada grupo diante do “pluriverso”²⁵⁹ congadeiro-moçambiqueiro. Ademias, destaca o simbolismo das danças no campo da rua – com a presença das encruzilhadas, jardins, esquinas etc – que na cultura imaterial e religiosa, é ensinada e aprendida através do ritmo da corporeidade,

²⁵⁶ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

²⁵⁷ CARMO, 2011.

²⁵⁸ Entrevista concedida por Damião Guimarães a Simone de Assis, em Novo Tijuco, São João del-Rei/MG, 30/06/2019.

²⁵⁹ PAULA JÚNIOR, 2019.

isto é, na estética daquilo que vem a ser experimentado na humanidade da transcendência corpórea. Assim sendo, trazemos a perspectiva de Samuel Giarola, que desenvolveu maneiras próprias para reverenciar a presença congadeira que atravessa a rua de sua casa, no cortejo da festividade do Divino.

*“**Samuel:** Na Festa do Divino eu repico, solto os fogos 6 horas da manhã, anunciando que é dia de Festa. Inclusive na Igreja não solta fogos, eu solto. Toco sino, ligo música, então aqui em casa começa a Festa cedo mesmo. Então eu faço a alvorada festiva. No momento que a cruz de guia passa aqui eu toco o sino, em reverência a cruz, mostrando que é dia de Festa, que vem procissão. Quando a imagem passa também e em alguns momentos que os Congados estão lá embaixo, eu repico, eu viro. Para mostrar que eles também merecem toda Festa, por eles estarem fazendo a sua arte, sua homenagem a deuses. (...) O papel do Congado eu nunca pesquisei para que ele serve. Eu sei o que a gente aprende em escola: que são grupos de matrizes africanas que buscavam fazer um clamor com seu barulho, sua música, sua musicalidade, antigamente para os seus deuses, que eles acreditavam, porém, usando imagens da Igreja Católica, porque eles eram proibidos de se expressar, expressar sua fé.”²⁶⁰*

As memórias de Samuel nos mostram a perspicácia arquitetada por ele para valorizar e celebrar, na própria residência, a festividade do Divino que adere o espaço das ruas. O jovem, que é estudante no Ensino Médio, narra que aprendeu sobre o Congado – patrimônio cultural – no espaço escolar, trazendo o panorama da resistência e reelaboração de africanidades no Brasil, durante o contexto de proibições da igreja na época da escravização. Observando todo respeito, afeto e homenagens que Samuel realiza para com as manifestações do afro-catolicismo, ciente de que essa cultura e fé que não pertencem ao núcleo familiar do rapaz, notificamos a importância da educação escolar – nas práticas do ensino decolonial e estudos de diversidades. Percebemos elementos coletivos que contribuem com a individual construção identitária do rapaz. Que por sua vez, a partir da rede negra na Festa do Divino, dialoga com a invenção cultural no âmbito doméstico, produzindo, assim, saberes e tradições na história da família. Nesse sentido, de invenção de tradições conectadas com ações afirmativas, passamos a palavra para Ulisses Passarelli.

²⁶⁰ Entrevista concedida por Samuel Giarola a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 02/07/2019.

“Ulisses: *A Festa do Divino, ela é diferente, é uma Festa que apresenta uma nova proposta. (...) Você vai ver as pessoas emocionadas, chorando, alegre. Tem gente que vai para lá com o dia clareando e enquanto o Congado não vai embora, ele não vai embora também não. Ele espera baixar o mastro para poder ir embora para casa, o cara come ali. Ela mexe com as pessoas, toca no emocional das pessoas. A proposta do Divino Espírito Santo, é uma Festa de limpeza íntima. Ela lava a pessoa por dentro. Entendeu? Ela é única nesse sentido. Única. Ela é especial demais. Eu não enxergo a Festa do Divino em outro formato.*²⁶¹

As considerações de Ulisses, cofundador do ciclo festivo do Divino em São João del-Rei/MG, sinaliza a relevância dos ritos e símbolos congadeiros no evento. Elementos que propiciam emoção e interação das pessoas que consomem o momento de lazer e fé. Nessa ótica, Ulisses traz a representação sagrada do Espírito Santo na perspectiva da Festa, que aos olhos dele, a cerimônia é única, especial e que fomenta conexões de cunho íntimo, na dimensão coletiva. Na gira dialógica, trazemos a voz de Eliana Maria dos Passos.

“Eliana: *O papel do Congado eu acho que é importantíssimo. O Congado é que faz a nossa Festa. Sem a Congada, para mim, eu acho que não tem Festa. Imagina, você faz uma quantidade de comida daquelas, a pessoa come e vai embora? Não tem vida. Para nós a Congada é que é a vida da nossa Festa. Isso é uma coisa que não pode acabar. Se Deus quiser, eu tenho fé no Divino Espírito Santo que ele não vai deixar acabar.*²⁶²

Eliana Maria dos Passos, que é integrante da CODIVINO e a cozinheira chefe do almoço de domingo de Pentecostes, afirma que a Congada é a vida da Festa do Divino. Concordamos! Assim como ela, é possível ver todo desempenho das diferentes gerações da CODIVINO para garantir que os congadeiros sejam bem recebidos. Além disso, o trabalho das Folias do Divino que levantam donativos para a manutenção do café e almoço de Pentecostes, dentre outros gastos e desdobramentos da festividade. Os participantes da CODIVINO e a corte do Imperador também viajam para encontros congadeiros em que são convidados, no sentido de retribuir a visita recebida. Juntamente com o papel de carregar andores dos santos de devoção dos festeiros congadeiros. Há trocas de respeito e motivos múltiplos para que as danças,

²⁶¹ Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

²⁶² Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

cantos e rezas das Congadas sigam promovendo limpezas íntimas e espirituais em diferentes locais de Minas Gerais. Mantendo vivo o patrimônio cultural afro-mineiro dos Reinados Congos. Na sequência buscaremos compreender o simbolismo do Imperador nas comemorações do Divino.

2.2.4. Imperadores do Divino e identidades étnicas

O Imperador do Divino é uma das figuras de destaque na Festa, corresponde, atualmente, à pessoa que recebe de forma especial os dons do Espírito Santo. A CODIVINO lhes presenteia com um brasão e certificado impresso do cargo em questão. Durante as cerimônias, ornam-se com terno, capa aveludada na cor vermelha e detalhes dourado, faixa vermelha, coroa prata e cetro do Divino – elementos que conferem parte da cultura material do grupo. O Imperador é eleito por indicação e/ou votação dos integrantes da CODIVINO. Podendo ser reeleitos depois de quatro anos, de acordo com o estatuto da Comissão. Percebamos as memórias e significados do cargo pela perspectiva de Imperadores coroados: Ulisses - 1998, Luthero - 1999, Geraldo - 2002, Tadeu - 2004, Nivaldo - 2005, Antônio - 2007.

“Ulisses: A Festa retoma em 98, ela retoma com outra característica totalmente diferente. Quem é nomeado Imperador? São as pessoas comuns, as pessoas simples. Não tivemos nesse período a nomeação de nenhum aristocrata não. Entendeu? (...) São todos homens simples, homens da igreja, homens devotos, homens de Cristo, que cada um com o seu modo, suas qualidades e defeitos, suas limitações e dedicações trabalhou pela Festa. Como esse que você está vendo aqui, de pé de chinelo. (...) Eu vou te falar qual que é a maior memória: é a hora que o padre Zé Raimundo botou a coroa na minha cabeça que eu senti um arrepio correr no meu corpo todinho. Veio da sola do pé até a moleira, arrepio. Aí quando eu levantei, eu senti o tanto da seriedade daquele momento, sabe? Eu vi o tanto que era sério aquilo que estava sendo feito ali. Uma Festa que teve 74 anos apagada. De repente eu falei assim: “meu Deus, como é que isso vem à tona?” Porque era a Comissão inteira. Eu falei aqueles nomes, mas não foram só aqueles três que trabalharam não. Foi um grupo de pessoas. Eu só estou dizendo que essas três pessoas que eu citei o nome: padre Zé Raimundo, Osnir e o Luthero, foram pessoas de cabeceira para cada um dentro da sua linha de trabalho deslanchar as coisas. Mas teve um monte de gente envolvida. Mas naquele momento, eu senti o peso da responsabilidade. Não é o peso pesado do sentido ruim é o peso mesmo do compromisso que eu tinha assumido, que era uma coisa muito séria. Que naquele instante estava começando algo que eu acho que nenhum de nós sabíamos ainda o tamanho que era. A

*gente aceitou aquela missão com a cara e com a coragem. O momento mais importante foi esse arrepio.*²⁶³

Ulisses, ao revisitar suas memórias de primeiro Imperador do Divino, há mais de vinte anos atrás, fala sobre a coragem, responsabilidade e arrepio que tivera, do jovem destemido que fora. E que ao lado de amigos, intelectuais e líder religioso, trouxeram vida á uma tradição religiosa e cultural no bairro Matosinhos. Ele relembra com emoção as dúvidas do momento, mas destaca a coragem e o papel da coletivamente para saber construir outras realidades. Nessa ótica, sinaliza a presença ampla e participava de muitas pessoas que deram corpo à festividade. Luthero foi um desses parceiros.

*“Luthero: A coroa do Imperador ela é soberana. (...) Uma vez Imperador, sempre Imperador. Eu afastei dos festejos porque o sujeito me aborreceu, pisou em mim leva. Mas eu sou Imperador. Tanto é que o meu quadro, o retrato meu, está lá na sequência, como se fosse um salão nobre da prefeitura, da câmara dos deputados. Quem foi o presidente do ano tal, tal, está lá a sequência.”*²⁶⁴

Luthero, o segundo Imperador da festividade, narra com orgulho sobre a coroa soberana, que lhe confere a condição eterna de Imperador do Divino. Nesse mote, recorda com satisfação do salão/sede da CODIVINO, que a cada ano arquiva um quadro novo, com a imagem do anfitrião da festividade. Luthero, com brilho nos olhos, espelha a galeria da Comissão à um espaço nobre de prefeitura, ou presidência. Falemos agora com o Geraldo.

*“Geraldo: Eu sou Imperador, fui Imperador em 2002. O serviço do Imperador é ajudar na Festa, seja o que for. No dia que está pegando mesmo, no dia da Festa, põe todo mundo na roda. Todo mundo tem que ajudar. “Você não sabe mexer com pipoca? Você vai ficar na barraca da pipoca.” “Você não sabe mexer com a vispora não, mas você vai ficar na vispora.” Você ajuda o outro que você aprende. E é assim que os Imperadores fazem a Festa. Faz assim, dessa forma. (...) No dia da Festa faz uma reunião entre nós, entre todo mundo para cada um ter o seu mandato do jeito que tem que fazer. O presidente pede: “você vai fazer isso, vai fazer aquilo.” “Isso aí eu não sei não, mas eu acho jeito.” “Então você fica perto de um que sabe que você vai aprendendo. Porque para o ano você vai ficar nessa responsabilidade de Imperador. É uma emoção. A gente é convidado para ir em muito lugar, muita reunião, muitas festas, o Imperador.”*²⁶⁵

²⁶³ Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

²⁶⁴ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

²⁶⁵ Entrevista concedida por Júlia Maria de Lacerda e Geraldo Elói de Lacerda a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

Geraldo foi coroado no quinto ano do ciclo festivo, ele, assim como Lutero, afirma que permanece Imperador. As lembranças narradas por Geraldo nos mostram a rede associativa do evento, em que a pessoa aprende a partir daquilo que vê o outro fazer, e depois transmite o conhecimento para o próximo aprendiz. Ele fala da emoção de cumprir o cargo, também dos convites, reuniões e festas que vai enquanto Imperador. Na sequência, a palavra é do Tadeu.

“Simone: *Como que foi esse seu ano de Imperador?*

Tadeu: *Foi muito bom demais. Eu peguei os sete dons do Divino Espírito Santo. Os sete dons são pesados, do Divino Espírito Santo.*²⁶⁶

Tadeu, o sétimo Imperador, trouxe as recordações do quão foi bom receber os sete dons do Espírito Santo. Mas também aciona o peso da responsabilidade. Na gira das palavras, chamamos o Nivaldo.

“Nivaldo: *Imperador é um título que não sai. Uma vez que você foi coroado, que passe 10, 20, 50 anos você é sempre. Não existe ex-Imperador. É sempre Imperador. (...) . Aquela coroa que é colocada na cabeça, aquilo pesa, mas não é o peso da cora, não, que ela pesa 2kg. (...) Ela pesa em si, não no peso de quilogramas, é o peso de uma responsabilidade que você antes de chegar não sabia. (...) Não, não é o quilograma, é a responsabilidade, parece que o Espírito Santo desce sobre você.*²⁶⁷

O oitavo Imperador, Nivaldo, revisita a sensação da coroa colocada em sua cabeça, sinaliza a responsabilidade sagrada, acionada pelo Divino Espírito Santo. Assim como os demais entrevistados, afirma a permanência do título de Imperador. Na escuta da escrita seguimos com Antônio.

“Antônio: *A gente está no vigésimo segundo ano, mantêm-se a tradição do Imperador, mantêm-se a tradição das Folias, de tudo. (...) O Divino, queira ou não queira, também o pessoal, os congadeiros tem uma certa devoção muito grande. (...) E por causa também da festa do Divino os escravos, aqueles que eram alforriados, passaram a poder entrar dentro das igrejas. Então eles entravam com a música deles. Era, podemos dizer, um grupo de Congado sem o nome de Congado. Mas era, eles faziam. E quando Chico Rei que foi um dos maiores, um que ficou milionário na época do ouro, aí começou a alforriar os amigos e tal, e foram formando aqueles grupos, né? (...) Então queira ou não queira eram grupos de Congado que não tinha o nome igual hoje tem. Tem roupa bonita e tal. Mas é. Então começou*

²⁶⁶ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

²⁶⁷ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

*a juntar tudo, Imperador do Divino, os escravos, as festas.*²⁶⁸

Antônio, o décimo Imperador do Divino Espírito Santo, revisita memórias da temporalidade do ciclo festivo, que carrega mais de vinte anos de idade, em uma tradição consolidada na cidade de São João del-Rei/MG. Elenca que a Festa mantém as cerimônias do Imperador, das Folias e das Congadas. Antônio faz um balanço interessante sobre a relação do Divino na cosmovisão congadeira, do tempo do cativo ao tempo presente. Ele destaca, no passado, a existência de negros alforriados que festejavam o Espírito Santo, com músicas e danças próprias, na perspectiva do afro-catolicismo. Sinaliza a presença do famigerado, Chico Rei²⁶⁹, que enriquecera no ciclo do ouro aqui em Minas Gerais, além disso, conforme as narrativas, libertava os companheiros escravizados.

A história de Chico Rei é referência nas lutas negras do povo mineiro, ademais, a figura do rei Congo mobiliza, no tempo presente, os reinados reavivados e cultuados pelas pessoas de tradição congadeira. Nesta ótica, relevamos que o diretório administrativo da CODIVINO abordou a temática racial do cargo do Imperador nos anos 2000. Entenderam que, em um país racializado como o Brasil, era preciso debater discriminação e promover circunstâncias de representatividade em diferentes espaços da festividade. Acompanhemos:

“Ulisses: Teve uma época que foi pensada as coisas assim, eu falei mesmo. Eu falei: “escuta aqui, como é que vai ser isso, nós vamos ficar brincando de fazer uma Festa de branco para branco?” Eu falei, “olha, gente, não tem sentido isso. Se a gente deu abertura a Festa para acabar esse problema de discriminação, se os grupos culturais de Congado, que tem a base africana foram constituídos e construídos no Brasil como um processo brasileiro de formação cultural, mas a semente, a matriz deles é africana. Se eles estão vivendo na Festa ao lado das Folias que tem uma origem portuguesa, por que que nossos Imperadores vão ser todos homens brancos? Será possível que o homem negro não está habilitado a ser Imperador? Tem alguma lei que proíbe que haja um homem negro?” Falei: “não. Isso tem que mudar, nós temos que botar Imperador negro aqui. Isso não existe, isso vai ter que mudar. Vamos achar quem se candidata a tal.” Então houve um momento que houve um diálogo assim. Não é que tinha gente contra não. Ninguém falou: “eu sou contra ter.” Não, nunca houve isso. Mas esse assunto rolou. A

²⁶⁸ Entrevista concedida por Antônio da Silva Serpa a Simone de Assis, em Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos, São João del-Rei, 16/12/2018.

²⁶⁹ SOUZA, 2002: 312-314.

gente falou: “não, vamos trazer Imperadores negros aqui, que tem que estar de igual para igual mesmo.” Então aí começou.”²⁷⁰

Ulisses, homem branco, encarou o debate de reconhecer os privilégios da branquitude, dialogar com os pares e agir de maneira mais contundente para representação racializada do Imperador do Divino – o anfitrião da festividade. Desta forma, convidaram o Tadeu, capitão de Congado, para ser o primeiro Imperador negro²⁷¹ do evento, em 2004. Assuntemos:

“Tadeu: O primeiro ano que nós saímos com o Congado aqui na Festa do Divino, aí eles me chamaram para participar na Comissão, na Festa do Divino. Aí me chamaram para ser Imperador. Levei aquele susto, falei: “mas, nunca teve um negro Imperador não, uai.” (...) Aí tive seis meses para pensar, para eu ver se eu ia ser Imperador ou não. Nos seis meses eu falei: “eu vou ser o Imperador.” Mas o povo levou aquele impacto. Levou aquele impacto, achou que era um branco e era um negro como Imperador.”²⁷²

O Capitão Tadeu narra sobre a surpresa com que recebera o convite para ser Imperador da Festa do Divino. Conta que nos seus meses que tinha para decidir se aceitaria a proposta, afirmava para si que seria o Imperador. Tadeu também nos diz sobre o “impacto” que as pessoas levaram, ao vê-lo como anfitrião do ciclo festivo do Divino. Acreditamos que o “impacto” seja proveniente do racismo que estrutura a sociedade brasileira.

O segundo Imperador negro foi o Nivaldo, em 2005, que assim como o Tadeu foi convidado para ocupar o cargo. Ele aceitou, desde que pudesse acrescentar elementos étnicos em toda cerimônia. Compreendamos nas palavras dele:

“Nivaldo: Falei: “olha, eu só vou se vocês me aceitarem, eu ao invés de ir de terno e gravata ir vestido afro.” (...)” Vai atrás do padre Zé Raimundo. O padre Zé Raimundo: “não vem nu?” “Não.” “Então não tem problema.” “Olha, o padre falou que pode.” Aí fui, preparei, arrumei o eketé, uma bata comprida, longa, aqui no joelho. Um calçolão de elástico embaixo e sandálias. Ninguém nunca tinha visto, ainda mais entrar dentro da igreja. Aí falei o seguinte, falei: “olha, tem outra coisa, negro dança. Negro não é soldado para andar em posição de sentido, não. Negro dança.” “Tem problema não. Pode

²⁷⁰ Entrevista concedida por Ulisses Passarelli a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

²⁷¹ Retomo que neste trabalho usamos a categoria negra como a somatória de pessoas pretas e pardas, como foi estabelecido pelo IBGE. No caso da autoidentificação estabelecida pela CODIVINO, a pessoa considerada negra é a de tez mais escura.

²⁷² Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

dançar.” “Pode bater o tambor aí?” “Pode bater o tambor.” (...) O Maracatu que era nosso, do grupo, que era o professor André. (...) Arrumamos seis meninas para dançar. (...) Na hora de eu entrar, menina. As meninas vestidas verde e amarelo. A gente desmantelou, não cuidou dessa coisa, deveria ter filmado, ter guardado isso, ter fotografado, mas não ligou para isso. Aí botamos três meninas de cada lado, eu atrás e o Maracatu atrás. (...) Bam, bam, bam, aquela barulhada. O pessoal: “uh!” esparramou tudo. Gente para tudo enquanto é lado: “o que é isso que está dentro da Igreja?” Espantado: “mas tambor dentro da igreja?” E aquilo: “bumba, bum, bum, é bum”, aqueles tambores grandões. E as meninas só: “slemp, slemp, slemp”, requebrando só no molejo. (...) Precisava ter muita coragem para poder fazer aquilo que eu estava fazendo. Um homem entrar dançando dentro da igreja. Assim, assim. Aí perguntei a ele [bispo Dom Waldemar]: “é pecado?” “Não, meu filho. Deus gosta de alegria. Isso é alegria, isso é vida.” Aí fui enchendo, fui enchendo. (...) O outro imperador veio, trouxe a capa, faixa, coroa, a salva, cetro e o punhal de prata. Aí ele veio, colocou tudo, tinha um cinturão que você tinha que estar colocando. Ele me deu, colocou, levantei, depois me ajoelhei e ele colocou, fez a coroação. Todo mundo deu vivas, bateu palmas e foi aquela coisa toda. A caixa tocando e as meninas dançando, aquela coisa. A igreja toda. Luz acesa, aquela coisa. Todo mundo: “que beleza, não sei o que.” Bum, tibum, tibum, tibum. Eu agradecendo-os, de um lado e de outro. O André pau na caixa mesmo. Porque um negro coroado no ritmo afro. (...)

Ao falar sobre a experiência do tornar-se Imperador do Divino, Sr. Nivaldo, revive com precisão de detalhes os antecedentes e momento da coroação. Suas lembranças ambientam-nos da escolha afirmativa que tivera em todo processo, ao decidir usar roupas étnicas que demarcassem a estética negra, ao invés do terno comumente utilizado pelos Imperadores. A presença dos tambores de maracatu na trilha sonora, ele e as garotas do grupo – Raízes da Terra – na performance de danças afros e toda a alegria viva, junto ao coletivo, que celebrava o Imperador negro coroado. Sr. Nivaldo comenta que “desmantelou” em não ter fotografado o momento, mas ao narrar o acontecido, pudemos visualizar cada instante de suas ações-memórias, inclusive, prestigiar a trilha sonora. E aplaudimos, aqui do tempo presente, a educação transgressora e o orgulho da beleza negra que, Sr. Nivaldo, nos faz conhecer e ter. Saibam vocês, que nos leem, que Sr. Nivaldo também inovou a cerimônia da passagem de coroa ao Imperador que o sucedeu. Vejamos:

Nivaldo: *Depois que eu fui coroado Imperador, no ano seguinte eu tive que passar a coroa. Passei para o Zé Cláudio. (...) Fui no batalhão. Tinha um colega meu lá que tocava na banda, falei com ele: “olha, estou precisando do seu trabalho, você toca na banda? O que você toca?” Clarim. Eu toco clarim.” Falei: “precisava de duas*

peças para tocar *Aquarela do Brasil*". (...)

Simone: Estava o tambor também?

Nivaldo: E o tambor tocando. E os tambores tocando. E nós rodopiávamos. (...) Dançando eu entrei, subi no altar., Dom Waldemar estava, cheguei perto dele e pedi a ele: licença, dom Waldemar, eu sou Imperador, está ali o rei perpétuo, que é meu irmão, ele gostaria de fazer o descoroamento." (...) Na hierarquia nossa, na hierarquia seria o rei perpétuo, que é o meu irmão. Então falei com ele. "Absolutamente, pode mandá-lo." Fui lá e falei: "Ciro, você vai descoroar. Mas não pega a coroa com a mão. Mande trazer uma toalha. Você pega e tira a coroa com a toalha. Porque você não é aquele da igreja." Pegou com a toalha. As pessoas não entenderam aquilo: "mas por que que está usando toalha? É só pegar e fazer isso. Pronto." Sinal de respeito. E você vai sendo descoroado. Tirou a coroa, ele tirou a coroa. Depois eu falei para ele em voz baixa: "desabotoa." Ele veio e desabotoou, puxou a capa. Então ficou a faixa e o cinturão. Cada coisa, eu fazia, como se fosse uma oferenda. (...) O bispo estava olhando, estava todo mundo olhando. Mas eu passava uma mensagem, para aquele pessoal, sem palavras, só em gestos. (...) Ninguém mandou eu fazer isso, isso eu fiz na hora. (...) Significou muito porque produziu sentimento do negro. Não em palavras, mas em gestos. Coisa que eles nunca tinham visto. (...) O pessoal começou a se espelhar mais em mim. A ter mais confiança em mim. Nas minhas palavras, nos meus gestos, no meu modo de ser. Começou, às vezes eu tinha que fazer alguma palestra, então eu falava. Religiosamente muito bom. Se fosse preciso, se tivesse necessidade eu voltaria a fazer, repetia tudo o que eu fiz no passado. Porque fiz consciente e fiz bonito, porque todo mundo se admirou.²⁷³

Sr. Nivaldo inaugurou uma forma própria e negra para ser Imperador do Divino. As recordações ativadas por ele são detalhistas, sonoras e provocam a visualidade de cada instante da experiência. Ressaltamos a importância da postura afirmativa, consciente e bonita que teve e que têm. Sr. Nivaldo é um intelectual de destaque na região das Vertentes, desenvolve tessituras de educação antirracista por onde circula. Práticas realizadas em comunhão com o Grupo Raízes da Terra, posteriormente com o projeto Reggae na Periferia, nos bairros São Geraldo e Bela Vista, em São João del-Rei/MG.

Após a quebra do silêncio sobre branquitudes e negritudes do país, que das relações macros reverberavam no micro espaço do ciclo cultural, ao que se refere a ausência de homens negros na posição de Imperador do Divino – anfitrião mor no simbolismo do evento. Após a coroação e império sequencial de dois homens negros, que ocuparam o cargo de maneira autêntica e política

²⁷³ Entrevista concedida por Nivaldo Neves a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

para difundir saberes afrodiaspóricos, houve um intervalo de dez anos para que um homem negro fosse novamente convidado a ocupar o cargo de anfitrião da festividade do Divino. O que ocorreu no ano de 2015, quando Sr. Francisco José do Nascimento²⁷⁴, foi o terceiro Imperador negro a ser coroado – na sequência de 18 Imperadores. Sr. Francisco, até então, é a última pessoa negra a ocupar o cargo – levando em conta que entre os anos de 2020 e 2021 a Festa não aconteceu, em virtude da pandemia gerada pela COVID19. Dessa maneira, encaminhamos as considerações sobre as duas primeiras fases da Festa do Divino, que trazem o papel da reinvenção e o da consolidação da cultura negra no evento. A terceira fase da Festa, percebida por nós, será tratada no Capítulo III.

2.3. HISTÓRIA COLETIVA NA ESCRITA-ORALIDADE

O Capítulo II carregou o propósito de colocar em diálogo e apresentar uma roda de conversa-escrita, com as vozes dos sujeitos entrevistados para esta pesquisa, a respeito da Festa do Divino em São João del-Rei/MG. Desta forma, procurei construir uma narrativa coletiva a partir dos depoimentos que me foram confiados, pelas 16 pessoas que aceitaram compartilhar suas histórias de vida, agências culturais e políticas na relação com a festividade do Espírito Santo. Utilizei do suporte metodológico da História Oral para colher e analisar as memórias dos depoentes.

Dessa maneira, procurei organizá-las em eixos temáticos que trouxessem esclarecimentos sobre as comemorações do Divino e batuques na paróquia de Matosinhos. Nesse sentido, a escrita-oralidade é construída no conjunto com a voz de cada sujeito da pesquisa, que não são fontes ou ilustrações, mas parceiros e parceiras de um entendimento. Não há sobreposições de dizeres, mas tentativas de conexões que tragam autonomia e pluralidade no conjunto da escrita.

A escrita-oralidade deste Capítulo nos possibilita compreender, o que eu identifiquei, para este momento, como duas fases da Festa do Divino: 1) reinvenção da tradição das comemorações do Divino em São João del-Rei/MG

²⁷⁴ Infelizmente não tivemos a oportunidade de entrevista-lo para essa pesquisa.

(1997-1998); 2) valorização e consolidação da cultura negra na Festa (1998-2013). Entre as fases do evento elaboramos entendimentos sobre a Missa Inculturada/ Missa Afro – que compôs a Festa até o ano de 2013 –; Folia do Divino; Congadas; Mastro; Imperadores do Divino e identidades étnicas.

Seguiremos com a roda de conversa na primeira parte do próximo Capítulo, para apresentar-lhes o que percebemos como: associativismo negro, comunitarismo e tensões raciais no evento – no panorama da terceira fase do ciclo festivo. Na sequência, analisaremos uma música de gênero ponto, com o propósito de traçar a história transnacional do racimo. Kaô Kabiesilê, Xangô!

CAPÍTULO III

PASSÁROS DO ATLÂNTICO NEGRO, NOS VOOS DO ESPÍRITO SANTO

Kléber Adão do Sacramento nos apresenta o debate teórico sobre as festas religiosas de cunho popular. Diz que enquanto pensadores, como Mircea Eliade, percebem que as pessoas de crenças religiosas desenvolvem uma filosofia de vida que é cíclica, desta forma, reativam mitos da criação do mundo – conforme a cosmo percepção de cada um. O que lhes permitem gerar o sentimento de rupturas no tempo e no espaço. Experimentando, assim, o tempo sagrado na comunhão com os deuses, que são invocados por palavras, gestos, símbolos e ritualísticas próprias. Quer seja no âmbito doméstico, em templos religiosos, como as Igrejas, e, mesmo no espaço aberto das ruas, com locais específicos como encruzilhadas etc. Ou ainda, diante de objetos sacros, como o mastro, que comentamos outrora. Nesse sentido, a festa religiosa traz o tempo aberto para o devir sagrado.²⁷⁵

Por outra via, teóricos como Nestor Garcia Cancline²⁷⁶, de acordo com Adão, não consideram as festas religiosas pela ótica de um fenômeno que ativa outros espaços e tempos. Cancline observa o evento enquanto um momento de força comunitária e solidária entre as diferentes pessoas que organizam tal atividade. Desta forma, não haveria quebra do cotidiano e do profano, sim uma união para celebrar a crença devocional. Ao se tratar de comunidades populares, o empenho coletivo para o desenvolvimento da festividade traria o papel de inversões da representação socioeconômica, que é pautada pelo sistema macro do mercado financeiro, que muitas vezes reprime os corpos e vidas sociais das pessoas de estratos menos abastecidos. Nesta ótica, as festas religiosas e populares burlariam os sistemas de repressões, pois de forma coletiva e grupal construiriam outros sentimentos e atuações diante da sociedade.²⁷⁷

O teórico Jonatas Roque Ribeiro, por sua vez, nos ensina sobre o conceito de associativismo negro, que está relacionado com práticas de

²⁷⁵ ADÃO, 2001: 13-14. ELIADE, 1992: 17-22.

²⁷⁶ CANCLINE *apud* ADÃO, 2001: 13-14.

²⁷⁷ ADÃO, 2001: 13-14. ELIADE, 1992: 17-22.

educação antirracista, que vão além do espaço escolar, desta forma, inclui espaços recreativos que promovam e possibilitem a união de pessoas negras, com o intuito de valorizar pessoas, culturas e afazeres afrodescendentes. Compreendamos melhor nas palavras do autor, que é referência na reescrita historiográfica de Minas Gerais.

“É possível perceber que o associativismo negro representava uma das expressões das lutas dos negros contra o racismo e, ao mesmo tempo, o resultado das suas expectativas em relação à criação, ou preservação, de práticas sociais que valorizassem os membros da sua comunidade. O associativismo negro em Minas Gerais, não muito diferente dos citados acima, pautava-se, principalmente, mas não somente, pela defesa da construção, ou manutenção, de espaços e manifestações que congregassem não apenas sujeitos, mas também, valores, memórias e identidades positivas dos integrantes do grupo negro.”²⁷⁸

Dessa maneira, a Festa do Divino nos permite entender tanto o tempo sagrado que Eliade fala, com as ritualísticas congadeiras, quanto os princípios comunitários que Adão, valendo-se de Cancline, nos apresenta sobre os afazeres do ciclo festivo. Ademais, adicionamos o papel do associativismo negro, que de forma crítica, política, cultural e socioeducativa também corrobora com a manutenção, consumo e circulação do evento, tal qual aprendemos com Ribeiro. Nessa configuração, seguiremos com a roda de conversa, ou seja, nosso ubuntu da escrita-oralidade, para contar-lhes sobre a terceira fase da Festa do Divino. Que já consolidada na cidade são-joanense, no aporte e difusão da cultura negra e educação antirracista, reflete, agora, a conjuntura nacional (quijá internacional) do cenário político-cultural, que desde 2013 ataca e enfraquece o pacto democrático – na ascensão de discursos e posturas autoritárias.

Após alguns tópicos da roda de conversa, analisaremos uma música congadeira-moçambiqueira entoada na Festa do Divino de 2018. A fim de tecermos reflexões decoloniais sobre as narrativas de (re)existências dos voos étnicos do Espírito Santo – que denominamos, metaforicamente, de pássaros do atlântico negro. Na sequência, concluiremos a nossa roda de saberes. Xeuê Babá!

²⁷⁸ RIBEIRO, 2018: 56.

3.1. ASSOCIATIVISMO NEGRO E COMUNITARISMO NO CICLO FESTIVO DO DIVINO

A força comunitária das pessoas que promovem a Festa do Divino se faz visível em cada setor administrativo do evento, da cozinha ao diretório de logística e finanças. Eliana nos traz uma síntese completa e profunda a este respeito: “a Festa sai bonita, que ela é dividida. Entendeu? Ela é dividida. Vamos supor, cinco vai fazer isso, cinco vai fazer aquilo, é tudo assim.”²⁷⁹.

Nessa perspectiva, de partilha de tarefas, sinalizamos que a CODIVINO organiza um evento que conta com a participação, aproximadamente, de três mil pessoas. A Comissão não utiliza de recursos do dízimo da Igreja de Matosinhos, eles agem à parte da Instituição, de maneira que movem uma rede sociocultural de pessoas dispostas a manter viva a tradição do Divino em São João del-Rei/MG – na valorização e promoção das Folias, Congadas e afro-catolicismo. Desse modo, chamamos para roda de conversa o Sr. Antônio, que acompanha o diretório da CODIVINO desde a reinvenção do ciclo festivo.

“Antônio: A Comissão conseguiu ao longo desse tempo de restaurar uma Festa grande com bastante grupo de Congado. (...) Muita gente acha que a Festa do Divino é feita com o dízimo. A gente não usa um centavo da Igreja. Dez centavos se você for lá para receber do padre, ele não paga não. (...) Você tem muito mal um ganho da prefeitura. Para uma Festa que custa R\$ 60 mil reais, você recebe R\$ 4 mil reais. Então você conseguiu. Festa organizada, tudo direitinho e tal, não falta nada e tal. (...) A nossa Festa hoje custa R\$ 50 mil, 60 mil reais. O que ajuda é barraquinha. As barraquinhas que, senão são as barraquinhas, babau. (...) Porque só a sonorização hoje é R\$ 7 mil reais. R\$ 7 mil reais. Você tem energia, uns R\$ 3 mil. Divulgação, cartaz, livro de novena, tudo isso aí. (...) Gráfica é caro porque é tudo material bom. (...) Antigamente a gente, no início da Festa, para você ter ideia, esse jornalzinho as escolas usavam para fazer pesquisa. Os membros da Comissão, aquele pessoal mais formado, ia dar palestra nas escolas. Por isso que eu te falo, a nossa Festa teve uma subida violenta até 2008, 2009, 2000, depois e ela foi, foi, foi... Sabe, não sei porquê. Aí o pessoal acha, no domingo, você vê que fica: “Ah! Muito bonita a Festa!” Mas ajudar que é bom nada. (...) Então a Comissão conseguiu ter um nome. (...) Você tem uma grande Festa a fazer, que não falha. Queira ou não queira tem que ter a Festa. Então conseguiu ter um nome: Comissão do Divino. A saudação da Comissão do Divino é: “Salve o Divino!” Você pega

²⁷⁹ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

na mão e “salve o Divino!”²⁸⁰

Sr. Antônio ativa memórias da formação, consolidação e práticas efetivas da CODIVINO, o grupo que promove toda infraestrutura para que o ciclo festivo do Espírito Santo seja realizado no bairro Matosinho, com a presença das Congadas. Ele traz um panorama dos valores gastos e do montante necessário para concretizar o evento. A estratégia que utilizam ao liberar espaços para montagem de barraquinhas, a fim de levantar recursos – lembrando que a CODIVINO não conta com o apoio do dízimo, ou contribuição financeira da Igreja. Ele recorda com orgulho do jornal impresso anualmente sobre o evento, aciona que o material documental fora utilizado por pesquisadores com o propósito de compreender a Festa – inclusive este trabalho, em que consultamos 13 exemplares. Sr. Antônio sinaliza o crescimento que a festividade conquistou e o nome que ergueram, a partir do trabalho sério e cultura que fomentam em São João del-Rei/MG. Assim sendo, trazemos para a conversa a voz de dona Inácia.

“Inácia: A Festa do Divino para mim, se a Festa começa numa quinta, de quinta à quarta eu estou lá na igreja. Faço entrada, participo de tudo. Saio, se eu puder ajudar na barraca fritando algum pastel eu vou. Aí de quarta para a frente eu estou aqui em casa. Aí eu já não participo da Igreja mais, eu já estou aqui fazendo o movimento meu, de assar, de fazer, de acontecer, de ir na rua buscar alguma coisa, que eu também trabalho mexendo com patrocinadores. (...) Às vezes aqui a cozinha é pequena, eu forro a minha cama com toalha, plástico, essas coisas e fica tudo cheio. Aí você joga outra toalha por cima e vai dormir em outro lugar. (...) Eu chego no café, eu dou café para os folieiros no sábado, tem aquela procissão que vem do São Francisco. Eu dou aqui em cima da catequese. Então, todo ano é assim, umas 300 pessoas. (...) Então eu trabalho, dou o café, lá eu faço o café, lá eu levo o fogão, eu tenho os vasilhames tudo. Faço o café lá. E depois que chega à procissão, se vier o quartel que traz a liteira de Santo Antônio, eu dou café para eles também, para todos que acompanham de figurante na procissão eu sirvo o café. Mas esse ano foi bem menos gente. E dou o café aos congadeiros na parte da manhã. Que eu costumo a sair no sábado ali da Igreja onze e meia, meia noite. Venho em casa, durmo. 4:30h mais ou menos estou chegando na Igreja de novo. Chego, chego esse horário. Porque o café dos congadeiros são mais. Então você tem que pôr o quê? Uns 100 litros de água para ferver, para fazer o 1º café. E dali o que vai saindo você já vai refazendo. Sabe? Acaba um você já tem que estar com outro já fervendo, já pronto para fazer. Pronto para soltar o café. Não pode

²⁸⁰ Entrevista concedida por Antônio da Silva Serpa a Simone de Assis, em Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos, São João del-Rei, 16/12/2018.

ficar sem o café. (...) Janeiro, eu já estou com o papel dos meus patrocínios na rua. A gente tem que começar cedo porque é uma Festa que mexe, não é uma Festa lucrativa, é uma Festa de participação. Porque a gente dá o almoço. A gente dá o café. A gente não cobra nada. A gente tem uns patrocínios, mas são patrocínios pequenos. Não são patrocínios grandes. Sabe, são patrocínios pequenos, então, a gente fica muito satisfeita porquê a gente é muito guerreira. Graças à Deus. Muito bom! (...) A gente leva o café, eu tenho 12 pessoas que me ajudam, que me ajuda a passar o café, por que enquanto elas estão passando o café de domingo, eu estou na rua pegando os pães na padaria. Porque eu preciso de 1100 pães para servir esse café. Fora as broas, fora tudo mais. (...) A minha comunidade aqui, a do Sagrado Coração de Jesus, ela me ajuda muito. Ela me ajuda demais. Ela me doa as manteigas, por que a gente gasta de 8 a 12kg de manteiga. Aqui eu gasto ovos para confeccionar as broas. Você entendeu? Então tudo isso, tudo isso, a maioria são as comunidades daqui que me ajuda. Você entendeu? Aí, que não é nada, não é nada, fora o que eu faço aqui, eu ainda mando fazer 70kg de broas lá fora. Que são as broinhas de fubá, que são os biscoitos de farinha de trigo que eu faço lá fora. (...) A broa é um privilégio meu. Porque até então era pão e manteiga. Mas graças à Deus a gente vence

²⁸¹

As lembranças de dona Inácia nos ajudam a perceber o dinamismo do evento no cotidiano dos festeiros, que por meses envolvem significativa parcela da comunidade, nem que seja por meio de patrocínios, para que tudo ocorra nos conformes. Dona Inácia, que é a responsável pelo café das Folias e Congadas, nos mostra que para alguns integrantes da CODIVINO, como na experiência vivida por ela, a festividade em si, ganha corpo no ambiente doméstico, isto é, nos bastidores. As considerações narradas por ela, nos levam a visualizar o desprendimento de bens pessoais – como fogão, vasilhas etc. – que são emprestados para ter funcionalidade comunitária no ambiente festivo. Nesse sentido, de comunitarismo, Eliana traz explicações. Vejamos:

“Eliana: *A Festa se tornou um conceito tão grande, tão grande, que lá come os congadeiros, comem todos os membros que trabalham na Festa, além disso, o povoado que frequenta ali, a praça, a gente libera a porta para eles poderem, depois, também entrar e comer. E aí eu fico assim: “ah, a comida não vai dar, a comida não vai dar, a comida não vai dar.” De repente, dá e sobra. Aí eu falo: “meu Deus, eu não acredito!” (...) Sabe o que eu acho bonito na Festa do Divino? São as doações, você vê chegando caixotes e mais caixotes de verdura e fruta, aquela carniada que chega. (...)*

Simone: *Você começa na sexta e termina no domingo de madrugada?*

²⁸¹ Entrevista concedida por Inácia Maria dos Santos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 03/07/2019.

Eliana: Lá na paróquia, aqui eu começo uma semana antes, organizando tudo o que eu vou levar para lá.

Geraldo: A casa inteira.

Eliana: Nossa, a minha casa fica uma zona. A minha casa fica uma bagunça que você não tem noção. Porque eu levo de tudo, de tudo o que você possa imaginar. (...) Desde talheres, liquidificador, facas, panelas, fogões. (...) Tudo! Levo tudo, fogão. Levo televisão para poder assistir à missa lá, levo rádio. Os temperos são feitos aqui também. Então a gente leva de tudo, tudo, tudo o que você possa imaginar. Para poder fazer um trabalho bacana. Porque se eu for pedir tudo para eles, eles não vão dar conta de me dá mesmo. Então aí eu vou organizando. Vou na casa do vizinho, aqui tem meu sobrinho, o Alessandro que é do quartel, ele também me emprestar uns vasilhames. Tem a Terezinha, que também mexe com o negócio do canto da igreja, que me empresta. Então, assim, eu tenho bastante gente que me empresta. Sabe? Me acompanha no meu trabalho. Então, isso para mim também é gratificante, né? (...) Só que eu sou uma pessoa assim, que eu não consigo participar muito da Festa, por causa do meu tipo de trabalho. A cozinha é uma coisa de muita responsabilidade. Todos os temperos quem faz sou eu. Nós temos uma turma que eu separo a equipe das saladas, a equipe que descasca, a equipe que fica comigo junto, eu ponho um num fogão, outro no outro, outro no outro. (...) é um trabalho tão bonito. Lá na cozinha a gente canta, na cozinha a gente dança, na cozinha a gente saúda. Saúda o Divino. E tem a parte da homenagem que os congadeiros de fora vêm e faz para a gente. A gente não aguenta, a gente chora. Chora igual criança. Aí você olha assim, aquele salão enorme, reunido de todo mundo, de todo mundo que está trabalhando, você olha e está todo mundo chorando, pelas palavras lindas que tem para a gente no agradecimento da Festa do Divino.²⁸²

Dona Eliana rememora os utensílios domésticos que empresta para colaborar com o andamento e manutenção da culinária no evento, assim como dona Inácia. Ambas destacam as parcerias e sentidos comunitários que a festividade fomenta entre os são-joanenses. Além disso, as recordações de dona Eliana nos levam a perceber o ambiente de lazer e afeto, em que música e dança estão presentes, tanto no preparo da refeição, quanto depois, na homenagem de agradecimento e retribuição que congadeiros prestam aos cozinheiros. Os simbolismos do momento, que gera emoção, tal qual narrado por Eliana, nos ambientam para o papel da sacralidade que a culinária tem na cultura afro-brasileira. Desse modo, retomamos o aspecto do associativismo negro na festividade, enquanto mantenedora e difusora de saberes diaspóricos. Na gira das palavras, chamamos Lutheru para encerrar este tópico.

²⁸² Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

*“Luthero: Nunca se esqueça de agradecer a Comissão que resgatou, as Comissões que passaram em 21 anos, duas décadas, e a atual Comissão que a trancos e a barrancos, de um jeito ou do outro, com algumas mudanças estão levando a bandeira do Divino. (...) E fica para nós a sensação do dever cumprido. Que assim seja!
Simone: Amém! Muito, muito, muito obrigada!”²⁸³*

Sr. Luthero, ao olhar para trás e ver a permanência da festividade, ainda que com algumas mudanças, diz sobre a relevância de se agradecer as várias gerações da CODIVINO, que há mais de duas décadas difunde a bandeira dos princípios do Espírito Santo – na referência simbólica do tempo do amor e da esperança, nas lutas por justiça e igualdade.

Gostaríamos de finalizar nossos trabalhos aqui, com a boniteza coletiva da CODIVINO que mantém a Festa do Divino de pé. Mas o ofício de uma mulher preta nos faz caminhar pelas tensões e complexidades raciais do evento, que não podem ser negligenciadas. Por isso passamos para segunda parte deste tópico.

²⁸³ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

3.2. TENSÕES RACIAIS COM A IGREJA (2014-2019)

O Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, ano XVII, n.17, junho de 2014, apresenta a seguinte nota editorial:

“Em novembro de 2013, foi eleita uma nova diretoria da Comissão do Divino, Santuário diocesano do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, que dirigirá a Comissão até o ano de 2016. Com apoio do nosso pároco/reitor Padre José Bittar, estamos fazendo uma nova reestruturação em nossos festejos com a prioridade na parte litúrgica, não nos esquecendo da parte folclórica, com a participação de diversos grupos de Congados e Folias de nossa região.”²⁸⁴

A prioridade pela parte litúrgica da Festa do Divino, que começou a ser esboçada desde a troca de párocos no bairro Matosinhos – saída do Pe. José Raimundo e chegada do Pe. José Bittar –, no ano de 2011, foi demarcada de maneira mais precisa na nota editorial do evento, no ano de 2014. O primeiro ano sem a Missa Inculturada da sexta-feira. Ainda que ressaltando a presença das Congadas e Foliais.

Sr. Antônio que é um dos mais antigos membros da CODIVINO, passando por diferentes fases da mesa administrativa, nos relata a preocupação com a festividade, uma vez que o presidente de honra/reitor da Festa será sempre o pároco vigente, de acordo com o estatuto da Comissão. Desta forma, ele nos diz: *“a gente fica preocupado. Não sabe o que pode acontecer, se o padre: “não quero isso, não quero aquilo.” Ele é quem manda, né? Ele é presidente de honra. Ele ainda é autoridade.”²⁸⁵*

A autoridade do Pe. Bittar se fez sentir debaixo dos meus olhos e na minha própria pele, no processo de empatia por um irmão cor, na Festa de 2019, durante a procissão luminosa do Divino Espírito Santo. Eu estava na companhia de um casal de amigos pesquisadores, Samuel Avelar Júnior e Nathália Mariane, acompanhávamos na lateral o Congado e Catopé São Benedito e São Sebastião, liderado pelo Capitão José Tadeu do Nascimento, quando tudo aconteceu. Para explicar-lhes, trago as memórias do Tadeu.

“Tadeu: Aconteceu que na Festa do Divino agora, que ele me

²⁸⁴ Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, ano XVII, n.17, junho de 2014, p.02.

²⁸⁵ Entrevista concedida por Antônio da Silva Serpa a Simone de Assis, em Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos, São João del-Rei, 16/12/2018.

destratou na praça pública, na frente de todo mundo. Para ele eu sou uma pedra no caminho dele. A gente ficou triste. Todo mundo ficou muito abalado sobre a essa coisa que ele fez com a gente. Na hora a turma falou: “nós vamos embora.” “Não, não vamos embora não, agora nós vamos mostrar a ele. Nós fincamos o mastro do Divino, a obrigação nossa é descer o mastro. Essa é nossa obrigação, nós não temos nada que sair não. Se nós saímos nós estamos dando poeira para ele.” Mas graças a Deus nós fizemos a nossa parte.’²⁸⁶

Em tom cabisbaixo, como de quem está com um nó na garganta, foi que o Capitão Tadeu me contou sobre a violência, o destrato em praça pública, que sofreu do Pe. Bittar. Porém, em timbre de dignidade, sublinhou que cumpriu até o fim todas as responsabilidades congadeiras que assumira na festividade. Aquilo que lhe era obrigação, perante a seriedade do que são os ritos das Congadas e o tempo em aberto, na conexão com os artefatos religiosos e culturais, tal qual o mastro. Também na rebeldia política de existir mediante toda uma estrutura que não lhe deseja, vide o genocídio do povo negro no cenário brasileiro. Sendo assim, na integridade de um mestre e guardião dos saberes do Rosário, que respeitamos profundamente, trarei os pormenores dos fatos. Mas antes, apresentarei as atividades desenvolvidas pelo congadeiro durante a festividade do Divino de 2019.

Capitão Tadeu firmou os mastros da Festa, bateu a caixa na casa do Imperador, tocou com seu grupo de Congado no traslado do Divino, participou das novenas, ajudou na barraquinha dos pastéis e canjica. Trabalhou na cozinha com a dona Eliana, nos preparativos antes do Dia Maior. Foi o único a levar o Congado na alvorada no domingo de Pentecostes, como eu vi, pois também estava lá, naquela manhã fria de 9 de junho de 2019. Tadeu, que por ser o Capitão Congo da paróquia de Matosinhos, desde 2003, com a formação do Reinado que se instituiu de forma orgânica a partir das ações afirmativas promovidas pela Festa do Divino, junto com as CEB's, no letramento racial e respeito ao afro-catolicismo, é o primeiro Imperador negro da festividade.

Desse modo, vamos aos fatos, eu estava ao lado do Congado e Catopé São Benedito e São Sebastião durante a procissão luminosa com o Divino Espírito Santo, que tinha acabado de sair do santuário Matosinhos, estávamos ainda na pracinha perto da linha de trem, o capitão Tadeu e todos do grupo

²⁸⁶ Entrevista concedida por José Tadeu do Nascimento a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019.

cantavam e dançavam compenetrados no penúltimo compromisso da Festa. De repente, Pe. Bittar surgiu bravo, segurou o capitão Tadeu pelos pulsos, começou a esbravejar, chama-lo de atrevido e dizer que se quisesse acabaria com tudo aquilo, e eles discutiram. Fiquei atônita, estática, não entendi o que estava acontecendo. Nesse momento, entrei para o meio do Congado, em que os integrantes também olhavam assustados. Estavam todos apreensivos e seguiam a procissão. O capitão Tadeu voltou para o meio do grupo, passou o apito para seu filho Jailton Francisco, que é o segundo Capitão do grupo.

Jailton logo começou a entoar a música: *“O batido da caixa estremeceu. É a Congada, comando é Deus.”* Nesse momento eu também cantava junto com o grupo. Dois pandeiros e uma caixa foram quebrados, ou estourados como falam, no decorrer do cortejo, haja vista que os congadeiros tocavam com muita emoção e pesar pela experiência de ofensa pública. Depois de todo trajeto da procissão e próximo de entrar na Igreja, o Capitão Tadeu que esteve em silêncio e sério, começou a cantar músicas para São Jorge e Ogum: *“Bahia terra de 365 igrejas, lá na Bahia ele é o padroeiro, ô meu São Jorge.”*

As pessoas do grupo, após deixarem o santo, a pombinha do Divino, ao saírem da porta da Igreja começaram a conversar sobre a experiência. A Mirela, afilhada do Capitão Tadeu, me disse chorando: *“foi racismo o que o padre fez com o padrinho.”* Assim como algumas pessoas do Congado, eu só fazia chorar diante do episódio de racismo por qual passamos. Eu fiquei sem reação, não soube como intervir, como mediar um diálogo com o opressor e exigir uma retratação. O Capitão Tadeu, com muita dignidade e resiliência, se manteve firme, terminou todos os compromissos que havia iniciado, levou o grupo para cantar na descida dos mastros – ritualística coordenada por ele e o Sr. Dinei. Dando-nos uma aula de ética e cidadania, posto que Tadeu sabe o quanto ele e todos do Congado – nossa gente negra – somos templos sagrados, templos vivos e em movimento. Ademais, consciente dos direitos humanos garantidos por lei, ele não quis retroceder.²⁸⁷ No entanto, nas sequelas traumáticas que ficam carregadas de dores e mágoas, Eliana falou sobre o constrangimento experienciado por todos nós, na empatia do

²⁸⁷ Haja vista o Artigo 5º, inciso VI da Constituição Federal de 1988. https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_5_.asp

pertencimento racial:

“Eliana: Ele [Tadeu] está meio magoado, ele está magoado, ele está chateado com o que o padre fez com ele. (...) Eles tiveram, assim, um desentendimento e assim, eu não gostei muito não. Eu não achei muito certo o que eu vi, não. Não gostei de ver os dois discutindo na procissão porque eu achei que ali não era lugar. Entendeu? Achei meio constrangedor porque todo mundo estava olhando. (...) Então, assim, eu fiquei triste com aquilo. (...) Não gostei não, achei feio. Achei que foi baixo. Foi uma coisa baixa. Não precisaria, poderia ter esperado acabar a procissão, os dois chamassem e falasse: “olha, não gostei que você fez isso, e bababá.” Mas no meio da procissão, todo mundo olhando? (...) Ainda mais ele [Tadeu] que fez a abertura da Festa, entendeu? Ele fez a abertura da Festa, ele trabalhou a semana inteira nessa Festa, em prol dessa Festa. Então, assim, isso não poderia ter acontecido com os dois. (...) Não gostei. Fiquei triste com isso porque ele também trabalhou comigo na cozinha. (...) Ele chegou lá muito chateado, falando comigo: “não ajudo mais, em mais nada. Aqui nessa comunidade eu não ajudo em mais nada.” E o Tadeu, assim, ele é meio de opinião, ele quando fala, ele fala e cumpre.”²⁸⁸

Dona Eliana, que é amiga e comadre do Tadeu, narra sobre o quanto ele ficou triste e não pretende mais ajudar na Festa do Divino. Ela fala sobre o constrangimento social e público que o abuso de poder do Pe. Bittar gerou. Conta que não gostou do que viu e ressalta toda agência que Capitão Tadeu desenvolve na festividade – algo que visualizamos e aproveitamos o contexto para aplaudir a intelectualidade e engajamento sociopolítico do congadeiro.

A perversidade do racismo, fortemente presente nas estruturas, instituições e relações de poder, costumam gerar mortes sociais, epistemicídios, apatia e inanição. Embora o Capitão Tadeu, depois de receber o ato de violência e abuso de poder proferidos pelo Pe. Bittar, tenha escolhido manter as responsabilidades congadeiras que precisavam ser finalizadas na Festa de 2019, atualmente, titubeia em relação a sua presença no porvir do evento. Ele, dias depois, refletiu sobre o comportamento do Pe. Bittar, que ficou bravo porque o capitão Tadeu, em consonância com membros da CODIVINO, puxou a saída da procissão luminosa sem a presença do padre, visto que Bittar não estava na Igreja e o horário combinado já havia ultrapassado há muito tempo. Inclusive, a maior parte das Congadas de outras cidades havia ido embora, até mesmo grupos da própria cidade, como o Moçambique e Catopé

²⁸⁸ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, do bairro São Dimas, liderado pela capitã Maria Auxiliadora Mártir. Apenas o Congado de São Benedito e São Sebastião, liderado pelo Tadeu, o Moçambique de Santa Efigênia, liderado pelo Tadeu de Moçambique, e o Moçambique de Nossa Senhora do Rosário, cujo Capitão é Jailton Braga, estavam presentes. Desta forma, pelo tardar do horário o capitão Tadeu tomou a iniciativa de seguir com as ritualísticas da festividade, mas foi abordado de maneira abrupta pelo Pe. Bittar.

Dias após o conflito eu liguei para o Capitão Tadeu, para saber como poderia ajudar, me prontifiquei a fazer uma carta de denúncia sobre a circunstância. Ele achou melhor esperar e me contou, na ligação, que procurou pelo bispo Dom José Eudes, mas não o encontrou pessoalmente, então dirigiu-se ao secretário do bispo. Narrou sobre o quão se sentiu discriminado com a violência verbal, moral e mesmo física do Pe. Bittar, que o segurou pelos punhos. Nesse sentido, ficou na expectativa de que o recado fosse repassado e uma intervenção em conjunto acontecesse. No entanto, teve dúvidas de que a informação-denúncia tenha sido, realmente, transmitida, pois obteve o silêncio como resposta. Como me contou em conversas de convivência e amizade.

Apesar de sabermos do racismo que consolida e estrutura o Brasil, nunca estamos prontos, de fato, para sentir na pele tais vivências. Pois nos respeitamos enquanto ser, acreditamos na humanidade que rege as pessoas ao nosso redor, negros e não negros. Mesmo assim, um certo estado de banzo e apatia costumam ganhar forma quando as opressões raciais acontecem e vão se repetindo frequentemente.

Encontrei em janeiro de 2020, casualmente, as filhas do Capitão Tadeu, Jane Nascimento e Gislaine Nascimento, junto com a Jucélia Gorete, que também são congadeiras, elas me disseram que os participantes do Congado São Benedito e São Sebastião estavam apreensivos e pensativos se participariam da Festa do Divino, que seria no mês de maio, de acordo com o calendário litúrgico. Aquela ainda era uma questão para o grupo.

A conversa me fez recordar as minhas próprias vivências, o quanto também estava calejada por conta do que me ocorrera diante de uma situação de racismo. No meu caso, um fato que envolveu estudantes e professores do

curso de História da UFSJ, entre setembro e outubro de 2019, quando fui contra a tentativa de desconvidar o Tadeu de Moçambique, do Congado Santa Efigênia, para abertura da XVIII Semana Acadêmica de História da UFSJ. Parte da situação encontra-se documentada em trocas de e-mails, com a presença da Coordenadoria do Curso de História, referente a “ata da 72ª reunião ordinária do colegiado do curso de História”. Ata que não assinei por não estar de acordo com o teor omissivo e com alguns dizeres não verdadeiros do caso. Caso este, que provavelmente ficou silenciado, engavetado e sem desfecho. Uma vez que, após minhas ponderações, nem sequer fui procurada pela coordenadoria do curso para assinar o documento final.

O diálogo entre Jane, Gislaine, Jucélia e eu, sobre os atravessamentos racializados na Festa, materializou-se em um grupo no Messenger do Facebook, aonde combinávamos de organizar uma ação em conjunto. A princípio com rodas de conversas entre nós, a serem realizadas nos dias dos ensaios do Congado, com o objetivo de abordarmos questões sobre o enfrentamento ao racismo e as lutas negras de resistência. Planos que foram interrompidos em virtude das transformações que a pandemia do coronavírus COVID-19 trouxe. Atualmente eu nem residuo mais em São João del-Rei/MG, voltei para minha cidade natal, Cambuquira/MG.

O leitor poderá se perguntar do que se trata tamanha digressão. É que eu, Simone pesquisadora, não me desloco da inteireza do que sou. Embora compreenda que as lutas, permanências e disputas da Festa do Divino não se reduzam às tensões raciais, a empatia pelos irmãos de cor e a experiência comum atravessada pela discriminação, ainda que em outro contexto, me fazem fixar os olhos neste episódio e afirmar o quanto é necessário movimentar reflexões sobre a perversidade do preconceito racial no Brasil.

Nessa ótica, mudarei um pouco o formato da nossa roda de conversa-escrita, para o próximo tópico analisarei uma música de gênero ponto que registrei na Festa de 2018, música que me permite acionar o histórico do racismo e culturas negras de resistências de influência bantu. Sinalizo desde já que a interpretação do ponto congadeiro-moçambiqueiro parte do meu referencial pessoal de crença e experiências com Reinados Congo, além disso, no meu aporte intelectual de historiadora preta. Desta conexão, encontramos

na poética musical um mote epistêmico para suscitar saberes ancestrais afro-brasileiros, amefricanos e africanos. Também a coragem para exigir movimentos de reparação e a garantia efetiva da nossa liberdade, na utopia de uma democracia – que lutamos para ser real e efetiva.

3.3. RECADO DIASPÓRICO: “LÁ NO DIVINO EU VOU LEVAR COROA.”

- Moçambiqueiros:** *Ô seu rei, ô sá rainha não deixa o seu povo chorar. Não deixa a coroa cair. Não deixa essa festa acabar.*
- Capitão Luís Maurício:** *Pois se esta festa acabar o seu povo vai sofrer. Quem amar o Divino de verdade de tristeza o corpo vai morrer.*
- Moçambiqueiros:** *O seu rei, ô sá rainha não deixa o seu povo chorar, não deixa a coroa cair, não deixa essa festa acabar.*
- Capitão Luís Maurício:** *Sá rainha eu vim trazer um recado lá da Angola. Eu não sei se eu vou resistir dar esse recado a senhora.*
- Moçambiqueiros:** *Ô seu rei, ô sá rainha não deixa o seu povo chorar, não deixa a coroa cair, não deixa essa festa acabar.*
- Capitão Luís Maurício:** *Senhor rei eu vim trazer o recado que a Angola mandou, eu não sei se eu vou resistir dar esse recado ao senhor*
- Moçambiqueiros:** *Ô seu rei, ô sá rainha não deixa o seu povo chorar, não deixa a coroa cair, não deixa essa festa acabar.*
- Capitão Luís Maurício:** *Na Angola está minha raiz. Foi da Angola que veio o meu povo. Somos filhos de um só passarinho, somos gema de um mesmo ovo.*
- Moçambiqueiros:** *Ô seu rei, ô sá rainha não deixa o seu povo chorar, não deixa a coroa cair, não deixa essa festa acabar.*
- Capitão Luís Maurício:** *Viva preto e viva branco na porta desse santuário! Falando a mesma língua, rezando no mesmo rosário.*
- Moçambiqueiros:** *Ô seu rei, ô sá rainha não deixa o seu povo chorar, não deixa a coroa cair, não deixa essa festa acabar.*
- Capitão Luís Maurício:** *Lá no Rosário eu vou levar coroa. Lá no Divino eu vou levar coroa.*
- Moçambiqueiros:** *Lá no Divino eu vou levar coroa. Lá no Divino eu vou levar coroa. Lá no Divino eu vou levar coroa.²⁸⁹*

Traremos a análise de ponto proferido pelo Moçambique Nossa Senhora Aparecida, Passa Tempo/MG, que esteve presente na Festa do Divino da paróquia do Matosinhos, São João del-Rei/MG, no domingo de Pentecostes, 2018. A interpretação é de caráter endógeno, ou seja, de uma pesquisadora que é iniciada nos saberes ancestrais do Rosário. A música é de domínio público e foi adaptada pelo grupo para o contexto da Festa do Divino. Na ocasião, o grupo estava na porta da capela e salão comunitário Santo Antônio, com o propósito de buscar a rainha e corte do próprio grupo de Moçambique. Depois iria seguir o cortejo rumo ao santuário do Matosinhos. Assim como outras guardas de Moçambique, Congo, Caboclinho, Vilão, Marujo, Catopé dentre demais derivações que compõe o Congado, e que seguem a programação do Dia Maior na Festa do Divino.

²⁸⁹ Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei. 20 de maio de 2018, domingo de Pentecostes. Ponto registrado em áudio e vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

Escolhemos este ponto a fim de esmiuçar alguns dos elementos que compreendemos na pesquisa. Mas antes de identifica-los partimos para considerações a respeito da fonte utilizada. Entendemos com Cláudio Márcio do Carmo que o gênero ponto é um texto que pode ser cantado ou grafado, é um artefato da cultura africana e afro-brasileira que carrega responsabilidades de cunho sagrado. Carmo nos explica que os pontos cantados geralmente são:

“Curtos e rimados, garantindo que: (1) possam ser memorizados com facilidade; (2) tenham o aspecto mágico que se deseja frisado; e/ou (3) tenham um reforço por meio da repetição, dando o aspecto responsivo comum as orações e ladainhas.”²⁹⁰

Ainda com Carmo, compreendemos que essas falas/orações possuem um papel educativo. Como ele diz: “muitos frequentadores e adeptos têm acesso a aspectos ritualísticos, mitológicos e culturais por meio dele, o que lhe confere um valor para além do campo musical, mas também educacional e pedagógico.”²⁹¹

Apresentada as variantes que perpassam os cantos em formato de ponto, acionamos também os estudos de Martha Abreu, que nos fornece arcabouço metodológico para analisar e refletir a partir de músicas e festas da cultura negra. Com a autora observamos a dimensão política e social encontrada nas produções de sujeitos afro-brasileiros. A organização da palavra dita, cantada e/ou dançada, dependendo do contexto, é lida pela ótica da resistência, uma vez que traz metáforas, sátiras, ironias e demais traços identitários, oriundos da diáspora africana, sobretudo na região da África centro-ocidental.²⁹²

Dito isso, retomamos a ambientação da música entoada pelo Sr. Luís Maurício, capitão do Moçambique Nossa Senhora Aparecida. O Moçambique, neste caso, é uma das tradições do Congado, está ligado ao culto em devoção a Nossa Senhora do Rosário, que teve início tanto no Brasil quanto na África a partir do século XVI, no período do cativeiro. As danças, músicas e rituais presentes nas guardas moçambiqueiras correspondem ao “cristianismo africano”²⁹³, também denominado “catolicismo negro.”²⁹⁴ Faz alusão aos reinos

²⁹⁰ CARMO, 2011: 269.

²⁹¹ CARMO, 2011:271.

²⁹² ABREU, 2003: 30-31.

²⁹³ THORNTON, 2004: 312.

da África centro-ocidental que anexou em suas práticas religiosas o catolicismo, entretanto, por uma perspectiva étnica. Ou seja, com atividades que nascem da reinterpretação dos africanos centro-ocidentais diante dos rituais da Igreja Católica.²⁹⁵

Cabe destacar algumas questões: 1) não perdemos de vista que a relação entre a Igreja Católica e as demais religiões fora um tanto quanto complexa no continente africano, no Brasil e no mundo. Não esquecemos que africanos, afro-brasileiros e indígenas foram obrigados a se catequisar no período Colonial e durante o processo da formação brasileira. Que tinha o cristianismo como religião oficial e valor filosófico universal. Em todo caso, também recordamos que fora todo um conjunto de saberes africanos que permitiram a sobrevivência diaspórica dos próprios códigos religiosos, mesmo quando ressignificados no cristianismo. Uma vez que partem de saberes pautados na filosofia “pluriversal”²⁹⁶, ou seja, que é aberta a alteridade, a compreensão de outras existências, como observamos no afro-catolicismo. Além disso, salientamos a diversidade dentro da Igreja, isto é, dos sujeitos que garantem a manutenção da Instituição. 2) Que as práticas religiosas do catolicismo negro já sofreram, e ainda sofrem, perseguições ligadas à intolerância religiosa e ao racismo. Todavia continuam existindo e resistindo ao longo do tempo.

Apresentado o contexto voltamos aos versos moçambiqueiros. A corte do grupo estava dentro do salão comunitário Santo Antônio, próximo a porta. O grupo encontrava-se do lado de fora em frente a corte. O grupo iniciou o canto dizendo para o rei e a rainha não deixarem o próprio povo chorar. Para não permitir que a coroa caia e nem que a festa acabe. Em seguida, após cumprimentar a corte, somente o capitão declamou, olhando para o grupo e para todos que acompanhavam o festejo, disse que caso a festa acabe, as pessoas do Reinado vão sofrer. E que quem ama verdadeiramente o Divino o corpo vai morrer de tristeza. Os moçambiqueiros responderam com a mesma estrofe inicial, pedindo para que rei e a rainha não deixem o próprio povo chorar. Nem permitam que a coroa caia e que a festa acabe. Em sequência Sr.

²⁹⁴ ANDRADE, 1959. SOUZA, 2002.

²⁹⁵ SOUZA, 2002. MONTEIRO, 2016.

²⁹⁶ PAULA JÚNIOR: 2019: 98.

Luís Maurício disse, tanto para a rainha quanto para o rei, que estava ali para transmitir um recado da Angola, um recado que a própria Angola mandou. O capitão titubeia, dizendo que não sabe se irá resistir em dar o recado. Mas acaba proferindo a seguinte mensagem: *“Na Angola está minha raiz. Foi da Angola que veio o meu povo. Somos filhos de um só passarinho, somos gema de um mesmo ovo.”*²⁹⁷ Após verbalizar o recado, ainda em cântico, o capitão pronuncia: *“Viva preto e viva branco na porta desse santuário! Falando a mesma língua, rezando no mesmo rosário.”*²⁹⁸ Depois da resposta em repetição do coro, diz que vai levar a coroa tanto para o Rosário quanto para o Divino. E o coro muda os dizeres, proferem que vão levar a coroa ao Divino.

A canção foi dita dentro da ritualística da Festa. Era o momento em que todos os grupos deslocavam da praça Matosinhos até o salão Santo Antônio, para buscar a respectiva corte que os esperavam. Em seguida prosseguiriam rumo ao santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Na maior parte do cortejo os grupos cantam, dançam e tocam os instrumentos que professam sua fé. O Moçambique do capitão Luís Maurício foi/é o último a sair. Como de costume nos encontros de Congada, em que os grupos de Congo abrem o cortejo e os de Moçambique fecham. Faz parte da cerimônia a guarda mais antiga de Congo ir à frente. Depois seguem os grupos de Vilão, Caboclinhos, Marujos, Catopés e Moçambique.²⁹⁹ No caso dos Moçambiques, os grupos mais velhos é que ficam por último no cortejo. As canções, apesar de um diálogo fechado e direcionado para os membros dos grupos, trazem falas também abertas para as pessoas que os acompanham.

Tentaremos descortinar metáforas, lembrando do papel pedagógico dos pontos cantados, para atingir uma possível chave interpretativa dos versos. Buscaremos refletir sobre as relações raciais do Brasil e a cultura negra presentes na canção.³⁰⁰ Os moçambiqueiros abrem o ponto solicitando que rei e rainha não permitam o sofrimento do seu povo, que permaneçam com o Reinado, sem deixar a festa acabar. Percebemos a importância da festividade,

²⁹⁷Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei. 20 de maio de 2018, domingo de Pentecostes. Ponto registrado em áudio e vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

²⁹⁸ Idem.

²⁹⁹ ASSIS, 2019: 280-281.

³⁰⁰ CARMO, 2011: 271. SLENES, 1992: 61.

a abertura para ação afirmativa da identidade moçambiqueira evocada no evento. Encaramos o termo “*feira*” destinado a própria Festa do Divino em São João del-Rei/MG. Uma comemoração religiosa e cultural que fomenta o associativismo negro. Evento que nos últimos 20 anos articula a presença congadeira na programação.

O capitão Luís Maurício verbaliza que tem dúvidas se vai “resistir” ao dar o recado do qual é o portador. Nos questionamos sobre os motivos da não resistência. O que o levaria a perder a firmeza? Uma firmeza que pode se destituir na própria estrutura física, social ou institucional. Levamos em consideração a possibilidade de um aniquilamento por terceiros após a pronúncia da mensagem que lhe fora encaminhada da região de Angola. Este aniquilamento pode ser de ordem simbólica, física ou estrutural. Tal como a discriminação e o preconceito. Recorremos ao processo genealógico da relação entre religiões africanas e o cristianismo na tentativa de decifrar o enigma. Enigma provocado pela seguinte estrofe do ponto: “*Senhor rei/Sá rainha eu vim trazer o recado que a Angola mandou, eu não sei se eu vou resistir dar esse recado ao senhor(a).*”³⁰¹

John Thornton e Robert Slenes nos apresentam a amplitude do continente africano. Expõem sobre as diferenças culturais, sociais, filosóficas e semânticas existentes nas distintas regiões da África. Ao falarmos sobre a genealogia do sistema religioso, de crenças afros e católica, estabelecemos a delimitação geográfica da África Central e Ocidental, dos séculos XV ao XIX. A demarcação das fronteiras é para compreendermos as narrativas do “cristianismo africano”³⁰² e o “complexo cultural bantu.”³⁰³ Práticas, saberes e sentidos de vida que atravessaram o Atlântico até as Américas. A travessia se deu pelo corpo, intelecto, coração e alma das pessoas escravizadas, na diáspora africana. Cabe destacar que, no processo de longa duração, os saberes e práticas de matriz bantu estão vivos até os dias de hoje. Fazem parte da constituição da sociedade brasileira, afro-brasileira, ainda quando

³⁰¹Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei. 20 de maio de 2018, domingo de Pentecostes. Ponto registrado em áudio e vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

³⁰² THORNTON, 2004: 312.

³⁰³ SLENES, 1992: 51.

reinventados e ressignificados.

Mas como estávamos dizendo, voltemos no tempo, acompanhados pelos estudos de Thornton. O autor nos apresenta que africanos centro-ocidentais e europeus, dos séculos XVI e XVII, apesar das dinâmicas religiosas distintas também possuíam sistemas em comum.³⁰⁴ “Ambas as culturas aceitaram a realidade básica da religião: havia outro mundo que não podia ser visto e as revelações eram a fonte indispensável pela qual as pessoas poderiam tomar conhecimento desse outro mundo.”³⁰⁵ Ainda com o autor entendemos que os conhecimentos obtidos por meio desse sistema de “revelações” pertencem ao campo filosófico, religioso e cosmológico dos sujeitos em questão. Vejamos:

“As revelações fornecem a este mundo uma janela para o outro. As informações assim reunidas constituem, então, dados fundamentais para a construção de uma compreensão geral da natureza do outro mundo e de seus habitantes (uma filosofia), uma percepção clara de seus desejos e intenções para que as pessoas obedeçam (uma religião), e um quadro mais amplo dos trabalhos e da história de ambos os mundos (uma cosmologia). É então através de revelações que as religiões são formadas, e também é por meio delas que sofrem modificações.”³⁰⁶

Nesse sentido, conforme Thornton, a história das revelações que indicam a cosmologia, religião e filosofia cristã estão pautadas nos livros e conteúdo da sagrada escritura: na Bíblia. Em um primeiro momento com o Antigo Testamento, embasado nas revelações e leis hebraicas estabelecidas por Moisés e profetas hebreus. No mito da formação católica. Já num segundo momento, formam e anexam o Novo Testamento, com base nos conceitos revelados por Jesus Cristo e os apóstolos. Há também orientações de “padres e doutores da igreja” expressos em “escritos pós-bíblicos.”³⁰⁷

A epistemologia centro-ocidental africana amplia o sistema e pessoas que podem ser portadoras das revelações. Revelações que não são universais e fixas em livros sagrados, como a bíblia no caso do cristianismo. Pelo contrário, ocorrem de forma contínua e plural. “É um retrato constantemente

³⁰⁴ THORNTON, 2004: 313.

³⁰⁵ THORNTON, 2004: 313.

³⁰⁶ THORNTON, 2004: 316

³⁰⁷ THORNTON, 2004: 316.

atualizado do outro mundo, percebido como um fluxo.”³⁰⁸ De acordo com Thornton, as revelações africanas acontecem através de oito ou mais categorias. Por meio de: presságios, adivinhações, interpretação de sonhos, visões, vozes, possessão de corpos mediúnicos, possessão de animais e possessão de objetos materiais (niquises).³⁰⁹ De forma mais específica:

“As revelações africanas dos séculos XVI e XVII podem ser divididas em várias categorias. O presságio e a adivinhação envolvem o estudo de eventos para determinar as intenções do outro mundo. A interpretação de sonhos baseia-se na noção de que o outro mundo pode algumas vezes comunicar-se através do inconsciente. As revelações mais drásticas tomam a forma de visões ou de vozes, em geral recebidas apenas por pessoas dotadas. A forma mais dramática de revelação talvez seja dada pelo espírito mediúnico ou o objeto possuído, em que a entidade do outro mundo se apossou e falou através de um humano, animal ou objeto material.”³¹⁰

A relação entre as diferentes percepções religiosas se dava por meio de desconfianças. Africanos estranhavam o fato dos europeus se guiarem filosoficamente por meio de uma “revelação descontínua”³¹¹, estabelecida há tempos nas escrituras sagradas.³¹² Por outro lado, reinos como o do Congo, dentre demais organizações centro-ocidentais incorporaram o cristianismo nas práticas de fé, porém de forma étnica. “Durante os primeiros 200 anos de contato entre congoleses e europeus houve o desenvolvimento de um catolicismo africano, no qual os missionários cristãos viam a sua religião, e as populações congolesas a sua forma tradicional.”³¹³

O clero ortodoxo, além da desconfiança para com as percepções africanas, taxava-as de diabólicas e tentavam controlá-las. O controle e repressão das manifestações africanas provinha do medo que a Igreja tinha de perder a autoridade.³¹⁴ Por sua vez, alguns europeus acreditavam na veracidade do sistema de revelações, todavia consideravam que “tinham origem diabólica e por isso não deviam ser seguidas, um ponto contestado pelos africanos.”³¹⁵

³⁰⁸ THORNTON, 2004: 330.

³⁰⁹ THORNTON, 2004: 317.

³¹⁰ THORNTON, 2004: 317.

³¹¹ THORNTON, 2004: 328.

³¹² THORNTON, 2004: 317.

³¹³ SOUZA, 2002: 63.

³¹⁴ THORNTON, 2004: 329.

³¹⁵ THORNTON, 2004: 317.

Voltemos ao tempo presente. A base genealógica da relação religiosa entre africanos e católicos nos permite observar que, mesmo com as desconfianças africanos centro-ocidentais denotavam respeito ao diferente. Respeito ao sistema de crença europeia. A ponto de significá-la etnicamente, sem anular tal existência. Como nos explica Antônio Filogênio de Paula Júnior e Robert Slenes o complexo cultural e filosófico bantu engloba inúmeros povos da África centro-ocidental e subsaariana. Povos que cruzaram o Atlântico de forma afrodiaspórica. A matriz bantu é estabelecida pelo campo linguístico e epistêmico desses povos.³¹⁶ São áreas filosóficas que:

“não se fecham em si mesmas, mas buscam o outro. A filosofia africana é dialógica por excelência, a filosofia afro-brasileira se constitui neste diálogo permanente. São sujeitos que se comunicam e têm nos seus corpos as maneiras de operar esta comunicação e a reflexão sobre a existência.”³¹⁷

Diferente do saber eurocêntrico do homem branco. Que vendo-se como universal descredibilizava e repreendia aquilo que lhe era desconhecido. Descredibilizava a cosmopercepção centro-ocidental africana. A ponto de conceituá-la pejorativamente como “diabólica”. O conceito pejorativo acaba por ser maximizado pois faz parte de uma estrutura de poder. Poder que não fornecia patamar de igualdade entre africanos e europeus. Uma vez que a relação partia de lógicas distintas. Ademais, não podemos perder a dimensão dos horrores da escravização negra, que passou a existir enquanto mercadoria. Nesse sentido, apontamos o papel da hegemonia branca que foi responsável pela estruturação do racismo. Racismo que perdura no tempo presente. Djamila Ribeiro explica que “algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. O racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a eles.”³¹⁸ A autora também aponta que “para haver racismo, deve haver relações de poder.”³¹⁹

Brodwyn Ficsher, Keila Grinberg e Hebe Mattos apontam que “a história da raça e do direito no Brasil teve início com as antigas civilizações mediterrâneas romanas e islâmicas, com o estabelecimento de preceitos

³¹⁶ PAULA JÚNIOR, 2019: 98-99; SLENES, 1992: 51.

³¹⁷ PAULA JÚNIOR, 2019: 108.

³¹⁸ RIBEIRO, 2018: 39.

³¹⁹ RIBEIRO, 2018: 41.

jurídicos que estabeleceram as bases da escravidão moderna no mundo atlântico.”³²⁰ Segundo as autoras, os pilares sobre a escravização para Portugal e o império português, que abarcava “Brasil, São Tomé/Príncipe, Madeira, Angola e Moçambique na África, Goa na Índia e Macau na China”³²¹, eram legitimados pelas leis das Ordenações Afonsinas no século XV, Ordenações Manuelinas no século XVI e Ordenações Filipinas no século XVII.³²² Até as leis Manuelinas à escravidão era configurada pelas diretrizes eclesiásticas e comerciais. De acordo com Hebe Mattos a Bula Papal Romanus Pontifex (1455) conferiu a coroa portuguesa o direito de “invadir (...) qualquer reino governado por não cristãos e reduzir seus habitantes à escravidão. Daí em diante, o cativo tornou-se a forma por excelência pela qual o império português e a fé católica incorporaram indivíduos “salvos” do paganismo.”³²³ Circunstância que embasava os princípios teológicos e jurídicos da “guerra justa”, conforme Fischer, Grinberg e Mattos.³²⁴ Ainda com as autoras entendemos que a partir das Ordenações Filipinas, que existiu do século XVII ao XIX, as legislações relacionadas ao tráfico de escravizados passaram a ser ministradas somente pelas cláusulas econômicas, ou seja, as leis de “bens e comércio”³²⁵ de Portugal. A legislação do Brasil Colônia reconhecia os cativos “tanto como propriedade quanto como pessoas, e criava um amplo espaço jurídico para a obtenção da alforria.”³²⁶ Os princípios da “guerra justa” fundamentava a “escravização hereditária dos africanos, oficialmente então considerados “bárbaros”.”³²⁷ É importante ressaltar que “a legitimidade da escravidão foi construída a partir destes princípios religiosos e bélicos, sem estabelecer uma base explicitamente racial. Ainda assim, os estigmas e as distinções baseados na origem e na raça certamente estiveram presentes.”³²⁸

Silvio Luiz de Almeida explica que foi por volta do século XVI, que o termo raça, para designar diferentes tipos de seres humanos, passou a ser

³²⁰ FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 2.

³²¹ FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 3.

³²² FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 3.

³²³ MATTOS, 2001: 143-145 *apud* FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 5.

³²⁴ FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 5.

³²⁵ FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 5

³²⁶ FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 3.

³²⁷ FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 6.

³²⁸ FISCHER, GRINBERG e MATTOS, 2018: 6.

utilizado.³²⁹ O conceito de raça está atrelado à “expansão comercial burguesa e a cultura renascentista”³³⁰ dos europeus, que entraram em contato com novas pessoas, sociedades e mundos. A expansão mercantilista também propiciou a formação da filosofia Moderna, concebida na perspectiva do homem universal, isto é, estabeleceram como universal os padrões religiosos, filosóficos e culturais do homem europeu. O que fora aguçado no século XVIII, já na idade Contemporânea, com o “projeto de civilização iluminista”³³¹ que tinha como principais objetos de estudo o homem e a razão, ou seja, o conhecimento produzido por seres humanos.³³² Ao mesmo tempo que o iluminismo fomentava os princípios do liberalismo, tais como “liberdade e igualdades universais”³³³, também delimitava diferenças raciais. Nesse sentido, Almeida apresenta que a noção de raça é o termo central da contradição da sociedade Contemporânea.³³⁴ Que ao utilizar do conceito de universalidade e classificar os sujeitos, “a classificação de seres humanos serviria, mais do que para o conhecimento filosófico, como uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania.”³³⁵ Por esse prima, das classificações das diferenças humanas, Silvio Almeida relata que os estudiosos positivistas do século XIX, deixaram o aporte do homem como “objeto filosófico” para vê-lo como “objeto científico.”³³⁶ Referendando assim o racismo científico, que discriminava inferiormente seres humanos não brancos e provenientes de países tropicais. Determinavam que eram “imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência.”³³⁷ O autor destaca que desde no século XX parte da Antropologia e da Biologia evidenciam que “não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre os seres humanos, o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades.”³³⁸

³²⁹ ALMEIDA, 2019: 24.

³³⁰ ALMEIDA, 2019: 25.

³³¹ ALMEIDA, 2019: 27.

³³² ALMEIDA, 2019: 25.

³³³ ALMEIDA, 2019: 27.

³³⁴ ALMEIDA, 2019: 28.

³³⁵ ALMEIDA, 2019: 28.

³³⁶ ALMEIDA, 2019: 29.

³³⁷ ALMEIDA, 2019: 29.

³³⁸ ALMEIDA, 2019: 31.

Antônio Filogênio de Paula Júnior fala sobre a naturalização do racismo no Brasil. Retrata o quão complexo é combater esse campo de poder, uma vez que a violência do racismo é “marca da sociedade” brasileira. Acontece de forma estrutural e institucional:

“[O racismo] é estrutural, por estar sendo colocado na forma de organização social, na cultura introjetada de sua naturalização, e é institucional por ser inserido nas instituições dessa sociedade, algo que se torna não somente absorvido pela cultura, mas, sobretudo, torna-se uma marca da sociedade política e economicamente organizada a partir de suas instituições públicas e privadas.”³³⁹

Ao retomar o ponto analisado compreendemos as razões do receio: “*eu não sei se eu vou resistir dar esse recado ao senhor(a)*”³⁴⁰ Acreditamos que o receio de não resistir esteja vinculado com o medo de ser discriminado. Discriminado pela trajetória que carrega e sistema de crenças que professa. Neste caso, falamos da tradição moçambiqueira. Todavia, mesmo com medo, a canção, do gênero ponto, não deixa de transmitir o recado e difundir o saber educativo.

Associamos o fato de o Sr. Luís Maurício ser portador de “*um recado que Angola mandou*”³⁴¹, com a episteme de revelações centro-africanas. Conforme James H. Sweet tais revelações “consistia num diálogo entre os vivos e o mundo dos espíritos, incluindo os espíritos de antepassados, cujos poderes e fraquezas eram familiares e bem conhecidos, não só na vida real, mas também na morte.”³⁴²

O recado presente na canção vai além de uma afirmação identitária. Carrega sentido profundo de modelo e formação existencial africana. No caso brasileiro uma formação transnacional e afrodiaspórica, por conta da escravização negra. A música traz o reconhecimento de que a região de Angola é a portadora da raiz, história, cultura e filosofia dos enunciadores. Vejamos: “*na Angola está minha raiz. Foi da Angola que veio o meu povo.*

³³⁹ PAULA JÚNIOR. 2019: 42.

³⁴⁰Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei. 20 de maio de 2018, domingo de Pentecostes. Ponto registrado em áudio e vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

³⁴¹Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei. 20 de maio de 2018, domingo de Pentecostes. Ponto registrado em áudio e vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

³⁴² SWEET, 2007: 137.

*Somos filhos de um só passarinho, somos gema de um mesmo ovo.*³⁴³ O termo, “passarinho”, num primeiro momento nos remete a pombinha do Divino, já que a canção se manifesta na Festa do Divino Espírito Santo, na paróquia do Matosinhos. Em tese uma comemoração de ordem cristã. Todavia reconhecemos³⁴⁴ a ave e insígnias da canção dentro da simbologia do pássaro prata, que traz “o limite entre o dia e a noite; o limite entre a vida e a morte.”³⁴⁵ Acreditamos que a origem, “*somos filhos de um só passarinho, somos gema de um mesmo ovo*”, esteja interligada a um pensamento próprio do saber negro, de matriz bantu. Saber que integra os patrimônios culturais nacionais brasileiros. Podemos entender que apesar de estar em terras sanjoanense, brasileira, a conexão dos moçambiqueiros é enraizada em terras angolanas, no continente africano. A pertença faz parte da sabedoria de resistência afrodiaspórica e transcultural, constitutivas na história do Brasil.³⁴⁶

Para entender sobre a cultura de resistência africana e afro-brasileira que existe desde a Modernidade, período que coincide com o momento em que europeus ampliaram contato com os povos africanos, sigamos com Paula Júnior:

“As culturas de resistência, também denominadas de culturas afro-brasileiras no caso do Brasil, são a maneira de representação do ser negro (...). E, também em contraposição a representação exclusivista do ser branco, racional, civilizado, detentor de cultura. A luta afirmativa dos negros pela sua humanidade vem desde o contato que a Europa passou a ter com o continente africano, em especial, na modernidade.”³⁴⁷

Sigamos com a canção para analisarmos a cultura de resistência presente no ponto, que na sequência diz: “*Viva preto e viva branco na porta desse santuário! Falando a mesma língua, rezando no mesmo rosário. (...) Lá no Rosário eu vou levar coroa. Lá no Divino eu vou levar coroa.*”³⁴⁸ Numa

³⁴³ Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei. 20 de maio de 2018, domingo de Pentecostes. Ponto registrado em áudio e vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

³⁴⁴ O reconhecimento é estabelecido nos direitos de reparação e ação afirmativa estabelecidos na Lei 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileiras e africanas.

³⁴⁵ ABREU, 1999:52-53. KARASCH, 2000: 569.

³⁴⁶ PAULA JÚNIOR, 2019: 79. SLENES, 1992: 59. DELFINO, 2017: 304.

³⁴⁷ PAULA JÚNIOR, 2019: 47.

³⁴⁸ Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei. 20 de maio de 2018,

perspectiva corriqueira diríamos que o ponto faz alusão a “meia verdade do paraíso tropical de Gilberto Freyre.”³⁴⁹ Uma vez que o Sr. Luís Maurício ergue vivas ao Brasil mestiço, ao conceito e ideologia de “democracia racial”³⁵⁰. Já que pretos e brancos, conforme a canção: “*falam a mesma língua e rezam no mesmo rosário*”, sem ausência de conflitos raciais. No entanto, nos questionamos; se o recado fosse esse, em tom harmonioso, porquê o medo? Por que a dúvida quanto a resistência? As indagações nos levam para as considerações de Robert Slenes, a respeito da utilização e semântica da palavra para os bantus. Vejamos:

“Na travessia da África e do Atlântico, os falantes de línguas bantu diferentes aprenderam que a comunicação entre si era possível. Nessa mesma viagem, eles começaram a perceber também que o entendimento não ficava apenas na superfície das palavras, mas alcançava significados mais profundos. (...) Nesse contexto, a palavra que os escravos detinham em comum, pode ter deixado de ser para eles apenas um significante revelando afinidades mais profundas, para tornar-se, ela mesma, um dos elementos constitutivos de sua nova identidade.”³⁵¹

Slenes apresenta elementos da identidade bantu pautada na elaboração de um “sentido profundo” para as palavras. Por esse prisma, acreditamos que a canção apresenta saberes de cunho formativo dos moçambiqueiros. Sabemos que o rosário é lido como um “poderoso talismã africano”³⁵² e, que os africanos centro-ocidentais acreditavam que o branco simbolizava o mundo das pessoas

domingo de Pentecostes. Ponto registrado em áudio e vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

³⁴⁹ARAÚJO, 1994.

³⁵⁰Obviamente desejamos a democracia racial, mas enquanto não resolvermos as pulsantes diferenças da sociedade brasileira que passa pela discriminação racial e desigualdade socioeconômica, oriundas da formação do Brasil, dificilmente estaremos trazendo dados reais. Abdias do Nascimento nos apresenta que, o termo “democracia racial” está atrelado ao conceito de que: “pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas.” (NASCIMENTO, 1978: 41-42.) Ideologia embasada nos estudos de Gilberto Freyre, da década de 1930. Que posteriormente, na era Vargas, fora apropriado nas políticas do embranquecimento do país, sob a égide de um Brasil moreno, Brasil mestiço. Todavia que camuflava a importância das heranças, saberes e práticas negras e indígenas. Priorizava, enquanto “marco civilizatório”, os legados brancos – eurocêntricos. (NASCIMENTO, 1978: 42-55.) Ainda com o autor entendemos que: “Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país.” (NASCIMENTO, 1978: 93.)

³⁵¹ SLENES, 1991/1992: 59.

³⁵² SWEET, 2007: 243.

mortas.³⁵³ Nesse viés, acreditamos que as saudações fossem destinadas tanto para os pretos vivos, quanto para almas dos mortos. Ou seja, a metáfora em forma de recado, do gênero ponto, vindo da região de Angola, trata-se de um ensinamento sobre o mundo ancestral.³⁵⁴ “*Viva preto e viva branco na porta desse santuário! Falando a mesma língua, rezando no mesmo rosário.*” Dito de outra maneira, a música retrata a coexistência e confraternização dos vivos com as almas. Que se influenciam mutuamente por meio do complexo cultural e religioso que professam.

Leonara Lacerda Delfino nos explica sobre o culto às almas ancestrais presente em Angola, antiga região de Ndongo, no continente africano. Local que fora habitado por bantus da etnia Ovimbundos, entre os séculos XV-XIX. Para esses povos o sistema de crença estava vinculado com três tipos de força espiritual: 1) os ancestrais (*ma-bamba*); 2) os territoriais (*kilundu*); 3) e os espíritos inferiores (*nzumbi, zumbi ou cazumbi*). Na região do Congo também havia o culto às almas, sendo as ancestrais chamadas por *bisimbi*. O culto aos locais e/ou objetos sagrados eram denominados por *nkis ou minkisi*. Em ambas regiões, mas não para todos que lá povoavam, a divindade responsável pela criação do universo é Nzambi Mpugu ou Zambi. Todavia, mesmo sendo Zambi o criador, as demais entidades possuem autoridade e representatividade de atuação no mundo dos mortos e no mundo dos vivos. O responsável pelo reino dos mortos é Soba Kalunga. Inclusive o território das almas é conhecido por Kalunga.³⁵⁵

Marina de Mello e Souza nos esclarece que parte do cristianismo africano, incorporado pelos povos congues, deriva do processo traumático que os negros experimentaram ao deparar com os brancos no território Congo. Portugueses, de epiderme branca, que chegaram por via marítima e que “foram recebidos como emissários da terra dos mortos.”³⁵⁶ Conforme a cosmovisão bantu é possível o contato e diálogo entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, a Kalunga. Entre os vivos as pessoas são de epiderme preta, já às almas ancestrais são como o clarão das luzes. Os espíritos e almas viviam no

³⁵³ SOUZA, 2002: 64;148.

³⁵⁴ CARMO, 2011:271.

³⁵⁵ DELFINO, 2017: 280-326.

³⁵⁶ SOUZA, 2002: 54.

além-mar. Por meio de rituais através das águas – quer seja do mar, cachoeiras, rios, lagos e riachos – e demais elementos da natureza, conversas, adivinhações e iniciações são estabelecidas entre os dois mundos. Nesse sentido, a autora aponta para a surpresa e leituras de diferentes ordens que fora o encontro de congueses com os portugueses que chegaram pelas águas do mar. Destaca o trauma dos negros diante dos primeiros contatos e relação estabelecida. Por óticas distintas, mas que ao mesmo tempo incorpora os novos elementos, Souza nos fala sobre a consolidação do catolicismo negro entre os congueses. Sublinha, portanto, a combinação entre as práticas africanas que traziam um olhar próprio a respeito dos símbolos católicos.³⁵⁷

O catolicismo em Angola, diferente da região do Congo, foi combatido e demorou para ser efetivado. Por conta das disputas, resistência e luta por autonomia dos povos – *jaga* e *ambundo*³⁵⁸ – chefiados pela rainha Njinga Bandi no século XVII.³⁵⁹ A maior parte dos povos da região era guiada religiosa e filosoficamente pelo sistema de revelações e crença nas almas dos ancestrais.³⁶⁰ A rainha Njinga, inclusive, cultuava os ossos do irmão falecido, Ngola-a-Bandi, de quem ocupou o trono após mandar assassinar o sucessor direto, seu sobrinho.³⁶¹ Ela também se aconselhava por meio dos ossos do irmão e demais acessórios, mantendo assim, o culto ancestral.³⁶²

Leonara Lacerda Delfino nos diz que “o catolicismo africano em Angola se instituiu em meio a muitos conflitos e resistências políticas desses povos. No entanto, [foi adotado] após a segunda conversão da Rainha Njinga (ocorrida nas vésperas de sua morte)”.³⁶³ Marina de Melo e Souza relata sobre o episódio, mostrando também o fator estratégico para a mudança religiosa: “em 1657, em meio a negociações para a libertação de sua irmã Mocambo, que fora prisioneira dos portugueses de 1629 a 1633 e de 1646 a 1657, Njinga

³⁵⁷ SOUZA, 2002: 63-67-148. ASSIS, 2019: 279-280.

³⁵⁸ Os povos *ambundos* são os mesmos que os *ovimbundos*. Aqui escolhemos utilizar a mesma grafia da autora que nos auxilia para embasar a informação. (SOUZA, 2002: 104). Em outros momentos os trataremos por *ovimbundos*, a forma mais autóctone da palavra. (DELFINO, 2017: 324-325).

³⁵⁹ SOUZA, 2002: 113.

³⁶⁰ DELFINO, 2017: 324.

³⁶¹ SOUZA, 2002: 105-106.

³⁶² SOUZA, 2002: 104.

³⁶³ DELFINO, 2017: 324-325.

converteu-se à fé cristã sob a influência do padre capuchinho Sequeira.”³⁶⁴

Reconhecemos a ambivalência e complexidade humana, com Njinga não foi diferente. Após anexar o catolicismo nas práticas religiosas, a rainha escreveu ao Papa, informando sobre os valores cristãos propagados entre os integrantes da corte a qual regia. Assim como o desejo de fazer da região de Matamba um polo cristão. Souza também nos explica que independente da mudança religiosa no fim da vida, “é como rainha guerreira que resistiu aos portugueses que Njinga é lembrada ainda hoje em Angola, tendo se tornado um símbolo nacional de resistência à ocupação.”³⁶⁵

Cabe pontuar, segundo Marina de Melo e Souza, que a ocupação portuguesa na África centro-ocidental estava atrelada à três campos: 1) Guerra justa: que buscava catequisar e converter a alma dos não católicos para os valores e fé cristã; 2) Mercados de escravos; e 3) Minas de metais preciosos. Embora em diferentes escalas e mudando táticas de atuação, estiveram atrelados nas negociações da expansão do comércio de escravizados, tanto os reinos de Angola quanto o do Congo – inclusive há mais tempo, sendo o rei Congo, Garcia Afonso II, considerado “irmão de arma” pela embaixada portuguesa de D. João IV.³⁶⁶

Sublinhamos, no entanto, que ambas regiões pertencentes ao sistema cultural bantu, tiveram percepções distintas dos reais interesses dos portugueses: o negro como mercadoria. Já que “a instituição da escravidão era conhecida e utilizada desde a Antiguidade africana, entretanto esta escravidão não tinha o caráter de “propriedade” encontrado no sistema escravagista colonial.”³⁶⁷ Nesse sentido, os africanos centro-ocidentais confiaram que “os rituais praticados pelos brancos estrangeiros estavam relacionados com a sua riqueza e poder.”³⁶⁸ Por isso, as alianças seriam meios de garantir a sobrevivência e triunfo dos autóctones. Estratégia que deu certo por um tempo, mas depois perdeu força, angolanos e congueses também entraram no rol de mercadoria dos europeus, embarcados para a América portuguesa. Consequentemente permaneceram lutando pela liberdade, em distintas

³⁶⁴ SOUZA, 2002: 112.

³⁶⁵ SOUZA, 2002: 113.

³⁶⁶ SOUZA, 2002: 99-114.

³⁶⁷ NASCIMENTO, 1985 apud RATTZ, 2006: 121.

³⁶⁸ SOUZA, 2002: 107.

estratégias e formas de aquilombamento. Como explana Beatriz Nascimento: “numerosas foram as formas de resistência que o negro manteve ou incorporou na luta árdua pela manutenção da sua identidade pessoal e histórica. No Brasil, poderemos citar uma lista destes movimentos (...) no âmbito social e político.”³⁶⁹ Vejamos um caso atrelado aos centro-ocidentais que formaram o quilombo dos Palmares:

“No século XVII, os escravos embarcados para Pernambuco vinham de Angola, e entre eles havia chefes guerreiros que foram banidos para o Brasil. Muitos podiam ter sido aliados partidários de Njinga, ou podiam ter ouvido falar dela. O fato é que há uma grande semelhança entre as táticas de guerrilha dos ambundos de Angola e as dos palmaristas.”³⁷⁰

Voltemos agora para o tempo presente, na Festa do Divino em São João del-Rei/MG, mas sem perder de vista a perspectiva aguerrida e quilombola dos afrodescendentes centro-ocidentais. Ao falarmos em “quilombo” não imaginamos apenas o espaço geográfico, muitas vezes tratado de forma estereotipada, que remete às habitações e organizações de escravizados que fugiam do sistema estrutural e institucional do cativo no Brasil Colônia e Brasil Império, para viverem com liberdade e autonomia.³⁷¹ Falamos pela ótica da epistemologia do fenômeno quilombola, construída por Beatriz Nascimento e, que nos ajuda a compreender de forma mais profunda o continuum das expressões de ação afirmativa dos negros. Vejamos:

“Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra.”³⁷²

Isto é, através do conceito quilombola ampliamos os sentidos que a presença e cidadania negra manifestara na formação da sociedade brasileira. Por esse viés, reconhecemos o legado sociocultural, identitário e intelectual da comunidade preta. Quer seja de forma interna e pessoal ou de maneira externa, sendo individual e/ou coletiva. Ainda com Nascimento entendemos que “este fenômeno [de aquilombamento] sobrevive no inconsciente coletivo

³⁶⁹ NASCIMENTO, 1985 *apud* RATTZ, 2006: 117.

³⁷⁰ SOUZA, 2002: 113.

³⁷¹ NASCIMENTO, 1985 *apud* RATTZ, 2006: 124.

³⁷² NASCIMENTO, 1985 *apud* RATTZ, 2006: 124.

dos negros e da inteligência brasileira.”³⁷³

Por essa ótica, também compreendemos com Robert Slenes que a possibilidade da leitura e interpretação linear do ponto cantado, promovendo alusões a suposta democracia racial, pode estar vinculada às estratégias de proteção para encobrir o real sentido das palavras. Slenes explica que os aspectos linguísticos e culturais dos bantus é permeado por códigos que não são decifrados pura e simplesmente pela palavra verbalizada. Sim no sentido, dinâmica e utilização interna da semântica para os afrodescendentes centro-ocidentais. Ou seja, “a África permanecia coberta no Brasil para alguns. Enquanto isso, ela ia sendo descoberta – e acobertada – por outros, que reconheciam uma teia de significados em comum: não mais através da linguagem, mas no interior dela.”³⁷⁴

Sendo assim, retornamos à interpretação do ponto cantado na Festa do Divino por Sr. Luís Maurício e seu grupo. Constatamos que a didática metáfora presente na música se trata de uma vigência congadeira-moçambiquiera, que aciona e reinventa a herança ancestral das almas centro-ocidentais existente na cultura banta. Vejamos:

Moçambiqueiros: *Ô seu rei, ô sá rainha não deixa o seu povo chorar. Não deixa a coroa cair. Não deixa essa festa acabar.*

Capitão Luís Maurício: *Pois se esta festa acabar o seu povo vai sofrer. Quem amar o Divino de verdade de tristeza o corpo vai morrer.*

Sá rainha/seu rei eu vim trazer um recado lá da Angola. Eu não sei se eu vou resistir dar esse recado a(o) senhora(o).

Na Angola está minha raiz. Foi da Angola que veio o meu povo. Somos filhos de um só passarinho, somos gema de um mesmo ovo.

Viva preto e viva branco na porta desse santuário! Falando a mesma língua, rezando no mesmo rosário.

Lá no Rosário eu vou levar coroa. Lá no Divino eu vou levar coroa.

Moçambiqueiros: *Lá no Divino eu vou levar coroa. Lá no Divino eu vou levar coroa. Lá no Divino eu vou levar coroa.*³⁷⁵(Grifos meu.)

É pelo ponto de vista da “coroa” de cunho étnico, no culto às almas, levada até à celebração do Divino, que encerramos este tópico, certa da nossa legitimidade. Evidentemente sabemos que o afro-catolicismo não é uma prática

³⁷³ NASCIMENTO, 1985 apud RATTZ, 2006: 124.

³⁷⁴ SLENES, 1992: 64.

³⁷⁵ Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei. 20 de maio de 2018, domingo de Pentecostes. Ponto registrado em áudio e vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

unânime dentro da Festa. No entanto, a dissertação dialoga com a rede amefricana que procura romper com os silêncios do racismo e age por uma educação antirracista. Na consonância de uma história escrita de forma compartilhada com as vozes e memórias das pessoas que gerem, consomem e fomentam o festejo. Lembramos, que “a Festa do Divino Espírito Santo é coisa de raiz, é cultura”, conforme aprendemos com a dona Teresa Maria do Nascimento, que é congadeira, foliã e integrante da CODIVINO. Dessa maneira, retomamos nossa roda de escrita-oralidade, a fim de conversar sobre os lampejos de esperança que Dom José Eudes, o bispo negro, está suscitando às festas sociopolíticas da região das Vertentes. Viva o Divino Espírito Santo!

3.4. O BISPO NEGRO INSPIRA O PORVIR

Apesar dos infortúnios da Festa, sobretudo com as pessoas que expressam o afro-catolicismo, os mantenedores do evento veem esperança de maior valoração com o todo da festividade, não apenas a parte litúrgica, com a chegada do novo bispo da diocese de São João del-Rei/MG, Dom José Eudes, que assumiu a nomeação em dezembro de 2018 e foi empossado em fevereiro de 2019.

Dom José Eudes é um homem negro, escolheu o dia 12 de dezembro, dia de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina para confirmar o aceite de sua nomeação de bispo. Em fevereiro de 2019, após a cerimônia de posse na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, escolheu fazer a primeira missa na cidade de São João del-Rei/MG na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja dos Pretos, como é conhecida, e ainda preferiu uma missa campal.

O bispo negro discursa sobre o compromisso de uma Igreja popular e franciscana, que caminha junto com os fiéis, com o propósito de ser inclusiva.³⁷⁶ A presença dele, Dom José Eudes, na Festa do Divino de 2019, trouxe empolgação para os festeiros e congadeiros, uma vez que ele saiu do espaço da Igreja, foi até a quadra para almoçar junto com as Congadas, mas também interagir com as pessoas da CODIVINO, reconhecendo a seriedade e significância da tradição cultural e religiosa que promovem. Além disso, a força do associativismo negro, como evidencia Eliana.

“Eliana: É muito difícil no dia do Divino conseguir levar um padre para poder abençoar as comidas na cozinha. Primeiro que eu não tenho tempo de ir até eles e, segundo que eu acho que são eles que têm que ir até a gente. Né? Esse ano eu consegui o bispo. Olha que coisa linda! O bispo me chamou no salão para poder ir e chegar até lá, para ele poder conhecer quem era a cozinheira. Quem era a coordenadora que conseguia fazer aquilo tudo. (...) Esse nosso bispo que chegou para cá, agora, ele parece, ele tem assim, eu senti nele um pouquinho do coração negro. Entendeu? Eu acredito que ele gostou da Festa do Divino, porque eu tive o prazer de, fui lá dentro buscar ele, levar na minha cozinha. Depois ele pôs a bênção na

³⁷⁶ Matéria da Rede Vida sobre a cerimônia de posse do bispo Dom José Eudes: <https://www.youtube.com/watch?v=k7wHDcPFfe0E>
Entrevista com Dom José Eudes no site Diocese de São João del-Rei <https://www.youtube.com/watch?v=tfC-1nul4DI>
Cerimônia de posse do bispo: <https://www.youtube.com/watch?v=5rmqd4KWZHc>

nossa cozinha, ele saiu, fui lá, fui ver ele almoçar, presenciei ele almoçando na mesa. Presenciei ele dançando, comendo. Entendeu? Com o povo homenageando. Eu falei assim: “ele gosta disso daí! Ele gostou.”³⁷⁷

Dona Eliana, coordenadora da equipe que realiza a refeição do Dia Maior, narra sobre a ausência dos sacerdotes católicos na cozinha e quadra de almoço, junto às Congadas, na Festa do Divino. Com a certeza da importância que desenvolve na festividade, ela traz uma fala afirmativa, de que deveria partir dos padres ir até os demais espaços do evento, nas trocas pluriculturais que a circunstância propicia. Desse modo, contou-nos com ânimo e brilho nos olhos que nas cerimônias de 2019, o novo bispo da região, Dom José Eudes, a procurou para conhecer o ambiente da cozinha. Ele foi até lá, não apenas abençoou a refeição, mas também se alimentou no local, na companhia dos congadeiros, com quem dançou e interagiu. Sem hierarquias ou distinções, mas na partilha da presença e dos afetos. O que causou sentimento de benquerença nos festeiros, além do reconhecimento de valorização pelo trabalho efetivado. E a sensação de pertença, reiterando a expressão de Eliana: “*esse nosso bispo que chegou para cá, (...) eu senti nele um pouquinho do coração negro*”. Na mesma percepção, trago a voz de dona Inácia. Vejam só:

*“**Inácia:** Nosso bispo que está aí ele ama a Festa do Divino, os Congados, que a gente foi muito bem recebida. Nossa Senhora, nós amamos! Nós saímos para anunciar a Festa do Divino, ele desceu e deu as bênçãos para todos os cavaleiros na passagem lá perto da casa dele. Então a gente tem muito que agradecer a Deus e aos santos. (...)*

***Simone:** É, eu não conheci o bispo ainda, mas eu fiquei sabendo que ele foi até almoçar com os congadeiros, tomou café lá, né?*

***Inácia:** Foi. Foi muito bom! Isso para nós, sabe, é como que eu posso te falar? Assim, até na hora que ele chegou a gente não acreditava. A gente arrumou, isso já é tradição da gente arrumar a mesa para receber, por exemplo, o salão não cabe todo mundo sentado. A gente não tem mesa para todo mundo sentar, a maioria do povo almoça em pé. Entendeu? Almoça em pé. Então o que é que acontece? A gente arruma a mesa para o rei e a rainha. E ele queria chegar, passar a mão no prato e sentar com todos os congadeiros no chão.”³⁷⁸*

³⁷⁷ Entrevista concedida por Eliana Maria dos Passos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

³⁷⁸ Entrevista concedida por Inácia Maria dos Santos a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 03/07/2019.

As memórias de dona Inácia mostram o bem estar social que a coparticipação do bispo Dom José Eudes suscita na festividade. Ela destaca que o bispo ama a Festa e os Congados. Suas recordações mostram a mobilidade do líder religioso, que se deslocou até o cortejo dos cavaleiros, também no salão de almoço no Dia Maior. Ao trazer a presença de Dom Eudes no refeitório, dona Inácia menciona a tradição da CODIVINO, em preparar uma mesa especial para as rainhas e reis das Congadas, que tem lugar de destaque. Ademais, dona Inácia apresenta as posturas sociopolíticas do bispo, que age em reciprocidade com os sujeitos do afro-catolicismo. Ainda sobre a leitura de pertença, apoio e respeito que as festeiras estão tendo de Dom Eudes, trazemos as considerações de dona Trindade.

“Trindade: Uai, o bispo adorou a Festa. No dia da cavalgada, a cavalgada é lá no São Francisco, 9 horas. Você vê que o bispo abençoou, foi lá para o São Francisco abençoar um por um daqueles Congados, daqueles cavaleiros. E ele adorou porque ele estava aqui no Matosinhos, ele celebrou a missa aqui no Matosinhos. (...) Ele é novo, ele deve de gostar. Porque pela cor dele, ele não é branco, faz parte dos negros. Igual o cabelo dele, não é liso. O cabelo dele já é igualzinho o nosso mesmo. Ele já faz parte dos negros.”³⁷⁹

As considerações de Dona Trindade nos permitem visualizar a importância da representatividade de pessoas negras nas esferas de poder, tal qual o bispo Dom José Eudes. O que gera o sentimento de identificação e posituação da estética, vide dona Trindade referindo-se a tez e cabelos do bispo. Mas não se trata apenas de uma presença física de caráter decorativo, Dom José Eudes atua com responsabilidade intelectual e cumpre o papel político de acompanhar os diferentes aspectos da festividade. Posições que fortalecem a relações dos fieis com a Igreja e afro-catolicismo. Assim sendo, passamos a palavra ao congadeiro Luthero.

“Luthero: Depois de 20 anos de resgate pela primeira vez o bispo foi almoçar com os congadeiros. Abriu uma janela que talvez possa até reativar a festa do Rosário na Igreja do Rosário no centro. Por quê? O bispo lá na casa episcopal, lá como é que chama o palácio dele? E vinha celebrar a missa e ia embora. Esse bispo, eu estava em casa, quando ele começou a missa eu falei: “esse gosta de festa.” Ele começou a missa, não, ele começou a prática do evangelho. Ele falou assim: “quero cumprimentar fulano, fulano, agradecer o padre Bittar, a Comissão, pá, pá, pá, vim antes nas novenas para me

³⁷⁹ Entrevista concedida por Trindade Expedito das Graças Silva a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

inteirar da Festa, almocei com os congadeiros.” Eu estava sozinho aqui em casa, eu falei, de joelhos no chão: “até que enfim!” Porque é uma coisa discriminada, uma resistência. Por quê? Porque o negro está com um pé no terreiro e um pé na religião católica e o Congado, Nossa Senhora do Rosário. Mas 99% dos congadeiros tem pé na senzala, tem pé lá no terreiro e praticam de vez enquanto, tem suas coisinhas. (...) A chegada desse bispo, aí, quando ele falou: “almocei com os congadeiros”, eu falei: opa! A abertura. Tudo tem a hora. (...) Então o meu genro almoçando viu o bispo lá dentro. Fez uma embaixada para o bispo, cantou alguns versos de improviso para ele, porque meu genro é bom nisso. (...) Então esse bispo que está aí, que eu ainda vou lá, eu sou terroso, eu ainda vou lá dar os parabéns a ele, porque ele foi almoçar com os congadeiros. Ele desceu do pedestal e foi lá. Para depois, não é fênix não, mas primeiro quem quer comandar, quem quer ser um líder, de qualquer coisa, primeiro desce do pedestal, vai lá embaixo e depois sobe todo mundo junto. Não adianta eu subir sozinho.”³⁸⁰

A narrativa do Sr. Luthero sistematiza a historicidade da Festa do Divino na relação com os bispos da região das Vertentes. Ele apresenta que após os mais de 20 anos do evento, somente agora um bispo interage com mais empatia aos demais segmentos da festividade, para além dos atos litúrgicos. As considerações da surpresa e encantamento, que parecem ser uma exceção à regra, nos confirma aquilo que é permanência, o racismo que estrutural. A outra análise promovida pelo intelectual, Luthero, ensina-nos sobre o histórico do Congado, que se constituiu a partir da escravização, com a obrigatoriedade do catolicismo, mas o subterfúgio dos saberes da diáspora africana. Deste modo, contemporâneo a fé transcultural que dialoga com os saberes dos terreiros e com os saberes do catolicismo, os Congados seguem em processos de resistência.

Que a esperança congadeira das pessoas e movimentos ligados ao afro-catolicismo, depositadas nas parcerias com o bispo Dom Eudes, sejam base para solidificação do respeito na Festa do Divino, assim como era no início da festividade e como o é com a CODIVINO. Também evocamos êxito para (re)abertura da Igreja Nossa Senhora do Rosário para as práticas religiosas e culturais das Congadas. Ou, quiçá o construto de novos lugares, na sequência da reinvenção das tradições do Rosário. Laroyê!

³⁸⁰ Entrevista concedida por Luthero Castorino da Silva a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Adeus meu pombo branco quando eu precisar lhe chamo.
Zambi lhe trouxe, Zambi vai te levar. Agradeço a toalha rendada que aqui deixou ficar.*

Ubuntu, princípio de coletividade e rede construída em conjunto, é o sistema filosófico e epistêmico que rege nosso trabalho de escrita-oralidade a respeito da Festa do Divino na paróquia de Matosinhos. Trabalho realizado através da metodologia da história oral, que nos permitiu trazer uma sonoridade que carrega o compartilhamento das vozes de 16 pessoas. Vozes que contam suas histórias de vidas e que carregam a festividade como um elo em comum. Narrativas que nos ajudaram a conhecer a história política e cultural de algumas das pessoas que protagonizam os batuques do Espírito Santo, na mineira cidade de São João del-Rei.

Festa de origem e tradição setecentista na cidade, mas que foi proibida no ano de 1924, devido ao processo de romanização da Igreja Católica e que, no caso de São João del-Rei/MG, dialogava com as medidas excludentes do pós-abolição e as posturas pouco democráticas da estruturação da República brasileira. Todavia, no fim dos anos 1990 a festividade começou a ser reelaborada na paróquia de Matosinhos pelo Pe. José Raimundo. Padre que age conforme os princípios da Teologia da Libertação. Além de, não apenas reconhecer os erros da Igreja nos aspectos históricos, ao que se refere as contribuições do cristianismo para o crime da escravização negra, mas também intervir para que movimentos de reparação. Dessa forma, promove encontros de caráter ecumênico dentro da Instituição, a fim de fomentar a igualdade, a inclusão, o respeito pela vida e o respeito pelo diferente. Nesse sentido, Pe. José Raimundo inspirou cristãos e agentes culturais, que se organizaram na CODIVINO. O grupo que de maneira autônoma e colaborativa reinventou a Festa do Divino em São João del-Rei/MG.

A festividade, embora com os passos iniciais no ano de 1997, tem como retomada o ano de 1998. Quando ressurgiu com uma programação que envolve a presença de pessoas ligadas às Folias do Divino e as Congadas, com grupos locais e da região, dentre demais atividades. A partir de 1999 e anos 2000 o evento começa a realizar a Missa Inculturada/Missa Afro, organizada pelo

Grupo de Inculuturação Raízes da Terra – liderado pela intelectual negra Vicentina Neves Teixeira – que foi convidado para fortalecer os processos de educação antirracista na festividade, por meio da Missa Afro. Tal qual realizam em outras paróquias da cidade, como nos bairros São Dimas e São Geraldo.

As comemorações do Divino na paróquia de Matosinhos foram e são importantes para os movimentos culturais, religiosos e identitários ligados ao afro-catolicismo são-joanense. Inclusive, foi palco para ações afirmativas que trouxeram a formação do Congado e Catopé São Benedito e São Sebastião, fundado no ano de 2003 no bairro Matosinhos, cujo capitão é José Tadeu do Nascimento, na época ligado às CEB's. Ademais, o domingo de Pentecostes é considerado o Dia Maior, segundo a programação, que promove um expressivo encontro congadeiro na cidade. Conta com a participação de aproximadamente 30 guardas de Congadas (Congados ou Reinados) de diferentes localidades das Vertentes e região.

As duas décadas do evento trouxeram permanências e transformações em sua elaboração. Sobretudo após a troca de padres, pois, o pároco atual, José Bittar, tem optado por práticas litúrgicas na festividade. Contrário às manifestações correlacionadas ao catolicismo negro que constrói parte da Festa. A Missa Inculturada (ou Missa Afro), é uma das atividades que foi retirada do evento desde 2014. Os integrantes da CODIVINO, por sua vez, são de um pulsante comunitarismo e lutas de resistência para tentar manter os distintos saberes religiosos e culturais que corporificam a festividade. Além disso, algumas pessoas da CODIVINO dialogam com movimento de salvaguarda patrimonial da Festa, junto ao IEPHA/MG.

A consolidação e permanência da Festa do Divino Espírito Santo na paróquia do Matosinhos contêm desenrolares simultâneos. Um deles diz respeito ao associativismo negro das pessoas que organizam a festividade de maneira voluntária. Pessoas que trabalham arduamente para o êxito do evento que carrega valores de partilha, das políticas de reparação, do bem estar sociocultural e da diversidade. Tal qual o Divino Espírito Santo, que de acordo com a mitologia cristã corresponde ao deus do amor, que fala e é compreendido em diferentes línguas. Já o outro desenrolar, está ligado com as tensões raciais existentes na história do Brasil, ainda no século XXI. Mas,

independentemente da postura da Igreja, as agências de pessoas negras, expressas nas Congadas e Folias, seguem ecoando os batuques do afro-catolicismo pela cidade de São João del-Rei e toda Minas Gerais.

A cultura imaterial de caráter étnico, afro-brasileiro, em música do gênero ponto, entoada por moçambiqueiros na Festa do Divino, nos permitiu tecer conhecimentos diaspóricos, isto é, saberes amefricanos de influência bantu, que são reconstruídos e ressignificados à luz do tempo presente, no culto das almas ancestrais dos irmãos do Rosário. Bem como a história do racismo no Brasil. Racismo que gera genocídio, epistemicídios e diferentes formas de aniquilamento. Escrever sobre essas verdades e processos foi uma das ações que encontramos para expurgar traumas. E deixar brotar a esperança de posturas mais combativas, aptas a suscitar transformações sólidas no decorrer da caminhada, nos desdobramentos do porvir, na continuidade das coletivas lutas negras por cidadania plena e verídica liberdade. No tempo do amor, como no simbolismo da pombinha do Divino Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro 1830-1900. Rio de Janeiro Novas Fronteiras: São Paulo: Fapesp. 1999.
- ABREU, Martha. Cultura Popular, um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel, Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- ABREU, Martha. DANTAS, Carolina Vianna. MATTOS, Hebe. Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: identidades e projetos políticos – volume 1 / organizado por – Niterói: Editora da UFF, 2014. – 13 MB; PDF.
- ABREU, Martha. MATTOS, Hebe. GRINBERG, Keila. História, oralidade e educação antirracista: A cultura negra na escola. In: ANDRADE, Everaldo Paiva de. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. História oral e educação: Experiência, tempo e narrativa. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- ADÃO, Kleber do Sacramento. Diversões e devoções em São João del-Rei: um estudo sobre as festas do Bom Jesus de Matosinhos, 1884-1924. Campinas: UNICAMP, 2001.
- ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDRADE, Everaldo Paiva de. ALMEIDA, Juniele Rabêlo de. História oral e educação: Experiência, tempo e narrativa. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- ANDRADE, Mário de. Danças Dramáticas do Brasil- 2º Tomo. São Paulo: Martins Editora, 1959.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquim. Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala e a obra do Gilberto Freyre nos anos 30. RJ, Ed.34. 1994.
- ASSIS, Simone de. Diáspora africana e a memória congadeira em São João del-Rei: “a Congada vem mesmo da raça negra”. *Sacrilegens*, v. 16, n. 1, p. 275-300, 22 out. 2019.
- AVELAR JR., Samuel Pereira. Beira Mar ô, a Congada é coisa de Preto Velho” – Memória e consciência histórica: a Festa do Rosário na Comunidade São Dimas (São João del-Rei – MG). São João del-Rei: UFSJ. 2019. Dissertação

(Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal de São João del-Rei, 2019.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Currículo Referência de Minas Gerais, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_mg.pdf

BETTO, Frei. Diário de Puebla. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1979.

BOFF, Leonardo & BOFF, Clovis. Como fazer teologia da libertação. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. “A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia da região.” In: IDEM. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BRÜGGER, Sílvia e OLIVEIRA, Anderson de. Os Benguelas de São João del Rei: tráfico atlântico, religiosidade e identidades étnicas (séculos XVIII e XIX). Revista Tempo. Niterói: UFF, n.26, p.177-204. 2007.

CARMO, C. M. Estrutura metafórica, práticas discursivas e a manutenção do sincretismo religioso afro-brasileiro na Umbanda. In: AIRES, Maria Carmen Gomes; CATALDI, Cristiane; MELO, Mônica S. de Souza. (Org.). Estudos discursivos em foco: práticas de pesquisa sob múltiplos olhares. 1ed. Viçosa: Editora UFV, 2011, v. 1, p. 261-280.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DELFINO, Leonara Lacerda. O Rosário das Almas Ancestrais: fronteiras, identidades e representações do "viver e morrer" na diáspora atlântica. Freguesia do Pilar -São João del-Rei (1787-1841). Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural e Editora. 2017.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FICSHER Brodwyn, GRINBERG, Keila e MATTOS, Hebe. Direito, silêncio e racialização das desigualdades na História afro-brasileira. No Prelo,

Cambridge, 2018.

GAIO SOBRINHO, Antônio. Retalhos de uma cidade. São Paulo: TGB.2008.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n.92/93, p.69-82, janeiro/junho de 1988.

HENRIQUES, José Cláudio. Bairro de Matosinhos: berço da cidade de São João del-Rei. São João del-Rei: UFSJ, 2003.

HOBBSAWM, Eric, RANGER, Terence. A invenção da tradição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984

KARASCH, M. E. A vida dos escravos, Rio de Janeiro, (1808-1850), São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Trilhas da pesquisa, convicções e diversidade. In: SANTHIAGO, Ricardo. MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Depois da Utopia: a história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2013: 71-80.

MATTOS, Hebe. História oral e comunidade: Reparações e culturas negras/ Hebe Mattos, (organizadora). São Paulo: Letra e Voz. 2016.

MONTEIRO, Lívia Nascimento. “A Congada é do mundo e da raça negra”: memória da escravidão e da liberdade nas festas de Congada e Moçambique de Piedade do Rio Grande-MG (1873-2015). Niterói: UFF, 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. 2016.

NASCIMENTO. Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

PAULA JUNIOR, Antônio Filogênio de. Filosofia afro-brasileira: epistemologia, cultura e educação na Caiumba Paulista. Piracicaba: UNIMEP. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista. Campinas/SP: Unicamp, 2018.

RATTZ, Alex. Eu sou Atlântica. Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza/ Imprensa Oficial, 2006.

REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. Liberdade por um fio: histórias dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

RIBEIRO, Jonatas Roque. Vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas: associativismo negro e educação no pós-abolição. Revista de História e Historiografia da Educação. Curitiba: ANPUH, v. 2, n. 5, p. 53-75. 2018.

ROCHA, José Geraldo. Um canto afro de libertação. Coletânea: Estudos Teológicos. São Leopoldo. v.53. n.1. p.119-131. 2013.

SANTOS, Bruna Lúcia dos, SANTOS, Amanda Barbosa Veiga dos, MELO, Iule do Carmo. A experiência do evento “Dandara: além do dia 20” para valorização da vida negra em São João del Rei – MG. Dossiê ERAS – Multiverso v.4 2019. Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – Campus Juiz de Fora. pp. 1-12. Disponível em: <file:///D:/User/Downloads/340-1250-1-PB.pdf>.

SILVA, Denilson de Cássio. O drama social da abolição: escravidão, liberdade, trabalho e cidadania em São João del-Rei, Minas Gerais (1871-1897). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

SILVA, Sandro Ramon Ferreira da. Teologia da Libertação: revolução e reação interiorizadas na Igreja. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2006.

SLENES, Robert W. “Malungu ngoma vem!”: África coberta e descoberta do Brasil. Revista USP, (12), 48-67. 1992.

SOUZA, Laura de Mello e. Violência e práticas culturais no cotidiano de uma expedição contra quilombolas – Minas Gerais, 1769. In: REIS, João José, GOMES, Flávio dos Santos. Liberdade por um fio: histórias dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996: 193-212.

SOUZA, Marina de Mello e. Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SWEET, James H. Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770). Lisboa: Edições 70, 2007.

THOMPSON, E. P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THORNTON, John. A África e os africanos na formação do mundo Atlântico,

1400-1800. Rio de Janeiro: Elsevier. 2004

ENTREVISTAS ORAIS PRODUZIDAS AO LONGO DA PESQUISA

Antônio da Silva Serpa. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Vila Santo Antônio, bairro Matosinhos, São João del-Rei, 16/12/2018.

Betânia Nascimento Resende. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

Damião Guimarães. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Novo Tijuco, São João del-Rei/MG, 30/06/2019.

Eliana Maria dos Passos. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 25/06/2019.

Geraldo Elói de Lacerda. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

Inácia Maria dos Santos. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 03/07/2019.

José Raimundo da Costa. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Prados/MG, 21/06/2019.

José Tadeu do Nascimento. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 31/08/2019

Júlia Maria de Lacerda. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Tijuco, São João del-Rei/MG, 10/09/2019.

Luthero Castorino da Silva. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Fábricas, São João del-Rei/MG, 11/06/2019.

Nivaldo Neves. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Bela Vista, São João del-Rei/MG, 04/07/2019.

Samuel Giarola. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 02/07/2019

Teresa Maria do Nascimento. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 14/06/2019.

Trindade Exedito das Graças Silva. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Matosinhos, São João del-Rei/MG, 18/06/2019 e 30/07/2019.

Ulisses Passarelli. Entrevista concedida a Simone de Assis, em Caieira, São João del-Rei/MG, 13/09/2019.

Vicentina Neves Teixeira. Entrevista concedida a Simone de Assis, no bairro São Geraldo, São João del-Rei, 04/04/2019.

FONTES

1- Acervo da CODIVINO

Ata das festividades em honra ao Divino Espírito Santo, de 15 de julho de 1949.

Ata da Quinta Reunião da Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo, de 28 de março de 2000.

Endereço eletrônico do Jubileu do Divino e CODIVINO:
(<https://www.facebook.com/people/Jubileu-Do-Divino/100016860859231>)

Filme: “Festa do Divino – O Resgate”, produzido por João Paulo Guimarães.

<https://www.youtube.com/watch?v=rqVKYtOasDY>

2- Acervo de Antônio da Silva Serpa

Cartaz do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio de 2012.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de junho de 2011.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio de 2013.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de junho de 2014.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio de 2015.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio de 2016.

Programa-convite Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio de 2018.

Programa-convite Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de junho de 2019.

3. Acervo de Nivaldo Neves

Ata da Primeira Reunião da Associação de Congado Santa Efigênia.

4. Acervo de Vicentina Neves Teixeira

Livro de atas do Grupo Raízes da Terra, de fevereiro de 1996 à maio de 2008.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de junho de 2001.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio de 2002.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio/junho de 2006.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio de 2007.

Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo – Paróquia de Matosinhos, de maio de 2010.

5. Acervo de Ulisses Passarelli

Blog Matosinhos: história & festas

(<http://festadodivinosjdr.blogspot.com/p/festa-do-divino.html>)

Blog Tradições Populares das Vertentes (<http://folclorevertentes.blogspot.com/>)

YouTube Ulisses Passarelli (<https://www.youtube.com/user/up72folk/videos>)

6. Músicas

Música da Folia Embaixada Santa, coordenador Luisinho Sanfoneiro. Festa do Divino, na Paróquia do Matosinhos. São João del-Rei/MG, no dia 08 de junho de 2019. Registro em vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

Música do Moçambique Nossa Senhora Aparecida – Passa Tempo/MG, capitão Luís Maurício. Festa do Divino na Paróquia do Matosinhos, São João del-Rei/MG, no dia 20 de maio de 2018, Registro em vídeo, pertencente ao banco de dados da pesquisa.

ANEXO

INFORMATIVO DO JUBILEU DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

04 DE JUNHO / DOMINGO DE PENTECOSTES

Missa Inculcurada

6ª, feira - Dia 2/06

PRINCIPAIS EVENTOS

MISSA INCULTURADA

A missa inculcurada, que se realiza no dia 2 de junho, é uma celebração litúrgica que visa à evangelização e à formação dos membros da comunidade. É realizada em um ambiente de fé e de amor, com a participação de todos os membros da comunidade. A missa é celebrada em um ambiente de fé e de amor, com a participação de todos os membros da comunidade.

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

HORARIO	PROGRAMAÇÃO
07:00	Missa Inculcurada
08:00	Missa Inculcurada
09:00	Missa Inculcurada
10:00	Missa Inculcurada
11:00	Missa Inculcurada
12:00	Missa Inculcurada
13:00	Missa Inculcurada
14:00	Missa Inculcurada
15:00	Missa Inculcurada
16:00	Missa Inculcurada
17:00	Missa Inculcurada
18:00	Missa Inculcurada
19:00	Missa Inculcurada
20:00	Missa Inculcurada
21:00	Missa Inculcurada
22:00	Missa Inculcurada

MARMORARIA CANÁRIO

Centro Automotivo VOLKSCAR

Informativo do Divino de 2006, destaque para divulgação da Missa Inculcurada.

INFORMATIVO DO JUBILEU DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

04 DE JUNHO / DOMINGO DE PENTECOSTES

Dia Maior

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

HORARIO	PROGRAMAÇÃO
08:00	Missa Inculcurada
09:00	Missa Inculcurada
10:00	Missa Inculcurada
11:00	Missa Inculcurada
12:00	Missa Inculcurada
13:00	Missa Inculcurada
14:00	Missa Inculcurada
15:00	Missa Inculcurada
16:00	Missa Inculcurada
17:00	Missa Inculcurada
18:00	Missa Inculcurada
19:00	Missa Inculcurada
20:00	Missa Inculcurada
21:00	Missa Inculcurada
22:00	Missa Inculcurada

Toda Qualidade tira voos

Orgulho de ser sãojoanense

A Colegial

Fredezan

TEJUCO MATOINHO

Informativo do Divino de 2006, programação do Dia Maior.

INFORMATIVO DO JUBILEU DO DIVINO ESPÍRITO SANTO - PARÓQUIA DE MATOSINHOS

JUBILEU DO DIVINO

Ano XIV - Nº 14 - Junho de 2011

São João del-Rei - Minas Gerais

2 a 12 de junho de 2011

Tema: "A Palavra de Deus e o Espírito Santo"

Lema: "Neste mesmo Espírito, Jesus age, fala e exulta"

editorial

É com grande satisfação e alegria que a Comissão Organizadora do Jubileu do Divino vem apresentar mais um informativo sobre o jubileu. Este informativo tem como objetivo informar a todos os membros da comunidade sobre o jubileu e convidá-los a participar dele. O jubileu do Divino Espírito Santo, de 2 a 12 de junho de 2011, é um tempo sagrado de bênção que nos permite nos aproximar de Deus, viver a Palavra e cultivar bem com os irmãos. Nesse período de tempo, apresentamos mais uma vez várias manifestações artísticas, culturais e recreativas, que nos permitem evangelizar através da cultura. Pedimos ao Espírito Santo que atue em cada um de nós em particular e a todos que juntos não tenham medo de realizar missas, liturgias em honra à Pentecostes. Contamos com o apoio de toda a comunidade para que possamos juntos celebrar o Jubileu do Espírito Santo.

Presidente da Comissão Organizadora do Jubileu do Divino Espírito Santo
Paróquia de São João del-Rei - Minas Gerais
São João del-Rei - MG

Capa do Informativo do Divino de 2011



Missa Inculturada, 2009
Foto : Jacó
Acervo Comissão do Divino

Missa Inculturada de 2009

Site: Ulisses Passarelli

Fotoframe do vídeo “Alimentação”, elaborado por Iago Passarelli

<https://www.youtube.com/watch?v=6gwnNz9LCyA>



Imperador José Clever é saudado por congadeiros. Fotos: UP, 2009

Imperador Nivaldo Neves ao lado do Rei Congo, Ciro Neves. Foto UP, 2006

Imperadores do Divino

Site: Ulisses Passarelli

Fotoframe do vídeo “Aspectos da Festa”, elaborado por Iago Passarelli.

<https://www.youtube.com/watch?v=t4WUyJ1>



Procissão de Santo Antônio saindo da Igreja de São Francisco, na Festa do Divino, 2018



Apresentação da Folia do Divino da cidade de Nazareno/MG na Festa do Divino, 2018



Alguns integrantes da Folia do Sr. Geraldo Elói de Lacerda, Festa do Divino de 2019.



Eliana, cozinheira chefe da Festa do Divino e Tadeu, capitão do Congado e Catopé São Sebastião e São Benedito. Na cozinha da Festa de 2019.



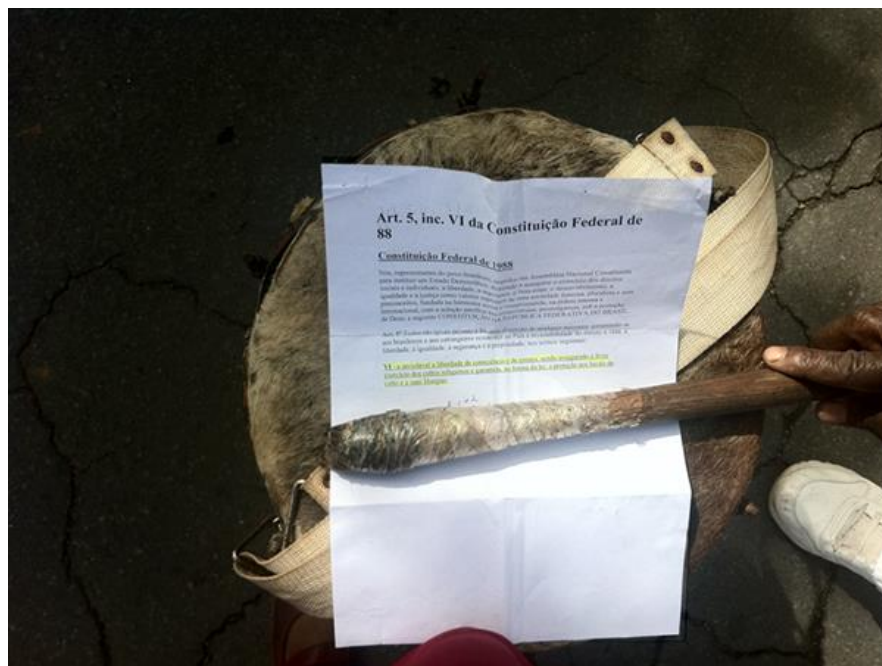
Cozinheiros da Festa do Divino de 2019.



Congado e Catopé São Sebastião e São Benedito na Festa do Divino de 2019.



Capitão Tadeu, do Congado e Catopé São Benedito e São Sebastião , na Festa do Divino de 2019, ele nos mostra o documento constitucional, do direito da livre expressão e cultura que carrega no bolso toda vez que sai com a Congada.





Moçambique Nossa Senhora Aparecida, Passa Tempo/MG na Festa do Divino de 2018.



Império do Divino e CODIVINO na Festa das Congadas de Passa Tempo/MG, 2018.



Capitão Luís Maurício, Moçambique Nossa Aparecida, Passa Tempo/MG e Ana Paula, secretária da CODIVINO. Foto do sítio eletrônico Jubileu do Divino, 2019.



Moçambique e Catopé Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, capitã Maria Auxiliadora Mártir, cantando para rainha Conga Trindade Expedido Silva na Festa do Divino de 2019.



CODIVINO na vigília pascal da Festa do Divino de 2019.



Caixeiros e guardiões dos saberes do mastro, Dinei e Tadeu, do Congado e Catopé São Sebastião e São Benedito. Descida do mastro da Festa do Divino de 2019.



CODIVINO no encontro congadeiro da cidade de Bom Sucesso/MG, 2019.